

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG
FACULDADE DE LETRAS – FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS – PÓS-LIT

CLÁUDIA HELENA SANTOS REZENDE MORAIS

**DA FÁBULA À FICÇÃO CIENTÍFICA: como Lúcia Machado de Almeida deu notícias
do mundo na literatura infantojuvenil**

BELO HORIZONTE

2025

CLÁUDIA HELENA SANTOS REZENDE MORAIS

**DA FÁBULA À FICÇÃO CIENTÍFICA: como Lúcia Machado de Almeida deu notícias
do mundo na literatura infantojuvenil**

Dissertação de mestrado apresentada ao curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Estudos Literários.

Área de concentração: Literatura Brasileira.

Linha de pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.

Orientador: professor doutor Sergio Alcides Pereira do Amaral

BELO HORIZONTE

2025

M827d

Morais, Cláudia Helena Santos Rezende.

Da fábula à ficção científica [manuscrito] : como Lúcia Machado de Almeida deu notícias do mundo na literatura infantojuvenil / Cláudia Helena Santos Rezende Moraes. – 2025.

1 recurso online (162 f. : il., fots. (algumas color.)) : pdf.

Orientador: Sérgio Alcides Pereira do Amaral.

Área de concentração: Literatura Brasileira.

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 147-162.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Almeida, Lúcia Machado de, 1910-2005. – Crítica e interpretação – Teses. 2. Literatura infantojuvenil brasileira – História e crítica – Teses. 3. Ficção científica – História e crítica – Teses. 4. Ciência na literatura – Teses. 5. História na literatura – Teses. I. Alcides, Sérgio, 1967-. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 809.89282



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS LITERÁRIOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Dissertação intitulada *Da fábula à ficção científica: como Lúcia Machado de Almeida deu notícias do mundo na literatura infantojuvenil*, de autoria da Mestranda CLÁUDIA HELENA SANTOS REZENDE MORAIS, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras: Estudos Literários.

Área de Concentração: Literatura Brasileira/Mestrado

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural

Aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Sérgio Alcides Pereira do Amaral - POSLIT/FALE/UFMG - Orientador

Profa. Dra. Laurenny Aparecida Lourenço da Silva - POSLIT/FALE/UFMG

Profa. Dra. Ana Elisa Ferreira Ribeiro - CEFET/MG

Belo Horizonte, 17 de fevereiro de 2025.



Documento assinado eletronicamente por **Laurenny Aparecida Lourenço da Silva, Professora do Magistério Superior**, em 18/02/2025, às 15:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Elisa Ferreira Ribeiro, Usuário Externo**, em 18/02/2025, às 16:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sergio Alcides Pereira do Amaral, Professor do Magistério Superior**, em 18/02/2025, às 17:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3954798** e o código CRC **C26E0D52**.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS LITERÁRIOS

ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE CLÁUDIA HELENA SANTOS REZENDE MORAIS

Número de registro: 2023656898. Às 14h horas do dia 17 (dezessete) do mês de fevereiro de 2025, reuniu-se na Faculdade de Letras da UFMG a Banca Examinadora de Dissertação, indicada *ad referendum* em 21/01/2025 e referendada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da UFMG em 05/02/2025, para julgar, em exame final, o trabalho final intitulado *Da fábula à ficção científica: como Lúcia Machado de Almeida deu notícias do mundo na literatura infantojuvenil*, requisito final para obtenção do Grau de MESTRE em Letras: Estudos Literários, área de concentração Literatura Brasileira/Mestrado. Abrindo a sessão, o Orientador e Presidente da Banca Examinadora, Prof. Dr. Sérgio Alcides Pereira do Amaral, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra à candidata para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Banca Examinadora se reuniu, sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Prof. Dr. Sérgio Alcides Pereira do Amaral - POSLIT/FALE/UFMG - indicou a aprovação da candidata.

Profª. Dra. Laureny Aparecida Lourenço da Silva - POSLIT/FALE/UFMG - indicou a aprovação da candidata.

Profª. Dra. Ana Elisa Ferreira Ribeiro - CEFET/MG - indicou a aprovação da candidata.

Pelas indicações, a candidata foi considerada APROVADA.

O resultado final foi comunicado publicamente à candidata pelo Presidente da Banca. Nada mais havendo a tratar, o Presidente lavrou a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Banca Examinadora. Belo Horizonte, 17 de fevereiro de 2025.



Documento assinado eletronicamente por **Laureny Aparecida Lourenço da Silva, Professora do Magistério Superior**, em 18/02/2025, às 15:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Elisa Ferreira Ribeiro, Usuário Externo**, em 18/02/2025, às 16:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sergio Alcides Pereira do Amaral, Professor do Magistério Superior**, em 18/02/2025, às 17:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3954797** e o código CRC **0255F17B**.

Com amor,

*a meus filhos, Heliadora e Cícero,
a meu companheiro, Douglas,
a meus pais, Serdilei (in memoriam) e
Florianice,
a minha irmã, Eunice, e ao meu cunhado,
Fernando,
a minhas sobrinhas, Isabela e Cecília.*

Aos livros, que me deram tanto.

AGRADECIMENTOS

Sempre sonhei em me aprofundar na carreira acadêmica e, por circunstâncias diversas, protelei a busca por esse sonho, até que, em um momento improvável, com as responsabilidades que a vida adulta traz, tomei a decisão de tentar realizar esse sonho. Para isso, eu tive apoio. E preciso agradecer a quem o ofereceu a mim, muitas vezes sacrificando-se a si mesmo.

Em primeiro lugar, agradeço a meu companheiro de vida, meu amado Douglas. Que o mundo seja povoado por mais homens como você. Obrigada pelas horas em que consegui me dedicar aos estudos, porque tinha a segurança de que você estava cuidando de tudo na casa, das crianças e da minha mãe, que passou a viver conosco quando eu estava no finalzinho deste mestrado. Você é incrível, e eu me orgulho de tê-lo ao meu lado.

A meus filhos amados, Heliadora e Cícero, que me interromperam muitas vezes ao longo da escrita e da pesquisa, para me darem um “oi”, porque eu estava “sumida” deles. Eu ficava brava, mas ver os rostinhos de vocês sempre representou uma enxurrada de amor no meu coração em meio ao cansaço e às inseguranças que surgem quando se tem um grande projeto à frente.

A meus pais, Serdilei (*in memoriam*) e Florianice, pela vida, pelos anos de dedicação a nossa família, pela proteção e pelo amor que nos deram. A meu pai, o agradecimento especial pelo exemplo de amor aos livros e à literatura e por permitir que eu acessasse a sua tão estimada biblioteca, quando eu, ainda menina, crescia os olhos com curiosidade para os livros. Eu imaginei viver muitos desafios para concluir o mestrado, mas não imaginei o luto. Em todas as cenas de defesa da dissertação que eu visualizava na minha cabeça, meu pai estaria presente, me assistindo. Eu sinto muito, muito, por isso não ter sido possível, por ele ter partido antes de ver a conclusão deste mestrado, que não é só meu, é de toda a nossa família. Tenho certeza que essa conquista seria motivo de felicidade para ele. Há coisas que são absolutamente fora do que podemos prever ou evitar. E a partida dele foi assim... Sigo amando os livros e me lembrando do exemplo do meu pai e da alegria que o mundo da literatura proporcionava a ele.

A minha amada irmã, Eunice, minha grande referência de amor, e de humor! Eu acho você incrivelmente especial e a agradeço por acreditar tanto em mim e se esforçar para me apoiar, mesmo quando é você quem está precisando de apoio. Obrigada por tudo. Obrigada também ao Fernando, meu cunhado-irmão tão presente, que não hesita em nos erguer a mão sempre.

A meu orientador, professor doutor Sergio Alcides Pereira do Amaral, fundamental para que eu chegasse até aqui. Desde o início de tudo, dedicou-se a me orientar de forma tão precisa, com seriedade, envolvimento, paciência, importando-se com o trabalho que eu estava fazendo e ia entregar ao mundo. Obrigada por tudo, professor.

À banca do mestrado, composta pela professora doutora Ana Elisa Ribeiro, do Departamento de Linguagem e Tecnologia (Deltec) do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (Cefet-MG), e pela professora doutora Laurenny Aparecida Lourenço da Silva, da Faculdade de Letras (Fale) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), docentes que se dedicaram a ler a minha dissertação e a participar da minha arguição, oferecendo-me, generosamente, comentários importantes e necessários para que esta versão final da chegasse aprimorada ao público em geral.

Aos demais professores e professoras que eu encontrei ao longo do mestrado e que contribuíram para a minha formação. Muitas vezes a vontade era de parar o tempo para ter mais aulas com eles e elas, de tão prazerosas que eram aquelas oportunidades de aprendizado. À equipe do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, pela paciência, pela agilidade, pela dedicação ao passar as informações, fornecer documentos e tirar as dúvidas.

À equipe do Acervo dos Escritores Mineiros, a quem eu tanto recorri para realizar esta pesquisa. Fui atendida com gentileza, acolhimento e educação no espaço. O trabalho que esses servidores realizam é essencial para a preservação do patrimônio literário nacional. Deixo aqui a minha reverência à equipe.

Às equipes de outras instituições que guardam acervos consultados nesta pesquisa: Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais; Centro de Documentação e Memória da Universidade do Estado de São Paulo; Biblioteca Nacional, que abriga, digitalizado, o acervo da Hemeroteca Nacional e, com isso, possibilita o acesso de

pesquisadores de todo o país que, como eu, teriam dificuldade para fazer a pesquisa presencial. Que essa iniciativa seja copiada por outras instituições que zelam pela guarda da nossa memória; e Projeto Candido Portinari.

Obrigada à família de Lúcia Machado de Almeida, por ceder o acervo dela ao Arquivo dos Escritores Mineiros e nos permitir acessar um pouco da trajetória cultural que ela viveu. Agradeço especialmente à Patrícia de Almeida Penido, neta da escritora, que foi receptiva a minha pesquisa e me ajudou a entender algumas lacunas dessa história.

A minhas amigas e meus amigos que vibram comigo sempre. Não será possível enumerar cada um, mas vocês estão ao meu lado em cada novo passo. E eu estou e estarei com vocês.

Por último, a Lúcia Machado de Almeida, “a mulher que, apesar de já ter vivido bastante... ficou encruada na adolescência”¹, minha companheira por mais de dois anos. Nesse período, estive em contato com uma personalidade dinâmica, inteligente e bem-informada, com facetas que vão além da imagem de escritora de livros para crianças e adolescentes, como ficou mais famosa. Com a leitura dos escritos diversos e do material do acervo de Lúcia Machado de Almeida, eu pensei, me emocionei, refleti e ri, principalmente das cartas bem-humoradas de Cecília Meireles para ela e dela para a Laís Corrêa de Araújo. O legado deixado pela escritora é uma inspiração para que, a partir desta pesquisa, as minhas investigações prossigam a partir desta etapa. E assim será.

¹ MANUSCRITO da escritora, constante em caderno que integra o Acervo de Lúcia Machado de Almeida do Acervo dos Escritores Mineiros (AEM) da Faculdade de Letras (Fale) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte, [19 - -]. Série Produção Intelectual do Autor.

“Lúcia foi uma formadora de mentalidades, através dos livros”
Poeta Affonso Ávila (1928-2012)²

*“[...] essa Lúcia — nossa, que ilumina
de perfume e cores outra luz:
a da infância, círio aceso,
lustro e lastro desse astro
que é Lúcia [...]*
Poeta Laís Corrêa de Araújo (1929-2006)³

*“Lucialuz
[...]
faísca magia
em corações infantes.
Vaga-lume luzindo
na modéstia de ser,
lucialuz-clarão
no azul do viver.”*
Poeta Yeda Prates Bernis (1926-)⁴

² Entrevista a Régis Gonçalves, jornal O Tempo de 4 de maio de 2001. (GONÇALVES, 2001).

³ De “Etimologia”, poema dedicado a Lúcia Machado de Almeida. Datilografado. Acervo de Lúcia Machado de Almeida AEM/UFMG. Belo Horizonte, [19 - -].

⁴ De “Lucialuz”, poema dedicado a Lúcia Machado de Almeida, impresso em cartão vermelho com foto da escritora ao lado. AEM/UFMG. Série Diversos. Belo Horizonte, [19 - -].

RESUMO

Ao longo de mais de cinquenta anos de produção literária principalmente destinada a crianças e adolescentes, a escritora mineira Lúcia Machado de Almeida (1910-2005) lançou obras com caráter de fábula e de ficção científica, dentre outras de gêneros diversos. Parte dessas obras conta com a presença de referências a acontecimentos mundiais e conhecimentos de cunho científico em meio a narrativas ficcionais. A investigação acerca desses aspectos culminou nesta dissertação, que se utilizou da pesquisa documental e da pesquisa bibliográfica. Na bibliográfica, analisaram-se os livros *No fundo do mar* (1943), *O mistério do polo* (1943), *Na região dos peixes fosforescentes* (1945), *Xisto no espaço* (1963; 1967), *Estórias do fundo do mar* (1972), *Xisto e o Saca-Rolha* (publicado em 1974; depois, em 1982, passa a ser *Xisto e o pássaro cósmico*), *Spharion* (1979), *O falcão de penas salpicadas* (1986) e *O asteroide* (1995), de Lúcia Machado de Almeida. Também houve contribuição de obras teóricas acerca de literatura infantojuvenil, fábula, ficção científica, ficção, ciência, leitor/leitura, história do século 20, arquivos literários, epistolografia. Foi analisada, ainda, a fortuna crítica sobre a autora, fonte que atualmente é escassa. Na pesquisa documental, a investigação principal se deu no Acervo Lúcia Machado de Almeida, seguido pelo da poeta Laís Corrêa de Araújo, ambos no Acervo dos Escritores Mineiros da Universidade Federal de Minas Gerais. Outras importantes fontes documentais foram a Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital e a Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais. Ao final do trabalho investigativo, identificaram-se motivações contextuais para a produção literária de Lúcia Machado de Almeida, em especial a Segunda Guerra Mundial e a corrida espacial desencadeada pela Guerra Fria, estando a ciência representada em aspectos benéficos e nocivos. Outras razões justificam o interesse pelo conhecimento científico e o interesse da escritora em utilizá-lo nas obras para crianças e adolescentes, dentre elas: intenção da autora em prestigiar a inteligência do público leitor; prática jornalística e convivência com o noticiário; momento histórico de avançado desenvolvimento científico; presença de cientistas na família; interesse pessoal; e contribuição estética da ciência. Com esta dissertação, objetiva-se enriquecer a fortuna crítica sobre a escritora Lúcia Machado de Almeida, entender a dinâmica da produção literária diante de acontecimentos históricos relacionados a ela e ao entorno, além de contribuir para o melhor conhecimento da literatura que chegava a crianças e adolescentes ao longo do século 20, tendo em vista que Lúcia Machado de Almeida era autora de *best-sellers* e tinha alcance em todo o país.

Palavras-chave: Lúcia Machado de Almeida; literatura infantojuvenil; fábula; ficção científica; ciência; história; século 20.

ABSTRACT

Over the course of more than fifty years of literary production, mainly aimed at children and adolescents, the writer from Minas Gerais Lúcia Machado de Almeida (1910-2005) released works of fable and science fiction, and others. Some of these works include references to world events and scientific knowledge in fictional narratives. The investigation into these aspects culminated in this dissertation, which used documentary research and bibliographical research. The bibliographical research analyzed the books *No fundo do mar* (1943), *Mistério do polo* (1943), *Na região dos peixes fosforescentes* (1945), *Xisto no espaço* (1963; 1967), *Estórias do fundo do mar* (1972), *Xisto e o Saca-Rolha* (published in 1974; later *Xisto e o pássaro cósmico*, in 1982), *Spharion* (1979), *O falcão de penas salpicadas* (1986) and *O asteróide* (1995), by Lúcia Machado de Almeida. There was also a contribution from theoretical works on children's and youth literature, fable, science fiction, fiction, science, reader/reading, 20th century history, literary archives and epistolography. The research also analyzed the critical fortune of the author, which is currently scarce. In the documentary research, the main investigation took place in the Lúcia Machado de Almeida Collection, followed by that of the poet Laís Corrêa de Araújo, both in the *Acervo dos Escritores Mineiros da Universidade Federal de Minas Gerais*. At the end of the research, contextual motivations were identified for Lúcia Machado de Almeida's literary production, in particular the Second World War and the space race caused by the Cold War, with science represented in beneficial and harmful aspects. Other reasons also justify the interest in scientific knowledge and the writer's interest in using it in her works for children and adolescents, including: respect for the intelligence of children and adolescents; the journalistic profession and proximity to the news; historical moment of advanced scientific development; presence of scientists in the family; personal interest; and the aesthetic contribution of science. The aim of this dissertation is to enrich the critical fortune on the writer Lúcia Machado de Almeida, to understand the dynamics of her literary production in the face of historical events related to her and her surroundings, as well as contributing to a better understanding of the literature that reached children and adolescents throughout the 20th century, given that Lúcia Machado de Almeida was a best-selling author and had a nation reach.

Keywords: Lucia Machado de Almeida; children's and youth literature; fable; science fiction; Science; history; 20th century.

LISTAS DE IMAGENS

COLAGENS

- Colagem 1 — A marca de 1 milhão livros vendidos rendeu à Lúcia Machado de Almeida notas e matérias em veículos de comunicação locais e nacionais P. 14
- Colagem 2 — Reprodução de capas de jornais dos anos 1940 com manchetes sobre a Segunda Guerra Mundial P. 89
- Colagem 3 — Capas de jornais de 1961 noticiando a viagem de Yuri Gagarin para o espaço sideral P. 119

DESENHO

- Desenho 1 — Esboço explicativo sobre arma com disparo de “neutrinos” P. 143

FIGURAS

- Figura 1 — Entrada de mulheres no Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais foi considerado “abalo sísmico” P. 24
- Figura 2 — Texto do jornal Diário de São Paulo, de 1952, sobre a liderança cultural de Lúcia Machado de Almeida P. 26
- Figura 3 — Nota sobre os livros de Lúcia Machado de Almeida pela Edições Melhoramentos P. 44
- Figura 4 — Obras de Lúcia Machado de Almeida no site da Vaga-Lume, da editora Ática P. 51
- Figura 5 — Matéria jornalística do jornal Folha de Minas sobre o II Congresso Infantojuvenil de Escritores, com Cecília Meireles e Lúcia Machado de Almeida P. 54
- Figura 6 — Carta de Cecília Meireles a Lúcia Machado de Almeida, em 24 de outubro de 1950 P. 60
- Figura 7 — Carta de Cecília Meireles a Lúcia Machado de Almeida, 11 de dezembro de 1944 P. 62
- Figura 8 — Reprodução da capa da revista Literatura número 8, de março de 1948 P. 68
- Figura 9 — Reprodução de nota do jornal Diário de Notícias (RJ), 29 de abril de 1948, p. 3 P. 72
- Figura 10 — Recorte de manuscrito de Lúcia Machado de Almeida em que fala de “happy end” P. 106
- Figura 11 — Cena de *2001: uma odisseia no espaço* (1968), filme de Stanley Kubrick P. 121

Figura 12 — Sumário da revista *Alterosa* n. 364, de abril de 1963, com referência a Yuri Gagarin P. 124

Figura 13 — Desenho de casal nu gravado na placa dourada enviada com as sondas Pioneer ao espaço sideral P. 126

Figura 14 — Nota da revista *O Cruzeiro* sobre o lançamento do livro *Xisto no espaço* P. 129

Figura 15 — Painel com as coordenadas dos dez pontos energéticos do planeta P. 140

FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 — Museu do Ouro, fundado por Antônio Joaquim de Almeida, em 1946 P. 21

Fotografia 9 — Obra “A face da guerra” (1940), de Salvador Dalí P. 85

Fotografia 10 — Imagens de espécies marinhas do fundo do mar tiradas nas expedições de William Beebe P. 110

Fotografia 11 — A batisfera usada nas viagens de William Beebe P. 110

Fotografia 12 — *O asteroide*, último livro juvenil lançado por Lúcia Machado de Almeida, em 1995 P. 142

Fotografia 13 — Manuscrito com explicação para se obter o efeito de invisibilidade P. 143

Fotografia 14 — Capa da 1ª edição de *Spharion*, lançada em 1979 P. 156

Fotografia 15 — Capa da 1ª edição de *O falcão de penas salpicadas*, lançada em 1986 P. 157

MONTAGENS

Montagem 1 — *O vampiro da noite*, histórias em quadrinhos com texto de Lúcia Machado de Almeida sobre a doença de chagas P. 78

Montagem 2 — Trilogia marinha publicada por Lúcia Machado de Almeida entre 1943 e 1945 P. 93

Montagem 3 — Páginas da revista *Alterosa* n. 364, de abril de 1963, com o primeiro capítulo de *Xisto no espaço* P. 122

Montagem 4 — Ilustração do segundo capítulo de *Xisto no espaço* com assinatura de “Jarbas” P. 123

Montagem 5 — Livros de Lúcia Machado de Almeida que compõem a série com o garoto Xisto P. 133

LISTA DE ABREVIATURAS

Acnur – Agência da ONU para Refugiados
AEM – Acervo dos Escritores Mineiros
ALMG – Assembleia Legislativa de Minas Gerais
BNDigital – Biblioteca Nacional Digital
Cedem – Centro de Documentação e Memória
Conare – Comitê Nacional para os Refugiados
Embratur – Empresa Brasileira de Turismo
Fale – Faculdade de Letras
IBM – International Business Machines
IHG-MG – Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais
Inep – Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos
LMA – Lúcia Machado De Almeida
PNB – Produto Nacional Bruto
Secult – Secretaria de Estado da Cultura
SLMG – Suplemento Literário de Minas Gerais
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais
Unesp – Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”
USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. LITERATURA INFANTIL NO BRASIL: UM NASCIMENTO SOB DEMANDA	41
1.1 ENGAJAMENTO NO CENÁRIO LITERÁRIO	52
1.2 AMIZADE COM CECÍLIA MEIRELES	58
1.3 EM DEFESA DA LITERATURA INFANTIL	67
1.4 JORNADA CONTRA AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS.....	74
2. DO MAR: FÁBULA NAS PROFUNDEZAS, GUERRA NA SUPERFÍCIE.....	80
2.1 ESCRITORA EM CONEXÃO COM O MUNDO	90
2.2 ANTROPOMORFIZAÇÃO DE BICHOS E COISAS, A FÁBULA.....	100
2.3 RESPEITO AO LEITOR	105
3. DO CÉU: FICÇÃO CIENTÍFICA LADO A LADO COM A CORRIDA ESPACIAL	111
3.1 A ERA DE OURO E A CORRIDA ESPACIAL	117
3.2 O ESPAÇO SIDERAL NA PRODUÇÃO INTELECTUAL	120
3.3 CIÊNCIA PRESENTE EM SUCESSOS EDITORIAIS.....	128
3.4 CRÉDITOS À CIÊNCIA	136
3.5 UMA NARRATIVA DISTÓPICA	144
3.6 A FICÇÃO CIENTÍFICA	149
CONCLUSÃO.....	163
REFERÊNCIAS	168
1. CARTAS E OUTROS DOCUMENTOS.....	168
3. JORNAIS E REVISTAS IMPRESSOS E <i>ON-LINE</i>	170
4. LEGISLAÇÃO	176
5. LIVROS, TRABALHOS ACADÊMICOS E ARTIGOS	177
6. LIVROS DE LÚCIA MACHADO DE ALMEIDA	183

INTRODUÇÃO

Em 1983, a escritora mineira Lúcia Machado de Almeida (1910-2005) recebeu homenagens e cumprimentos de intelectuais e pautou veículos de comunicação do país (COLAGEM 1) por ter chegado à marca de 1 milhão de livros vendidos. O feito foi amplamente comentado devido à excepcionalidade da conquista para uma autora que majoritariamente escrevia para o público infantojuvenil⁵ e que permaneceu em Belo Horizonte durante a maior parte da vida, sem se deslocar para o eixo Rio de Janeiro-São Paulo, rota que artistas e escritores costumam traçar em busca de mais projeção. Até aquele momento, ela tinha publicado quinze títulos voltados a crianças e adolescentes, além de seis ao público não infantil, em uma carreira literária de quase sessenta anos, iniciada oficialmente em 1943, quando, já adulta e mãe de três crianças, publicou a primeira obra, *No fundo do mar*, pela Edições Melhoramentos (SP).

Colagem 1 — Recortes de jornais com a repercussão da venda de 1 milhão livros por parte de Lúcia Machado de Almeida



⁵ O termo “infantojuvenil” engloba o público leitor constituído por crianças, faixa etária que, de acordo com a classificação do Estatuto da Criança do Adolescente, de 1990, vai até doze anos incompletos, e por adolescentes, indivíduos entre doze e dezoito anos (ECA, 1990). Nesta dissertação, optou-se por usar esse termo nas referências à produção literária de Lúcia Machado de Almeida, e não os termos separados: literatura infantil e literatura juvenil. Justifica-se essa escolha pelo fato de a própria autora, em entrevistas e artigos em veículos de comunicação, como se verá adiante, dizer que escrevia para crianças. Porém, no momento presente, causa estranhamento dizer que os textos da escritora eram para crianças, devido a aspectos gráficos e textuais — tipos e formatos das ilustrações, textos longos, vocabulário mais elaborado, tramas criminais e assassinatos, como em *O escaravelho do diabo* e *O caso da borboleta Atíria*. Tais características, hoje, poderiam direcionar essas obras para o público juvenil, e não para o infantil. Diante dessa questão e da impossibilidade de estabelecer uma classificação neste trabalho, optou-se pelo termo “infantojuvenil”, que contempla a forma como a autora se enxergava e o público que ela podia atingir, de criança a adolescente.

Legenda: as publicações reproduzidas saíram nos seguintes veículos e data: “Milhão” (Estado de Minas, MG, 25 maio 1983); “Lúcia, a escritora preferida dos jovens” (revista Cláudia, RJ, 1983, p. 44); “A mágica Lúcia Machado de Almeida” (Suplemento Literário, MG, 17 mar. 1984, p. 10); nota “Lúcia Machado de Almeida, autora mineira [...]” (Jornal das Letras, RJ, set. 1983, 2º Caderno, p. 1); “Um milhão de livros, crianças...” (revista Manchete, RJ, 2 jul. 1983, p. 145); “De edição em edição Lúcia chega ao milhão” (Jornal do Brasil, RJ, 19 jun. 1983, Caderno B, p. 12).

Fonte: colagem elaborada pela autora desta dissertação a partir de reprodução de imagens copiadas dos seguintes acervos: “Milhão” e “Lúcia, a escritora preferida dos jovens” (Acervo de Lúcia Machado de Almeida no Acervo dos Escritores Mineiros da UFMG); nota “Lúcia Machado de Almeida, autora mineira [...]”, “Um milhão de livros, crianças...” e “De edição em edição Lúcia chega ao milhão” (acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital); “A mágica Lúcia Machado de Almeida” (acervo da Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais). Consultas feitas em 2023, 2024 e 2025.

Na lista dos cumprimentos que recebeu pela venda de 1 milhão de livros, estão nomes como o do escritor mineiro Pedro Nava (1903-1984). Em 18 de junho de 1983, em carta a Lúcia Machado de Almeida e ao esposo desta, o museólogo Antônio Joaquim Almeida (1907-1996) — documento que integra o Acervo de Lúcia Machado de Almeida (LMA) no Acervo dos Escritores Mineiros (AEM), da Faculdade de Letras (Fale) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) —, Pedro Nava registrou:

Lúcia e Antônio Joaquim, queridos amigos,
Minhas irmãs, que recebem o Estado de Minas, passaram-nos hoje os número que dão notícia das homenagens prestadas a Lúcia por ocasião de seu primeiro milhão de livros. Lemos com a maior atenção e estamos completamente solidários com os festejos. Estupendo. Olhem que estar com numeração de tiragens em tal altura de casa já é importância que deve orgulhar um escritor. Ponha que cada livro desses tenha passado pelas mãos de cinco pessoas entre turistas e crianças e o nome da autora está guardado em cinco milhões de corações. É um recorde e batido com galhardia e merecimento. Falar a linguagem de meninada é também meio direto de entrar de alma adentro de adultos. Que todos tenham LÚCIA MACHADO num nome direto para se ter no coração como tenho até hoje os de Perrault e de Andersen. Parabéns aos dois⁶.

O filólogo, historiador e professor Aires da Mata Machado Filho (1909-1985), no texto “Milhão de livros”, publicado no Suplemento Literário de Minas Gerais de 7 de abril de 1984, observou que “um milhão de livros vendidos só raros escritores alcançam, só raríssimos no Brasil conseguiram, principalmente quando assistem no isolamento destas montanhas” (MACHADO FILHO, 1984, P. 5)

Dentre as homenagens que recebeu pelo milionésimo livro, estava um almoço organizado pela escritora e jornalista Laís Corrêa de Araújo (1929-2006), amiga de Lúcia Machado de

⁶ CARTA de Pedro Nava a Lúcia Machado de Almeida e Antônio Joaquim. Parabeniza a escritora por ter alcançado a marca de 1 milhão de livros vendidos. Rio de Janeiro, datada de 18 de junho de 1983. Acervo LMA, AEM/UFMG. Série Correspondência Pessoal. Belo Horizonte, 1 f.

Almeida. No evento, compareceram figuras políticas de relevo na época, como secretários de estado de Minas Gerais; a então primeira-dama do estado, Risoleta Neves (1917-2003), “acadêmicos, intelectuais, professores e amigos”, como registrou o jornal Estado de Minas de 10 de junho de 1983, em nota intitulada “Lúcia”⁷.

Essa foi uma das conquistas da escritora, que ainda colecionou outras, por meio da escrita e da projeção que obteve com as publicações literárias. Citam-se, como exemplo, a obtenção do Prêmio Jabuti de 1968, na categoria “Livro infantil/juvenil”, por *Xisto no espaço*, e o reconhecimento de *Aventuras de Xisto* como “Best of the best”, pela Biblioteca Internacional da Juventude de Munique (Alemanha).

Para se entender a trajetória que levou Lúcia Machado de Almeida a receber esses reconhecimentos, será feita aqui uma breve retomada do percurso literário da escritora. A história de Lúcia Machado de Almeida com a escrita vem de antes da ocasião em que ela começou a contar aos filhos, doentes por causa do sarampo, histórias de certa piabinha, sábia e corajosa, que, apesar do tamanho mínimo, enfrentava com bravura os maiores perigos de mares e rios. Essa piabinha, que se tornou protagonista em três histórias aquáticas da escritora — *No fundo do mar* (1943), pela Edições Melhoramentos, *O mistério do polo* (1943), pela editora Criança (RJ), e *Na região dos peixes fosforescentes* (1945), pela Edições Melhoramentos, veio lá de trás da memória de Lúcia Machado de Almeida, de quando ainda morava na fazenda Nova Granja, em São José da Lapa (município mineiro que faz parte da Região Metropolitana de Belo Horizonte), onde a família morava.

Filha caçula e temporã, devido à diferença de idade entre ela e os irmãos mais velhos, passou parte da infância brincando sozinha, descobrindo os encantos da natureza e ativando a imaginação. A piabinha veio das horas observando esses pequeninos peixes no riacho que atravessava a fazenda. Em entrevista ao Jornal das Letras, de abril de 1984, Lúcia Machado de Almeida rememora esses momentos:

Descobri-a [a literatura] muito cedo, quando minha mãe me lia Grimm, Andersen e Perrault, na fazenda onde nasci e na qual vivi até quase sete anos de idade (infância gloriosa...). Por assim dizer, eu... morava nas árvores, acompanhando o amadurecimento das frutas e visitando ninhos de passarinhos. O resto do tempo, eu

⁷ Acervo LMA no AEM/UFMG. Série Produção Intelectual de Terceiros.

passava metida dentro de um córrego raso e cheio de piabas, que corria no fundo do pomar. (ALMEIDA, 1984, P. 5)

Foi também nesse lugar da infância que Lúcia Machado de Almeida descobriu uma borboleta de asa defeituosa que, mais tarde, ia adquirir vida em livro, tornando-se protagonista do sucesso editorial *Atíria, a borboleta* (1951), pela Melhoramentos, história que depois passaria a ser *O caso da borboleta Atíria* (1975), pela editora Ática (SP), série Vaga-Lume.

Ainda na infância veio à mente de Lúcia Machado de Almeida um herói que acompanhou crianças e adolescentes ao longo de décadas. É o jovem Xisto, que protagonizou cinco publicações da escritora: livro *Aventuras de Xisto* (1957), pela editora Nacional (SP), folhetim *Xisto no espaço* (1963), publicado pela revista Alterosa (MG), livro *Xisto no espaço* (1967), pela editora Brasiliense (SP), livro *Xisto e o Saca-Rolha* (1972), pela Brasiliense, história que depois passou a ser *Xisto e o pássaro cósmico* (1982), ao ir para a editora Ática e integrar a série Vaga-Lume.

Xisto nasceu nos pensamentos de Lúcia Machado de Almeida depois de ela ter escutado as histórias de *Dom Quixote de La Mancha* (1605), contadas pela mãe. A intertextualidade com o texto do espanhol Miguel de Cervantes (1547-1616) é clara no primeiro dos livros com Xisto, o *Aventuras de Xisto*, no qual, ao lado do fiel escudeiro, o gordo, ingênuo e medroso Bruzo — com perfil similar ao de Sancho, o companheiro inseparável de Dom Quixote —, o adolescente decide se tornar “cavaleiro andante” e sair pelo mundo, “endireitando coisas erradas” (ALMEIDA, 1967, P. 22).

Lúcia Machado de Almeida demonstrava afinidade com a escrita ainda na época de escola, ao conquistar notas altas nas redações e primeiros lugares em concursos de melhores textos (GONÇALVES, 2020). Finalmente, fez a primeira publicação em jornal, o poema “Desencanto”, que saiu nas páginas do jornal Estado de Minas em 1924, quando a escritora tinha 14 anos.

Além da imaginação, das referências da infância e da afinidade com a escrita, Lúcia Machado de Almeida cresceu rodeada por pessoas envolvidas com livro. Era irmã de Aníbal Machado (1894-1964), escritor renomado, autor de textos como *Tati, a garota*, *A morte da porta-estandarte*, *Viagem aos seios de Duília*, *O iniciado do vento*, dentre outros. Dezesesseis anos mais velho, era alvo da admiração de Lúcia Machado de Almeida e exerceu influência na

formação intelectual e humana da irmã. No documentário *Lúcia Azul* (2000), de Bettina Turner e André de Campos Mello, em que é entrevistada, Lúcia Machado de Almeida destaca a importância de Aníbal para ela:

Eu tive assim uma formação muito boa. O meu irmão Aníbal era escritor, mais velho do que eu. Ele me dava muitas ideias. Ele me ajudou muito. Ele escolhia as minhas leituras, ele me dava as minhas leituras.⁸

Anos antes, no texto “Meu irmão Aníbal”, publicado na edição 40, de 3 de junho de 1967 do Suplemento Literário de Minas Gerais (SLMG), em homenagem ao irmão, falecido três anos antes, a escritora deixa transparecer a admiração pelo escritor, ao descrever as qualidades que ela nele enxergava:

[...] poucos amaram a vida e as criaturas como ele. E, por amá-las e compreendê-las, tolerava-lhes as imperfeições, lidando apenas com suas qualidades e lhes contornando os defeitos. Quando ajudava alguém (e fazia isso tantas vezes...) ficava profundamente grato a quem lhe dava a oportunidade de servir. E a atenção que dedicava ao poderoso era semelhante à que dispensava ao mendigo. (ALMEIDA, 1967, p. 9)

No início do século 20, a família de Lúcia Machado de Almeida se instalou em Belo Horizonte, num casarão na rua Tupis, centro da nova capital do estado (GONÇALVES, 2020). No sobrado, havia um porão que foi transformado na “biblioteca” de Aníbal Machado. Ali, era possível acompanhar a movimentação de escritores e intelectuais do círculo de amizade do irmão de Lúcia Machado de Almeida. Escritor e memorialista, Pedro Nava relembra momentos passados no local e descreve o “porão”:

Depois do café, pão com manteiga, sequilhos, bolos, brevidades da D. Marieta [matriarca da família], descemos ao porão onde ficava o escritório do Aníbal. Era peça clara, lado do poente, batida de sol durante a tarde, cheia de livros — umas quatro ou cinco estantes contendo cerca duns quinhentos volumes, principalmente de literatura francesa, portuguesa, revistas de arte sobre decoração [...]. (NAVA, 2003, p. 51)

Anos depois, Aníbal Machado formou família e teve seis filhas, sendo uma delas a também escritora Maria Clara Machado (1921-2001), dramaturga com obras voltadas para o público infantil. Dos títulos de Maria Clara Machado, estão sucessos como *Pluft, o Fantasminha* (1955) e *A bruxinha que era boa* (1958).

⁸ *Lúcia azul*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IEz1Xe2Zjrs>>. Acesso em 8 out. 2022.

Além de Aníbal Machado, Lúcia Machado de Almeida teve mais irmãos que se destacaram na cena pública. Um deles é o escritor Paulo Monteiro Machado (1903-1962), autor de *O menino feliz* (1965), pai do também escritor Ângelo Barbosa Monteiro Machado (1934-2020), que era, ainda, médico, professor da Faculdade de Medicina da UFMG e entomólogo. Ângelo Machado é autor de um grande sucesso teatral, a comédia *Como sobreviver em festas e recepções com buffet escasso*, que está em cartaz há vinte e cinco anos em Belo Horizonte. *O velho da montanha: uma aventura amazônica* é outra obra de Ângelo Machado que recebeu reconhecimento, conquistando o Prêmio Jabuti de 1993, como “Melhor livro infantil ou juvenil” (O TEMPO, 2008).

Outro irmão de Lúcia Machado de Almeida que ocupou a cena pública é o bacharel em Direito Cristiano Monteiro Machado (1893-1953). Tornou-se político e foi prefeito de Belo Horizonte, parlamentar e candidato a presidente do país. Cristiano Machado dá nome a uma das principais avenidas que cortam Belo Horizonte. Ele esteve no centro de uma polêmica que gerou a expressão “cristianização”, entrando para o vocabulário político para dar sentido ao abandono por parte de “aliados” de um candidato para favorecer outro nome, como aconteceu com Cristiano Machado em 1950, quando disputou a Presidência da República contra Getúlio Vargas (1882-1954).

Seus concorrentes [de Getúlio Vargas] seriam Cristiano Machado, pelo PSD, e o Brigadeiro Eduardo Gomes, pela UDN. O PSD acabou sofrendo uma divisão interna, pois parte da legenda preferiu apoiar a campanha de Getúlio ao invés de apoiar o candidato do partido. A candidatura de Cristiano Machado acabou ficando esvaziada, e o abandono de um candidato por parte de seu próprio partido ganhou o apelido de “cristianização”. (REGAL, 2007, P. 58)

Depois da campanha, Cristiano Machado foi nomeado embaixador do Brasil em Roma, mas morreu três meses depois que assumiu o posto, em dezembro de 1953, na capital italiana (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1953).

Vale citar por último outro irmão de Lúcia Machado de Almeida que teve importância em Minas Gerais e na história da medicina. Trata-se de Lucas Monteiro Machado (1901-1970), fundador da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais, em Belo Horizonte, tradicional instituição de ensino na área da formação médica, onde atuou como professor e diretor (ALMEIDA, 2017).

Não será possível nesta dissertação, nem é o objetivo dela, falar de todos os dez irmãos e dezenas de sobrinhos de Lúcia Machado de Almeida. Os irmãos e sobrinhos citados foram trazidos até aqui com o intuito de exemplificar o ambiente familiar em que a autora se inseria, e não para esgotar os estudos sobre a família Monteiro Machado, o que demanda outra pesquisa. Nesse ambiente familiar, há dois aspectos que se destacam. O primeiro é ser constituído por pessoas que tiveram acesso à educação formal, sendo que irmãos mais velhos da escritora, nascidos ainda no século 19, puderam cursar ensino superior, o que era realidade para poucos brasileiros. De acordo com o documento *Evolução do ensino superior brasileiro, 1808-1990* (1991), até 1920, havia 71 escolas de ensino superior no país (SAMPAIO, 1991, P. 7), ou seja, 3,5 por estado — já que o Brasil tinha vinte estados, um distrito federal e o território do Acre na época —, para uma população de 30.635.605 habitantes em 1920 (MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, 1926).

O segundo aspecto é que esses familiares de Lúcia Machado de Almeida alcançaram projeção pública e social a partir dos estudos formais, o que os levou a conquistarem as profissões que escolheram e nelas se destacarem. Lúcia Machado de Almeida não fez curso superior, mas teve uma educação formal de prestígio, no Colégio Santa Maria de Belo Horizonte, comandando por freiras dominicanas francesas, e fez cursos complementares de história, línguas, piano e canto, no Colégio Isabela, também em Belo Horizonte (ALMEIDA, 1988).

Depois que se casou, a proximidade da escritora com a intelectualidade se fez aumentar, pelo fato de ela ter se unido a um museólogo, o paulista Antônio Joaquim de Almeida. O casal tinha em comum o interesse pela história e pelo patrimônio histórico e, assim, esteve à frente de iniciativas que visavam à preservação da memória nacional, da mineira especialmente. “Segundo alguns, Lúcia e Antônio Joaquim têm papel decisivo e, segundo outros, desafiante, na condução das atividades do serviço nacional de patrimônio na região propriamente mineira” (SANTIAGO, 2010, P. 11). A afirmação do escritor Silviano Santiago consta do prefácio da reedição de *Passeio a Sabará* publicada em 2010, pela editora UFMG, pela ocasião do centenário de Lúcia Machado de Almeida. Ele também lembra a fundação do Museu do Ouro (FOTO 1), em 1946, em Sabará (MG), realização de Antônio Joaquim de Almeida, com o apoio da esposa. Esta, na função de cicerone, sempre levava turistas para conhecer o local e a cidade de Sabará (SANTIAGO, 2010). O livro de visitantes da instituição conta com assinatura de nomes do cenário cultural brasileiro e internacional, “como os pintores Guignard,

Portinari e Maria Helena Vieira da Silva, o filósofo Jean Paul Sartre e os poetas Pablo Neruda, Gabriela Mistral, Murilo Mendes e Nicolas Guillén” (SECULT, 2018).

Fotografia 1 — Museu do Ouro, fundado por Antônio Joaquim de Almeida, em 1946



Legenda: foto de divulgação do Museu do Ouro (Sabará/MG) pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). Autor: Ministério da Cultura, 13 jan. 2006.
Fonte: Wikimedia Commons⁹.

Escritor e ex-prefeito de Ouro Preto, Angelo Oswaldo, em prefácio à reedição de *Passeio a Ouro Preto* (2011), chama a atenção para outra investida de Lúcia Machado de Almeida na área do patrimônio:

Lúcia é presença luminosa na cidade que tanto amou. O museu dedicado a Guignard nasceu de sua vontade clara de dar ao artista a casa que ele sonhou apaixonadamente possuir na Vila Rica de Marília de Dirceu. A escritora reuniu objetos e documentos, desenhos e cartas de Guignard e entregou o acervo inicial do museu ao contista Murilo Rubião, presidente da Fundação de Arte de Ouro Preto, na qual se organizou a Sala Guignard. Daí veio o museu criado por Ângela Gutierrez e Priscila Freire [...] (OSWALDO, 2011, P. 10)

Além de parceiro nas causas históricas e patrimoniais, Antônio Joaquim Almeida também era irmão do poeta Guilherme de Almeida (1890-1969), presença em episódios do modernismo brasileiro, como a Semana de Arte Moderna de 1922, ao lado de Mário de Andrade (1893-1945) e Oswald de Andrade (1890-1954), e o lançamento da revista Klaxon, a “porta-voz” do movimento, como registra o *site* da Casa Guilherme de Almeida, museu dedicado à obra do poeta, com funcionamento na residência onde ele faleceu. O imóvel foi adquirido pelo

⁹ Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Museu_do_Ouro_%288365535112%29.jpg. Acesso em 6 jan. 2025.

governo do estado de São Paulo para abrigar e expor a obra do “Príncipe dos Poetas”, título que o escritor recebeu em 1959. Guilherme de Almeida é autor da apresentação do primeiro livro publicado por Lúcia Machado de Almeida, *No fundo do mar*, que ele designa como “manual infantil de oceanografia”.

Ao iniciar a carreira de jornalista, escrevendo para veículos de Minas Gerais, como os jornais Estado de Minas, Suplemento Literário de Minas Gerais, Folha da Noite Mineira, Jornal de Minas e Folha de Minas e a revista Alterosa, e de outros estados, como jornal Última Hora e revista O Cruzeiro, Lúcia Machado de Almeida manteve-se presente nos circuitos intelectuais, alcançando projeção em nível nacional, pelo envolvimento em atividades culturais diversas, pela literatura infantojuvenil e pelos livros destinados ao público em geral, como os três “passeios” por cidades históricas mineiras — *Passeio a Sabará* (1952), *Passeio a Diamantina* (1961) e *Passeio a Ouro Preto* (1970) — e o “passeio” feito no estrangeiro, o *Passeio ao Alto Minho* (1971), em que aborda a região portuguesa. Todos os “passeios” saíram pela editora Martins (SP).

Em *O ar de uma teimosia* (2020), a pesquisadora Ana Elisa Ribeiro, professora titular do Cefet-MG, observa que “os convites para colaboração em jornais e revistas feitos a ela [Lúcia Machado de Almeida] diziam respeito, portanto, não apenas ao espaço que ela conquistara como autora ‘juvenil’, mas também como mulher da cultura no estado e no país” (RIBEIRO, 2020, P. 79). Ainda no campo das indicações de passeios históricos, a autora coordenou a escrita do *Roteiro das cidades históricas de Minas Gerais* (1978), publicação da Empresa Brasileira de Turismo (Embratur).

Em 1977, a escritora lançou o livro de contos *A vida é fantástica*, uma incursão pela literatura fantástica com histórias repletas de mistérios e assombrações. Em 1949, Lúcia Machado de Almeida havia feito outra obra nessa linha, *Lendas da terra do ouro*, que saiu pela Edições Melhoramentos. É um livro com poucas ilustrações, em preto e branco, como *A vida é fantástica*, com histórias lendárias que envolvem o rio das Velhas — curso d’água que nasce em Ouro Preto e deságua no rio São Francisco, na cidade de Várzea da Palma (MG) —, as entradas dos bandeirantes, lugares e casos mal-assombrados. O rio das Velhas figura dentre os elementos que marcaram a história da família Monteiro Machado, devido à atuação empresarial do patriarca, o coronel Virgílio Machado (1852-1937), com a Companhia Viação Central do Brasil, que, durante dez anos, teve a exclusividade de fazer a navegação a vapor

pelo rio, da nascente à foz (GONÇALVES, 2020). Por isso, antes da ida para Nova Granja, onde Lúcia Machado de Almeida nasceu, a família Monteiro Machado viveu na fazenda “Fogo Pagô”, em Sabará, às margens do rio das Velhas (GONÇALVES, 2020).

A partir de 1985, já morando em São Paulo, além dos livros infantojuvenis que continuou lançando, Lúcia Machado de Almeida iniciou publicações de cunho autobiográfico, como *Menina, menina* (1985), pela editora Cultrix (SP), e *Um pouco de mim* (2002), que pela Imprensa Oficial de São Paulo. A última obra é *Amarcord & outras lembranças*, que saiu em 2005, pela Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, após a morte da escritora, ocorrida em 30 de abril do mesmo ano. *Amarcord* foi organizado pela filha do meio de Lúcia Machado de Almeida e Joaquim Antônio de Almeida, Patrícia Machado de Almeida Penido.

Lúcia Machado de Almeida teve atuação também como tradutora de obras estrangeiras para o português brasileiro. Como ex-aluna interna do Colégio Santa Maria, a escritora teve acesso ao aprendizado de outros idiomas, tendo se aprofundado no francês. “Minha educação foi entregue às dominicanas francesas de Belo Horizonte, que tantas marcas deixaram na minha personalidade. [...] Fui me impregnando do espírito francês”, disse Lúcia Machado de Almeida, em discurso proferido a uma turma de formandos da Aliança Francesa, da qual era paraninfa, conforme matéria publicada no jornal Estado de Minas de 17 de maio de 1964, Suplemento de Domingo¹⁰.

Dentre as obras que traduziu dessa língua para o português, estão “doze livros da Coleção Realejo [série infantil, lançada pela editora Ática] e o conto *Uma paixão no deserto*, de [Honoré de] Balzac”, informa Patrícia Machado de Almeida Penido, na apresentação de *Amarcord* (2005, P. 9). Lúcia Machado de Almeida era fluente também em inglês e fez a tradução de *The history of Morro Velho* (em português, *A história de Morro Velho*), 1955, de Bernard Hollowood, obra que saiu pela editora Samsom & Clark, de Londres (Inglaterra).

Fora a escrita literária, a atuação jornalística e a atuação como tradutora, Lúcia Machado de Almeida realizava um papel de “liderança cultural” em Minas Gerais, à frente de entidades associativas, como o coro Madrigal Renascentista, a sociedade Amigas da Cultura e, de forma pioneira, o Instituto Histórico Geográfico de Minas Gerais (IHG-MG), que, até a entrada da

¹⁰ Acervo da Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais.

escritora e outras três mulheres (FIG. 1) — Henriqueta Lisboa (1901-1985), Zilah Corrêa de Araújo (1916-1975) e Francisca Rodrigues Gregory —, em 1958, só teve homens como associados.

Figura 1 — Entrada de mulheres no Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais foi considerado “abalo sísmico”



Fonte: Acervo LMA do AEM/UFG. No recorte não constam data, nome do autor da matéria, local e nome do jornal. No entanto, o Acervo de LMA também contém um diploma do IHG-MG, datado 15 de dezembro de 1958.

A sociedade Amigas da Cultura foi fundada em 1953 e ainda está em atividade. Ao longo desses setenta anos, participou de discussões sobre o estruturalismo dos anos 1970, o modernismo, o barroco, a psicanálise e a interpretação de sonhos (ALMG, 2003) e contribuiu para a descoberta e a formação de talentos nas artes, como lembra o escritor Silviano Santiago.

Em meados da década de 1950, por ocasião do retorno do experimentalismo e da ousadia comportamental às atividades artísticas, os jovens boêmios [...] da geração *Complemento* tiveram os trabalhos artísticos mais arriscados e mais caros patrocinados pelas Amigas da Cultura. [...] Naqueles anos, Lúcia ganhava o *status* de ícone. (SANTIAGO, 2010, P. 13 -14, grifos do autor)

A geração Complemento diz respeito a um grupo de jovens que, em 1956, lançou a revista Complemento, para tratar de assuntos diversos. Dentre os integrantes do grupo, estava o próprio Silviano Santiago, ao lado de Ary Xavier, Ezequiel Neves, Heitor Martins e Theotônio dos Santos Júnior. A revista se destacou por possuir independência com relação aos órgãos públicos, contrariando uma prática da época, por meio da qual intelectuais mantinham vínculo estreito com os governos, muitas vezes ocupando cargos públicos (MIRANDA, 1998). Foram publicados quatro números da revista, entre 1956 e 1958 (MIRANDA, 1998).

Junto ao esposo, Lúcia Machado de Almeida exercia papel de anfitriã e cicerone a quem chegava a Belo Horizonte e procurava o casal. Cumpriram essa função para com personalidades como o modernista Mário de Andrade, a poeta Cecília Meireles (1901-1964) e o belga Leopoldo Felipe (1901-1983), que foi rei da Bélgica entre 1934 e 1951, sob o nome Leopoldo III (GONÇALVES, 2020). Hospedaram na própria casa, por um tempo, o artista plástico Alberto da Veiga Guignard (1896-1962), quando esse estava sem lugar para morar.

Da temporada que passou com o casal em Belo Horizonte, o poeta Mário de Andrade, em carta de 8 de outubro de 1944, enviada de São Paulo a Lúcia Machado de Almeida e Joaquim Antônio de Almeida, registrou:

Venho lhe agradecer a você com Lúcia a deliciosa generosidade com que me receberam aí, preciso agradecer porque sinto gratidão, só isso e desculpem. Mas foi tudo de fato muito bom, a sua casa, Sabará, a criançada, com alegria, o jantar, a noite. E os livros de Lúcia. Li de uma assentada cada. Se eu tenho alguma criança em mim essa gostou, porque eu gostei, me esqueci em naturalidade, em simplicidade, em pureza e me interessei pelos bichinhos.¹¹

A carta de Mário de Andrade foi reproduzida na página 5 da edição 914 do Suplemento Literário de Minas Gerais, de 7 de abril de 1984. A respeito dos livros mencionados na correspondência, possivelmente trata-se de *No fundo do mar* e *O mistério do polo*, publicados em 1943, tendo-se em vista que o livro seguinte, *Na região dos peixes fosforescentes*, só sairia em 1945. Também eram interlocutores de Lúcia Machado de Almeida escritores como Erico Verissimo, com quem ela aprendeu a “sociologia”, brincadeira de achar sócias de outras pessoas, famosas ou não, como a escritora contou ao jornalista Roberto Drummond, na entrevista “Quando o mundo também é criança”, publicada em 1969, pelo jornal Estado de

¹¹ SLMG, 7 abr. 1985, p. 5. Acervo da Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais.

Minas e republicada pelo SLMG de 7 de abril de 1984, na página 9; e os poetas Carlos Drummond de Andrade; Henriqueta Lisboa; e Laís Corrêa de Araújo, para citar alguns.

Em 1952, artigo intitulado “A embaixatriz do país das Gerais” (FIG. 2), assinado por Christina, no Diário de São Paulo, assim se refere à influência de Lúcia Machado de Almeida sobre o cenário cultural do estado:

Duas ou três vezes ao ano, com intervalos que os amigos, em sua admiração e afeto incondicionais, julgam infinitamente longos, Lúcia Machado de Almeida visita o Planalto. Sua ausência deve abrir silêncio, deve deixar saudosa a cidade de Belo Horizonte. Porquanto, nos meios intelectuais e artísticos da capital mineira, Lúcia é figura de primeira grandeza. Nenhum movimento cultural realmente significativo é ali levado a efeito sem a sua participação entusiasta, inteligente, imparcial. Ela planeja, ela estimula, ela lidera iniciativas e vanguarda, para cujo êxito não poupa esforços nem impõe restrições à sua capacidade de orientação e devotamento. (CHRISTINA, 1952)¹²

Figura 2 – Texto do jornal Diário de São Paulo, de 1952, sobre a liderança cultural de Lúcia Machado de Almeida



Fonte: recorte de jornal sem o cabeçalho, com o nome do jornal escrito a mão, assim como o ano da publicação. Acervo de LMA no AEM/UFGM.

Quando, em 1984, Lúcia Machado de Almeida e Antônio Joaquim de Almeida anunciaram que se mudariam para São Paulo, para ficarem mais próximos dos filhos que lá viviam, o

¹² Acervo LMA, AEM/UFGM.

Suplemento Literário de Minas Gerais prestou homenagem à escritora dedicando-lhe uma edição inteira, com doze páginas, sob o nome “Lúcia Machado de Almeida, estrela guia”. No texto de apresentação, o escritor Angelo Oswaldo, responsável pelo número, escreveu:

Lúcia Machado de Almeida é, antes de tudo, uma mulher dotada de raro encantamento. Vem de seu charme o fascínio com que enreda as novelas infantis e projeta toda a magia das cidades antigas de Minas. Sua desenfreada imaginação, como ela própria a adjetiva, é fruto de um espírito singular, que está no mundo acima de qualquer circunstância para comunicar intensa e contagiante alegria de viver. Tanto assim que história e fantasia são a matéria de Lúcia Machado de Almeida, natural e espontaneamente tratadas como processos em permanente correção. A autora consagrada para crianças e roteiros de cidades históricas, que somaram, ano passado, um milhão de exemplares vendidos, é também a personalidade em torno da qual tem gravitado a vida cultural de Belo Horizonte. (OSWALDO, 1984, P. 1)

No texto, Angelo Oswaldo ressalta o perfil anfitrião de Lúcia Machado de Almeida e Antônio Joaquim de Almeida, o que lhes rendeu o título de “casal mais civilizado de Minas”, dado pelo arquiteto Lúcio Costa (1902-1998), responsável pelo projeto do Plano Piloto de Brasília. A edição especial contou com texto biográfico sobre a escritora, poemas de Laís Corrêa de Araújo e de Cecília Meireles feitos para ela, reprodução de cartas endereçadas a Lúcia Machado de Almeida, comentários de outros escritores sobre a obra da autora, resenhas, entrevistas, fotos e trechos da obra de Lúcia Machado de Almeida.

Ainda se poderia discorrer nesta Introdução a respeito de outras frentes em que houve atuação de Lúcia Machado de Almeida, como a construção do edifício Niemeyer, na Praça da Liberdade, em terreno de propriedade da escritora, que herdou do pai um “castelinho” existente no local. No início dos anos 1950, para levantar recursos e interessada na arquitetura modernista que despontava em Belo Horizonte, tendo o Conjunto Arquitetônico da Pampulha, inaugurado em 1943, como principal ícone, a escritora convidou o arquiteto Oscar Niemeyer (1907-2012) para fazer o desenho do prédio que pretendia construir. Além disso, empenhou-se junto a conhecidos da sociedade mineira para que adquirissem apartamentos no futuro imóvel, a fim de custear as obras (GONÇALVES, 2020). O empreendimento foi bem-sucedido, e o prédio está até hoje no local, sendo um dos símbolos da praça, ao lado dos outros, de arquitetura eclética.

Porém, o intuito aqui não é fazer a biografia de Lúcia Machado de Almeida, e sim trazer elementos identificados ao longo da pesquisa que possam colaborar na compreensão da

personalidade literária constituída na escritora e do que a circundava e se tornava objeto de seu interesse, podendo frequentar as páginas dos livros que ela escrevia.

Na investigação sobre a obra de Lúcia Machado de Almeida, conduzida desde o projeto inicial para ingressar no mestrado até o momento de escrita deste trabalho, determinados aspectos chamaram a atenção. O primeiro deles é a presença da ciência, em alguma medida, nos textos da escritora, principalmente aqueles voltados para crianças e adolescentes. Para incluir dados de natureza científica nas obras, a escritora se baseava em informações extraídas de livros especializados, revistas, noticiário e conversas com os familiares da área científica, por exemplo. O sobrinho Ângelo Machado e o filho, Fernando Almeida, engenheiro aeronáutico, eram os dois principais colaboradores de Lúcia Machado de Almeida, fornecendo-lhe explicações e informações científicas sobre bichos, máquinas e inovações tecnológicas, como esta pesquisa identificou, a partir do exame dos manuscritos e da obra da escritora.

A ciência aparece nas obras da escritora de forma direta, em paratextos, como notas de rodapé explicativas de pontos citados por ela ao longo das histórias, ou na bibliografia colocada ao final dos livros, ou indireta, na descrição de animais e ambientes, de funcionamento de máquinas, de procedimentos ou de substâncias dentro da própria história. Por exemplo, a apresentação que faz do Polo Norte na abertura da história “O mistério do polo”, do livro homônimo, de 1943:

Como é fria a água do Polo Norte, meu Deus! Aliás, isso é natural, porque naquela zona o mar vive coalhado de enormes pedaços de gelo que ficam boiando. [...] Até as montanhas da praia são cobertas de uma capa gelada de alvura deslumbrante! É nessas praias que moram aqueles pássaros gozadíssimos que andam em pé, chamados pinguins. Como são engraçados com aquela barriga branca, asas e costas pretas! Até parece que estão de casaca... (ALMEIDA, 1943b, P. 31)

A ciência também está presente na ficção científica criada pela escritora para títulos como *Xisto no espaço* (1963; 1967), *Spharion* (1979) e *O asteroide* (1995), dentre outros.

Outro ponto que se destacou ao longo da investigação é a forma como a escritora empregou recursos estéticos da fábula para construir as obras que têm animais como personagens. Há uma série de livros de Lúcia Machado de Almeida em que a condução das narrativas ocorre por meio de bichos de espécies diferentes, os quais falam com o idioma próprio deles,

exercem profissões, resolvem mistérios etc. Dos títulos em que a fábula está presente, destacam-se os três que compõem a trilogia marinha, os primeiros publicados pela autora.

Observou-se, então, que, em meio às histórias fabulares ou de ficção científica, Lúcia Machado de Almeida tocava em fatos da realidade contemporâneos a ela, em especial a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e a Guerra Fria (1947-1991). E foram esses dois aspectos que se tornaram o foco desta pesquisa, que investigou como, nas fábulas e na ficção científica, a escritora abordou situações que geravam tensão no mundo, como os embates da guerra, a explosão da bomba atômica ou a corrida espacial travada entre Estados Unidos e União Soviética no contexto da Guerra Fria.

Para dissertar sobre esse problema, no primeiro capítulo, *Literatura infantil no Brasil: um nascimento sob demanda*, realizou-se uma contextualização do surgimento da literatura para crianças e adolescentes no Brasil, para se entender em que momento da literatura infantojuvenil brasileira Lúcia Machado de Almeida estava escrevendo. Aliás, é melhor dizer iniciando a escrita, uma vez que a autora tem obra que ocupa largo espaço temporal, indo de 1943 a 1995, considerando-se apenas os textos para crianças e adolescentes, e até 2002, contando também a obra para o público adulto. Portanto, seria inviável, neste trabalho, um recorte que abrangesse todo o percurso da literatura infantojuvenil ao longo do século 20. Limitou-se a tratar das duas primeiras fases das produções para crianças e adolescentes no Brasil, que vai da virada do século 19 para o século 20 até a década de 1960, conforme divisão proposta por Lajolo e Zilberman (2022).

Lúcia Machado de Almeida inicia a escrita para o público infantojuvenil em 1943, em uma nascente literatura brasileira para crianças e adolescentes brasileiros. Até o final do século 19, o que havia no Brasil para crianças e adolescentes eram predominantemente obras importadas e traduzidas ou obras que não eram exatamente para esse público, mas eram por ele apropriadas. Tendo Monteiro Lobato como expoente nas iniciativas para que se fizesse uma literatura brasileira para crianças e adolescentes brasileiros, essa literatura nasce a partir do anseio da sociedade, principalmente, dos educadores, para que houvesse produção nacional no segmento. Os livros de Lúcia Machado de Almeida surgem no que Regina Zilberman e Marisa Lajolo (2022) denominaram “segunda fase” da literatura infantojuvenil brasileira.

Diante da abrangência de atuação da escritora, optou-se por não fazer recorte temporal para a definição de quais trabalhos dela seriam estudados, mas, sim, recorte temático. Foram selecionadas obras que, ao se utilizar da fábula ou da ficção científica, mencionavam episódios da realidade contemporâneos à escrita, do início ou do final do século.

Estar diante de possibilidades diferentes de pesquisa é tentador, porque é sempre doloroso para a pesquisadora deixar algo para trás, no entanto, como assinalou a antropóloga e professora Debora Diniz, em *Carta de uma orientadora* (2024), é preciso fazer esse tipo de escolha. “Nosso leque de interesses e desejos de pesquisa é maior que nossas condições efetivas de explorá-lo. [...] Há um conselho que ouvirá de mim e de quem mais conversar sobre isso: ‘Reduza seu tema de pesquisa, deixe-o mais específico’” (DINIZ, 2024). E foi isso o que se tentou fazer com a proposta do recorte temático.

No segundo capítulo, *Do mar: fábula nas profundezas, guerra na superfície*, a discussão aborda obras de Lúcia Machado de Almeida que apresentam duas características: serem escritas com o emprego de elementos da estética da fábula para a composição dos personagens, dos diálogos e da narrativa; e serem histórias que fazem referências a acontecimentos da realidade contemporâneos à escrita. Assim, nesse segundo capítulo, foram escolhidos os livros: *No fundo do mar*, *O mistério do polo* e *Na região dos peixes fosforescentes*. Todos têm como cenário o ambiente marinho — e, às vezes, o fluvial —, e a protagonista da maioria das histórias é a Piabinha, inspirada nos peixinhos da infância de Lúcia Machado de Almeida. As histórias que compõem esses livros trazem o olhar dos bichos da fauna aquática sobre os fatos que se passam na superfície, com destaque para aqueles que afetam as águas, como afundamento de navios, presença de submarinos, explosivos, minas etc., em uma referência ao contexto de guerra, já que os textos saem entre 1943 e 1945.

No terceiro capítulo, *Do céu: ficção científica lado a lado com a corrida espacial*, a dissertação trata da presença da ficção científica nas obras de Lúcia Machado de Almeida, tendo-se em vista a “descoberta” do espaço desencadeada pelos avanços da União Soviética e dos Estados Unidos em direção ao céu, em uma disputa por demonstração de poder. Mesmo após o fim da Guerra Fria, a temática do espaço se manteve presente na literatura para adolescentes feita pela escritora, que incluiu nos textos outros avanços técnico-científicos contemporâneos, como as armas nucleares, a radioatividade, o raio *laser* etc. Nesse capítulo,

foram analisados os livros: *Xisto no espaço*, *Xisto e o Saca-Rolha*, *Spharion*, *Xisto e o pássaro cósmico*, *O falcão de penas salpicadas* e *O asteroide*.

No quarto e último capítulo, parte-se para a Conclusão, em que se faz uma avaliação da investigação com apontamentos sobre as conclusões que foram possíveis a partir das investigações documentais e bibliográficas realizadas. Também são discutidas as formas como este trabalho contribuiu ou pode contribuir para a construção de conhecimento de forma inter e multidisciplinar, abrangendo campos como literatura, arquivos, história e jornalismo.

Os referenciais teóricos utilizados nesta pesquisa atravessam áreas distintas do conhecimento, embora existam entre elas pontos de intersecção. Sendo assim, no segmento literatura infantojuvenil, recorreu-se prioritariamente, mas não só, aos trabalhos de Marisa Lajolo e Regina Zilberman, duas pesquisadoras brasileiras que há décadas investigam o tema, publicando em parceria e também separadamente trabalhos indispensáveis para a compreensão de como se deu a evolução da literatura destinada a crianças e adolescentes no Brasil. Esta dissertação se utiliza, como fio condutor, de conceitos, explicações, exemplos e análises de duas obras das autoras: *Literatura infantil brasileira: história & histórias* (2022) e *Literatura infantil brasileira: uma nova outra história* (2017). O primeiro desses livros traça o percurso do gênero no Brasil, desde antes das primeiras produções locais até o início do terceiro milênio. O segundo oferece observações sobre as tendências mais recentes na literatura infantojuvenil, principalmente devido às mudanças provocadas pela inserção das imagens, da virtualidade e de novas temáticas. *Literatura infantil brasileira* (2011), clássico de Leonardo Arroyo publicado em 1968, também está presente como referencial, pelo valor da obra em si e por ser contemporânea ao momento de escrita de parte dos livros analisados na investigação que resultou nesta dissertação. Recorreu-se ainda à obra *Literatura infantil: teoria, análise, didática*, de Nelly Novaes Coelho, outra das principais estudiosas do gênero no país.

Como esta investigação se apoiou em grande parte na leitura da correspondência de Lúcia Machado de Almeida, houve a contribuição da obra *Cartas que falam* (2023), de Leandro Garcia Rodrigues, e do texto “Sonorosa dona Lúcia: cartas de Cecília Meireles a Lúcia Machado de Almeida” (2018), de Ana Amélia Neubern Batista Reis, para analisar o papel desse tipo de documento nos estudos literários.

Os livros de Marisa Lajolo e Regina Zilberman e de Nelly Novaes Coelho também foram de importância no capítulo dois, para o entendimento do gênero fábula. Nesse aspecto, outro referencial teórico foi *A tradição da fábula* (2018), organizado por Maria Celeste Consolin Dezotti, e *Animalidades: zooliteratura e limites do humano* (2023), de Maria Esther Maciel, além da obra do argentino Juan Carlos Dído, *Teoría de la fábula* (2009). Esses títulos trazem visões diferentes do gênero, além de fazerem um retrospecto da fábula no mundo.

No segundo e no terceiro capítulos, o referencial para tratar dos eventos ocorridos no século 20 é a obra *Era dos extremos: o breve século XX – 1914-1991* (1995), do historiador inglês Eric Hobsbawm. Coincidentemente, a obra abarca o período da primeira publicação em jornal feita por Lúcia Machado de Almeida — poema “Desencanto”, no jornal Estado de Minas, em 1924 — e o início da década da última produção da escritora para o público juvenil, *O asteroide*, lançado em 1995. A obra *A condição humana* (1997), de Hannah Arendt, aparece nas discussões sobre avanços científicos e antecipação na ficção científica. Neste último tema, usou-se, principalmente, o trabalho de Fátima Régis de Oliveira, *Como a ficção científica conquistou a realidade: tecnologias de informação e mudanças na subjetividade* (2006), para traçar um histórico desse gênero no mundo.

Ao tratar do tema guerra e literatura, a colaboração principal veio da pesquisa de Patrícia Munhoz, autora da tese de doutorado *A influência da Segunda Guerra Mundial na produção literária de Saint-Exupéry* (2014). O livro *Dystopia: a natural history* (2017), de Gregory Claeys, junto da tese de doutorado de Alexandre da Silva Carvalho, *Literatura distópica juvenil: da tessitura do texto ao tecido social* (2022), ofereceu embasamento na abordagem da relação entre distopia e literatura. Por último, já na conclusão, recorreu-se à obra de Richard Dawkins, *Desvendando o arco-íris* (2000), para fomentar a discussão sobre a colaboração estética da ciência na produção literária.

Do ponto de vista metodológico, a investigação se baseou na pesquisa bibliográfica e na documental. Na bibliográfica, buscou-se a fortuna crítica de Lúcia Machado de Almeida, fonte que, infelizmente, ainda é escassa. Porém, as obras que existem colaboraram fundamentalmente neste trabalho, são elas: *Lúcia Machado de Almeida: uma vida quase perfeita* (2020), de Régis Gonçalves, única biografia da escritora feita até o momento; a tese de doutorado *À sombra da Vaga-Lume: análise e recepção da Série Vaga-Lume* (2007), de Cátia Toledo Mendonça, que faz importante análise da contribuição da ciência na obra de

Lúcia Machado de Almeida, quando publicada pela editora Ática dentro da série Vaga-Lume; o livro *O ar de uma teimosia* (2020), de Ana Elisa Ribeiro, que discute a produção literária de Lúcia Machado de Almeida do ponto de vista editorial.

Em busca de textos que tratassem da obra e da vida de Lúcia Machado de Almeida, a investigação contou com a contribuição também dos prefaciadores de obras da escritora, como Silviano Santiago, que prefaciou a edição de 2010 de *Passeio a Sabará*, e de Angelo Oswaldo, que assinou o prefácio de *Passeio a Ouro Preto*, em 2011. Junto de *Passeio a Diamantina*, os dois volumes saíram em nova edição, com desenhos de Alberto da Veiga Guignard, lançada pela editora UFMG em celebração ao centenário da escritora.

Na pesquisa documental, a fonte principal de estudos foi o Acervo Lúcia Machado de Almeida (LMA) no Acervo de Escritores Mineiros (AEM), onde estão localizados retratos, recortes de jornais, documentos, medalhas, placas, diplomas, cartas, manuscritos, originais datilografados, livros, quadros e mobiliário que pertenciam à escritora e que foram doados pela filha do meio de Lúcia Machado de Almeida, Patrícia Machado de Almeida Penido, em 2009 (AEM, 2009). O fundo da escritora no AEM constitui-se de mais de mil itens, sendo a maior parte (998) da série “Produção intelectual de terceiros” e 331 da série “Correspondência” (AEM, 2009). Esse material, ao longo da pesquisa realizada, estava acondicionado na Biblioteca Universitária da UFMG, na Praça de Serviços do *campus* Pampulha, em Belo Horizonte. Porém, em breve será transferido para o prédio que está em construção como anexo da Faculdade de Letras (Fale), onde passará a funcionar o AEM (UFMG, 2024), também no *campus* Pampulha.

A investigação em um acervo, no caso, um acervo literário, é revestida de emoção, pela proximidade com os materiais tocados, guardados, lidos e produzidos pelo autor que é objeto de estudo da pesquisadora, e também de frustração, ao não se localizar determinada peça fundamental em um quebra-cabeça que parece nunca se completar. Um dos responsáveis pela organização do arquivo de LMA, Reinaldo Marques, em *Crítica e coleção* (2011), alerta para o “risco” do arquivo, no duplo sentido da palavra: “ameaça e perigo” e “traçado, estrutura, projeto” (MARQUES, 2011, P. 192):

Assim, em seu aspecto ameaçador, um arquivo pode remeter talvez a um excesso ou carência documental, vinculados à dimensão do passado; entretanto, enquanto traçado, projeto, pode conter a ideia de futuro, colocando-nos frente a novas

possibilidades de tratamento do arquivo, a novas ordens de leitura e interpretação de seus documentos. (MARQUES, 2011, P. 192)

Além disso, o professor destaca a heterogeneidade dos arquivos, formados de todo tipo de resíduos, alguns dos quais, como garrafas de bebidas, contas, canetas, não se enquadram nas classificações comuns do segmento arquivístico, mas que, no entanto, não deixam de integrar aquele acervo. “Enfim, uma gama variada de elementos que persistem como restos de arquivos literários e culturais rebeldes à classificação, ao ordenamento, à localização, à guarda por parte de seus arcontes” (MARQUES, 2011, P. 193). Esses objetos, que “denunciam o caráter arbitrário e convencional de qualquer ordem, catalogação, taxonomia” (MARQUES, 2011, P. 194) devem ser considerados, mesmo diante da indefinição acerca do lugar que ocupam, por serem “ruínas do trabalho da escrita” e por demandarem “leituras e interpretações que os redimam das frias lajes do esquecimento” (MARQUES, 2011, P. 194).

Florencia Garramuño, sobre a “ameaça” que o arquivo representa, registra: “O arquivo possibilita a memória, mas está sempre atentando contra as memórias já construídas, contra as histórias já contadas, posto que em suas prateleiras e estantes pode sempre morar escondido um documento ou objeto que desdiga ou corrija essas histórias” (GARRAMUÑO, 2011, P. 207). Outro alerta sobre o trabalho com arquivo vem de Maria Luiza Tucci Carneiro, que assinala:

[...] todo arquivo é uma *invenção* e toda narrativa é uma *construção* composta por um conjunto de documentos selecionados por um grupo e/ou indivíduo que lhes dá forma e conteúdo. Assim tanto o arquivo como a narrativa podem transitar entre as fronteiras do real e da ficção, sob o viés da história, da literatura, da técnica, das artes visuais (fotografia, artes plásticas, cinema), dentre outros campos do conhecimento. (CARNEIRO, 2011, p. 328, grifos da autora)

Vê-se, então, que é complexa a tarefa de explorar arquivos em busca de respostas, de entendimento sobre determinados pontos pouco narrados, sobre as muitas relações que envolvem o objeto de pesquisa. No caso de Lúcia Machado de Almeida, o contato com os “resíduos” presentes no acervo do AEM trouxe importantes informações, que elucidaram questões a respeito da produção literária e da vivência da escritora no meio cultural onde se projetou, além de dados biográficos que eram ainda desconhecidos.

Porém, houve também o encontro com o vazio, inexplicável muitas vezes. Um exemplo é a biblioteca da escritora no AEM. São pouco mais de quarenta exemplares, sem nenhuma

primeira edição das obras que ela publicou. “Mas como pode? Uma mulher que sabia tanto, que importou revistas, livros dos Estados Unidos, da França, para escrever obras para as crianças e adolescentes ter só isso na biblioteca?”. Questões que frequentavam o pensamento da pesquisadora ao longo do trabalho de investigação, que incluía saber o que a autora lia, porque era mulher com competência no âmbito das ciências da natureza, e esse perfil não era comum na primeira metade do século 20 no Brasil. As pistas das leituras de Lúcia Machado de Almeida estavam registradas no final dos livros da escritora, onde havia a bibliografia que ela havia utilizado para se fundamentar e escrever. Então, onde estão esses materiais que a escritora consultava?

Primeiro, soube-se de uma inundação que teria atingido a fazenda de Nova Granja, onde Lúcia Machado de Almeida chegou a morar novamente assim que se casou, por um tempo curto, de 1933 a 1934, ano em que a fazenda foi vendida (GONÇALVES, 2020). Com essa inundação, a maior parte dos livros e outros guardados teria se perdido. Depois, em 19 de setembro de 2024, em conversa informal, por telefone, com uma das netas da escritora, Patrícia de Almeida Penido, soube-se que houve, de fato, uma enchente que destruiu livros, mobiliários, jornais e outros guardados de Lúcia Machado de Almeida e Antônio Joaquim de Almeida, mas não em Nova Granja, e sim em São Paulo, em 1985.

Como o casal possuía muita coisa, especialmente livros, não havia espaço para tudo no apartamento onde os dois foram residir em São Paulo. Com isso, alugaram um depósito, e foi esse o local atingido pela enchente que danificou o material. De acordo com Patrícia de Almeida Penido, eram muitos livros, os de interesse do casal e os que os dois ganhavam pelo fato de serem anfitriões de escritores, artistas e outras personalidades em Belo Horizonte. A neta de Lúcia Machado de Almeida também relatou que o acervo que restou foi dividido entre os três filhos do casal e que apenas a parte que cabia à mãe de Patrícia de Almeida Penido, Patrícia Machado de Almeida Penido, é que foi doada ao AEM.

Com relação às leituras de Lúcia Machado de Almeida, foi possível, em materiais diversos dos acervos pesquisados, como cartas, discursos, artigos e entrevistas, localizar citações da autora a livros que estava lendo, que já tinha lido ou que se tornaram referenciais para ela. Devido à formação em internato junto às freiras francesas e, com isso, à facilidade conquistada nesse idioma, há uma maioria de autores franceses nas menções da escritora a textos por ela lidos. No já citado discurso de paraninfa de uma turma de formandos em

francês, sobre o qual foi publicada matéria no jornal Estado de Minas de 17 de maio de 1964, Suplemento de Domingo, a autora, além de mencionar a leitura do francês Júlio Verne (1828-1905), afirma que *Voyage autour de ma chambre* (1794), do francês Xavier de Maistre (1763-1852), marcou-lhe a adolescência e influenciou-lhe na formação intelectual. E cita, ainda, Charles Perrault (1628-1703), por meio de quem a “imaginação de criança” de Lúcia Machado de Almeida “teve os primeiros contatos com o feérico” (ALMEIDA, 1964b). O francês é autor das histórias *Chapeuzinho Vermelho*, *A Bela Adormecida*, *O gato de botas* e *Pequeno Polegar*, dentre outras. “Foram os primeiros companheiros espirituais da menina solitária que eu fui” (ALMEIDA, 1964b). No mesmo jornal, em suplemento especial publicado em 10 de maio de 1964, dedicado ao Dia das Mães, Lúcia Machado de Almeida refere-se à condessa de Ségur (1799 a 1874) — Sophie Feodorovna Rostopchine —, escritora russa que passou a maior parte da vida na França, onde constituiu família e publicou histórias infantojuvenis, como *A irmã do inocente*, *Memórias de um burro* e *O gênio do mal*. Os textos de condessa de Ségur tinham crianças como protagonistas e finais em que o bem vence o mal (AZEVEDO, 2021).

A escritora mineira era também leitora do francês André Maurois (1885-1967), autor que cita em artigos sobre a literatura infantojuvenil, por ele sugerir que os jovens leiam os clássicos o quanto antes (ALMEIDA, 1975). Lúcia Machado de Almeida mencionava, ainda, o filósofo francês Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), o que será visto mais detalhadamente no terceiro capítulo. A autora se referiu a muitos outros autores franceses, como Alphonse Daudet (1840-1897) — com elogios: “e que delicioso escritor, fluente, poético, brilhante e natural” (ALMEIDA, 1975, P. 6) —; o surrealista André Breton (1896-1966); o teólogo Teilhard de Chardin (1881-1955); e Marguerite Duras (1914-1996), mencionada ao lado de Milan Kundera (1929-2023), em carta a Laís Corrêa de Araújo, datada de 18 de julho de 1985, enviada de São Paulo.

Escreve a criadora de Xisto: “Ainda não retomei meu ritmo normal de vida e leio muito (*A insustentável leveza do ser*, de Kundera, e *O amante*, de Marguerite Duras)”¹³ (grifos nossos). Milan Kundera era de naturalidade tcheca, mas perdeu a cidadania por questões políticas e se exilou na França a partir de 1975, até morrer, em 2023 (JORNAL HOJE, 2023).

¹³ Acervo Laís Corrêa de Araújo, AEM/UFMG.

Escritores de outras nacionalidades além da francesa também faziam parte do repertório da autora mineira. Em carta a Laís Corrêa de Araújo, de 27 de outubro de 1986, Lúcia Machado de Almeida conta que leu *O amor em tempos de cólera*, de Gabriel García Márquez (1927-2014), e elogia o escritor colombiano: “O cara é mesmo fabuloso!”¹⁴. Porém, confessa não ter se apaixonado pelo livro, preferindo *O nome da rosa*, do italiano Umberto Eco (1932-2016). No artigo “Minha experiência com a literatura infantil”, publicado no SLMG, Lúcia Machado de Almeida cita o filósofo inglês Marshall McLuhan (1911-1980) (ALMEIDA, 1975), que desenvolveu o conceito de “aldeia global”, pelo qual ele defende que o desenvolvimento dos meios eletrônicos levaria à retomada de certas características das sociedades orais (BARBOSA, 2019). “Esse fenômeno é o que o autor denomina de Aldeia Global. Em uma aldeia, todos estão conectados, porque o que acontece com qualquer membro da comunidade afeta a todos” (BARBOSA, 2019, P. 8). No artigo do SLMG, a escritora mineira menciona, ainda, a sueca Maria Gripe (1923-2007), que escrevia para o público infantojuvenil e conquistou o almejado Prêmio Hans Christian Andersen em 1974 (ALMEIDA, 1975).

Lúcia Machado de Almeida acompanhava, ainda, a literatura nacional, principalmente os escritos dos amigos que compunham o seu círculo. Na biblioteca da autora no AEM/UFMG, há obras de Frei Betto, Abgar Renault (1901-1955), Guilherme de Almeida, Emílio Moura (1902-1971), Pedro Nava, Humberto Werneck, Murilo Mendes (1901-1975), Tácito de Almeida (1889-1940) — cunhado de Lúcia Machado de Almeida, irmão de Antônio Joaquim de Almeida —, Afonso Arinos de Mello Franco (1905-1990), Marisa Lajolo, Nelly Novaes Coelho e Paulo Monteiro Machado, irmão de Lúcia Machado de Almeida.

Outra ausência sentida no acervo do AEM é quanto aos jornais para os quais Lúcia Machado colaborou ao longo de sessenta anos. Existem no arquivo recortes, cadernos em que a escritora colava matérias e notas jornalísticas, principalmente das décadas de 1940 e 1950, ficando esses recortes mais esparsos e soltos à medida que se aproximava o final do século 20, ou à medida que foram aumentando em quantidade, por Lúcia Machado de Almeida ter se tornado mais conhecida. Isso pode ter tornado mais difícil o controle, o recolhimento e o arquivamento desses textos. Entretanto, essas colagens nos cadernos relacionam-se mais a registros em que Lúcia Machado de Almeida era citada como autora de livros ou participante de eventos culturais e menos à produção dela na imprensa. A dúvida permanece: se foi tão

¹⁴ Acervo Laís Corrêa de Araújo, AEM/UFMG.

intensa e para tantos jornais a colaboração de Lúcia Machado de Almeida ao longo dessas décadas, por que esses registros não ficaram guardados, assim como estão os que têm a escritora como notícia? E onde estão as outras reportagens, já que ela lançou livros até 2002?

Essas são questões que exemplificam as derivações que podem existir a partir da investigação em acervos literários. Nem todas as perguntas puderam ser respondidas, mas ao menos foi possível recuperar reportagens, notas e notícias sobre a escritora por meio do acervo das hemerotecas, outro suporte documental a esta pesquisa. A fonte principal nesse caso foi a Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital (BNDigital)¹⁵, que possibilita a consulta e o acesso *on-line* a jornais do país inteiro, entre os anos 1740 e 2024. Também se consultou o acervo da Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais, que, todavia, só permite o acesso aos arquivos presencialmente, com exceção dos números do SLMG¹⁶, que podem ser acessados *on-line* e que foram de grande importância para esta pesquisa.

Os recortes de jornais que se encontram no Acervo LMA no AEM apresentaram, em muitos casos, um grande desafio de pesquisa: a autora — ou outra pessoa que tenha feito o arquivamento para ela — recortava os cabeçalhos e o restante da página, deixando apenas a matéria ou nota em que o nome dela aparecia. E nem sempre o registro do nome do jornal, do autor do texto, da data e da página de veiculação era transcrito, ou no próprio recorte ou nos cadernos onde alguns desses pedaços de jornal foram colados. Foi preciso um esforço para tentar localizar o que não estava identificado, e a tarefa não foi bem-sucedida muitas vezes.

Isso porque a maior parte da busca foi feita na plataforma da Hemeroteca da BNDigital, que dá opção de pesquisa com o emprego de palavras-chave. Entretanto, a plataforma não dispõe de todos os veículos de comunicação do país nem de todas as edições dos jornais e revistas que lá estão armazenados. Algumas foram localizadas, outras tantas, não. No caso do acervo do SLMG, não há opção de busca por palavras-chaves, então foi analisada cada edição disponível no acervo *on-line*. Quando os locais de onde os recortes foram tirados não foram mesmo encontrados, houve uma tentativa de aproximação temporal da data em que a publicação saiu, conforme a temática de que tratava e as circunstâncias constantes do texto. Essas situações foram registradas ao longo da dissertação.

¹⁵ <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

¹⁶ <https://www.bibliotecapublica.mg.gov.br/suplemento-literario/>

Na análise da correspondência de Lúcia Machado de Almeida, houve outro problema de pesquisa. No acervo da escritora no AEM, constam cartas recebidas por ela, ou seja, a correspondência passiva, sendo a maioria — setenta e oito — de autoria da poeta Cecília Meireles, enviadas de 1944 a 1963. Essas cartas, pelo teor e pelo grau de amizade que revelam existentes entre as duas escritoras, foram objeto de interesse e constituem uma seção da dissertação. Porém, não se teve acesso à correspondência ativa de Lúcia Machado de Almeida para Cecília Meireles pelo fato de o acervo pessoal da escritora fluminense ainda não ter sido aberto para pesquisa.

Com relação à correspondência ativa de Lúcia Machado de Almeida, investigou-se a que foi enviada à escritora e jornalista Laís Corrêa de Araújo, com quem trocou cartas pelo menos de 1969 a 1994, que são os anos entre a primeira e a última das 21 cartas de Lúcia Machado de Almeida a Laís Corrêa de Araújo constantes do Acervo Laís Corrêa de Araújo no AEM. Não se sabe se não houve outras anteriores e/ou posteriores ou, caso tenham existido, se foram perdidas ou não enviadas ao AEM. A correspondência de Laís Corrêa de Araújo, no Acervo LMA no AEM, é ainda em menor número, seis, sendo que uma delas é para Patrícia, filha de Lúcia Machado de Almeida. Da mesma forma, não se sabe se não houve outras ou, se tiverem existido, perderam-se ou não foram destinadas ao AEM. As cartas de Lúcia Machado de Almeida para Laís Corrêa de Araújo foram objeto de interesse para a pesquisa, porque nelas a escritora revela projetos, tópicos sobre a gênese das obras, modos de pensar sobre assuntos gerais e as próprias obras e as obras de outros, temas que importam para os estudos literários.

Antes de encerrar esta Introdução, uma nota sobre ausências que podem ser sentidas ao longo da leitura desta dissertação, no que diz respeito às obras de Lúcia Machado de Almeida. Trata-se de *best-sellers* como *Atíria, a borboleta* (1951), que se tornou *O caso da borboleta Atíria* (1975), quando a obra saiu da Edições Melhoramentos e passou a integrar a série Vaga-Lume, da editora Ática, e *O escaravelho do diabo* (1956), que saiu primeiro em folhetim, na revista O Cruzeiro (RJ), e depois, em 1974, também passou a ser editado dentro da série Vaga-Lume, da Ática. Embora a história de *Atíria* se enquadre no gênero fábula, como as da trilogia marinha, e tenha registros da precisão da escritora com a informação científica, optou-se pelo recorte daqueles enredos que tinham os ambientes aquáticos como cenário e que faziam menções às situações de guerra que ocorriam nos espaços não submersos.

Isso não dispensou o estudo dos títulos de Atíria. A primeira edição de *Atíria, a borboleta*, a edição após a ida para a Vaga-Lume e *Atíria na Amazônia* (1992), publicada pela Salamandra (RJ), foram lidas e analisadas ao longo da pesquisa, para que se tomasse a decisão de não incluí-las nesta dissertação, porque isso demandaria a abertura de outra abordagem, ampliando o objeto de estudo. Pelo mesmo motivo, *O escaravelho do diabo*, que foi analisada nos formatos de folhetim e livro, não fez parte do grupo de obras discutidas na dissertação. *O escaravelho do diabo* é uma história policial, com investigação desencadeada a partir de assassinatos em que, como pista, o criminoso deixa no local da morte um tipo de besouro. Como em outras obras de Lúcia Machado de Almeida, nessa também há fidelidade às informações científicas, o que se constituiu uma marca da autora. O título fez tamanho sucesso quando saiu em folhetim na revista O Cruzeiro, em 1956, que chamou a atenção da Ática e foi o primeiro de Lúcia Machado de Almeida a ser lançado dentro da série Vaga-Lume. Em 2016, *O escaravelho do diabo* recebeu versão em longa-metragem, produzido pela Globo Filmes, com direção de Carlos Milani (GLOBO FILMES, 2016). Foi a primeira obra da Vaga-Lume adaptada para o cinema. Pela riqueza de elementos que a série de Atíria e *O escaravelho do diabo* possuem, essas obras merecem dedicação à parte, o que pode ser feito em outro momento.

Por último, registra-se que, embora Lúcia Machado de Almeida tenha atravessado muitas fronteiras a partir do trabalho literário, das atividades jornalísticas e culturais, do relacionamento no meio intelectual, do reconhecimento junto ao público e à crítica, não se completaram ainda vinte anos da morte da escritora — o que ocorrerá neste 2025 — e, no entanto, parece que o tempo já foi suficiente para que ela passasse a ser cada vez menos lembrada. Ao comentar sobre o “esquecimento” do nome de Lúcia Machado de Almeida, a pesquisadora Ana Elisa Ribeiro usa o termo “rarefação” (RIBEIRO, 2020, P. 74), que traduz bem o quadro. É de se estranhar que isso aconteça e de se tentar remar contra esse movimento, quaisquer que sejam os motivos, os quais, por delimitação de tema, não puderam ser investigados nesta pesquisa. E uma forma de remar contra o esquecimento do nome e da obra de Lúcia Machado de Almeida é estudá-los e colocá-los em debate nas muitas áreas do conhecimento em que a escritora teve atuação, como foi feito nesta dissertação.

1. LITERATURA INFANTIL NO BRASIL: UM NASCIMENTO SOB DEMANDA

A criança é a coisa mais importante que existe.
Lúcia Machado de Almeida¹⁷

Lúcia Machado de Almeida fez a primeira publicação voltada para o público infantojuvenil em 1943, com o livro *No fundo do mar*, pela Edições Melhoramentos, de São Paulo, editora que, naquele momento, ao lado de Editora do Brasil e Saraiva, estava se ocupando em oferecer melhor infraestrutura para a publicação de literatura para crianças, conforme apontam as autoras Marisa Lajolo e Regina Zilberman, em *Literatura infantil brasileira: histórias & histórias* (2022). O papel da Melhoramentos no incremento da produção de livros para crianças é destacado por Leonardo Arroyo, em *Literatura infantil brasileira* (2011).

[...] desde 1915 Arnaldo de Oliveira Barreto [...] vinha dirigindo para as Edições Melhoramentos, com espírito verdadeiramente renovador, uma Biblioteca Infantil que se tornaria famosa com o correr dos anos e a publicação de mais de cem títulos na série [...] iniciada por um trabalho de mestre, a estória de *O patinho feio*, de Hans Andersen, com ilustrações a cores de Francisco Richter. (ARROYO, 2011, p. 262)

De acordo com Leonardo Arroyo, os mais de cem títulos infantis da série iniciada por Arnaldo de Oliveira Barreto, então editor responsável pela Melhoramentos, resultou em milhões de exemplares espalhados por todo o Brasil. O caráter “revolucionário”, nas palavras de Arroyo, da iniciativa do editor é exatamente a apresentação gráfica com ilustrações coloridas, textos reduzidos, fonte com corpo maior, menos páginas e equilíbrio entre texto e imagem (2011).

Tal preocupação das editoras em publicar livros infantis para as crianças brasileiras respondia a uma demanda nacional que vinha desde o início do século.

A reação nacional ao enorme predomínio de literatura didática e literatura infantil que nos vinha de Portugal, em obras originais e traduzidas, manifestou-se de forma isolada em algumas regiões mais desenvolvidas culturalmente no país. Mas foi particularmente na área escolar que ela começou, passando depois a dar exemplo de inconformismo pleno na área das traduções. (ARROYO, 2011, P. 227)

Essa reação, que abarca o final do século 19 e o início do século 20, marca o começo da trajetória da literatura infantojuvenil brasileira. As primeiras publicações brasileiras

¹⁷ Em entrevista à Luciana Garcia, de A Gazetinha (SP), de 29 de agosto de 1999, p. 3. Acervo de Lúcia Machado de Almeida no Acervo dos Escritores Mineiros da UFMG. 2023.

específicas para esse público ocorreram exatamente nesse momento de virada de século, como analisa Leonardo Arroyo: “O período de transição entre o Império e a República foi extremamente rico de iniciativas visando a proporcionar às crianças brasileiras, leituras de livros de autores brasileiros” (ARROYO, 2011, P. 234). O período em que essas publicações se iniciam, do entresséculos até quase 1920, é denominado por Lajolo e Zilberman como “primeiro ciclo da literatura infantil brasileira” (LAJOLO; ZILBERMAN 2022, P. 57).

Antes da reação nacional às publicações importadas e traduzidas, muitas das vezes, as obras que eram lidas para e pelas crianças não eram específicas para esse público, mas acabaram sendo direcionadas para elas ou no gosto delas caíam. É o caso dos livros de Júlio Verne, como *Vinte mil léguas submarinas* (1870) e *A volta ao mundo em 80 dias* (1872), e de *Dom Quixote de la Mancha* (1605), de Miguel de Cervantes, que chegou traduzido ao país em 1901. Havia também aqueles títulos de sucesso na Europa e que eram traduzidos para circular no Brasil. Dentre os quais, *Robinson Crusoe* (1885), *Viagens de Gulliver* (1882), os clássicos dos irmãos Grimm, Charles Perrault e Hans Christian Andersen, publicados em livros como *Contos da carochinha* (1894), *Histórias da avozinha* (1896) e *Histórias da baratinha* (1896) (LAJOLO; ZILBERMAN, 2022). Outras obras estrangeiras passavam por adaptações para circularem no país, exemplo é *Primeiro livro das fábulas... vertidas do francês e oferecidas ao governo imperial para uso das escolas de instrução primária* (1883), de João Cardoso de Meneses e Souza (1827-1915) (LAJOLO; ZILBERMAN, 2022; ARROYO, 2011).

Na primeira fase da literatura infantil brasileira, que precedeu o momento em que Lúcia Machado de Almeida começou a publicar, surgiram os primeiros livros produzidos por autores nacionais. É quando aparece também a primeira publicação voltada para crianças e escrita por mulheres. Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) e Adelina Lopes Vieira (1850-1923) produziram juntas, em 1886, o livro *Contos infantis*, que primeiro foi editado em Lisboa e depois, em segunda edição, impresso no Brasil (LAJOLO; ZILBERMAN, 2022).

O encerramento desse primeiro ciclo ocorre em 1919, de acordo com Lajolo e Zilberman, com o romance *Saudade*, de Thales de Andrade (1890-1977), obra que expressa a valorização da natureza como modo de exaltação do Brasil, linha ufanista adotada por outras publicações do primeiro ciclo, coincidindo com o novo projeto político e ideológico brasileiro, inaugurado com o fim da monarquia e o início do período republicano (1889). Thales de Andrade recorre

à agricultura para forjar nesse contexto a identidade nacional, evocando a felicidade e a riqueza que provêm do trabalho com a terra (LAJOLO; ZILBERMAN, 2022).

Se Lúcia Machado de Almeida não pertence, como autora, a esse primeiro momento da literatura infantil brasileira, é possível que ela tenha conhecido e/ou lido parte do que foi publicado no período, quando era criança e adolescente, uma vez que a escritora mineira nasceu em 1910, época contemporânea à circulação desses livros. Uma dessas obras, é certo, esteve presente nas leituras de Lúcia Machado, é *Dom Quixote de La Mancha*, de Cervantes, que, futuramente, inspiraria a autora na criação de um de seus mais icônicos personagens, o jovem Xisto, protagonista de três histórias da escritora — *As aventuras de Xisto* (1957), *Xisto no espaço* (1967) e *Xisto e o saca-rolha* (1974), republicado em 1982 sob o título *Xisto e o pássaro cósmico*. No livreto *Um pouco de mim* (2002), a escritora conta como *Dom Quixote* passou a fazer parte da trajetória dela.

Minha mãe lia-me contos de fadas e falava-me de certo herói Dom Quixote de La Mancha, que me fazia vibrar de entusiasmo! Acontecia então uma coisa inusitada: eu... “continuava” as histórias, inventando mil novas peripécias. [...] À noite eu reunia os filhos dos empregados da fazenda e lhes contava terríveis casos de assombração e lhes falava de Xisto, um cavaleiro andante adolescente, uma espécie de Quixote-mirim, cujo cavalo de vinte pernas galopava à velocidade do vento. Eu só iria ler aos 12 anos a obra-prima de Cervantes e jamais imaginaria que o Xisto de minha infância seria o embrião de três livros que eu escreveria mais tarde. (ALMEIDA, 2002, p. 13-14)

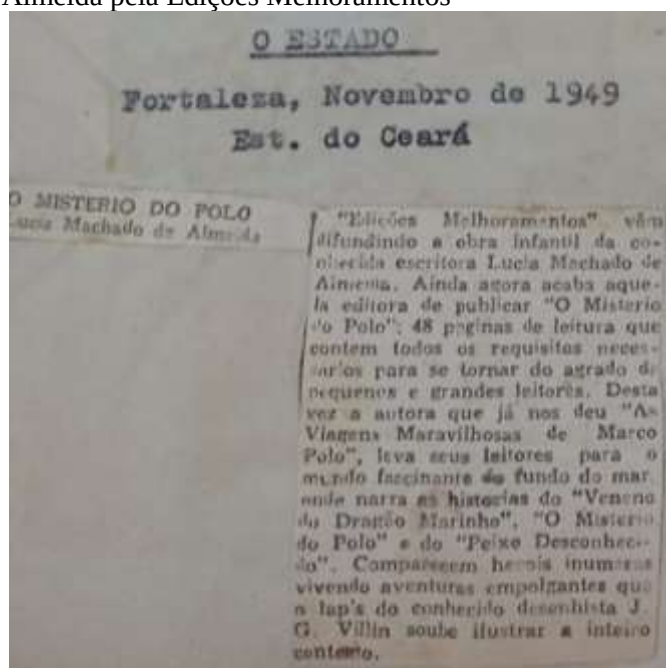
De acordo com Lajolo e Zilberman, a segunda fase da literatura voltada para crianças no Brasil vai de 1940 a 1960, correspondendo a um período de profissionalização tanto dos autores quanto das editoras e das publicações, o que acarreta, também, maior número de obras disponíveis no mercado. Essa profissionalização da escrita é derivada da alta demanda por livro infantil feito no Brasil, para crianças brasileiras.

O pontapé para a produção local específica para crianças veio com Monteiro Lobato (1882-1948), que, em 1921, publicou *Narizinho arrebitado*, direcionado ao uso nas escolas primárias. Ele demonstrava preocupação com os textos para as crianças e via necessidade de que fossem numa “linguagem que as interessasse” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2022, p. 84). A partir dessa publicação, o escritor se aprofundou no livro infantil e, enxergando a oportunidade que o nicho oferecia, fundou ele mesmo uma editora, a Monteiro Lobato & Cia, que depois, em 1925, tornou-se Companhia Editora Nacional, por muito tempo, uma das maiores do país (LAJOLO; ZILBERMAN, 2022).

O primeiro livro de Lúcia Machado de Almeida vem duas décadas depois da primeira publicação infantojuvenil de Monteiro Lobato, num momento em que há um mercado editorial mais atento às crianças e aos adolescentes. Isso é perceptível quando se analisa o curto espaço de tempo em que se deram as publicações dos dois primeiros livros da escritora. *No fundo do mar* sai em 1943 e é seguido de *O mistério do polo*, publicado no mesmo ano. Dois anos depois, em 1945, Lúcia Machado de Almeida termina a trilogia marinha, com *Na região dos peixes fosforescentes* (1945). Esses três livros, posteriormente, são reunidos e constituem o volume único *Estórias do fundo do mar*, que saiu em 1972, pela Melhoramentos.

A intensa década de 1940 contará com mais duas publicações da autora, os livros *Viagens maravilhosas de Marco Polo* (1948) e *Lendas da Terra do Ouro* (1949), também lançadas pela Edições Melhoramentos, o que não passou despercebido à imprensa da época (FIG. 3).

Figura 3 — Nota sobre os livros de Lúcia Machado de Almeida pela Edições Melhoramentos



Legenda: nota do jornal O Estado, de Fortaleza (CE), de novembro de 1949. Recorte colado em caderno usado para guardar publicações jornalísticas a respeito da escritora, no jargão comunicativo, era o “clipping” sobre LMA.

Fonte: Acervo LMA, AEM/UFGM.

A publicação, por parte de uma autora estreante, de cinco livros em uma década, num período em que o Brasil possuía taxa de analfabetismo de 58,8% e em que a taxa de escolarização de crianças entre 7 e 14 anos era de 30,6% (IBGE, 2007), sinaliza a efervescência editorial que

se estava vivendo, em especial na literatura infantil, fruto dos apelos feitos nas décadas anteriores, por produção literária nacional.

Em 1942, o escritor e crítico literário Lourenço Filho (1897-1970), ao palestrar na Academia Brasileira de Letras, apresentou um panorama da literatura infantil brasileira até aquele momento, informando que estavam à venda “nada menos que 605 trabalhos, dos mais diversos gêneros e tipos” (LOURENÇO FILHO, 1942 *apud* LAJOLO; ZILBERMAN, 2022, p. 149). O balanço apresentado por ele, no entanto, foi em tom de crítica, já que completou a fala dizendo que 434 eram traduções, adaptações e “grosseiras imitações” (LOURENÇO FILHO, 1942 *apud* LAJOLO; ZILBERMAN, 2022, P. 150) e que metade das 171 restantes, de autores brasileiros, era de média qualidade (LOURENÇO FILHO, 1942 *apud* LAJOLO; ZILBERMAN, 2022).

O debate acerca da literatura infantil ou o que se tentava definir como literatura infantil, quer dizer, aquela voltada para o público infantil, alcançava a imprensa local e envolvia os intelectuais do período. Uma definição possível à expressão vem de Leonardo Arroyo: “No uso corrente, ‘literatura infantil’ significa o conjunto de publicações que, sem conteúdo especialmente didático, sejam destinadas a crianças” (ARROYO, 2011, P. XXIX). Essa definição do autor vem de obra publicada nos anos 1960, numa tentativa de sistematizar pela primeira vez o que havia até ali no campo da literatura infantil. Ao longo dos anos, o entendimento sobre o que é literatura infantil foi passando por mudanças e adaptações, mas sempre tendo em vista o público a quem ela se destina.

Ao resenhar o livro *No fundo do mar* no jornal Folha de Minas, de 12 de dezembro de 1943, o escritor mineiro Emílio Moura, já reconhecido por integrar o grupo de modernistas da década de 1920, registrou:

Aí está porque sempre houve e sempre há de haver esses debates em torno da possibilidade ou da impossibilidade da existência de uma literatura tipicamente infantil. [...] Nada disso importa, entretanto, em afirmar que não haja livros capazes de interessar de modo particular às crianças. Importa apenas em reconhecer que nunca estamos em condições de afirmar com muita segurança como esses livros devem ser escritos. Só depois de ser realizado e posto à prova é que um livro desse gênero poderá ser elogiado ou condenado. (MOURA, 1943)¹⁸

¹⁸ Recorte com o cabeçalho recortado. Data e nome do jornal anotados a caneta no próprio recorte, sem número de página. Acervo LMA, AEM/UFMG.

Outro mineiro, o poeta Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), ao resenhar *Na região dos peixes fosforescentes*, elogiou o talento de Lúcia Machado de Almeida, “excelente contadora de histórias para crianças” (ANDRADE, 1945), já que, na concepção do poeta:

A literatura infantil é um gênero muito discutido e — nisso todos estão de acordo — difícil. Parece que a principal dificuldade do gênero está em colocar-se o autor, sem abrir mão da esperteza e sabedoria de autor, na posição mental e sentimental da criança para quem escreve. Exige qualidades raras, porque quase nunca o adulto quer ou pode deixar de ser adulto para viver em pé de igualdade com as crianças. Lúcia Machado de Almeida, porém, resolveu admiravelmente esses problemas de psicologia e técnica literária. (ANDRADE, 1945)¹⁹

A poeta e educadora Cecília Meireles, em *Problemas da literatura infantil* (2016), assim como Emílio Moura e Carlos Drummond de Andrade, aborda as dificuldades dessa literatura sendo ela feita para crianças, porém escrita por adultos. A escritora sugere o mesmo procedimento mencionado por Emílio Moura para se avaliar a qualidade da leitura: “mais acertado parece submetê-la ao uso — não estou dizendo à crítica — da criança, que, afinal, sendo a pessoa diretamente interessada por essa leitura, manifestará pela sua preferência, se ela satisfaz ou não” (MEIRELES, 2016, p. 19). Ao participar como palestrante do II Congresso de Escritores Infantojuvenil, em 1947, em Belo Horizonte, Cecília Meireles, em entrevista ao jornal Folha de Minas, ao lado de Lúcia Machado de Almeida, de quem já era amiga, posicionou-se a respeito das obras que vinham sendo publicadas para jovens leitores:

Creio que há uma boa parte de tentativas honestas, verdadeiramente interessadas em servir à criança, e uma grande exploração comercial de autores e editores, que fazem desse tipo de literatura simples comércio, como qualquer outro. Para felicidade das crianças, a intuição do pequeno leitor quase sempre põe de parte o que não lhe é proveitoso. É uma defesa natural. Mas como em geral não são as crianças que compram seus próprios livros, há muito gasto inútil de pais e parentes bem-intencionados mas sem nenhuma orientação especial para uma compra adequada. (MEIRELES, 1947)

Sem aqui pretender fazer análise crítica com relação à “qualidade literária” das obras do período, observa-se que muitos dos autores que começaram a publicar nesse período, para atender a demanda por publicações infantis, encontraram “fórmulas” para conquistar o mercado. Esses escritores produziam em grande quantidade, repetindo temas e personagens.

¹⁹ Recorte com o cabeçalho recortado. Data e nome do jornal anotados a caneta no próprio recorte, sem número de página. Acervo LMA, AEM/UFGM

Os motivos variavam, partia-se, por exemplo, da ficção histórica, da biografia, das histórias na floresta ou no campo (LAJOLO; ZILBERMAN, 2022).

De acordo com as autoras, a profusão de publicações pode ter comprometido a qualidade das obras, mas, por outro lado, contribuiu a favor da profissionalização da atividade. Para elas, esse momento tem peso considerável para o processo de marginalização da literatura infantojuvenil, o qual perdura até os dias atuais, uma vez que, na época, autores renomados ou comprometidos com os projetos literários em andamento não se sentiram atraídos pelas possibilidades oferecidas pela literatura infantojuvenil, o que desfavoreceu a ocorrência de inovações estéticas. “Decorre desse fato um descompasso estético entre a literatura infantil e a não infantil, esta, profundamente permeável ao processo de renovação estimulado pelas vanguardas que se impunham na mesma época” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2022, p. 153).

A ausência de escritores nacionais que já tinham trajetória consolidada e nome junto ao público na produção de livros para os jovens leitores foi aspecto observado por Lúcia Machado de Almeida no artigo “Como escrever para crianças: o falecido bicho-papão”. Como o artigo foi localizado em duas folhas soltas, no Acervo LMA do AEM/UFMG, não foi possível, até o momento de redação desta dissertação, a identificação do veículo de comunicação em que foi publicado.

É realmente lamentável que até agora poucos grandes escritores tenham se preocupado em escrever para crianças, como se tão importante trabalho fosse apenas subliteratura. Digo grandes escritores porque é preciso saber escrever para conseguir interessar aos pequenos, sem o que eles lerão o livro muito moral, muito educativo, etc., e depois o atirarão para o lado, dizendo apenas: “Mas que coisa chata!”. (MACHADO, [195-?], p. 37)²⁰

A data do artigo também não está informada nas duas páginas soltas, mas, ao analisá-lo, deduz-se que saiu na década de 1950, porque a autora menciona experiências que os livros que ela escreveu lhe haviam proporcionado, como descer até os abismos marinhos, referência à trilogia marinha publicada na década de 1940, penetrar na Gruta dos Horrores, episódio de *Atíria, a borboleta* (1951), conhecer a corte de Cublai Cã, passagem de *Viagens maravilhosas de Marco Polo* (1948), viver na Idade Média e vencer o bruxo Durga, o que ocorre em *As aventuras de Xisto* (1957), e andar pelas ruas de Minas Gerais do ciclo do ouro, como no

²⁰ Acervo LMA, AEM/UFMG.

Passeio a Sabará (1952), que não é um livro para o público infantil, e talvez isso explique por que a escritora, depois de publicado o texto, riscou essa parte a caneta. Como se vê, Lúcia Machado de Almeida mencionou cenas presentes em obras publicadas até a década de 1950. Já em 1961, ela lança *Passeio a Diamantina*, que não foi referenciado no trecho do artigo, por isso a possibilidade maior de que o texto seja da década de 1950, entre 1957 e 1960.

O menosprezo intelectual pela literatura infantojuvenil tem ainda outras raízes, conforme Nelly Novaes Coelho, em *Literatura infantil: teoria, análise, didática* (2000).

[...] até bem pouco tempo, a literatura infantil foi minimizada como *criação literária* e tratada pela cultura oficial como um gênero menor. Ligada desde a origem à diversão ou ao aprendizado das crianças, obviamente sua matéria deveria ser adequada à compreensão e ao interesse desse peculiar destinatário. E como a criança era vista como um “adulto em miniatura”, os primeiros textos infantis resultaram da adaptação (ou da minimização) de textos escritos para adultos. [...] as obras literárias eram *reduzidas* em seu valor intrínseco, mas atingiam o novo objetivo: atrair o pequeno leitor/ouvinte [...]. (COELHO, 2000, P. 29-30, grifo da autora)

Conforme Lajolo e Zilberman (2022), a literatura do período entre 1940 e 1960 corria por dois caminhos: um, o da literatura infantojuvenil, que atendia aos chamados da modernização, da urbanização e da escolarização do país, refletindo aquele momento histórico; outro, que competia à literatura não infantojuvenil, com os temas dominantes sendo transmitidos pelos segmentos erudito e popular da cultura (LAJOLO; ZILBERMAN, 2022). Isso não implica dizer que, dentro da literatura infantojuvenil, não ocorressem obras não impactadas pela modernização ou que, na literatura não infantojuvenil, não existissem aquelas que correspondiam às expectativas do contexto. Trata-se de tendência, e não de regra.

No panorama que faz da literatura infantil brasileira até os anos 1960 — quando publica a primeira edição de *Literatura infantil brasileira* —, Leonardo Arroyo considera que muitos autores ficaram esquecidos ao longo do tempo, por terem publicado somente uma obra para atender a demanda por livros nacionais ou pela qualidade mesmo do que produziram. No entanto, afirma: “poderemos apontar vários autores que se destacam pela apresentação de uma obra literária para crianças perfeitamente definida e válida” (ARROYO, 2010, P. 309). Em seguida, traz uma lista com dezenas de nomes, dentre os quais, aparecem escritores que se dedicaram mais especificamente a crianças e adolescentes, como Lúcia Machado de Almeida, Maria José Dupré (1898-1984), Vicente Guimarães (1906-1981), e outros que fizeram obras para o público mais jovem, porém são mais reconhecidos pela literatura adulta que

produziram, como Guilherme de Almeida, Henriqueta Lisboa, Cecília Meireles e Júlia Lopes de Almeida (ARROYO, 2010).

Ao comentar sobre o início da trajetória de escritora infantojuvenil, Lúcia Machado de Almeida conta que um acaso a levou para esse nicho de publicação: “Numa noite de sarampo coletivo, meus filhos pediram que eu lhes contasse e escrevesse uma história de peixes. E assim nasceu a Piabinha, heroína de meu primeiro livro, *No fundo do mar*. Eles gostaram e me pediram mais” (ALMEIDA, 2002, p. 16). Os livros que vieram na sequência já chegaram sintonizados com o contexto histórico, conforme a própria autora explica: “A última Guerra Mundial tinha terminado, e os contos saíram cheios de combates entre os peixes do mar e os do rio, espiões, bombas submarinas, etc.” (ALMEIDA, 2002, p. 16).

No ano em que lançou *No fundo do mar* e *O mistério do polo*, 1943, Lúcia Machado de Almeida iniciou o processo de publicação de *No fundo do mar* em inglês, conforme correspondência dela enviada ao pintor Candido Portinari (1903-1962). O artista foi convidado pela escritora para fazer a ilustração da obra. Em 11 de setembro de 1943, em carta localizada no acervo do Projeto Portinari (RJ), a escritora assim se expressou:

Com grande alegria soube, pelo nosso prefeito, Dr. Juscelino Kubitschek, que você vai fazer as pinturas para a capela da Pampulha. Mostrei-lhe aquelas fotografias que você me deu, dos santos de Brodowsky, e ele ficou entusiasmadíssimo. Além do orgulho em que a gente fica, sabendo que vai ter uma igreja com trabalhos seus, é um contentamento a promessa da companhia de vocês. Continuo rabiscando aventuras marinhas. Não sei se Clara contou-lhe que Vera Kelsey está traduzindo *O mistério do polo* e quer publicá-lo em Nova Iorque. *No fundo do mar* já foi passado para o inglês. Eu mesma fiz a tradução, auxiliada por uma professora norte-americana. Você já começou os desenhos?²¹ (grifos nossos)

Um ano depois, em 12 de setembro de 1944, Lúcia Machado de Almeida envia outra carta ao artista, perguntando sobre os desenhos:

De Miss Margaret Lesser, encarregada dos livros infantis na seção editora de Doubleday, Doran and Company, em Nova Iorque, recebi uma pequena cartinha pedindo que lhe mandasse os originais da tradução de *No fundo do mar* para o inglês, a fim de serem examinados. Não sei se você já teve tempo de fazer algum desenho para o nosso livrinho. De qualquer modo seria bem bom se você pudesse cuidar disso agora, para eu enviar tudo junto. Aliás, penso que seja mais seguro fotografar os desenhos depois de prontos e mandar-lhes apenas uma cópia, deixando para enviar os originais quando se fizer um contrato definitivo. É essa a opinião do nosso

²¹ Acervo do Projeto Portinari/RJ.

amigo Rubens Borba de Moraes, com quem conversei há tempos, e que tem muita prática dessas coisas.

Vou mandar fazer uma revisão na tradução inglesa, o que demorará ainda algum tempo. Antônio e eu pretendemos ir ao Rio em meados de outubro, se Deus quiser. Seria ótimo se você tivesse tempo e disposição para fazer os desenhos agora, pois a gente poderia mandar tudo junto. Estou com vontade de, nessa ocasião, escrever a William Berrien, que fez muita camaradagem conosco e que se dá com aquele pessoal da Doubleday.

Mario de Andrade está aqui e temos conversado muito sobre você. Domingo último Antônio e eu almoçamos com ele e o prefeito Kubitschek, na Pampulha, e fomos depois visitar a igreja. Os seus azulejos estão notáveis!²² (grifo nosso)

Apesar das movimentações iniciadas, conforme as cartas enviadas por Lúcia Machado de Almeida a Candido Portinari, não se tem notícia de que esse livro tenha sido publicado em inglês. Não se encontrou nada a respeito nas cartas, nos jornais e nos recortes e anotações da escritora no Acervo LMA do AEM/UFGM, nem nos jornais pesquisados em outras hemerotecas pesquisadas. Também não se encontra menção a esse livro no *site* do Projeto Portinari²³, que tem uma seção com a bibliografia do artista, que inclui obras das quais ele participou e as que foram feitas sobre ele. Além disso, nos descritores da segunda carta, de 1944, há o seguinte registro: “Vida artística > Encomendas > Não executadas” (PROJETO PORTINARI). Com isso, entende-se que o artista realmente não fez essas ilustrações.

Nos registros feitos pela própria Lúcia Machado de Almeida, sobre os livros que ela escreveu, não há menção à publicação de *No fundo do mar* em inglês. Nessas anotações, que estão no Acervo LMA no AEM/UFGM, em quatro folhas datilografadas, sem data, a escritora escreve “interessante promover tradução” para os seguintes livros: *O escaravelho do diabo*; *Aventuras de Xisto*; *Xisto no espaço*; *Xisto e o pássaro cósmico*; *O caso da borboleta Atíria*; *Spharion*; *Atíria na Amazônia*; e *O asteroide*. A autora comenta apenas sobre *Estórias do fundo do mar*, e não sobre as histórias que o compõem separadamente — *No fundo do mar*, *O mistério do polo* e *Na região dos peixes fosforescentes*. Ela anota que é possível ter novas edições de *Estórias do fundo do mar*, mas em português, e não em outros idiomas:

Meu primeiro livro, publicado muitos anos atrás pela Melhoramentos, depois pela Brasiliense. Os de número 2 e 3 deverão sair em breve pela Santuário – Vale Livros, com os contos marinhos atualizados e reformulados. As “Estórias” receberam o Prêmio da Fundação Cultural de Brasília. Volume 1 já publicado. (ALMEIDA, [199 -?])²⁴

²² Acervo do Projeto Portinari/RJ.

²³ <https://www.portinari.org.br/o-artista/bibliografia/@p/3>

²⁴ É provável que a lista tenha sido feita em 1995 ou após 1995, ano de lançamento de *O asteroide*, por esse livro constar da relação, com o comentário: “Publicado recentemente pela Global Editora. Ficção científica. Interessante promover tradução” (ALMEIDA, [199 -?]). Acervo LMA, AEM/UFGM.

A partir de 1943, Lúcia Machado de Almeida iniciou uma trajetória de mais de cinquenta anos voltados para a literatura infantojuvenil, tendo lançado no período dezoito títulos para esse público, muitos dos quais com dezenas de edições. É o caso de títulos que passaram a ser publicados pela editora Ática a partir de 1974, dentro da série Vaga-Lume, voltada para o público infantojuvenil, e alcançaram sucesso em todo o país. Atualmente, a editora Ática faz parte do grupo Saber Educação, que continua publicando os livros da série Vaga-Lume com o selo da Ática. Os títulos de Lúcia Machado de Almeida passaram por reformulação gráfica e permanecem no catálogo da editora. Pela consulta no site do grupo Saber Educação²⁵, dentro do projeto Coletivo Leitor²⁶, verificou-se que: *Xisto e o pássaro cósmico* teve a 40ª edição publicada em 2021; *O escaravelho do diabo* teve a última edição publicada em 2015, é a 28ª e está na terceira reimpressão; a última edição de *O caso da borboleta Atíria* é a 23ª e saiu em 2016; *As aventuras de Xisto* está na 23ª edição, publicada em 2017; *Xisto no espaço* está na 20ª, de 2000; e *Spharion* teve a última edição publicada em 2021, a 12ª (FIG. 4).

Figura 4 — Obras de Lúcia Machado de Almeida no site da Vaga-Lume, da editora Ática²⁷



Fonte: reprodução tirada do site do grupo Saber Educação, projeto Coletivo Leitor. 2025.

A trajetória literária de Lúcia Machado de Almeida não ficou limitada à escrita de textos infantojuvenis. A escritora foi também atuante no processo de discussão do que deveria ser a

²⁵ atica.saber.com.br

²⁶ coletivoleitor.com.br/nossos-livros

²⁷ A sinopse do site para o livro *Xisto e o pássaro cósmico* está incorreta. A história não se passa em 1628.

literatura para os mais jovens, participando de debates, eventos, palestras, entrevistas e publicações em diferentes veículos de comunicação, como será exposto na próxima seção.

1.1 ENGAJAMENTO NO CENÁRIO LITERÁRIO

Ao dar entrevistas, escrever para jornais e revistas ou proferir palestras, Lúcia Machado de Almeida demonstrava preocupação com os caminhos da literatura para os jovens e era participante ativa de debates que envolviam essa questão. Essa intensa movimentação da escritora foi registrada no artigo “Ler (e amar) Lúcia Machado de Almeida”, de Duílio Gomes, publicado no jornal Estado de Minas, em 10 de outubro de 1985²⁸, por ocasião da Semana da Criança. A autora já havia se transferido para São Paulo, o que ocorreu em 1984, e, no texto, Duílio Gomes lamenta que as crianças mineiras tenham saído “perdendo” com essa mudança:

A Lúcia passou metade da sua vida visitando escolas, fazendo palestras sobre literatura infantojuvenil, autografando livros em colégios, participando de seminários e debates sobre o tema “como escrever para crianças tratando-as de maneira inteligente”, concedendo entrevistas bem-humoradas a jornais e TVs, lutando, enfim, pela valorização desse ofício que parece (mas não é) fácil como lamber um pirulito. (GOMES, 1985)

De fato, ao se visitar o Acervo dos Escritores Mineiros da Faculdade de Letras da UFMG com o propósito de investigar o Acervo Lúcia Machado de Almeida, constata-se, a partir da leitura de recortes de jornais e revistas que a autora guardava, a frequência de notícias sobre o envolvimento dela em atividades relacionadas à divulgação e à discussão da literatura infantojuvenil. Essa participação foi também registrada em veículos de comunicação além dos que foram preservados pela escritora. Nas pesquisas feitas, por exemplo, na Hemeroteca da BNDigital e no acervo do SLMG, junto às notícias sobre as obras da autora e até mesmo das matérias, contos, resenhas e notas que ela mesma publicava, já que Lúcia Machado de Almeida teve atuação como jornalista, havia tantas outras que informavam sobre a participação da escritora em debates sobre literatura infantojuvenil. Algumas vezes, com registros mais formais, como o artigo “Literatura infantil: uma experiência”, capítulo de um livro produzido a partir de palestra dada pela escritora. A obra foi publicada na Revista do Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, em 1979.

²⁸ Recorte sem o número de página. Acervo LMA, AEM/UFMG.

Nesse ensaio, Lúcia Machado de Almeida faz a defesa da infância, apontando a característica da criança de trazer em si a pureza desde o nascimento, o que é modificado pela intervenção dos adultos e/ou da vida. Nesse aspecto, a escritora observa que o livro infantil,

[...] prosa ou poesia, e seja ele de que gênero for — realista, fantástico, tendo como tema ciência, animais e até mesmo fadas... pode ser bom ou não, conforme a força do talento e o poder criativo do escritor e conforme a mensagem que transmitir. [...] O importante, portanto, é que o livro traga uma mensagem, ainda que diluída, mesmo que ela seja de alegria, apenas. Mas essa mensagem só poderá ser captada se vier impregnada das duas matérias-primas indispensáveis a qualquer obra de criação: inteligência e sensibilidade. (ALMEIDA, 1979a, P. 61)

No trecho reproduzido, observam-se três considerações de Lúcia Machado de Almeida sobre a criança, a infância e os livros. A primeira delas é de que os leitores do segmento infantojuvenil são abertos para conhecerem obras literárias de diferentes formas estéticas, da prosa à poesia, e de áreas temáticas variadas, passando pela fantasia e pelo realismo. Isso concede aos escritores e às escritoras uma margem maior de criação. No entanto, há de se cuidar para que a obra carregue uma mensagem, “mesmo que ela seja de alegria, apenas”, e que tenha como matérias-primas a inteligência e a sensibilidade. Nesses três pontos, Lúcia Machado de Almeida alerta que o estado inocente ou imaturo da criança não a impede de ser crítica ao que lhe é oferecido, portanto é um ser que não deve ser subestimado. Na concepção da escritora, as exigências dos jovens leitores, se não são quanto à forma e à temática, abarcam o modo como o enredo é desenvolvido (com “inteligência e sensibilidade”) e se é possível dessa história assimilar alguma mensagem.

Lúcia Machado de Almeida pontuou considerações a respeito da infância em outras ocasiões. Um dos eventos de importância no cenário da literatura infantojuvenil daquele momento e do qual Lúcia Machado de Almeida participou foi o já citado II Congresso Infantojuvenil de Escritores, em 1947²⁹, em Belo Horizonte, evento organizado, dentre outros, pelo jornalista e escritor de livros infantojuvenis Vicente Guimarães, tio do escritor João Guimarães Rosa (1908-1967), com apoio do governo do estado. A escritora, ao lado da amiga Cecília Meireles — uma das palestrantes do evento —, concedeu entrevista sobre o tema ao jornal Folha de Minas (FIG. 5), veículo de comunicação que circulou de 1934 a 1964³⁰. O recorte do jornal em que a entrevista foi publicada foi localizado em um caderno no qual a escritora guardava

²⁹ Acervo LMA, AEM/UFMG.

³⁰ Informação do site do Arquivo Público Mineiro. Disponível em: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fundos_colecoes/brtacervo.php?cid=221. Acesso em: 27 dez. 2024.

as matérias que a citavam. Porém, estava sem o cabeçalho, portanto não foi possível identificar a página e a data da publicação. Em outra entrevista dada por Lúcia Machado de Almeida, ao jornal *Diário Mercantil*, de Juiz de Fora, em 17 de junho de 1947³¹, ela informou que o II Congresso Infantojuvenil de Escritores seria realizado de 6 a 13 de julho de 1947. Na ocasião da entrevista à *Folha de Minas*, dentre outros tópicos sobre o Congresso, a autora mineira afirmou que

A importância capital da literatura infantil só será devidamente reconhecida quando todos se convencerem de que um livro recreativo bem escrito e suficientemente atraente é um dos mais poderosos fatores de educação, isso porque a criança é educada sem o perceber, convencida de que está se divertindo apenas. Mas a influência boa ou má se dará apenas se a criança se empolgar realmente pelo seu “herói”. (ALMEIDA, 1947)³²

Figura 5 — Matéria do jornal *Folha de Minas* sobre o II Congresso Infantojuvenil de Escritores, com Cecília Meireles e Lúcia Machado de Almeida



Legenda: Lúcia Machado de Almeida, de roupa clara; à esquerda dela, Cecília Meireles, de roupa escura. Ao lado desta, o jornalista, cujo nome não consta da matéria.
Fonte: Acervo LMA, AEM/UFMG.

Na fala transcrita do jornal, Lúcia Machado de Almeida associa a literatura infantil à possibilidade de colaboração na educação das crianças, mesmo que com obras de cunho “recreativo”. Segundo a autora, no momento em que tal escrita conquista a adesão do jovem

³¹ Acervo LMA, AEM/UFMG.

³² Acervo LMA, AEM/UFMG.

leitor, ela se reveste de um poder de influenciar no processo educativo, ou formativo, desse indivíduo, para o bem ou para o mal. Esse entendimento da escritora a respeito da literatura infantil encontra-se com um pensamento que vem desde o início do século 20, de considerar a leitura como agente de formação da criança e do adolescente.

A concepção de Lúcia Machado de Almeida sobre a literatura infantojuvenil, dotada de elementos que podem favorecer a educação de crianças e adolescentes, converge com os aspectos do gênero defendidos pela amiga Cecília Meireles em 1949, quando, também em Belo Horizonte, realizou três conferências sobre o tema, dentro dos “Cursos de Férias” promovidos pela Secretaria de Educação de Minas Gerais para os professores. Em 1951, as conferências realizadas pela poeta e educadora foram reunidas no livro *Problemas da literatura infantil*. Em uma passagem do capítulo “O livro não infantil e infantil”, Cecília Meireles destaca os “três aspectos da literatura infantil: o moral, o instrutivo e o recreativo” (MEIRELES, 2016, P. 58):

Distinção precária e difícil de estabelecer, às vezes, porque esses caracteres não parecem isolados, mas, ao contrário, frequentemente se interpenetram. No entanto, sempre se pode discernir entre um livro que ensina a não roubar e o que ensina as quatro operações, ou o que, embora falando de algarismos e virtudes, conduza o leitor por outros horizontes, sem formalismo da aprendizagem, gratuitamente, pelo prazer do passeio. (MEIRELES, 2016, P. 58)

Importante destacar a realização desses “Cursos de Férias” pelo governo do estado em 1949, confirmando o ambiente de debate acerca da literatura infantojuvenil naquele momento. No caso, o evento era voltado para professores, agentes profissionais responsáveis pela educação formal dentro da escola. O fato de contar com um nome conhecido nacionalmente, uma escritora que também atuava como educadora, para proferir as conferências, sinaliza a existência de um investimento do governo da época na formação dos docentes que participariam do curso e que, dali, poderiam multiplicar os conteúdos assimilados.

Retomando a discussão sobre o entendimento acerca da literatura infantojuvenil na década de 1940, início da produção infantojuvenil de Lúcia Machado de Almeida, volta-se a Lajolo e Zilberman, que, ao contextualizarem o período, observam que os responsáveis — professores, intelectuais, escritores, jornalistas, formadores de opinião em geral — por fazer os apelos por mais produção nacional para crianças e adolescentes enfatizavam a importância do “hábito de ler” para a formação do indivíduo (2022). Era o pensamento que vigorava, e, a partir dele, os

escritores da época buscaram atender as demandas, inclusive produzindo livros para serem adotados nas escolas, nicho de mercado que surgia, o que contribuiu para o processo de profissionalização do escritor no Brasil (LAJOLO; ZILBERMAN, 2022).

Apesar de atualmente a visão de uma literatura infantojuvenil com função pedagógica ser alvo de críticas, há pesquisadores e pensadores da área que reafirmam essa característica no gênero, não com o tom moralista das fábulas de Esopo e La Fontaine, por exemplo, ou disciplinar dos textos religiosos para a infância, mas como narrativa de experiências enriquecedoras para a infância, com poder de contribuir para o aprendizado.

Ao comentar a definição do sociólogo francês Marc Soriano (1918-1994) de literatura infantil como “comunicação histórica (localizada no tempo) entre um locutor ou um escritor-adulto (emissor) e um destinatário-criança (receptor) que [...] não dispõe senão de modo parcial da experiência real e das estruturas linguísticas, intelectuais, afetivas e outras que caracterizam a idade adulta” (SORIANO, 1975 *apud* COELHO, 2000, P. 30-31), Nelly Novaes Coelho defende que, nesse caso, o ato de ler se transforma em ato de aprendizagem, e isso é uma das particularidades da literatura infantil (2000).

Parece-nos particularmente importante essa posição do sociólogo francês, porque é muito forte em nossa época a reação contra a “vocação pedagógica” da literatura infantil e a defesa intransigente de sua qualidade pura de “entretenimento”. Tendência que pende para uma radicalização que só pode ser negativa. Por um lado, porque, se a literatura resultar de um ato *criador*, forçosamente essa dicotomia não se coloca, pois as duas intenções estarão ali fundidas. E, por outro lado, porque, dentro do sistema de vida contemporânea [...], acreditamos que a literatura [...] precisa urgentemente ser descoberta, *muito menos como mero entretenimento* [...] e muito mais como uma *aventura espiritual* que engaje o *eu* em uma experiência de vida, inteligência e emoções. (COELHO, 2000, p. 31-32)

Lígia Cademartori (1946-2015), em *O que é literatura infantil?* (2010), lembra a existência de visões diferentes sobre esse gênero, uma vinda da educação, outra, do sistema literário, o que, de certa forma, explica as diferentes formas de valoração literatura infantojuvenil.

Historicamente, a literatura infantil é um gênero situado em dois sistemas. No sistema literário, é espécie de primo pobre. No sistema da educação, ocupa lugar mais destacado, graças ao seu papel na formação de leitores, que cabe à escola assumir e realizar. Sendo assim, nas conceituações e definições do que seja literatura infantil, não é raro que encontremos a alternância, ou a convivência, de critérios estéticos e pedagógicos. (CADEMARTORI, 2010)

Considerando-se o pensamento de Cademartori, a literatura infantil encontra-se sendo apreciada ou depreciada em duas áreas do conhecimento, a da educação e a da literatura, e cada uma delas a enxerga de modo diferente. O caráter pedagógico do gênero atende melhor a anseios da educação; o caráter estético passa, então, a ser critério de valoração para o segmento literário. Partindo desse ponto de vista, entende-se que há espaço para abordagens diferentes sobre a literatura infantojuvenil, quer seja ela para o entretenimento, quer seja ela para auxiliar no processo educativo dos jovens leitores. Retomando a fala de Cecília Meireles em *Problemas da literatura infantil*, nem sempre será fácil fazer a distinção entre esses aspectos, até porque muitas vezes eles se interpenetram.

Ao trazerem a discussão sobre “por que oferecemos livros às crianças?”, Fabíola Ribeiro Farias e Cleide Aparecida Fernandes, no capítulo “A criação, a edição e a circulação de livros para crianças no Brasil: notas de contexto”, do livro *Literatura infantil e juvenil* (2019), observam que, para os adultos, as razões (para se oferecer livro às crianças) podem se relacionar ao estímulo à imaginação, para que “fantasiem e se divirtam” (FARIAS; FERNANDES, 2019, p. 21), à aprendizagem de valores morais, à aprendizagem da língua, principalmente da escrita (FARIAS; FERNANDES, 2019). Porém, as autoras destacam que

Isoladamente, todas essas justificativas parecem frágeis, mas, vistas em conjunto, podem ser verdadeiras. A leitura na infância, especialmente de textos literários, permite que as crianças compreendam a língua como instrumento de fantasia; [aquela] que cria condições para a imaginação do outro, daquilo que nos parece estranho. Apesar de não existir para ensinar, aprendemos com a literatura, uma vez que percebemos jeitos de estar no mundo, relações de poder e a potência das palavras para comunicar, ordenar, desorganizar e reinventar a vida tal como conhecemos. E, claro, [...] a compreender e a participar da cultura escrita. (FARIAS; FERNANDES, 2019, P. 22-23)

Sobre a literatura infantil voltada à aprendizagem de valores morais, as autoras observam que essa vertente, atualmente, é rejeitada pelo discurso pedagógico, mas continua existindo, apesar da redução no número de publicações destinadas à educação ambiental, às boas maneiras, aos hábitos alimentares e aos cuidados com a higiene (FARIAS; FERNANDES, 2019): “é grande a oferta de livros pretensamente literários que discutem amizade, solidariedade, diferenças, compreensão, obediência, tolerância, dentre muitos outros temas, como intenção central da obra” (FARIAS; FERNANDES, 2019, P. 22).

Não se pode afirmar que os livros de Lúcia Machado de Almeida voltados ao público infantojuvenil tenham caráter pedagógico, apesar de terem sido adotados em escolas do país

inteiro como paradidáticos ou literários. As obras da escritora apresentavam certas características e temas comuns, por exemplo: informações científicas baseadas em dados da realidade; personagens de bom caráter enfrentando desafios utilizando a inteligência e o conhecimento; finais felizes, com as boas intenções vencendo as más intenções; fantasia; humor; relações de amizade; romances; mistério; investigações no estilo policial, mesmo sem a presença de agentes policiais, muitas vezes conduzidas por crianças, adolescentes ou animais.

A própria escritora defendia o cuidado com a forma dos textos e o fim do didatismo nos livros para a infância/adolescência, em prol do entretenimento do público. Em um cartão enviado à escritora Laís Corrêa de Araújo, no Natal de 1969³³, Lúcia Machado de Almeida parabeniza a amiga pelo lançamento de um livro e em seguida comenta sobre o didático em face do artístico: “Laís, seu livrinho é encantador, e mais dia, menos dia, terá o destaque que merece. Minha impressão é de que as próprias crianças protestarão contra o domínio do didático sobre o artístico. O que alegra e diverte, em meu modo de pensar, é automaticamente... educativo”³⁴.

1.2 AMIZADE COM CECÍLIA MEIRELES

Presenciei então um dos mais belos espetáculos que já vi: o riso de Cecília Meireles. Difícil explicá-lo. Seria um riso, por assim dizer, total, luminoso e cheio de espiritualidade, que transformava em simples esgar o riso de outras bocas.

Lúcia Machado de Almeida³⁵

Lúcia Machado de Almeida manteve estreita amizade com a escritora, poeta e educadora Cecília Meireles. Elas se conheceram na década de 1940, no Rio de Janeiro, em uma confraternização entre jornalistas e escritores. A escritora mineira não precisa a data desse encontro. Escrevendo sobre ele em 1965, conta apenas que foi cerca de vinte anos antes. No entanto, como a primeira correspondência de Cecília Meireles a Lúcia Machado de Almeida que consta do Acervo LMA do AEM/MG é de 11 de dezembro de 1944, acredita-se que o encontro das duas escritoras tenha ocorrido antes disso, principalmente por haver na carta nível de intimidade comum entre pessoas amigas, que se conheceram anteriormente.

³³ Acervo Laís Corrêa de Araújo, AEM/UFMG.

³⁴ Acervo Laís Corrêa de Araújo, AEM/UFMG.

³⁵ Trecho do artigo “Esse instante emprestado”, publicado no jornal Estado de São Paulo (ALMEIDA, 1965, P. 2), em 20 de fevereiro de 1965, em homenagem a Cecília Meireles, que faleceu em 9 de novembro de 1964.

Ao ver a poeta chegando ao local da reunião, Lúcia Machado de Almeida relata que ficou intimidada, porque tinha ouvido falar que Cecília Meireles era “distante, fechada, quase inabordável” (ALMEIDA, 1965, P. 2). Um episódio cômico ocorrido com a escritora mineira, que deixou cair um torrão de açúcar dentro da blusa, foi o suficiente para que se abrisse o sorriso de Cecília Meireles e fosse quebrado o gelo da situação. Dali em diante, as duas começaram a conversar e descobriram pontos em comum, como a literatura infantil e o amor pelo passado colonial brasileiro, que as uniram pelas décadas seguintes.

As duas trocaram cartas assiduamente entre as décadas de 1940 e 1960. A correspondência passiva de Lúcia Machado de Almeida encontra-se no Acervo dos Escritores Mineiros da UFMG, onde, dentre outros remetentes, há uma maioria de missivas de Cecília Meireles, contabilizando setenta e oito registros, como cartas, cartões e bilhetes.

A correspondência ativa de Cecília Meireles com a amiga [...] se fez em torno, principalmente, dos planos de visitas de Cecília a Minas Gerais, das visitas que, de fato, ocorreram e da troca literária sobre livros em curso de escrita e livros publicados das autoras, além de comentários sobre arte e literatura. Parte do interesse de Cecília ao se corresponder com Lúcia era a troca de ideias e informações para a elaboração d’*O romanceiro da Inconfidência*. (REIS, 2018, P. 97)

A correspondência de Cecília Meireles para Lúcia Machado de Almeida realmente tinha esses aspectos pontuados por Ana Amélia Neubern Batista Reis (2018), no texto “Sonorosa dona Lúcia: cartas de Cecília Meireles a Lúcia Machado de Almeida”, no entanto, entende-se que, acima desses interesses literários, havia a amizade entre as duas. Em meio a conversas sobre cotidiano ou literatura, a escritora fluminense expressava sentimentos, aflições, sobrecargas, confissões, o que revela uma relação de confiança ali constituída. São tópicos que ultrapassam o formalismo da correspondência por utilidade, porque se precisa de algo ou se oferece algo. Havia a necessidade, entre as duas, de proximidade, de querer bem, como se vê na forma de escrita de Cecília Meireles a Lúcia Machado de Almeida. A poeta cria tipos de narrativa próprios para a amiga mineira, inventa personagens, apelidos, muitas vezes com humor e sempre com carinho, como na carta de 24 de outubro de 1950³⁶, em que apenas expressa a saudade que sente da amiga e o desejo de saber se esta encontrava-se bem (FIG. 6):

³⁶ Acervo LMA, AEM/UFMG.

Figura 6 — Carta de Cecília Meireles a Lúcia Machado de Almeida, em 24 de outubro de 1950

Rio, 24 de out. de 1950

Querida Lúcia: tenho tentado escrever-lhe por várias vezes, mas ando metida em tanto trabalho que, se, não escrever já, não escrevo nunca. Perdõe, por isso, a pressa e a brevidade.

É que eu quero saber de V., tenho saudade de V., desejaria conversar com V.

Imagino suas cansaças e aborrecimentos. Mas recorde as palavras de Ruy: que muitas vezes luta-se para perder. (E sabendo-se que se perde na certa.)

Assim, de longe não se pode falar muito. Tudo é difícil. Quando é que V. vem ao Rio?

Diga-me que está bem, que Antônio e as crianças estão ótimos como da última vez que os vi, para que eu fique tranqüila e contente também.

Sobretudo, não se prenda a pensamentos melancólicos. Não perturbe sua vida, seu espírito, com essas fatalidades.

Um terno abraço para todos da
Cecília

Fonte: Acervo LMA, AEM/UFGM. Série Correspondência Pessoal.

O estudo da correspondência disponível nos arquivos literários oferece às pesquisas contribuições para o melhor entendimento do tempo em que as cartas são escritas, do pensamento dos remetentes, de como aqueles interlocutores se manifestam em situações de mais intimidade, de fatos que ocorrem no entorno de remetente e destinatário e que auxiliam na compreensão de processos históricos, dentre outros fatores. Ao discorrer sobre a epistolografia, que é o estudo dos textos no gênero carta, o pesquisador Leandro Garcia Rodrigues, na obra *Cartas que falam* (2023), registra:

A correspondência possibilita que diferentes mundos se comuniquem e se intercambiem mutuamente, numa complicada rede de contatos e cumplicidade que caracteriza a troca epistolar. Isto é, pensando nessa atividade como algo regular e metódico [...], e não apenas como um simples intercâmbio de informações, podemos dizer que a correspondência entre intelectuais e artistas ganha força e certo *status* de obra, tal sua complexidade e sua organização. [...] Ou seja, carta é obra; carta é matéria pensante e pensada; carta é documento e testemunho. (RODRIGUES, 2023, P. 16, grifo do autor)

De acordo com Leandro Garcia Rodrigues, a carta “é um gênero de fronteira, de entrelugar, cambiando entre o público e o privado, embaralhando por completo esses espaços em determinadas correspondências, especialmente quando estas são publicadas e reveladas”

(RODRIGUES, 2023, P. 16). Sendo um gênero tão particular e provido de especificidades, a correspondência, ao ser analisada, exige que se tenha atenção a esses aspectos e à relação tempo/espaço associada a ela: “o quando e onde da escrita de uma carta não é, nunca, o quando da sua leitura, uma vez que o presente da escrita é o futuro da leitura, assim como o presente da recepção corresponde ao passado do envio” (RODRIGUES, 2023, P. 17).

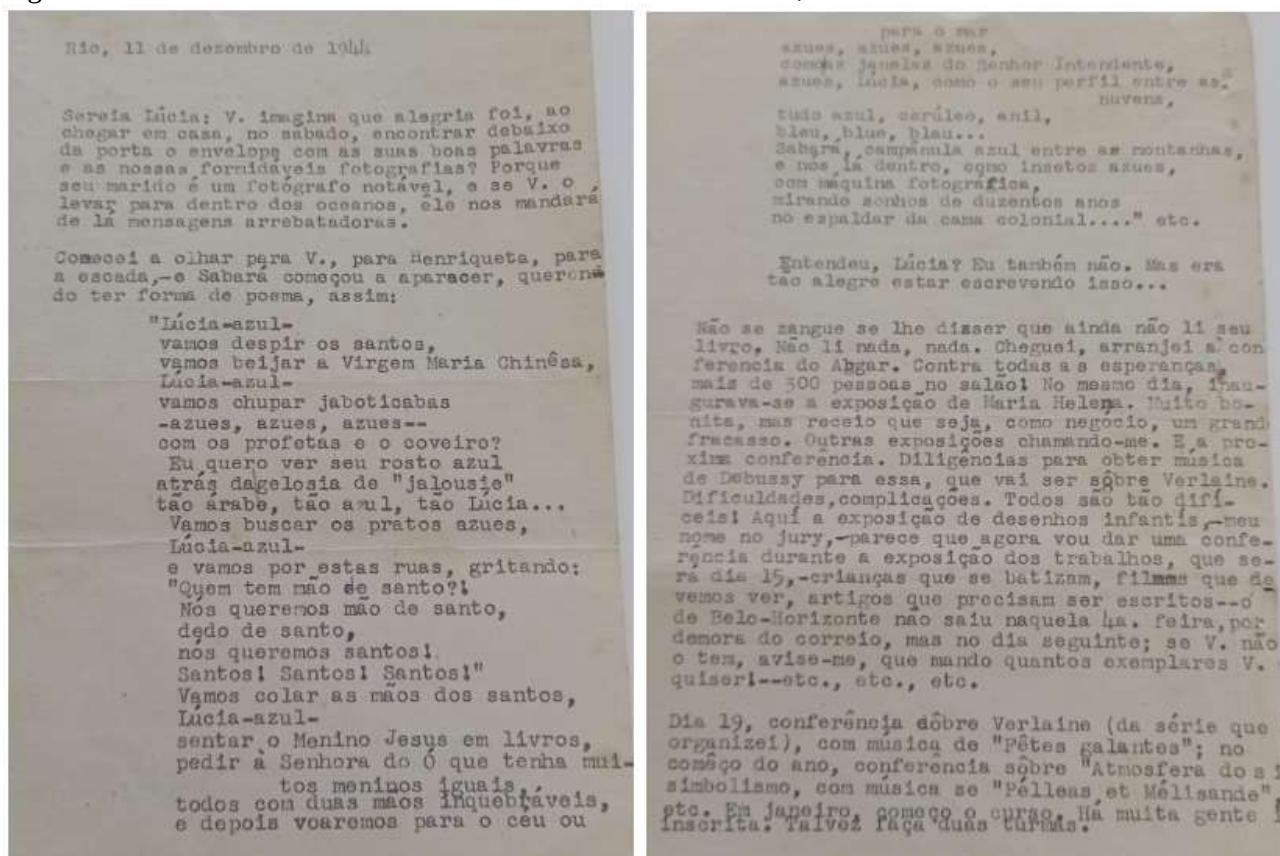
Além disso, a carta propicia o desenrolar de relações afetivas, conforme Leandro Garcia Rodrigues: “[...] o papel desperta uma poderosa relação afetiva entre remetente e destinatário, pois é nessa materialidade que os sentimentos e as mensagens são escritos e se inscrevem na intimidade do ser que se abre pela amizade, pelo amor e às vezes pela paixão entre os correspondentes” (RODRIGUES, 2023, P. 22). Nesse aspecto, o papel se torna uma “testemunha gráfica e semântica”, registrando as trocas existentes entre remetente e destinatário (RODRIGUES, 2023).

Quando se tem acesso à correspondência enviada por Cecília Meireles a Lúcia Machado de Almeida sessenta a oitenta anos atrás, é fundamental ter em vista a questão do tempo/espaço apontada por Leandro Garcia Rodrigues, pois, da escrita ao recebimento, do recebimento ao arquivamento, do arquivamento à recuperação, da recuperação à leitura, da leitura à interpretação, da interpretação à releitura, da releitura ao leitor, muitas coisas acontecem: “remetente e destinatário se modificam, os assuntos tratados envelhecem, verdades são refeitas e pensadas, tornando-se hipóteses ou até mesmo ganhando o *status* de falácia” (RODRIGUES, 2023, P. 17, grifo do autor). No caso da correspondência entre as duas escritoras, ambas já falecidas, o cuidado na leitura e na interpretação dos escritos deve considerar o distanciamento temporal/espacial do momento e as lacunas que esses “resíduos” deixaram para a posteridade. Uma das lacunas identificadas é a ausência da correspondência ativa de Lúcia Machado de Almeida para Cecília Meireles, devido à dificuldade de acesso ao arquivo pessoal da poeta fluminense.

Na correspondência de Cecília Meireles para Lúcia Machado de Almeida, a carta mais antiga localizada no Acervo LMA, AEM/UFGM, data de 11 de dezembro de 1944 (FIG. 7). Nela, Cecília Meireles já utiliza o termo “Sereia” para chamar a destinatária, apelido que foi empregado em muitas outras ocasiões pela poeta ao se referir à amiga. Essa forma de tratamento é um índice da presença de intimidade maior entre as duas, sinalizando uma amizade afetuosa, que oferecia condição para o uso de “apelidos” e para o envio de poemas

tendo a destinatária como tema. É que, nessa carta também, a poeta envia o poema “Lúcia-Azul”, que fez para Lúcia Machado de Almeida. O título do poema passou a ser outra forma de tratamento de Cecília Meireles para com a escritora mineira. Além das manifestações afetivas, Cecília Meireles tratou das muitas atribuições culturais das quais estava encarregada e que a impediram de ler o livro de Lúcia Machado de Almeida, sem citar qual. Até 1944, a escritora mineira já havia publicado *No fundo do mar* e *O mistério do polo*.

Figura 7 — Carta de Cecília Meireles a Lúcia Machado de Almeida, 11 de dezembro de 1944



Fonte: Acervo AEM/UFGM.

Depois dessa primeira carta, há uma lacuna de um ano aproximadamente, em que não se sabe se Cecília Meireles não enviou carta à amiga, se a correspondência foi perdida ou se não foi entregue ao AEM/UFGM. Após esse intervalo, a próxima carta de Cecília Meireles a Lúcia Machado de Almeida e que consta do Acervo LMA no AEM é de 27 de janeiro de 1945, quando a poeta, chamando a destinatária de “Azul Sereia Lúcia”, comenta sobre os livros da amiga, elogiando-lhe o talento e encorajando-a a escrever mais para crianças:

[...] li todos os livros infantis que trouxe de Minas e delicieei-me com a sua imaginação e a sua graça. Creio que, com estas qualidades, e o seu lindo talento,

você poderá dar-nos livros encantadores. Diga-me que sua saúde está melhor e que você se vai dedicar a esse trabalho com devoção!³⁷

Na mesma correspondência, a poeta alerta a amiga sobre “umas poucas palavras” que escreveu em artigo no jornal *A Manhã*, do Rio de Janeiro, sobre os livros que havia levado de Minas para o Rio de Janeiro. Trata-se do texto “À margem da literatura infantil”, de 18 de janeiro de 1945, em que Cecília Meireles, colunista do jornal, crítica o aparecimento excessivo de publicações voltadas ao público infantil, as quais nem sempre têm atributos para atender as demandas da criança. “Contar histórias para crianças não é uma coisa à toa, como em geral se pensa. A criança recebe e até deseja todos os absurdos, mas, ao mesmo tempo, exige uma surpreendente conformação do maravilhoso à realidade” (MEIRELES, 1945, P. 4). Ao longo do artigo e até a conclusão dele, a escritora propõe formas de se ouvirem as crianças para saber delas o que as interessa e agrada na literatura infantil.

No artigo, Cecília Meireles cita as obras de três autores mineiros de literatura infantojuvenil — Vicente Guimarães, Lúcia Machado de Almeida e Alaíde Lisboa (1904-2006) — com as quais manteve contato ao visitar em Belo Horizonte uma exposição de livros infantis. “Falo de autores mineiros, que mantêm com as crianças um convívio constante, e, além disso, provocam-lhes reações frequentes, por meio de narrativas orais, de leituras orientadas por bibliotecas, revistas etc.” (MEIRELES, 1945, P. 4).

De Vicente Guimarães, a escritora traz o exemplo de duas narrativas, uma com tema “clássico”, de caráter tradicional (“uma menina que entende a linguagem dos animais”), e outra, de caráter etiológico, oferecendo explicação para a origem das coisas (sobre por que os filhotes de urubus “nascem de cabeça branca”) (MEIRELES, 1945, p. 4). Sobre Lúcia Machado de Almeida, Cecília Meireles registra: “Se isto não fosse um artigo tão apressado, gostaria de falar do talento narrativo de Lúcia Machado de Almeida, cuja imaginação extraordinária se presta a entrelaçar e encaminhar todo o material instrutivo que lhe interesse levar aos seus leitores” (MEIRELES, 1945, P. 4). A escritora fluminense encerra o comentário sobre os autores mineiros com Alaíde Lisboa, “que, com uma simplicidade extrema, deve deixar na lembrança das crianças grandes clareiras de sonho, pelo que sugerem mais do que pelo que dizem suas curtas histórias, que misturam em doses iguais a realidade e o sobrenatural” (MEIRELES, 1945, P. 4).

³⁷ Acervo LMA, AEM/UFMG. Série Correspondência Pessoal.

Em carta de 30 de março de 1945³⁸, a Lúcia Machado de Almeida, Cecília Meireles torna a incentivá-la na literatura: “Eu acho, Lúcia, que V. tem muito talento e que Minas está cheio de motivos curiosíssimos para livros encantadores. Eu não conheço mais que os pontos turísticos [...] mas em cada esquina vejo motivos para uma história. Você devia ocupar-se disso!”.

No mesmo ano, em carta de Cecília Meireles a Lúcia Machado de Almeida de 1º de outubro de 1945³⁹, a poeta conta que, junto da correspondência, envia um exemplar de *Mar absoluto* (1945), de sua autoria. Interessante observar que, no mesmo período, as duas amigas estavam, em segmentos e gêneros diferentes, trabalhando com obras que tinham o mar como temática. Talvez por isso a carta de Cecília Meireles tenha sido escrita com tantas referências a esse assunto em comum, além de menções a temas da ciência contemporânea, como a energia atômica e a teoria da relatividade de Albert Einstein (1879-1955), agradando a outro gosto da amiga. Segue um trecho da correspondência:

Cara Lúcia: a estas horas você deve estar curada, se os meus pensamentos tiverem a *força atômica* que pretendem. Pois logo que você me contou aquelas histórias pulmonares, a Sereia, sua parenta, e eu, sua amiga, nos pusemos em transe, e ela com o seu doce violino e eu com minha fanhosa voz imploramos às *potências marinhas* que trouxessem todas as coisas melhores do mundo para você. Ora, acontece que esses deuses pagãos são uns grandes malandros, que troçam a valer tanto dos católicos como dos livres pensadores: e sabe o que nos mandaram *das entranhas do mar*, amarrado em papel e barbante, como se fossem *anzol e isca*? Pois o meu livro: o próprio “Mar absoluto”, que é *tão relativo, coitadinho, mesmo sem Einstein*.⁴⁰ (grifos nossos)

Meses depois, em carta de 1º de março de 1946 a Lúcia Machado de Almeida⁴¹, a poeta fluminense elogia o envolvimento da amiga na literatura infantojuvenil e a incentiva a escrever mais, aproveitando as inspirações que existem em Minas Gerais:

Estou há uma semana lutando contra umas nevralgias, e por isso foi sendo atrasada esta carta. Faço este esforço apenas porque não quero passar sem lhe dizer quanto me alegra sua disposição em escrever para as crianças sobre assuntos brasileiros — ou mineiros — o que me parece que você poderá fazer magistralmente. Há tantas coisas maravilhosas para dizer, quando se conhece Ouro Preto, Mariana, Sabará...⁴²

³⁸ Acervo de LMA no AEM/UFMG. Série Correspondência Pessoal

³⁹ Acervo de LMA no AEM/UFMG. Série Correspondência Pessoal.

⁴⁰ Acervo de LMA no AEM/UFMG. Série Correspondência Pessoal

⁴¹ Acervo de LMA no AEM/UFMG. Série Correspondência Pessoal.

⁴² Acervo de LMA no AEM/UFMG. Série Correspondência Pessoal

Na carta de 1º de outubro de 1945⁴³, anteriormente citada, Cecília Meireles também manifesta o quanto a paisagem mineira pode favorecer a criação de Lúcia Machado de Almeida, ao reproduzir o pensamento dela, Cecília, e da Sereia, personagem que criou ao longo da correspondência com a escritora mineira: “[...] mas lá em Belo Horizonte, que nós daqui não vemos, devem estar oferecendo à Lúcia as coisas mais adoráveis do ultramundo, e devem acalentá-la, e criar invenções dentro da cabeça dela, e deixá-la todinha em sonho, que é a coisa melhor que pode acontecer a um mortal”⁴⁴.

O vínculo de admiração e amizade entre Cecília Meireles e Lúcia Machado de Almeida transparecia de outras formas, além da correspondência trocada pelas escritoras. De modo frequente, Lúcia Machado de Almeida citava a poeta quando participava de debates envolvendo a literatura infantojuvenil. Isso ocorre, por exemplo, no ensaio publicado na revista *Literatura* (RJ), de março de 1948 — texto que será melhor abordado mais à frente nesta dissertação. Ao citar a amiga, Lúcia Machado de Almeida assim o faz: “Cecília Meireles, que possui um profundo conhecimento da alma infantil [...]” (ALMEIDA, 1948, P. 12).

Posteriormente, em homenagem a Cecília Meireles, falecida em 1964, a escritora mineira publicou, no Suplemento Literário do jornal *O Estado de São Paulo*, em 20 de fevereiro de 1965, o sensível texto “Esse instante emprestado”, retomando frase que a poeta escreveu, em carta de 23 de novembro de 1948, para Lúcia Machado de Almeida, ao comentar sobre algo acontecido a uma pessoa próxima à escritora mineira: “Todos ficamos tristes com o caso do Virgílio. Mas a vida é isso: *esse instante emprestado...*”⁴⁵ (grifo nosso). Lúcia Machado de Almeida é filha de Virgílio Machado e irmã de Virgílio Monteiro Machado, o primogênito dos onze irmãos, mas não se trata de nenhum dos dois, já que o primeiro faleceu em 1937 (GONÇALVES, 2020), e o segundo, em 1917, e a carta é de 1948. A escritora mineira também teve um sobrinho chamado Virgílio, mas a carta não especifica se trata-se dele. No texto de Lúcia Machado de Almeida em homenagem a Cecília Meireles, ela escreve, sobre a amiga: “[...] poucas vezes encontrei reunidas em uma só pessoa tanta inteligência, retidão de caráter, decência e sensibilidade” (ALMEIDA, 1965, P. 2).

⁴³ Acervo de LMA no AEM/UFMG. Série Correspondência Pessoal.

⁴⁴ Acervo de LMA no AEM/UFMG. Série Correspondência Pessoal.

⁴⁵ Acervo de LMA no AEM/UFMG. Série Correspondência Pessoal.

Mesmo após a morte de Cecília Meireles, em 1964, Lúcia Machado de Almeida não deixou de citar as ponderações da poeta e educadora sobre literatura infantil. Quando escreveu o artigo “Minha experiência com a literatura infantil” (ALMEIDA, 1975), a escritora mineira retomou o pensamento de Cecília Meireles acerca dos livros que resistem ao tempo, “os que possuem uma essência de verdade” (MEIRELES *apud* ALMEIDA, 1975, P. 7), e de que “um livro de literatura infantil deve ser antes uma obra literária” (MEIRELES *apud* ALMEIDA, 1975, P. 7).

Em 1979, no ensaio publicado na Revista do Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, Lúcia Machado de Almeida volta a essas defesas que Cecília Meireles fazia acerca da literatura infantil. E acrescenta outra, apontada pela poeta em *Problemas da literatura infantil* (1951): “E convém lembrar — ainda citando Cecília — que a literatura infantil não é a que foi escrita para a criança, mas a que foi escolhida por ela” (ALMEIDA, 1979, P. 65).

Como já visto quando aqui se tratou do artigo “À margem da literatura infantil” (1945), publicado no jornal *A manhã*, Cecília Meireles também fazia menções à amiga mineira. Às vezes, com temas da “realidade”, outras, com a fantasia, como na crônica “Cheguei a Belo Horizonte”, publicada em 30 de novembro de 1944, no jornal *A Manhã*, do Rio de Janeiro. No texto, Lúcia Machado de Almeida e a poeta Henriqueta Lisboa são “aparições” na cabeça da narradora e surgem em formas mítica e zoomorfizada: Lúcia Machado de Almeida como sereia e Henriqueta Lisboa, com quem também mantinha correspondência, como libélula:

Henriqueta Lisboa veio falar comigo, sem pousar, [...], e eu pensava: Henriqueta é uma libélula [...].

Veio também Lúcia Machado de Almeida. E essa veio completamente de sereia, com os olhos cheios d’água e uma cauda verde que com a maior naturalidade se enroscou pelo tapete do hotel. [...]

E como estavam animadas! Como falavam de seus companheiros de trabalho! Das crianças de Belo Horizonte! Da exposição que se inaugurava aquela noite mesma (aquela noite mesma!) e em que eu devia falar! E como descreviam os desenhos dos meninos! E como estavam interessadas nos livros infantis!

[...] E contemplando as cintilantes escamas de Lúcia, dizia comigo: “Não lhe acontecerá nada, ficando assim algum tempo fora d’água?”. [...]

E Henriqueta e Lúcia desapareceram, líquidas e aéreas, sorrindo, como se fossem desenhos de Guignard no céu de Belo Horizonte. (MEIRELES, 1944, P. 6)

Na ocasião dessa vinda de Cecília Meireles a Belo Horizonte, ela participaria de um evento, ao lado de Lúcia Machado de Almeida, voltado à infância. Trata-se do “H. M the Child”, realizado no primeiro andar do Edifício Mariana, no centro da cidade, com exposição de livros infantis, desenhos feitos por crianças, palestras de Cecília Meireles e Lúcia Machado de

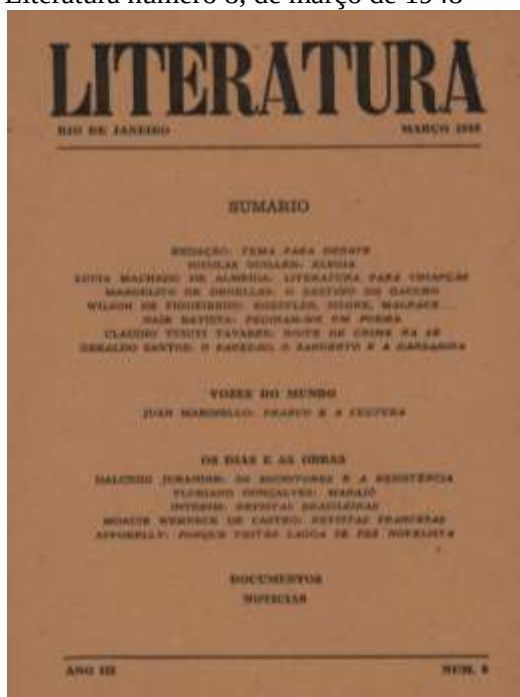
Almeida e outras apresentações artísticas, como a da musicista Berenice Menegale (FRANCK, 1944)⁴⁶. A nota que traz as informações desse evento foi localizada em um dos cadernos onde notícias sobre Lúcia Machado de Almeida eram coladas e que hoje estão guardados no Acervo LMA do AEM. Porém, a nota foi guardada isoladamente, sem cabeçalho e restante da página. O nome do autor do texto foi escrito a caneta, assim como a data (“dezembro de 1944”), na própria nota. Trata-se do crítico de arte Roberto Franck. Não foi informado, entretanto, o nome do jornal de onde a nota foi retirada e, até o momento, não foi possível identificá-lo. Nas buscas pelo texto, foi encontrado o artigo “O católico e a história”, no jornal A Estrela Polar, de 4 de março de 1945, na plataforma de pesquisa da BNDigital. Esse artigo é endereçado ao “Dr. Roberto Franck, exímio crítico de arte de ‘O Diário’ de Belo Horizonte!”. Portanto, existe a possibilidade de que ele já estivesse nesse jornal, O Diário, em dezembro de 1944, três meses antes. Ressalta-se, todavia, que esses indícios são insuficientes para que se faça aqui a afirmação de que a nota consta mesmo desse veículo de comunicação.

1.3 EM DEFESA DA LITERATURA INFANTIL

Em consonância com as discussões em voga nos anos 1940 sobre a literatura para crianças, Lúcia Machado de Almeida marcava presença nas ocasiões em que o tema estava pautado. Rapidamente passou a ser considerada referência no tema literatura infantil, alcançando projeção nacionalmente. Isso foi comprovado em um dos episódios em que a concepção de Lúcia Machado de Almeida sobre infância e literatura para crianças gerou repercussão por dias e semanas nos jornais da época. Ocorreu a partir da publicação do artigo “Literatura para crianças”, na edição número 8 da revista Literatura, do Rio de Janeiro, de março de 1948 (FIG. 8), à qual se teve acesso por meio de pesquisa no Centro de Documentação e Memória da Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” (Cedem/Unesp), após busca pelo acervo do fundador da revista, o escritor e jornalista Astrojildo Pereira (1890-1965), documentação sob a guarda do Cedem. O ensaio da revista Literatura foi publicado quando a escritora mineira completava cinco anos de estreia nesse segmento literário.

⁴⁶ Acervo LMA, AEM/UFMG. Série Produção Intelectual de Terceiros.

Figura 8 — Reprodução da capa da revista Literatura número 8, de março de 1948



Fonte: Acervo Cedem/Unesp.

O trabalho de Lúcia Machado de Almeida, que ocupou doze páginas da revista, indo da oito à dezenove, foi qualificado como “esplêndido ensaio” no editorial “Tema para debate”, como forma de propor aos leitores e à sociedade uma ampla discussão sobre o assunto, a qual a revista se comprometia a receber nas edições seguintes.

[...] desejamos, nesta nota, chamar a atenção dos nossos leitores para o ensaio da Sra. Lúcia Machado de Almeida, escrito a nosso pedido e que publicamos neste número. Trata-se de uma contribuição extremamente valiosa, visto partir de uma escritora já consagrada entre os nossos melhores autores de histórias para crianças, e que alia a essa qualidade as de educadora e mãe de família. Com justificada satisfação, divulgamos o seu trabalho, tanto mais quanto alimentamos a esperança de convertê-lo em ponto de partida para debates posteriores, que serão desde logo acolhidos na página desta revista. (LITERATURA, 1948, P. 1)

No texto, a escritora destaca o papel de se investir na boa formação das crianças de forma geral, ou seja, de todos os perfis sociais, de modo igualitário, o que ela reconhece ser uma “ingênua utopia”, uma vez que, com o passar dos anos e o amadurecimento do indivíduo, torna-se mais difícil que ocorram mudanças na mentalidade já formada. Nesse processo, Lúcia Machado de Almeida considera a literatura infantil fundamental: “A literatura infantil é uma das armas mais poderosas com que se pode contar para educar (e... deseducar...) uma

criança. Arma de dois gumes, mais eficiente ainda porque atua subconscientemente, sem que o menino perceba” (ALMEIDA, 1948, P. 10).

Feitas as primeiras explanações sobre infância e literatura infantil, a escritora passa a elencar méritos e deméritos que podem ser encontrados nos livros para crianças. Para que uma publicação possa exercer influência, boa ou má, sobre quem lê, tem primeiro de “empolgar” o leitor, conforme a autora. Ela também defende no ensaio que a literatura infantil concentre as características de ser educacional, instrutiva e recreativa — as três possibilidades que, na época, eram reconhecidas nesse tipo de literatura —, para que a criança fosse educada sem perceber (ALMEIDA, 1948). No entanto, dessas três possibilidades, Lúcia Machado de Almeida priorizava a que considerava mais importante. “Quando isso se tornasse um tanto difícil, bastaria que o livro infantil apenas fosse sadiamente recreativo...” (ALMEIDA, 1948, P. 11).

Voltando à questão da influência que pode ser exercida pela literatura sobre a criança, a autora observa que não se deve direcionar a esse público história em que o crime e o vício apareçam de forma “atraente”. Por outro lado, deve-se evitar que o herói “bonzinho” seja desinteressante ou perfeito demais, sob o risco de a criança perceber que é uma trapaça, com resultados “desastrosos” para o processo de leitura. “A moralidade no livro infantil deve ser diluída, discreta, e decorrer mais do desenrolar natural das coisas do que de conceitos dogmáticos” (ALMEIDA, 1948, P. 11).

Outro ponto do texto é a recomendação da escritora de não se fazer literatura, de “grande para pequeno”, usando “linguagem deformada e puerilidade forçada” (ALMEIDA, 1948, P. 11), sob o mesmo risco de o jovem leitor perceber e se sentir enganado. A autora cita o poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) e a poeta e amiga Cecília Meireles ao comentar que a criança é ávida por penetrar no mundo do adulto: “e é no ‘modo’ de mostrar esse mundo que está o segredo da literatura infantil” (ALMEIDA, 1948, P. 12). Segundo Lúcia Machado de Almeida, “autoridades no assunto” observavam que a literatura para adultos estava exercendo forte atração no público infantil, que entendia nesse tipo de texto uma possibilidade de descobrir algo do imenso e misterioso mundo adulto. Dentre essas autoridades, a escritora mineira cita os dois colegas contemporâneos, com excertos em que eles apontam a existência dessa atração exercida pela literatura adulta sobre o público infantil. Lúcia Machado de Almeida faz, ainda, a defesa de uma literatura que mostre “o que há de belo na realidade, vestindo-a de sonho e ensinando a criança a descobrir o mundo de uma

forma alegre, poética e saudável. Mostrar-lhe o maravilhoso que existe no cotidiano [...]” (ALMEIDA, 1948, P. 13). Sugere também maior e melhor exploração de assuntos brasileiros, afirma que as crianças são atentas aos enredos, têm senso de justiça e preferem “happy-end” (ALMEIDA, 1948, P. 13). A autora critica a ausência de publicações específicas para crianças no teatro, no rádio e no cinema, apesar de reconhecer avanços neste último, com a chegada às telas dos desenhos animados de Walt Disney — o primeiro desenho da Disney a ser passado nos cinemas foi *Branca de Neve e os sete anões*, em 1937 (DISNEY BRASIL, 2022). A parte final do artigo é dedicada à crítica às histórias em quadrinhos importadas, os “flans” (ALMEIDA, 1948, p. 17), assunto que será tratado de maneira mais detalhada na próxima seção deste capítulo.

Nota-se, a partir dos aspectos da literatura infantil defendidos e criticados por Lúcia Machado de Almeida no ensaio da revista *Literatura*, que a autora entendia a criança como um indivíduo dotado de percepção crítica e capacidade de discernimento acerca das mensagens dos textos voltados para elas. Com base nesse pensamento, propunha uma literatura que não subestimasse a capacidade do jovem leitor e que, ao mesmo tempo, protegesse a infância do que ela considerava nocivo. Também enxergava a liberdade que a criança “concede” ao autor, ao se deixar levar pelas narrativas com a presença do maravilhoso.

O artigo de Lúcia Machado de Almeida foi recebido com entusiasmo pela opinião pública da época e foi replicado em discussões propostas em outros veículos de comunicação. Um deles foi o jornal *Folha de Minas*, de 25 de abril de 1948, na nota “Literatura infantil”, que registra:

A série de problemas de ordem educativa concernentes à vasta e eminente questão da literatura infantil é, por assim dizer, infinita. Da gravidade e da importância do assunto podem ser exemplo as análises cuidadosas e profundas realizadas pela palavra esclarecida e autorizada da escritora Lúcia Machado de Almeida numa revista literária do Rio. Aliás, este estudo teve o mérito de colocar de novo a questão em evidência. (FOLHA DE MINAS, 1948)

O mesmo jornal, um mês depois, fez nova publicação sobre o artigo de Lúcia Machado de Almeida. Na edição de 25 de maio de 1948, no texto “Literatura infantil”, destaca:

Embora toda criança procure ler espontaneamente, sem segundas intenções, apenas como “divertissement”, não pode escapar, graças às condições peculiares de seu espírito em formação, à ação amplamente influenciadora. Daí o interesse que de todos reclama tal assunto, como demonstra, cabalmente, a onda de interesse que provocou recente artigo da escritora Lúcia Machado de Almeida, focalizando os aspectos principais da questão. (FOLHA DE MINAS, 1948)

Texto de uma página assinado pelo escritor João Camilo de Oliveira Torres (1915-1973) na seção Revista da Semana, de 18 de abril de 1948, foi dedicado ao artigo de Lúcia Machado de Almeida na revista de Literatura:

A sra. Lucia Machado de Almeida, de um modo que diríamos “ex-cathedra”, analisou em “Literatura” o importantíssimo problema social e pedagógico criado pela chamada literatura infantil. O seu artigo é um verdadeiro brado de alarme lançado contra a maneira pela qual o assunto é maltratado no Brasil. (TORRES, 1948)⁴⁷

Como parte do cabeçalho do artigo de João Camilo de Oliveira Torres foi recortada, não foi possível identificar os demais dados da publicação: nome do jornal e número de página. Ao longo do texto, o autor repassa item por item os apontamentos de Lúcia Machado de Almeida no ensaio da revista de Literatura, tais como a crítica ao texto “moralizante” e à escrita “pueril” para crianças; o incentivo ao maravilhoso na literatura infantil; e a proposta de uma campanha sistemática em favor da boa literatura infantil. A cada ponto, João Camilo de Oliveira Torres fazia comentários e acréscimos às observações da escritora mineira.

Outro exemplo da repercussão do texto de Lúcia Machado de Almeida vem de O Jornal, do Rio de Janeiro, de 4 de abril de 1948⁴⁸. Na nota intitulada “O destino do gaúcho”, assinada por M. de Ornellas, na página 3, o veículo registra:

[...] da sra. Lúcia Machado de Almeida sobre literatura infantil, um conjunto de observações particularmente felizes a respeito de um vasto tema literário, sendo de notar a autoridade de que se reveste esse trabalho, uma vez que a autora possui como título alguns dos melhores livros para crianças já escritos entre nós. (ORNELLAS, 1948, p. 3)

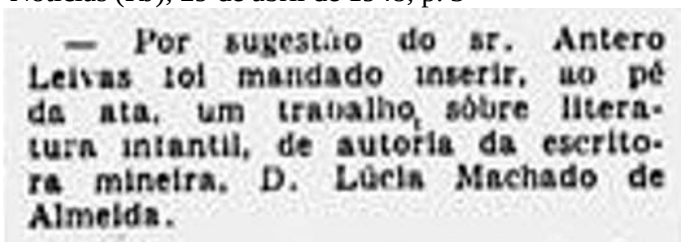
Além da repercussão na imprensa, o artigo de Lúcia Machado de Almeida alcançou a Câmara dos Deputados. Em sessão da Comissão de Educação e Cultura do dia 28 de abril de 1948, ao final das atividades, o artigo da escritora foi anexado no pé da ata, por sugestão do deputado gaúcho Antero Leivas, conforme noticiou o jornal Diário de Notícias⁴⁹, do Rio de Janeiro, de 29 de abril de 1948 (FIG. 9).

⁴⁷ Acervo LMA, AEM/UFGM. Série Produção Intelectual de Terceiros.

⁴⁸ Acervo da Hemeroteca BNDigital.

⁴⁹ Acervo da Hemeroteca BNDigital.

Figura 9 — Reprodução de nota do jornal Diário de Notícias (RJ), 29 de abril de 1948, p. 3



Legenda: a pedido de deputado federal, artigo de Lúcia Machado de Almeida sobre literatura infantil foi anexado à ata de sessão da Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados.

Fonte: Hemeroteca BNDigital.

É importante observar que, mesmo com tantas publicações infantis já surgidas a partir do início do século 20 — como apontou o educador Lourenço Filho em 1942 —, havia carência de quem fizesse a avaliação das obras que vinham sendo lançadas com urgência mediante a demanda. Esse fato foi observado por Leonardo Arroyo (2010) já nos anos 1960: “Devemos insistir em que a literatura infantil no Brasil não encontrou seus críticos e seus historiadores, mercê, sem dúvida, de um preconceito que não se proclama, mas se cultiva: o de que ela é um gênero menor e, assim considerada, não mereceu, nem merece, melhor atenção” (ARROYO, 2010, P. 304).

No artigo “A literatura infantil e a crítica”, publicado no Jornal de Letras (RJ), de fevereiro de 1950, o jornalista e escritor de livros infantis Vicente Guimarães lamenta a ausência de críticos para tratar da literatura infantil e denuncia que os comentários que saem sobre os livros infantis na imprensa são quase sempre elogios, repetindo os materiais de divulgação enviados pelas editoras, uma vez que o interesse de quem assina as seções é ganhar o livro, “não ter trabalho e estar bem com a editora” (GUIMARÃES, 1950, P. 15):

A literatura infantil no Brasil passa por uma fase de grande desprestígio. É toda ela, em geral, tomada como sublitteratura. [...]

Dois fatores que muito contribuíram para a situação atual [...] são: a invasão de livros estrangeiros, incluindo-se as histórias em quadrinhos, e a falta de críticos honestos e competentes para os livros dedicados à infância. [...] (GUIMARÃES, 1950, P. 15)⁵⁰

O colunista encerra o artigo sugerindo que os suplementos literários mantenham críticos especializados em literatura infantil, para que saibam diferenciar o “joio do trigo, valorizando

⁵⁰ Acervo da Hemeroteca da BNDigital.

aqueles que [...] continuam trabalhando honestamente, com ideal, para elevar o padrão de literatura infantil brasileira” (GUIMARÃES, 1950, P. 15).

A falta de nomes com conhecimento de causa que pudessem apresentar olhar qualificado para a literatura infantojuvenil e produzir crítica enriquecedora pode explicar em parte a dimensão alcançada pelo artigo de Lúcia Machado de Almeida na revista *Literatura* de março de 1948. Passados mais de setenta anos desde a publicação da revista e do artigo de Vicente Guimarães, a situação no Brasil não teria mudado muito, o cenário literário ainda carece de pessoas com autoridade e competência para fazer críticas honestas à literatura infantojuvenil, conforme apontam Fabíola Ribeiro Farias e Cleide Aparecida Fernandes:

A crítica à produção editorial para crianças é escassa no Brasil. Quando existem, as resenhas se dedicam a apresentar sinopses de enredos ou a exaltar autorias, especialmente quando escritor e ilustrador já são conhecidos do grande público, seja pela exposição na imprensa ou pelas leituras escolares. (FARIAS; FERNANDES, 2019, P. 24)

Outro aspecto relacionado à grande repercussão do ensaio de Lúcia Machado de Almeida na revista *Literatura* é a autoridade alcançada pela escritora na questão literatura para crianças. Ela havia publicado até aquele momento quatro livros infantis que obtiveram projeção nacionalmente e estava prestes a lançar o quinto livro — *Viagens maravilhosas de Marco Polo*, no segundo semestre de 1948 —, figurando dentre as principais autoras do gênero no país, como demonstram as dezenas de resenhas e comentários publicados pela imprensa a respeito dos livros de Lúcia Machado de Almeida. Ao longo desta dissertação, serão reproduzidos alguns desses textos, conforme sejam relevantes para ilustrar o assunto tratado.

Para exemplificar a forma como a escritora era considerada na imprensa, reproduz-se a seguir trecho de nota da revista *O Cruzeiro*, de 30 de outubro de 1948: “Lúcia Machado de Almeida governa a literatura infantil” (*O CRUZEIRO*, 1948, P. 58)⁵¹. O próprio editorial da revista *Literatura* justificou a importância do ensaio assinado pela autora mineira a partir da relevância dela como escritora de livros infantis no cenário nacional (*LITERATURA*, 1948). Três anos antes, Lúcia Machado de Almeida despertou a atenção da escritora cearense Rachel de Queiroz (1910-2003), que registrou, na Revista *Vitrine* (RJ) de janeiro de 1945:

⁵¹ Acervo da Hemeroteca da BNDigital.

Lá em Minas apareceu agora uma mulher interessante: Lúcia Machado de Almeida e é de raça de escritores: conta entre os seus irmãos o grande Aníbal Machado. Faz livros para crianças [...]. É uma imaginação preciosa, delicadíssima. E sua contribuição de dois volumes a nossa parca literatura infantil, onde Monteiro Lobato vem brilhando até agora quase como uma estrela solitária, merece o maior respeito. (QUEIROZ, 1945)⁵²

Ainda na década de 1940, Rachel de Queiroz, colunista do Diário de Notícias (RJ), novamente destacaria a obra da escritora mineira: “E falemos ainda dos deliciosos livros de Lúcia Machado de Almeida, nos quais a autora explora ambientes e personagens inteiramente novos e onde uma fantasia muito delicada e muito rica cria qualquer coisa de realmente inédito e encantador” (QUEIROZ, 1947).

Outro nome literário de projeção nacional, o poeta Carlos Drummond de Andrade teceu comentários positivos sobre a escrita da conterrânea:

Lúcia Machado de Almeida continua mostrando que é uma excelente contadora de histórias para crianças. [...] Ela conta a história no jeito mais natural [...], de sorte que o leitor infantil não se sente intimidado com a pressão de uma inteligência adulta a querer estabelecer uma falsa intimidade com o espírito infantil. (ANDRADE, 1945)⁵³

1.4 JORNADA CONTRA AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

O mencionado artigo da Revista Literatura foi um dos textos de Lúcia Machado de Almeida que mais repercutiram na imprensa do período, mas outras manifestações dela sobre o tema tiveram alcance nacional. Em 1951, ano em que a autora publicou *Atíria, a borboleta* — um de seus maiores sucessos literários e que, em 1975, passou a ser *O caso da borboleta Atíria* —, o jornal A Gazeta, de São Paulo, publicou a matéria “A educação infantil através da literatura”, assinada pela jornalista Maria Antônia. O texto se inicia da seguinte maneira: “Autora de vários livros infantis, Lúcia Machado de Almeida é uma das escritoras patricias que mais se vêm preocupando com o chamado problema da literatura infantil” (ANTÔNIA, 1951)⁵⁴.

Nessa entrevista, a escritora expressa mais uma vez o pensamento de que a literatura infantil pode ser um meio de educar as crianças “pelo divertimento, pelo interesse imaginativo, pela

⁵² Acervo da Hemeroteca da BNDigital.

⁵³ Acervo LMA, AEM/UFMG. Série Produção Intelectual de Terceiros.

⁵⁴ Acervo LMA, AEM/UFMG. Série Produção Intelectual de Terceiros.

inclinação natural da criança ao brinquedo” (ALMEIDA, 1951). Assim como já tinha feito no ensaio da revista *Literatura* (1948), nessa entrevista Lúcia Machado de Almeida se manifesta contra as histórias em quadrinhos (HQ) estrangeiras que chegavam traduzidas ao Brasil, às quais ela chamava de “flans” (ALMEIDA, 1951). Os aspectos negativos desse gênero, por ela denominado “subliteratura”, são a má qualidade, apesar de divertir, ter enredos forçosos, “excitantes, mórbidos, que despertam na criança emoções prejudiciais”, não ter pontos em comum com a identidade nacional, apresentar figuras femininas de forma provocante e pouco vestidas, heróis fabulosos, “homens atômicos que tudo resolvem sem trabalho algum do raciocínio e da inteligência” (ALMEIDA, 1951). A escritora ainda prossegue com a crítica às histórias em quadrinhos, afirmando que elas difundem vingança, ódio, morte, o que, no contexto em que se estava, pós-Segunda Guerra Mundial, deveria ser “suprimido” (ALMEIDA, 1951). Lúcia Machado de Almeida acusava os quadrinhos de provocarem “preguiça mental” nas crianças, que preferiam os textos menores das HQ e cheios de ilustrações a “livros ‘massudos’”.

A escritora mineira não era a única formadora de opinião que se posicionava contra os quadrinhos, os quais estavam passando por um “boom” na década de 1940, devido à expansão dos parques gráficos nos Estados Unidos e a distribuição dos gibis (“*comic-books*”) como apoio psicológico para soldados e civis durante a Segunda Guerra Mundial (BARI, 2008). No artigo “Literatura infantil”, escrito para o jornal *Diário de Notícias* (RJ), de 21 de setembro de 1947, a escritora Rachel de Queiroz — citada por Lúcia Machado de Almeida na entrevista à *Gazeta* (1951) — também foi incisiva no combate às HQ, como mostra o trecho a seguir:

Hoje, por desgraça, juntou-se à literatura traduzida a repelente safra dos chamados livros “de quadrinhos”, historietas arrumadas com desenhos em sequência cinematográfica; é um gênero miserável e bastardo que nem chega a ser literatura [...]. Têm as histórias em quadrinhos um só tema: as aventuras do mocinho e do vilão disputando um determinado objeto.

Matéria publicada em julho de 2009 no site “Pesquisa Fapesp”, intitulada “Quem disse que os quadrinhos são inimigos dos livros?”, assinada por Gonçalo Júnior, registra que, em 1944, a Revista Inep, do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Inep) do Ministério da Cultura, publicou uma pesquisa em que professores e estudantes opinavam de forma negativa sobre as histórias em quadrinhos.

[...] os *comics* constituíam um nocivo instrumento que estava prejudicando o aprendizado escolar de diversas formas: desestímulo ao estudo das disciplinas, abandono dos livros infantis e, pior, causavam preguiça mental, ao viciar os estudantes com imagens e poucos textos. Seguiu-se, então, uma guerra em escolas de todo país, quando fogueiras foram organizadas para queimar gibis. (JÚNIOR, 2009)

Apesar de a crítica de Rachel de Queiroz, assim como outras manifestações contrárias às HQ, ocorrer antes do fim da Segunda Guerra Mundial, Valéria Aparecida Bari, autora da tese *O potencial das histórias em quadrinhos na formação de leitores: busca de um contraponto entre os panoramas culturais brasileiro e europeu*, defendida em 2008 na Universidade de São Paulo (USP), observa que o combate a esse tipo de produção foi intensificado no Pós-Guerra, a partir de uma bandeira levantada pelo psiquiatra alemão Fredric Wertham, que era radicado nos Estados Unidos (BARI, 2008). De acordo com a pesquisadora, o psiquiatra começou a publicar artigos em revistas científicas e jornais especializados, os quais se disseminaram mundo afora, e depois, em 1954, lançou o livro *Seduction of the innocent* (“Sedução do inocente”, em tradução literal). Nesses textos, o psiquiatra acusava as HQ de serem responsáveis por provocar malefícios psicológicos nas crianças. Os trabalhos de Wertham acabaram influenciando a opinião pública na época e impactaram no estabelecimento de “normas” para a publicação das histórias em quadrinhos (BARI, 2008).

Sobre os “malefícios” de que as HQ são acusadas, a pesquisadora Nelly Novaes Coelho chama a atenção para a necessidade de separar o processo de leitura que os quadrinhos proporcionam do conteúdo que eles veiculam: “Como processo, a literatura em quadrinhos oferece uma grande riqueza de propostas para serem exploradas em proveito da criança. Como conteúdo, [...] precisariam passar por uma rigorosa seleção feita pelos adultos a quem cabe a orientação infantil” (COELHO, 2000, P. 218).

Partindo de estudos sobre o desenvolvimento psicológico infantil, Nelly Novaes Coelho observa que o “interesse que os pequenos demonstram [...] pelas histórias em quadrinhos está na facilidade com que esse tipo de leitura ‘fala’ à mente infantil; ou melhor, atende diretamente à natureza ou às especificidades da criança” (COELHO, 2000, P. 217). Isso está ligado ao desenvolvimento psicológico da criança, que tem nas imagens um facilitador no processo comunicativo, conforme a autora. No entanto, essa preferência revela “precariedade do amadurecimento cultural” quando adolescentes e/ou adultos ficam “presos” a esse único tipo de leitura (COELHO, 2000, P. 217).

Já em 1975, ao escrever o texto “Minha experiência com a literatura infantil” para o SLMG, Lúcia Machado de Almeida manteve posição crítica às histórias em quadrinhos, mas de forma mais branda. Usou citação da escritora Maria Lúcia Amaral para expressar a aceitação ao gênero: “a estória em quadrinhos é um fenômeno da época e temos de aceitá-la, sob pena de ficarmos atrás. O que é necessário é combater a má revisa em quadrinhos” (AMARAL *apud* ALMEIDA, 1975, P. 6). No artigo, Lúcia Machado de Almeida contou que, três anos antes, participou de um Congresso Internacional de Estórias em Quadrinhos para se inteirar do assunto e que, no evento, os rumos das imagens na comunicação inquietavam os presentes. “O francês Claude Moliterni [...] perguntou a si mesmo se daqui a alguns anos as pessoas ainda vão ler ou... conversar... A televisão comunicará tudo!” (ALMEIDA, 1975, P. 6).

A oposição de nomes do cenário cultural aos quadrinhos, no entanto, não acarretou encolhimento do gênero, como reconheceu a jornalista Eneida, na coluna “Encontros dos Paris”, do jornal Diário Carioca de 4 de março de 1951⁵⁵. Ao descrever uma conversa-entrevista que teve com a escritora franco-russo Elsa Triolet (1896-1970), a jornalista registrou que, ao ouvir da escritora que eram necessários bons livros para acabar com a presença nociva das histórias em quadrinhos “ianques” (TRIOLET *apud* ENEIDA, 1951), contou à interlocutora sobre a campanha realizada no Brasil contra os quadrinhos, “infelizmente sem sucesso” (ENEIDA, 1951). Porém, a jornalista informou à francesa que havia no Brasil escritores que vinham fazendo bons trabalhos no segmento infantojuvenil, citando “Monteiro Lobato, o professor, e depois Lúcia Machado de Almeida, essa grande Lúcia, com seus livros de uma pureza tão grande e um tão profundo respeito ao mundo infantil” (ENEIDA, 1951). O recorte com a entrevista de Elsa Triolet à Eneida compõe o Acervo LMA, AEM/UFMG. Dele foi subtraído o cabeçalho, o que impossibilitou a localização da página.

A chegada dos quadrinhos ao Brasil foi um processo sem volta e que foi se expandindo e convivendo com outros formatos literários, como se percebe nos dias atuais, em que, além de ter fãs aficionados, as HQ são responsáveis pelo “nascimento” da maioria dos super-heróis adorada pelas crianças. Assim sendo, em 1979, o público leitor pôde ler o texto de Lúcia Machado de Almeida em uma revista em quadrinhos produzida a pedido do governo mineiro, para uma ação de combate à doença de chagas. O material foi produzido pela Academia

⁵⁵ Acervo LMA, AEM/UFMG. Série Produção Intelectual de Terceiros.

Mineira de Medicina, que contratou a escritora para criar a história e Fausto Hugo Prats para ilustrá-la. Em novembro de 1979, a cartilha com a história *O vampiro da noite* (MONTAGEM 1) foi distribuída em um encontro nacional que abordou a doença. No texto, o menino Zezinho, ao visitar os pais, que viviam na “roça”, surpreende-se com as pernas inchadas da mãe e com o cansaço do pai e decide investigar o que estava acontecendo com eles (REZENDE, 1981, P. 2).

Montagem 1 — *O vampiro da noite*, história em quadrinhos com texto de Lúcia Machado de Almeida



Fonte: elaborada pela autora a partir de imagens tiradas de um exemplar da cartilha disponível no Acervo de Lúcia Machado de Almeida no Acervo dos Escritores Mineiros. 2024.

Trazendo um debate mais contemporâneo à questão dos quadrinhos, Lajolo e Zilberman, em *Literatura infantil brasileira: uma nova outra história* (2017), destacam que, “com a emergência dos quadrinhos [...], a imagem passou a ser tão ou mais relevante que o texto” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2017, P. 28). As autoras explicam que, pelo fato de a maior parte dos consumidores de gêneros literários com imagens predominando ser da faixa etária mais jovem — crianças e adolescentes —, a literatura para esse público incorporou a linguagem visual. Essa incorporação provocou mudanças e adaptações em toda a cadeia editorial, mas também trouxe benefícios, como a possibilidade de experimentações criativas com a apropriação de técnicas originalmente usadas em outros meios de comunicação (LAJOLO; ZILBERMAN, 2017).

A permanência em cena de debates sobre questões levantadas por Lúcia Machado de Almeida no passado demonstra a existência de um olhar sempre atualizado da escritora ao que dizia respeito à literatura infantojuvenil, à infância, às inovações tecnológicas etc., de forma coerente com o que ela defendia para esse público: uma abordagem inteligente, que não

subestimasse a capacidade da criança e/ou do adolescente. Tal posicionamento irá se refletir na construção das obras literárias que ela produz para o público infantojuvenil, como se verá nos próximos capítulos, em que será apresentada e discutida a busca de Lúcia Machado de Almeida por construir enredos que unissem a ficção, a imaginação e o maravilhoso a informações baseadas na realidade, nos elementos da natureza e em dados científicos.

2. DO MAR: FÁBULA NAS PROFUNDEZAS, GUERRA NA SUPERFÍCIE

*Um manual infantil de oceanografia, que veste de sonho a científica
exatidão das “Vinte mil léguas submarinas”, de Júlio Verne.*
Guilherme de Almeida⁵⁶

No fundo do mar, primeiro livro publicado por Lúcia Machado de Almeida, nasce em um contexto excepcional na história da humanidade. Desde 1939, os cidadãos do mundo assistem ao horror da maior guerra já ocorrida até hoje, a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Ainda que não existissem meios de comunicação que noticiassem os fatos em tempo real, como ocorre nos dias atuais, por meio da imprensa radiofônica e da escrita, era possível acompanhar os desdobramentos do conflito que expôs a crueldade do holocausto e aterrorizou o planeta com a ameaça atômica, o que acabou se efetivando em agosto de 1945, quando os Estados Unidos atiraram as bombas sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki, no Japão.

Os períodos de guerra são historicamente marcados por acelerados avanços tecnológicos, que visam atender a indústria bélica e dotar de força os lados beligerantes. No caso das duas grandes guerras do século 20 e a posterior Guerra Fria, o desenvolvimento científico ocorreu com aceleração jamais vista pelo homem. Como discorre o historiador Shozo Motoyama (1940-2021):

A partir do século XX — estou pensando na Primeira Guerra Mundial — começa a haver uma aplicação muito grande da ciência para a questão da guerra em função do seguinte fato: o potencial científico e tecnológico do mundo aumentou exponencialmente devido às características socioeconômicas do planeta. É um período que nós chamamos de revolução tecnocientífica na qual a aplicação da ciência, pela primeira vez na história, começou a ser muito eficaz para resolver os problemas tecnológicos [...], se tornou possível pensar em aplicações da ciência na própria guerra. (MOTOYAMA, 2002)

De acordo com o historiador, a ciência e a tecnologia evoluem em um curso natural, mas, nos períodos de guerra, o interesse dos agentes dos conflitos sobre as inovações aumenta e, conseqüentemente, crescem também os recursos financeiros para que as ideias dos pesquisadores passem a existir na prática:

Todo esse desenvolvimento na parte tecnológica e na aplicação da ciência poderia ser obtido sem essa mediação da guerra. O que acontece na guerra é que o

⁵⁶ Apresentação do poeta Guilherme de Almeida (1890-1969) a *No fundo do mar* (1943).

financiamento se torna farto, [...] e as pessoas estão realmente engajadas em transformar aquele conhecimento científico em algo prático. (MOTOYAMA, 2002)

Foi desse modo que as inovações científicas em andamento dentro dos laboratórios saíram deles para a indústria da guerra e, da indústria da guerra, para o cotidiano das pessoas no mundo todo. “A guerra, com suas demandas de alta tecnologia, preparou vários processos revolucionários para posterior uso civil: radar, motor a jato e várias ideias que prepararam o terreno para a eletrônica e a tecnologia de informação do pós-guerra” (HOBSBAWM, 1995, P. 260). Essa transferência de usos, da guerra para a vida cotidiana, ocorreu de forma gradativa, como explica o professor Kristen D. Burton, historiador do Museu Nacional da Segunda Guerra Mundial em Nova Orleans (Estados Unidos):

As tecnologias desenvolvidas durante a Segunda Guerra Mundial com o propósito de vencer a guerra encontraram novos usos à medida que os produtos comerciais se tornaram os pilares do lar americano nas décadas que se seguiram ao fim da guerra. Os avanços médicos durante a guerra também ficaram disponíveis para a população civil [...], os avanços na tecnologia da guerra alimentaram o desenvolvimento de armas cada vez mais poderosas, que perpetuaram as tensões entre as potências globais, mudando de forma fundamental a forma como as pessoas viviam⁵⁷. (BURTON, [20 - -], tradução nossa)⁵⁸

No mesmo texto, o pesquisador norte-americano oferece exemplos de tecnologias novas que, após a guerra, foram “morar” nos lares das pessoas:

[...] é impossível ignorar o pequeno dispositivo do tamanho da palma da mão conhecido como magnetron de cavidade. Esse dispositivo não só se revelou essencial para ajudar a vencer a Segunda Guerra Mundial, mas também mudou para sempre a forma como os americanos preparavam e consumiam os alimentos. O nome do dispositivo — magnetron de cavidade — pode não ser tão reconhecido quanto o que ele gera: micro-ondas. (BURTON, [20 - -], tradução nossa)⁵⁹

No período da guerra, essa tecnologia de ondas mais curtas (micro) foi empregada para melhorar a precisão dos radares. Hoje, além de usada como eletrodoméstico, a inovação é

⁵⁷ No original, em inglês: “Technologies developed during World War II for the purpose of winning the war found new uses as commercial products became mainstays of the American home in the decades that followed the war’s end. Wartime medical advances also became available to the civilian population [...], advances in the technology of warfare fed into the development of increasingly powerful weapons that perpetuated tensions between global powers, changing the way people lived in fundamental ways”. (BURTON, [20 - -])

⁵⁸ Os artigos disponíveis na “Sala de aula” (seção “Classroom”) do Museu Nacional da II Guerra Mundial não estão datados, mas estabelecemos a data provável devido à fundação da instituição ter ocorrido no ano 2000.

⁵⁹ No original, em inglês: “[...] it is impossible to ignore the small, palm-sized device known as a cavity magnetron. This device not only proved essential in helping to win World War II, but it also forever changed the way Americans prepared and consumed food. This name of the device—the cavity magnetron—may not be as recognizable as what it generates: microwaves”. (BURTON, [20 - -])

utilizada para se obter mais precisão no conhecimento meteorológico e nas previsões climáticas (BURTON, [20 - -]). Da mesma forma, outras novidades surgiram e se aprimoraram a partir das guerras do século 20 e da Guerra Fria, como os computadores e a penicilina, antibacteriano “milagroso”, que teria salvado milhões de vida, conforme alardeavam os anúncios da época (BURTON, [20 - -]).

No caso dos computadores, foi a partir de uma tecnologia anterior a esses equipamentos que a Alemanha nazista conseguiu construir uma máquina de destruição de pessoas precisa e eficiente. A participação da empresa norte-americana International Business Machines (IBM) na criação de um sistema que permitisse a classificação de pessoas em larga escala foi detalhada em *IBM e o holocausto: a aliança estratégica entre a Alemanha nazista e a mais poderosa empresa americana*, de Edwin Black. O autor investiga como foi desenvolvida a parceria entre o Terceiro Reich e a corporação para a confecção e a operação dos cartões perfurados que classificavam os judeus por números. Foi o que permitiu o sucesso dos nazistas não só na contagem, como também na identificação de quem era judeu ou descendente de judeu, por meio de indexação cruzada de registros, na transferência de semitas das próprias residências para os guetos e na “solução final”, quando esses indivíduos foram transportados dos guetos para os campos de concentração “em planejamento tão exato que as vítimas fossem capazes de caminhar diretamente dos vagões de carga para as câmeras de gás já em prontidão” (BLACK, 2001, P. 2-3).

De acordo com o autor, essas operações tinham logísticas tão complexas que demandavam o uso de computadores, os quais, no entanto, ainda não existiam:

Contudo, havia outra invenção: o cartão perfurado e o sistema de classificação de cartões da IBM — tecnologia precursora do computador. [...] A IBM da Alemanha, usando seu próprio staff e equipamentos, projetou, produziu e forneceu a assistência técnica indispensável de que o Terceiro Reich de Hitler necessitava para realizar o que jamais fora feito antes — a automação da destruição humana. [...] Operação de classificação de cartões foram implementados em todos os campos de concentração. As pessoas eram transferidas de um lugar para outro, trabalhavam exaustivamente até a morte e seus restos eram catalogados com exatidão gélida. (BLACK, 2001, P. 3)

Retomando as considerações de Motoyama (2002) explanadas anteriormente, se não houvesse a tecnologia de automação da IBM na Alemanha nazista, provavelmente o holocausto não deixaria de acontecer, porém com outra dinâmica, mais lenta — isso se outra tecnologia não tivesse aparecido no lugar, é claro.

O Holocausto teria prosseguido [...] apenas com munição, marchas fúnebres e massacres resultantes de perseguições movidas a lápis e papel. Mas há razões para examinar os fantásticos números atingidos por Hitler na matança de tantos milhões de seres humanos, com tanta rapidez, e analisar o papel crucial da automação e da tecnologia no genocídio. (BLACK, 2001, P. 3)

Não apenas na aceleração do extermínio de pessoas atuou a automação da IBM. Numerar alguém é substituir a identidade por um dado frio, racional, desumanizando seres humanos (BLACK, 2001). Sem nome, sem história, sem afetos, apenas números passaram a ser aqueles judeus, graças ao sistema de catalogação inventado pela IBM e à parceria com o sentimento de ódio contra judeus que a propaganda nazista disseminou principalmente na Alemanha.

Passado o terror da Segunda Guerra Mundial, as tecnologias, inclusive as precursoras do computador, começaram a ser incorporadas na vida da população civil. No entanto, cabe destacar aqui a forma desigual como as inovações oriundas da indústria da guerra migraram para o cotidiano das pessoas. Ao tratar desse “terremoto tecnológico”, o historiador britânico Eric Hobsbawm, no clássico *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*, ressalta que ele (“terremoto tecnológico”) “transformou absolutamente a vida cotidiana no mundo rico e mesmo, em menor medida, no mundo pobre, no qual o rádio podia agora, graças ao transistor e à miniaturização das baterias de longa duração, chegar às mais remotas aldeias” (HOBSBAWM, 1995, P. 260).

Das tantas novidades tecnológicas que surgiram desse contexto bélico do século 20, possivelmente a mais impactante foi a bomba atômica, desenvolvida a partir de estudos que vinham sendo feitos desde os anos 1920 no campo da energia nuclear (MOTOYAMA, 2002). Os efeitos das bombas sobre Hiroshima e Nagasaki foram tão devastadores que provocaram um movimento contrário logo em seguida: “fez com que houvesse uma corrida para a utilização da energia nuclear para fins pacíficos e, embora seja uma energia muito perigosa, nós sabemos que muita energia elétrica já é gerada pela energia nuclear, usando ainda a fissão” (MOTOYAMA, 2002). Em entrevista publicada em 1956, Lúcia Machado de Almeida mostrou que se mantinha informada sobre os desdobramentos da guerra, inclusive sobre a inversão de usos da tecnologia em prol da humanidade: “[...] a utilização da energia atômica

para fins pacíficos foi o acontecimento mundial de consequências mais positivas para a humanidade” (ALMEIDA, 1956)⁶⁰.

Mesmo que a tecnologia com que se construiu a bomba atômica tenha começado a ser investigada — e posteriormente aplicada — para uso pacífico, os impactos que as explosões das duas ogivas causaram no mundo são incomparáveis, a começar pelo extermínio imediato de milhares de vítimas, sem contar as que padeceram depois, pelos efeitos da exposição à radiação, e pela destruição de cidades inteiras.

Às 8h15 da manhã em 6 de agosto de 1945, uma bomba atômica de codinome Little Boy (Pequeno Rapaz) foi detonada a 590 m acima de Hiroshima, no Japão. Embora números exatos sejam impossíveis, acredita-se que a explosão tenha matado de imediato 70 mil pessoas e ferido outras 70 mil.

Às 11h02 da manhã de 9 de agosto, três dias depois, uma segunda bomba, chamada de Fat Man (Homem Gordo), atingiu Nagasaki, aumentando o número de mortos e feridos para 80 mil. (BROWN, 2020)

Os fatos que envolveram a guerra no momento em que ela ocorria e após o término do conflito não ressoaram só na realidade da época e dos anos subsequentes. No campo ficcional, esses acontecimentos serviram de provocação para a criação artística, como costuma acontecer em circunstâncias de dor, morte privação e incerteza sobre o futuro. “[...] de uma forma indefinível, também parece que as épocas de cataclismo aumentaram as sensibilidades, aguçaram as paixões dos que as viveram [...]” (HOBBSAWM, 1995, P. 187).

Nas artes plásticas, por exemplo, é notável a obra “A face da guerra” (*La cara de la guerre*) (FOTO 2), quadro produzido pelo pintor espanhol Salvador Dalí (1904-1989), em 1940. Como o nome antecipa, a pintura traz uma visão do artista de como a guerra se apresenta para ele: um rosto quase esquelético em que, das cavidades dos olhos e da boca, saem outros rostos esqueléticos, das cavidades dos quais, saem outros rosto esqueléticos, e assim sucessivamente, uma alegoria para a ideia de morte de forma infinita, ou em massa, como no ambiente de guerra em que a Europa estava mergulhada. Em volta desse rosto magro quase esquelético, saem serpentes, dos dois lados, com as bocas abertas, em posição de “dar o bote”, o que gera a interpretação possível de que a destruição e a morte partem de todos os envolvidos na guerra. Ao fundo, há um deserto, sem pessoas, sem nada, uma alusão ao extermínio de vidas e ao fim

⁶⁰ Recorte da matéria sem o cabeçalho e sem o restante da página, o que impossibilitou a identificação do jornal. O ano foi registrado a caneta sobre a nota. Acervo LMA, AEM/UFMG. Série Produção Intelectual de Terceiros.

da humanidade, não só no sentido populacional, mas também no subjetivo: do sentimento de humanidade que deveria unir as pessoas entre si.

A produção de “A face da guerra” ocorreu quando a população espanhola “transitava” entre conflitos: saindo da Guerra Civil Espanhola (1936-1939) e já vendo a Europa há um ano envolvida na Segunda Guerra Mundial. Mesmo que Dalí não estivesse mais vivendo na Espanha quando fez o quadro, por ter se mudado para os Estados Unidos, e que a Espanha não tenha participado da guerra, por estar se recuperando da Guerra Civil, os impactos, seja da Civil Espanhola, seja da Segunda Guerra Mundial, fazem-se presentes na obra que, por isso, torna-se atemporal (FONSECA, 2017)⁶¹.

Fotografia 1 — Obra “A face da guerra” (1940), de Salvador Dalí



Legenda: foto tirada no Palácio de Bellas Artes, Cidade do México, 2022.

Autor da foto: Ferfive.

Fonte: Wikimedia Commons⁶².

No campo da literatura, exemplo icônico de interferência da Segunda Guerra Mundial na produção intelectual vem da obra do francês Saint-Exupéry (1900-1944), autor, dentre outros, do clássico *O pequeno príncipe* (*Le petit prince*), de 1943. Na tese de doutorado *A influência*

⁶¹ FONSECA, Cláudio. “A face da guerra” à luz da Guerra Civil Espanhola. Comunicação apresentada no Seminário Conflitos e Ameaças do Mundo Contemporâneo. Lisboa, 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/34630606/_A_Face_da_Guerra_%C3%A0_luz_da_Guerra_Civil_Espanhola_Semin%C3%A1rio_em_Conflitos_e_Amea%C3%A7as_do_Mundo_Contempor%C3%A2neo. Acesso em: 3 jan. 2025.

⁶² Disponível no endereço: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Dal%C3%AD_en_el_palacio_de_BA_02.jpg. Acesso em: 3 jan. 2025.

da Segunda Guerra Mundial na produção literária de Saint-Exupéry (2014), a pesquisadora Patrícia Munhoz analisa as obras *Pilote de guerre* (1942), *Le petit prince* (1943) e *Écrits de guerre* (1939-1944), dialogando com o período em que foram escritas e as experiências vividas pelo escritor. A autora da tese é categórica ao afirmar que

Não há como falar em Saint-Exupéry sem nos remetermos à Segunda Guerra Mundial, pois as obras a que nos propusemos analisar neste projeto foram produzidas durante esse período catastrófico pelo qual a humanidade passou. Seja na França, nos Estados Unidos ou no norte da África, o escritor passa pela experiência bélica não só como testemunha das atrocidades de tal acontecimento, mas como participante de algumas missões realizadas entre 1939 e 1944, quando morre justamente em uma missão de reconhecimento aéreo durante a Guerra. (MUNHOZ, 2014, P. 17)

Um dos aspectos marcantes nessas obras é identificado pela pesquisadora é a constante referência ao tema da sede. Segundo ela, na obra mais famosa de Saint-Exupéry, *Le petit prince* (*O pequeno príncipe*), há diferentes passagens em que a questão surge na narrativa, por exemplo, em uma cena no deserto, em que o Pequeno Príncipe caminha com o Aviador em busca de água, e em outra, em que, também no deserto, o protagonista encontra um homem que vendia pílulas capazes de matar a sede (MUNHOZ, 2014). A pesquisadora observa que, fora da ficção, o escritor já havia manifestado a preocupação com a escassez de água no mundo: “[...]. Durante o período da guerra, ele declara que a humanidade está morrendo de sede, assim como ele, visto que sua geração perdeu o sentido da vida” (MUNHOZ, 2014, P. 96). Já em *Écrits de guerre* (*Escritos de guerra*), prossegue Munhoz, o autor retoma o tema: “‘Eu morro de sede de solidão’. Em outra carta não enviada de junho de 1943, na África do Norte, em Marrocos: ‘Eu odeio minha época com todas as minhas forças. O homem está morrendo de sede’” (MUNHOZ, 2014, P. 96).

Pelo estudo apresentado por Munhoz, entende-se que, ao sentir-se afetado, emocionalmente e fisicamente, o escritor francês encontra uma forma de expor essa preocupação ou esse temor (sentir sede e não ter o que beber) por meio da escrita, seja ela a ficcional, como em *O pequeno príncipe*, seja ela a testemunhal, em *Écrits de guerre*, obra composta por cartas, testemunhos e documentos do próprio autor e de terceiros (MUNHOZ, 2014).

A relação de Saint-Exupéry com a Segunda Guerra Mundial foi próxima, por ele ser natural de uma das potências envolvidas no conflito — a França, que compunha o bloco dos Aliados, junto de Estados Unidos, União Soviética e Grã-Bretanha — e por ter atuado nas frentes de

batalha como piloto (MUNHOZ, 2014). A guerra estava nas experiências de vida do escritor e nas situações que ele pôde testemunhar. No entanto, ser afetado pelo conflito não é algo privativo de quem esteve no conflito e que, por esse motivo, deixa fluir para a produção intelectual referências a esse impacto, até mesmo porque as notícias da guerra estavam disseminadas, recebendo ampla cobertura no mundo todo.

No Brasil, notas sobre os acontecimentos de guerra chegavam diariamente, e a cobertura da imprensa ocorria principalmente por meio das transmissões radiofônicas:

[...] a Segunda Guerra caracterizou-se por marcar a consolidação do rádio como principal meio de comunicação popular mundial. Com exceção de esporádicos filmes com caráter documental exibidos nos cinemas, as pessoas não tinham acesso a imagens reais dos combates. A televisão só iria se difundir após o término da guerra. Sendo assim, somente o rádio poderia transmitir ao vivo das zonas de combate. Era a partir da narração do locutor que o público ouvinte construía a sua imagem das batalhas [...]. (HENN, 2013, P. 674-675)

Sabedores do potencial do rádio para provocar comoção pública, os locutores investiam na narração, para envolver os ouvintes e aumentar o interesse deles pelo conflito, muitas vezes sendo determinantes para que quem estivesse ouvindo a mensagem aderisse a um dos lados da guerra (HENN, 2013). Havia também o envio de boletins e informações de agências internacionais para vários veículos de comunicação do mundo todo, como acontece até hoje.

É importante destacar, além da participação dos locutores radiofônicos, o papel dos correspondentes de guerra. Estes eram jornalistas enviados, pelos veículos de comunicação em que trabalhavam, para as zonas de combate com o objetivo de fazer a cobertura jornalística *in loco*, ainda que correndo risco de morte, como qualquer combatente. Eles eram chamados de “soldados desarmados”, conforme determinava a Convenção de Genebra (SILVEIRA, 1998), que são os tratados internacionais estabelecidos em convenções internacionais para proteger as vítimas de guerra (BRASIL, 1957).

Nomes se consagraram nesse campo devido à participação em reportagens nas áreas de combate. É o caso do jornalista Joel Silveira (1937-2007), que, trabalhando no grupo Diários Associados, fundado por Assis Chateaubriand (1892-1962), foi enviado à Itália para acompanhar as Forças Expedicionárias Brasileiras (FEB), em 1945, em uma das contribuições que o Brasil ofereceu aos Aliados (Estados Unidos, Grã-Bretanha, França e União Soviética)

contra o Eixo (Alemanha, Itália e Japão). Da zona de guerra, o repórter enviou mais de 300 reportagens e despachos telegráficos (DANTAS, 1998).

Ao narrar as experiências vividas no campo de batalha, Joel Silveira cita outros jornalistas brasileiros que estavam com ele no *front*: Rubem Braga (Diário Carioca), Raul Brandão (Correio da Manhã), Thassilo Mitke (Agência Nacional), Egydio Squeff (O Globo), além de equipes estrangeiras. Sobre a experiência na Itália, o repórter conta:

Limito-me a pensar comigo mesmo que o diabo é testemunha de que passeio [a ida para a Itália] não foi. Muito pelo contrário: sofremos muito lá nos Apeninos [cordilheira na Itália]. Medo frio, muito frio e muito medo, desconfortos, e aquele constante odor de sangue velho e óleo diesel, que é o cheiro da guerra. E mais o tédio dos longos dias e noites em locais inviáveis, sitiados pela neve. (SILVEIRA, 1998, P. 92)

Na cobertura da imprensa escrita, as notícias eram atualizadas diariamente — no caso dos veículos de comunicação com publicação diária — e recebiam destaque, com espaços privilegiados nas capas dos jornais para as manchetes acerca dos acontecimentos bélicos da(s) véspera(s), como se constata em pesquisas de capas de edições dos jornais brasileiros publicados ao longo da Segunda Guerra Mundial (COLAGEM 2):

Colagem 2 — Reprodução de capas de jornais dos anos 1940 com manchetes sobre a Segunda Guerra Mundial



Legenda: de cima para baixo, Jornal do Brasil, de 11 de janeiro de 1940, e O Jornal, de 4 de janeiro de 1940, ambos do Rio de Janeiro; Correio Paulistano (SP), de 21 de janeiro de 1940; A Tribuna (Santos-SP), de 10 de janeiro de 1940.

Fonte: elaborado pela autora a partir de imagens da Hemeroteca BNDigital.

Portanto, mesmo longe das frentes de batalha e em um país que não se envolveu diretamente na Segunda Guerra Mundial nos primeiros anos, era grande o interesse geral dos órgãos de comunicação e da opinião pública nos fatos envolvendo o conflito. A partir de 1942, depois que submarinos alemães afundaram navios brasileiros próximo à costa do Recife (PE), o Brasil entrou oficialmente na guerra, ao lado dos Aliados, com o envio de brasileiros da FEB para combater na Itália. Antes, no entanto, o governo brasileiro, sob a ditadura do Estado Novo (1937-1945) de Getúlio Vargas, alinhava-se ideologicamente com os países do Eixo.

Com a entrada do país na guerra, ocorreram dois movimentos na cobertura do conflito por parte da imprensa brasileira: o primeiro foi a intensificação das notícias sobre os “pracinhas” enviados; o segundo é a censura do governo sobre as matérias, para a construção de uma imagem positiva dos combatentes em guerra e, assim, do próprio governo. “[...] durante

muitos meses, [as notícias] ocuparam as principais manchetes dos jornais brasileiros. Sua linguagem, sempre grandiloquente, enaltecendo o valor combativo dos homens da FEB, muito antes de o Brasil dar o primeiro tiro” (RIGONI, 2021).

2.1 ESCRITORA EM CONEXÃO COM O MUNDO

Além de ter o perfil de pessoa interessada em tudo o que ocorria ao redor, como ela mesma se reconhecia — “Nasci para inventar histórias e não parei no tempo, mantenho-me atualizada” (DIÁRIO DA TARDE, 1986⁶³) —, Lúcia Machado de Almeida exerceu, paralelamente à de escritora, a profissão de jornalista, escrevendo para diferentes periódicos brasileiros. Isso a deixava mais perto das notícias e atualizações sobre os mais diversos assuntos, tornando-a uma leitora-ouvinte privilegiada, com acesso maior aos veículos de comunicação da época.

Escrevendo nos anos de guerra — de 1943 a 1945, quando publicou os três primeiros livros da longa trajetória literária —, a escritora encontrou formas de, mesmo que indiretamente (pois, escrevendo para crianças, procurava evitar temas “mórbidos”), deixar no texto indicações sobre aquele momento excepcional que o mundo vivia. Assim, desde o primeiro livro da trilogia marinha, havia presença de elementos que podem ser relacionados à Segunda Guerra Mundial, sendo que no terceiro volume, em 1945, os indícios são mais diretos, como será demonstrado mais adiante.

A forma como Lúcia Machado de Almeida insere as referências à guerra é sempre em tom de denúncia, contrário à destruição e à violência que o embate trazia ao mundo. Fora da ficção, a postura da escritora era também de contestação e antiguerra, antiviolência. Em muitas ocasiões, como em textos, discursos e entrevistas, ela manifestava oposição às guerras e acreditava que deveria ser proibida a produção de armas de brinquedo para as crianças. Chegou a fazer uma campanha em prol dessa proibição e falou sobre o assunto com pessoas famosas de fora do país, como o escritor Aldous Huxley (1894-1963) e Walt Disney (1901-1966). Ao responder à seção “Respondem à enquete”⁶⁴, em um jornal impresso, a escritora contou do encontro com o criador de Mickey e Pato Donald, mas com frustração por a campanha não ter atingido o objetivo:

⁶³ Acervo LMA, AEM/UFMG.

⁶⁴ Recorte da matéria sem o cabeçalho, o que impediu a identificação do jornal. Acervo LMA, AEM/UFMG.

Há pouco tempo [...] falei da conversa que tive com Walt Disney sobre a supressão de brinquedos bélicos (espingardinhas, revólveres, miniaturas de tanques etc.). Com surpresa, recebi algumas cartas e vários telefonemas de pessoas que haviam lido a reportagem e que apoiavam a ideia. Tudo ficou nisso, entretanto. Ninguém tem tempo para pensar nessas coisas... (ALMEIDA, 1957)⁶⁵

A entrevista da escritora mencionada na transcrição anterior foi publicada pelo jornal Correio da Manhã, no dia 19 de outubro de 1957, ao jornalista Renard Perez. Na ocasião, ela sugeriu opções às armas de brinquedo, deixando à mostra um ideal de paz, solidariedade e cooperação entre as pessoas:

Uma grande emoção foi conhecer Walt Disney [...]. Tivemos uma conversa séria, que a muita gente parecerá ridícula ou ingênua... Trata-se de um plano ou melhor de um “sonho”, que é o seguinte: deveria ser suprimida, mesmo proibida a fabricação de brinquedos belicosos, tais como pequenos revólveres, espingardas, tanques, metralhadoras, enfim, tudo o que fosse despertado a alimentar nas crianças o instinto de destruição e guerra. Em vez disso, por que não lhes dar sementes, pequenos arados, astros em miniatura, borboletas “de corda”, reprodução de peixes luminosos das grandes profundidades marinhas, enfim, mil e um brinquedos que, com um pouco de imaginação e habilidade, seriam divertidíssimos e poderiam sugerir sentimentos de beleza, paz, trabalhos construtivos e solidariedade humana... (ALMEIDA, 1957, P. 12)⁶⁶

A conversa sobre o desarmamento infantil com o escritor Aldous Huxley se deu em um rápido encontro em um hotel em Brasília, pouco antes da inauguração da nova capital brasileira.

Falamos muito sobre a influência do livro na criança, desviamos um pouco do assunto e chegamos a abordar o tema utópico (?) do desarmamento infantil... Dando revólveres de brinquedo a nossas crianças, por exemplo, não estaríamos incutindo a violência em nossos filhos? A assimilação da criança é imensa — comentamos nós — e convém lembrar que não falamos português porque nascemos geograficamente no Brasil, mas sim porque desde cedo “ouvimos” essa língua. (ALMEIDA, 1979, P. 60)

Cerca de trinta anos depois do encontro com Aldous Huxley, o ideal de infância sem armas de brinquedo não havia saído do pensamento da escritora. Em carta à amiga e escritora Laís Corrêa de Araújo, de 3 de outubro de 1988⁶⁷, Lúcia Machado de Almeida, ao comentar a situação política de Minas Gerais, tenta imprimir um tom otimista ao texto, dizendo que “dias melhores virão” e completa: “Sim, pois existe a Criança, e é nela que está a salvação do mundo. Só nela. Estou cada vez mais convencida disso, assim como estou certa de que só

⁶⁵ Recorte localizado no Acervo LMA do AEM/UFMG.

⁶⁶ Acervo da Hemeroteca da BNDigital.

⁶⁷ Acervo Laís Corrêa de Araújo, AEM/UFMG.

através do desarmamento infantil as guerras poderão ter fim. Mas isso não será ainda para nossos dias...”⁶⁸.

O discurso antibélico de Lúcia Machado de Almeida também aparece em diálogos de personagens da ficção que ela criava. Em *Spharion*, na conversa entre Pedro e o Almirante, o rapaz afirma: “Acho a guerra uma coisa monstruosa! Uma forma criminosa de comércio, que só interessa aos fabricantes de armas que não se incomodam de enriquecer à custa de vidas humanas” (ALMEIDA, 1979, P. 91).

Depois, em *O falcão de penas salpicadas*, a questão é colocada em dois momentos, por meio da personagem Lígia, uma jovem preocupada com questões sociais. Na primeira ocorrência, a moça afirma “se algum dia eu tiver um filho, não vou dar brinquedo bélico pra ele brincar” e em seguida: “Imitação de espingarda, revólver, metralhadora, tanque. Se eu der, sei que estou preparando meu filho pra guerra” (ALMEIDA, 1986, P. 51). Questionada sobre o porquê pelo personagem Garotão, ela explica: “O menino cresce achando que é natural, que é uma boa matar os outros” (ALMEIDA, 1986, P. 51). Depois, finaliza: “O desarmamento infantil que eu sonho terá de ser universal, como resultado de uma espécie de acordo feito pelo mundo todo” (ALMEIDA, 1986, P. 52).

Mais à frente, em diálogo entre as personagens Armanda e Lígia, o tema retorna:

- E... você, continua preocupada com... o desarmamento infantil?
- Cada vez mais firme — disse a moça. — Ainda outro dia eu vi um grande *poster* exibido na Alemanha durante uma exposição sobre a Paz. Fiquei impressionada.
- E o que representava o *poster*?
- Uma criança de uns quatro ou cinco anos, toda sorridente, dirigindo um carrinho de brinquedo, em forma de tanque de guerra. Embaixo estava escrita apenas esta frase: “Vocês nos ensinaram cedo.”
- É terrível! — exclamou Armanda. (ALMEIDA, 1986, P. 96, grifos da autora)

Nas três primeiras obras que publicou, *No fundo do mar* e *Mistério do Polo*, de 1943, e *Na região dos peixes fosforescentes*, de 1945 (MONTAGEM 2), Lúcia Machado de Almeida se utilizou de histórias com animais antropomorfizados, ou seja, com características de seres humanos, como presença de fala, profissões, realizações pessoais e cerimônias — *No fundo do mar*, por exemplo, traz a história de um casamento entre dois seres marinhos. Esse é um

⁶⁸ Acervo Laís Corrêa de Araújo, AEM/UFGM.

recurso proveniente das fábulas, e Lúcia Machado de Almeida o empregou na criação de histórias que continham elementos científicos e da “realidade” da época e tratavam de mudanças que estavam acontecendo no ambiente em torno da fauna aquática, numa união entre a fantasia e o real, muito comum nas obras da escritora, o que ela reconhecia, como conta em entrevista ao *Jornal de Casa*: “[...] posso dizer que minha imaginação só funciona quando automaticamente despertada por alguma coisa ou fato da vida real” (ALMEIDA, 1981b)⁶⁹. Em outro momento, em entrevista à revista *Manchete*, por ter atingido a marca de 1 milhão de livros vendidos, a escritora contou: “Minha cabeça sempre viveu cheia de fantasias, mas acabei descobrindo o maravilhoso da realidade” (ALMEIDA, 1983, P. 138).

Montagem 2 — Trilogia marinha publicada por Lúcia Machado de Almeida entre 1943 e 1945



Legenda: capas das primeiras edições de 1. *No fundo do mar*, Edições Melhoramentos, 1943; 2. *O mistério do Polo*, Editora Criança, 1943; 3. *Na região dos peixes fosforescentes*, Edições Melhoramentos, 1945.

Fonte: montagem elaborada pela autora a partir de fotos de livros do acervo da autora.

A trilogia marinha de Lúcia Machado de Almeida é formada por três livros compostos por histórias curtas, que têm animais aquáticos como atores. O nome deles corresponde à designação popular pelas quais as espécies são conhecidas. Desse modo, desfilam pelas narrativas a Baleia, o Cavalo-Marinho, a Ostra, o Peixe-Elétrico, o Polvo, a Sardinha e assim por diante, numa extensa apresentação de seres pertencentes à fauna aquática, e à flora também, como a Vitória-Régia. Sempre que são citados, os nomes das espécies-personagens são grafados com inicial maiúscula.

⁶⁹ Recorte sem o cabeçalho. A informação de que o veículo de comunicação é o *Jornal de Casa* é do catálogo com o Registro do Acervo de LMA no AEM/UFMG. Série Produção Intelectual de Terceiros.

Os personagens são animais marinhos, com exceção de figuras míticas, como a Sereia, e de representantes da fauna fluvial que costumam visitar os colegas do mar e até viver na água salgada. A começar pela Piabinha, a estrela dos contos da trilogia. A protagonista é apresentada logo no início de *No fundo do mar*. A história trata do sumiço da Sereia, a noiva do Cavalo-Marinho, a qual desaparece bem no dia do casamento:

Uma tarde, o Cavalo-Marinho estava conversando com o Espadarte, quando viu uma Piabinha do tamanho de um bago de milho, que se atirou à sua frente e começou a pular, falando uma coisa qualquer. Mas a voz dela era tão fininha e tão fraquinha que o Cavalo-Marinho precisou colocá-la dentro do ouvido para saber o que ela queria dizer. (ALMEIDA, 1943, p. 7)

Em “O mistério dos peixes de rabo cortado”, Lúcia Machado de Almeida faz alusão direta a uma situação caótica desencadeada após os habitantes do fundo do mar começarem a aparecer mortos, com os rabos cortados. Quando não morriam, ficavam gravemente feridos e precisavam de atendimento médico. Para socorrê-los, foi montada uma espécie de “hospital de campanha”, a exemplo das estruturas que são montadas em calamidades, como em casos de guerra, epidemias, catástrofes naturais etc.:

As grutas submarinas foram transformadas em hospitais para os que eram encontrados ainda vivos. A toda hora chegavam as Arraias que se haviam oferecido para macas, transportando peixes mortos ou feridos. [...] As Sardinhas, que eram enfermeiras, deitavam os doentes nas caminhas feitas de concha. De hora em hora, cada um tomava duas gotas de óleo de fígado de bacalhau, para recuperar as forças. (ALMEIDA, 1943a, p. 11)

Outra referência direta ao momento mundial em que Lúcia Machado de Almeida se encontrava está em “A guerra”, que já no título traz o tema bélico. No enredo, houve o sequestro de Piabinha pelos seres vivos do Rio Vermelho, e isso desencadeia o conflito entre os dois reinos aquáticos. A narrativa é construída com a presença de vários elementos comuns a períodos de guerra, como serviço de espionagem, mensagens codificadas, disfarces, tradutores e exército com atribuições e patentes:

O exército do mar estava formidável! Na frente, ia o Piloto [...]. Logo atrás, o famoso Tamboril, que, quando nadava, fazia um som de tambor. Os Polvos-Tanques abriam o caminho, fazendo movimentos incríveis com seus tentáculos. Em seguida, a vanguarda, que era composta dos Peixes-Serra e dos Espadartes, com seus bicos compridos e afiados que nem baionetas. Depois vinha a cavalaria, que eram as Garoupas, Siris, Caranguejos, Tainhas e outros montados em Cavalos-Marinhos. Os Peixes-cobra, que eram carnívoros, nadavam atrás, e os ferozes Escorpiões-do-Mar terminavam o exército. O Chefe do Estado-Maior era o velho Tubarão [...]. Os generais, capitães e sargentos eram Tubarões também. (ALMEIDA, 1943a, p. 17).

Na primeira batalha, os peixes do mar ficaram em desvantagem e bateram em retirada. Só conseguiram a vitória em um terceiro ataque, após conselho da Piabinha, ainda em cárcere. Em mensagem cifrada, a peixinha orientou os amigos a fazerem uma ofensiva surpresa pelo ar. Assim, o Atum, responsável pela tradução dos códigos, ordenou: “Mandem Peixes-Voadores carregarem Peixes-Torpedo paraquedistas por cima da linha inimiga” (ALMEIDA, 1943a, p. 23).

Depois da vitória, o exército do mar libertou a Piabinha do cativeiro e deu a ela o direito de decidir como seria o castigo aos inimigos. Com essa “deixa”, a autora leva ao texto um discurso antibélico, que é veiculado pela personagem Piabinha, após esta, ao retornar para casa, verificar os rastros da guerra pelo caminho, com peixes e outros seres aquáticos mortos, deformados, feridos, órfãos, cegos etc. “Tudo isso é muito triste. Triste e inútil, pois as guerras não resolvem nada, e as coisas ficam ainda piores do que antes. É melhor soltarmos todos os prisioneiros e fazermos a paz” (ALMEIDA, 1943a, p. 25).

O segundo livro, *O mistério do polo*, também publicado em 1943, é composto de duas histórias: “O veneno do Dragão-Marinho” e “O mistério do polo”. Na obra, as referências ao contexto de guerra são menos frequentes. A que chama mais atenção está na primeira história, que trata da jornada do Espadarte para salvar a vida da Piabinha, que havia adoecido. Porém, o único remédio possível é a produção do soro a partir do veneno do ferrão do Dragão-Marinho, o “Envenenador”, que mora “no fim do abismo num lugar muito fundo e escuro” (ALMEIDA, 1943b, P. 9). O trecho que remete à guerra aparece no retorno de Espadarte, com a solução em mãos para salvar Piabinha:

E continuou a viagem. O mar foi clareando e ele viu um grande submarino que passava.

— Já devo estar perto da casa da Piabinha, pensou ele todo contente. Mas, ai! Eis ali um objeto desconhecido e alongado que vem descendo, vem descendo, e, de repente... Bum! Que confusão! Foi terrível o estouro da bomba da profundidade. O submarino espatifou-se e o pobre Espadarte foi atirado longe. (Ah! Bem ele tinha desconfiado de que alguma coisa andava errada lá por cima... Afundava tanto navio e acontecia tanta esquisitice ultimamente...) (ALMEIDA, 1943b, P. 23-24)

Nessa passagem, o Espadarte percebe a interferência de um submarino no ambiente marinho e, em seguida, uma explosão vinda dele. O peixe se assusta e é afetado pelo acontecimento, mas não estranha, porque vinha notando mudanças oriundas da superfície (“Bem ele tinha desconfiado de que alguma coisa andava errada lá por cima... Afundava tanto navio e

aconteciam tanta esquisitice”). O trecho dá a entender que, no ambiente externo ao mar, fatos estão ocorrendo e se refletindo no ambiente marinho. A narradora não diz quais fatos são, mas dá indícios de que não são situações pacíficas: explosão de submarino, navios afundando. Levando-se em conta que o livro foi publicado em 1943, cabe considerar que a autora tenha feito referências à Segunda Guerra Mundial e à utilização dos veículos por mar pelas potências beligerantes.

É emblemática a citação por parte de Lúcia Machado de Almeida do submarino, devido ao representativo papel que esse equipamento teve na Segunda Guerra Mundial. Desenvolvido com uma tecnologia que o torna capaz de submergir nas águas, com ocupantes ou sem, esse veículo não é uma inovação tecnológica do século 20. Pelo contrário, o nascimento dele está até bem distante no tempo, teria ocorrido no século 16. De acordo com o pesquisador Eudes de Almeida Pereira,

o primeiro desenho prático de um submarino apareceu em 1578, quando o inglês William Bourne descreveu um barco submersível. [...] O médico holandês van Drebbel deu mais um passo, construindo em 1624 dois submarinos movidos a remo. Até meados do século XVIII, o seu propósito restringia-se a buscas de resgate e a obras de construção no leito do mar, ou seja, uma extensão do sino de mergulho (PEREIRA, 2008, P. 128).

Somente no século 18 foi empregado pela primeira vez em uma situação de guerra (PEREIRA, 2008). O equipamento evoluiu ao longo do século 19 e, no início do século 20, começou a despertar a atenção das potências da época para ser usado com fins militares.

Já na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o submarino foi utilizado como arma (PEREIRA, 2008), mas não da forma disseminada como foi anos depois, na Segunda Guerra Mundial, quando houve uma verdadeira batalha naval paralela àquela que ocorria em terra e nos ares, comandada pelo Atlântico, por parte dos alemães, e pelo Pacífico, por parte dos norte-americanos (BENTO, 2015). É possível dizer que, assim como os armamentos de longo alcance, os submarinos provocaram mudanças na dinâmica das guerras: “[...] o submarino inaugurou uma era de possibilidades de atuar contra as rotas globais de navegação, com o propósito de estrangular e solapar a economia de guerra dos países inimigos” (DARÓZ, 2021, P. 144).

A menção a submarinos e outras interferências no ambiente marinho, remetendo a contextos de guerra, é ainda mais nítida no terceiro volume da trilogia, *Na região dos peixes*

fosforescentes (1945). Dividida em duas partes, “A quadrilha de piratas” e “Na região dos peixes fosforescentes”, a obra já na primeira, que é distribuída em capítulos, deixa entrever o assunto de fundo às aventuras da Piabinha com os amigos. O título do capítulo é “O Mar fica inabitável”. No primeiro parágrafo, inicia-se uma explanação nostálgica da narradora de como antes era bom ser peixe no mar, diferentemente da condição no presente da narração, quando mudanças negativas estavam sendo percebidas pelos habitantes daquele ambiente. Assim a narrativa apresenta o passado naquele mundo das águas: “Havia passeios tão lindos e para todos os gostos. [...] Quando naufragava algum navio, [os peixes] corriam para ver as novidades. [...] Joias, garrafas de vinho, brinquedos. Uma festa e tanto!” (ALMEIDA, 1945, P. 5). No parágrafo seguinte, o tom da narradora muda, passando de nostálgico a ressentido, ao contar sobre as mudanças percebidas:

Não havia um dia em que não afundassem dois ou três navios. Eles não tinham mais aquelas chaminés coloridas de vermelho, verde, azul, que os peixinhos pequeninos gostavam tanto de ver. Eram pintados de negro e tão feios que nem dava vontade de a gente olhar... E só tinham coisas horríveis dentro: fuzis, dinamite, drogas mortíferas que envenenavam os peixes, coitados. [...] Apareceu uma quantidade enorme de submarinos, aqueles navios pequenos e fechados que se moviam debaixo d’água, atacando os barcos que passavam em cima. Quando havia combate então e o submarino ia ao fundo, era um horror! Largava uma espécie de óleo escuro que se espalhava pelas águas e matava uma porção de bichos. O peixe ia arroxando, arroxando, vomitava, sentia aflição e pronto. Virava defunto. (ALMEIDA, 1945, P. 5-6)

Logo depois dessa introdução, que se assemelha a um desabafo da narradora, Lúcia Machado de Almeida usa a imaginação para expressar uma das consequências dessa ação humana sobre o Mar, a morte: “Dr. Golfinho estava cansado de passar atestados de óbito: ‘intoxicação por óleo’, declarava ele” (ALMEIDA, 1945, P. 6). Em seguida, retoma a descrição do ambiente afetado por interferências externas, contando da frequência de estouros de bomba de profundidade, que é aquela que explode quando chega a determinada profundidade, e mina submarina, intervenções que afetavam a vida marinha, o que provocava desdobramentos inimagináveis: “Que se estaria passando lá em cima? Ninguém compreendia nada. Só uma coisa havia bem clara: o Mar estava ficando inabitável...” (ALMEIDA, 1945, P. 6).

Ao saberem da situação, os animais moradores dos rios convidaram os amigos marinhos para viverem com eles, o que foi aceito. Assim, houve uma onda de migração de peixes e outros seres marinhos que, enfileirados, partiram dali. Passariam a viver na condição de refugiados em uma água estranha, para prosseguirem vivendo, uma vez que tiveram de abandonar o lar,

tornado danoso e perigoso para eles. Aos poucos, foram se adaptando, sentindo enjoo e perdendo o apetite por causa da água doce dos rios (ALMEIDA, 1945), mas sobrevivendo.

Nesse ponto, a escritora toca na questão dos refugiados, aqueles indivíduos que precisam sair da terra natal como forma de se manterem vivos. Os motivos variam: guerras, catástrofes, perseguições políticas, situação econômica etc. No trecho transcrito, trata-se de refugiados em razão da degradação ambiental provocada pelos “lixos” e poluentes atirados ao mar devido a combates de guerra. O tema dos refugiados não é novo na literatura, visto que já está presente no livro mais lido no mundo, a bíblia, na história de personagens centrais, como Moisés, que fugiu do Egito para Canaã depois de libertar o povo hebreu da escravidão, e de Jesus, que, ainda bebê, foi com a família de Belém para o Egito, a fim de escapar da ordem de Herodes de assassinar todos os recém-nascidos da região. No entanto, no Brasil, é assunto menos recorrente nas obras literárias, como analisa José Leonardo Tonus, no artigo *Migrantes e refugiados: à (a) espera de uma narrativa?* (2018): “se os atores do campo literário internacional têm demonstrado um interesse cada vez maior pela questão dos refugiados, no Brasil migrantes e refugiados permanecem praticamente ausentes da nossa literatura” (TONUS, 2018, p. 480).

É certo que, na primeira metade do século 20, houve representativas obras que trataram da saída obrigatória da terra natal por questão de sobrevivência, mas se trata de textos que se referem, por exemplo, à migração interna devido à seca na região Nordeste do país. Nesse sentido, tem-se como exemplos notórios *O quinze* (1930), de Rachel de Queiroz (1910-2003), e *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos (1892-1953), que fazem parte do chamado “romance de 30”. Nesse grupo, estão as obras publicadas entre 1930 e 1939 e que se encaixam no gênero romance, conforme os critérios estabelecidos por Luís Bueno para escrever *Uma história do Romance de 30* (2015). Segundo ele,

[...] no interior da década, há um movimento contínuo de um estado de dúvida [...] até outro estado de dúvida [...]. O romance social ou proletário foi quantitativamente dominante na década, mas seu prestígio teve a tendência de diminuir a partir de um momento de auge em 1933. O romance psicológico, seu antagonista, ao contrário, foi menos numeroso, mas seu prestígio foi se consolidando com o correr dos anos (BUENO, 2015, P. 15).

Em *O quinze*, a escritora cearense trata da “Grande seca” que acometeu a região Nordeste em 1915 e mostra a jornada de retirantes em busca de sobreviver. Na análise de Constância Lima

Duarte, o romance, à época da publicação, chamou a atenção da crítica e trazia novidades do ponto de vista formal, como cortes abruptos e narrativa enxuta, e o ponto de vista do testemunho histórico (DUARTE, 2012). “A autora renova sim o ciclo da seca, mas renova principalmente a representação da mulher ao criar personagens que deixam de ser objeto para tornarem sujeitos da narrativa. Rachel de Queiroz registra em seu romance [...] o drama dos flagelados e as mais agudas questões sociais do seu tempo” (DUARTE, 2012, P. 343).

Em *Vidas secas*, o alagoano Graciliano Ramos mostra a vivência de uma família de retirantes em situação miserável ao longo dos ciclos de seca e chuva que acometem o Nordeste. De acordo com o pesquisador Erwin Torralbo Gimenez, “*Vidas secas* universaliza o circuito infernizado que antes já asfixiava aquelas almas penadas: os círculos cumprem na justa media o drama de um mundo sem apelo ao divino, a conversão da epopeia às raias do humano [...]” (GIMENEZ, 2012, P. 85). A respeito da obra, a pesquisadora Cláudia Campos Soares ressalta: “Em *Vidas secas*, o estado de necessidade é captado por um olhar distanciado. Graciliano focaliza o drama do sertanejo de uma perspectiva crítica. Ele o conhece como processo histórico, por isso seu narrador está adiante do personagem” (SOARES, 2012, P. 99).

Apesar de obras importantes como as mencionadas terem abordado o drama dos retirantes nordestinos nos anos 1930, a temática dos refugiados aguarda por ser notada pelos escritores nacionais, especialmente os contemporâneos, haja vista o aumento expressivo de pessoas desterradas nas últimas décadas. De acordo com a Agência da ONU para Refugiados (Acnur), “até o fim de 2023, estimava-se que 117,3 milhões de pessoas em todo o mundo foram forçadas a se deslocar devido a perseguições, conflitos, violência, violações de direitos humanos e eventos que perturbaram seriamente a ordem pública” (ACNUR, 2001-2025). Segundo levantamento da agência, “o deslocamento forçado continuou a aumentar nos primeiros quatro meses de 2024 e, até o fim de abril de 2024, é provável que tenha ultrapassado 120 milhões” (ACNUR, 2001-2025). No Brasil, em 2023, o Comitê Nacional para os Refugiados (Conare) reconheceu 77.193 pessoas como refugiadas, conforme a Acnur.

“Até as vozes periféricas de nossas grandes metrópoles permanecem ainda alheias aos sotaques haitianos, congolese ou angolanos que se aglomeram nos cortiços e nos arredores de nossas grandes capitais” (TONUS, 2018, P. 480). Para escrever o artigo, Tonus realizou um levantamento junto aos catálogos das “grandes editoras brasileiras ou de sites ligados a Ongs que trabalham com a migrância e o refúgio” (TONUS, 2018, P. 480), a fim de localizar obras

que tratassem do tema do refugiado no Brasil. O resultado, segundo ele, é que não havia “nenhum, ou quase [nenhum]” (TONUS, 2018, P. 480) autor abordando a questão.

A investigação de José Leonardo Tonus ainda estava em andamento no momento da publicação do artigo (TONUS, 2018). Como não é objeto central desta pesquisa, não coube à autora da dissertação averiguar a existência ou não de livros nacionais que tratem da questão do refugiado. No entanto, entende-se que o texto em questão tenha considerado apenas a literatura não infantojuvenil. No segmento para crianças e adolescentes, nas últimas décadas, verifica-se o aparecimento de títulos que tratam do tema. Alguns exemplos são: *Mohamed: um menino afegão* (2002), de Fernando Vaz; *Kalil, o menino refugiado* (2015), de Fernando Carraro; *Deixando para trás* (2017), de Ana Dantas; *A menina que abraça o vento* (2019), de Fernanda Paraguassu; *Amal e a viagem mais importante de sua vida* (2019), de Carolina Montenegro; *O quintal de Aladim* (2021), de Andréa Avelar, dentre outros. Na literatura não infantil, há produções locais que tratam de exilados no Brasil devido a ditaduras já instaladas na América Latina, como é o caso de *A resistência* (2015), de Julián Fúks.

Os refugiados de *Na região dos peixes fosforescentes*, ao contrário do tratamento xenófobo, são recebidos com respeito e acolhimento, tanto que, no final da história, os animais de água doce insistem para que os colegas do mar permaneçam ali. O convite é recusado, mas com o compromisso de que os de água doce é que irão visitar os marinhos. “[...] quando chegar o período de seca e o Vermelho estiver quase vazio [...] esperamos vocês todos no Mar. Farão uma estação de águas conosco” (ALMEIDA, 1945, P. 23) foi o convite feito pela Piabinha e aceito pelos colegas fluviais. Essa relação amistosa expressa a existência de união e solidariedade entre habitantes de locais diferentes ante a necessidade do outro, um contraponto a outros sentimentos em voga no momento da publicação, como xenofobia, antissemitismo, territorialismo e expansionismo. Mais uma vez a autora usa a voz dos personagens animais para veicular uma mensagem antibélica e em favor da paz e da fraternidade, principalmente levando-se em conta que são habitantes de ambientes diferentes.

2.2 ANTROPOMORFIZAÇÃO DE BICHOS E COISAS, A FÁBULA

Nesse mesmo conto, “O Mar fica inabitável”, que trata da necessidade de abandonar a casa para garantir a sobrevivência, há outra passagem significativa a respeito dos efeitos da guerra. Quando Piabinha sai das águas doces para ir ao oceano averiguar como estava a situação no

lar abandonado, surge nova descrição da narradora sobre os estragos provocados pelo algo estranho que estava “acontecendo lá em cima”.

[...] desenhou-se claramente uma esquadrilha de aviões torpedeiros que se aproximavam do navio de guerra. As baterias antiaéreas começaram a funcionar, [...]. O avião inimigo abaixava, deixava cair um torpedo, metralhava o convés do navio e voltava roncando. O encouraçado serpenteava furiosamente para evitar as bombas e torpedos, enquanto chamas vazias saíam dos seus canhões. Um avião inimigo foi atingido e veio descendo desgovernado, envolto em fumo. Caiu no Mar, explodiu e, fendendo a água, desapareceu no abismo. O combate durou ainda algum tempo. Finalmente os atacantes, desnorteados pelos tiros que riscavam os ares, bateram em retirada, afastando-se. (ALMEIDA, 1943, P. 15)

No trecho transcrito, a escritora traz à cena um combate ocorrido entre tropas de ar e água, descrição que vem no terceiro capítulo, chamado “Combate aéreo”. Ao expor mais uma esfera do que a guerra apresentava ao mundo, a destruição que vinha do alto, pelas asas dos aviões, e atingia o Mar, a autora revela um dos aspectos da totalidade da Segunda Guerra Mundial, que castigava o planeta por terra, ar e águas, superficiais e profundas. Após a destruição na superfície, o que descia para o fundo do mar representava outras ameaças:

Espantou-se com a grande quantidade de navios e aviões afundados que encontrou pelo caminho. E como era desagradável o petróleo que saía deles! Bombas de profundidade, minas magnéticas por toda parte!... Uma horrível substância desconhecida misturava-se na água do Mar, tornando-a mais venenosa ainda! Era T.N.T. (Trinitrotolueno) o mortífero explosivo dos torpedos... (ALMEIDA, 1943, P. 16)

É notável que, nas histórias, a palavra ‘mar’ seja grafada com inicial maiúscula, o que gramaticalmente transforma um substantivo comum em substantivo próprio, índice de que o Mar é uma personagem da história e, como tal, expressa ações, reações e sentimentos, além de ser figura de importância na narrativa. Essas características atribuídas ao mar vão se repetir ao longo do livro e também ocorrem com relação a outros elementos, como será mostrado adiante.

O oceano rugia, cinzento e raivoso. As ondas arrebentavam na praia com um gemido tristíssimo; o Mar uivava como animal ferido de morte. O azeite mineral negro — o petróleo dos navios e submarinos afundados — envenenava as águas, dando-lhes um aspecto repugnante. (ALMEIDA, 1945, P. 15)

Nesse trecho não apenas o Mar é descrito como ser vivo (“uivava como animal ferido de morte”), a outros elementos da natureza, também são atribuídas características, reações e sentimentos presentes em animais e humanos, apesar de que apenas a palavra “Mar” é grafada com inicial maiúscula.

Com o emprego da estratégia literária de antropomorfizar, ou seja, dar características humanas a elementos da paisagem, a escritora tira-os de uma condição passiva e com eles traça um diálogo, cedendo espaço para a expressão das reações que manifestam diante da violenta ação humana sobre a natureza em razão da guerra. De certa forma, há uma troca de lugar na narrativa, o espaço ocupado pela espécie humana — que se coloca a si mesma no topo da hierarquia dentre os demais seres — é destinado para os viventes não humanos e até para os que não são considerados viventes, por não serem bichos ou plantas, por exemplo, o mar, o oceano e as ondas. Junto dos animais não humanos, são esses os elementos visibilizados na narrativa, o que se entende como uma forma de salientar o todo que constitui o planeta. Os humanos não têm voz, mas os atos deles aparecem nos impactos sobre o ambiente e os seres.

Ao dar voz e sentimentos a elementos da natureza que não são categorizados como animais, Lúcia Machado de Almeida faz uso da fábula de um modo ampliado e menos restrito que o entendimento do senso comum de que fábulas são histórias em que os animais falam. A definição do termo é, no entanto, complexa e abrange mais esferas, como aponta o argentino Juan Carlos Dído, que tem se dedicado ao estudo do gênero:

O vocábulo “fábula” designa dois fenômenos relacionados, mas diferentes. Aristóteles chamou de fábula ou mitos a maneira particular de se organizarem as ações em um texto literário. Nesse sentido, o termo designa a trama ou os argumentos de uma obra. O significado, porém, é mais amplo se apelamos à etimologia. Deriva de **fari**, a língua no sentido genérico. De **fabulare**, provém o termo falar. Se extrairmos dessas origens as consequências inevitáveis, devemos convir que sempre que falamos, tabulamos, e que nossa linguagem nada mais é (tampouco é menos) que um constante fabular⁷⁰. (DÍDO, 2009, grifos do autor, tradução nossa)

O pesquisador alimenta a discussão a respeito do gênero trazendo a problematização das dificuldades que envolvem quaisquer definições feitas em âmbito literário, porque sempre é possível que sejam omitidos fenômenos na tentativa de defini-los (DÍDO, 2009). E finaliza oferecendo uma definição possível para o gênero: “[...] se se deseja arriscar uma definição, aceitando o perigo, pode concluir-se que: a fábula é um texto literário breve, de estrutura

⁷⁰ No original, em espanhol: “El vocabulo ‘fábula’ designa dos fenómenos emparentados pero diversos. Aristóteles llamó fábula o mitos a la manera particular de disponer las acciones en um texto literario. En este sentido, el término designa la trama o argumentos de una obra. El significado todavía es más amplio si apelamos a la etimología. Deriva de **fari**, el idioma en sentido genérico. De **fabulare** proviene el término hablar. Si extraemos de estos orígenes las consecuencias inevitables, debemos convenir que siempre que hablamos, tabulamos, y que nuestro lenguaje no es más (pero tampoco menos) que um constante fabular” (DÍDO, 2010).

geralmente binária [com ação e reação, protagonismo e antagonismo], que expõe uma tese em desenvolvimento dinâmico e demonstrativo [...]”⁷¹ (DÍDO, 2009, tradução nossa).

Maria Celeste Consolin Dezotti apresenta compreensão sobre a fábula que envolve também o tipo de texto em que a narrativa ocorre: “um ato de fala que se realiza por meio de uma narrativa ficcional” (DEZOTTI, 2018, P. 24). Diante dessa definição, o que se entende é que a fábula é um gênero que pertence exclusivamente à ficção e, sendo assim, pode atribuir o ato de fala de forma irrestrita: a animais, elementos da natureza, objetos criados pelo homem etc., sem que seja limitada a “seres vivos”. O ato de fala compreendido nas fábulas tem diferentes empregos, conforme a autora, como “mostrar, censurar, recomendar, aconselhar, exortar etc.” (DEZOTTI, 2018, P. 24), o que justifica em parte a capacidade desse gênero de atravessar os tempos mantendo-se como um dos mais populares. “[...] a maleabilidade de sua forma lhe permite incorporar novos repertórios de narrativas e ajustar-se à expressão de visões de mundo de diferentes épocas” (DEZOTTI, 2018, P. 24).

As fábulas têm origem no Oriente, mas se popularizaram a partir das versões de Esopo (século VI a.C.) e La Fontaine (1621-1695). Na tradição desses dois autores, o gênero apresenta uma estrutura típica, com narrativa seguida de interpretação/moral e um final metalinguístico no estilo “A fábula mostra...” (DEZOTTI, 2018, P. 25-26). Porém, o final metalinguístico nem sempre está presente nesses textos. Do mesmo modo, a moral da história pode não ser identificada ou explicitada. “Esse trabalho de interpretação pode ser realizado pelo próprio enunciador da fábula, quando ele mesmo fornece uma *moral* para a narrativa. Mas também faz parte das possibilidades lúdicas do gênero deixar a narrativa sem moral, para que o ouvinte se veja obrigado a desvendá-la” (DEZOTTI, 2018, P. 25, grifo da autora). Esse desvelamento ocorre a partir dos indícios textuais ou situacionais deixados no texto por parte do autor. “Interpretar fábula é, pois, como interpretar um enigma” (DEZOTTI, 2018, P. 25).

Acerca da “moral” da história, tão comum nas fábulas, as concepções apresentadas por Dído e Dezotti se encontram. Afirma o argentino que “a função ética da fábula não é nem evidente nem obrigatória. O caráter preceptor da moral não é razão suficiente para considerar a

⁷¹ No original, em espanhol: “En cuestiones literarias, las definiciones suelen dejar afuera muchos de los fenómenos que intentan definir. Pero si se quiere arriesgar una definición, aceptando el peligro, puede concluirse que: La fábula es un texto literario breve, de estructura generalmente binaria, que expone una tesis en desarrollo dinámico y demostrativo” (DÍDO, 2010).

finalidade moral como o objetivo principal da fábula”⁷² (DÍDO, 2009, tradução nossa). De acordo com o autor, “a moral é elemento constitutivo da fábula, mas nem sempre tem expressão proverbial nem é necessário que figure explícita”⁷³ (DÍDO, 2009, tradução nossa). Em acordo com os autores mencionados, acredita-se que não é realmente a presença ou a explicitação da moral que define se o texto pertence ou não ao gênero fábula, mas, sim, o conjunto de características nele predominantes, em especial a ficcionalidade e a existência do que os pesquisadores citados denominaram como ato de fala.

As histórias de Lúcia Machado de Almeida, apesar de usarem recursos das fábulas, não seguiam uma estrutura rígida tradicionalmente encontrada nesse tipo de texto. Em alguns casos, a personagem Piabinha servia como portadora da mensagem que pode ser entendida como “moral”, especialmente ao se posicionar com ideias pacifistas e antiviolença, o que convergia com os anseios da própria autora da obra, como visto nesta dissertação. Nesse ponto, cabe trazer à análise a argumentação de Maria Esther Maciel sobre o caráter duplo da antropomorfização presente na fábula: ao mesmo tempo em que aproxima homens e animais, mantém a distinção entre os dois grupos, ao colocar os bichos a serviço dos seres humanos, retirando daqueles a autonomia (MACIEL, 2023):

Se esse caráter contraditório das narrativas fabulares, por um lado, reforça a supremacia da dimensão humana em relação às demais, possibilita, por outro, certa conexão entre os viventes, o que acaba por colocar a fábula, após a ruptura promovida pelo antropocentrismo moderno, na contramão dessa separação radical entre humanos e não humanos. Sob essa perspectiva, o próprio antropomorfismo deixa de ser um recurso tão pernicioso quanto muitos estudiosos da questão acreditam ser. [...] funciona como um recurso capaz de figurá-los [os bichos] como seres inteligentes, sensíveis e dotados de saberes sobre a vida e o mundo. É esse o paradoxo que o define. (MACIEL, 2023, P. 24)

Nas histórias da trilogia marinha de Lúcia Machado de Almeida, os animais do ambiente aquático são em maioria dotados de qualidades positivas, o que permite que vivam em harmonia, apesar da convivência — e até das relações matrimoniais — entre espécies diferentes entre si, sendo que, no “mundo real”, algumas delas são predadoras das outras. Essa convivência é possível porque houve um consenso na comunidade aquática para se romper

⁷² No original, em espanhol: “Sin embargo, la función ética de la fábula no es ni evidente ni obligatoria. El carácter preceptivo de la moraleja no es razón suficiente para considerar a la finalidad moral como el objetivo principal” (DÍDO, 2009).

⁷³ No original, em espanhol: “La moraleja es elemento constitutivo de la fábula. Pero no siempre tiene expresión proverbial ni es necesario que figure explícita” (DÍDO, 2009).

com o comportamento predatório e se adotarem outras formas de alimentação. Vez ou outra, um animal destoante surge, com o objetivo de quebrar a harmonia desse lugar, mas então há a interferência da Piabinha e de seus amigos, que conseguem resolver o problema e fazer o mar ou o rio voltar à paz. Essa representação feita por Lúcia Machado de Almeida do reino animal mostra uma perspectiva de sociedade mais “evoluída”, o que aparece em outros textos da autora, por exemplo, quando trata de planetas desconhecidos e mais evoluídos, onde não se come nada que tenha sofrido morte e onde não existe maldade (ALMEIDA, 1963; 1967), como se verá no próximo capítulo.

2.3 RESPEITO AO LEITOR

Nas fábulas da trilogia marinha, há outros elementos, externos à tradição fabular, comuns nos enredos de Lúcia Machado de Almeida. Mantendo coerência com o que acreditava ser o ideal para a literatura infantil, como foi visto no primeiro capítulo desta dissertação, a escritora compôs as histórias empregando dois recursos recorrentes em sua obra ficcional para o público infantojuvenil: a utilização de informações tiradas da realidade, muitas vezes, de cunho científico, como na passagem anteriormente transcrita, em que explica o que é o “T.N.T.” (trinitrotolueno); e o final feliz (“happy-end”), que, para a autora, era indispensável.

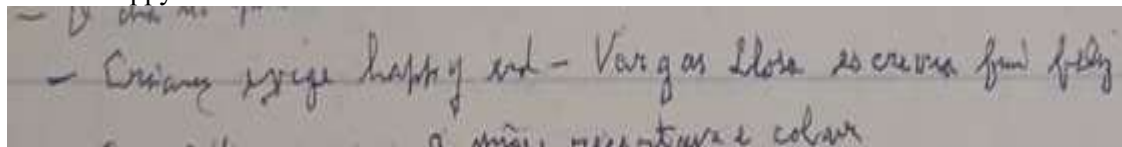
Quando escrevíamos as “Viagens maravilhosas de Marco Polo”, meus filhos ficaram atrás de mim, e acompanhavam, ansiosos, cada palavra que a mãe deles punha no papel. Certo momento, quando o veneziano estava prestes a ser devorado por antropófagos, meu filho deu um murro na mesa e exclamou, indignado: “Mamãe, se você matar Marco Polo, eu ponho fogo nessa papelada toda” (ALMEIDA, 1975, P. 6).

A defesa do final feliz para as crianças e adolescentes esteve com Lúcia Machado de Almeida até as últimas obras destinadas a esse público. Em nenhuma delas, houve desfecho em que predominasse a desarmonia, a maldade ou a infelicidade, por exemplo. Já em idade mais avançada e com a escrita em traços tremidos, a escritora registrou em um dos cadernos de rascunho que mantinha e que faz parte do acervo dedicado a ela no Acervo dos Escritores Mineiros da UFMG: “criança exige happy end — Vargas Llosa escrevia fim feliz” (FIG. 10) (ALMEIDA, [199 -?]).⁷⁴ Acredita-se que, no trecho, a autora tenha feito referência ao escritor peruano Mário Vargas Llosa (1936-2025), que conquistou o Prêmio Nobel de Literatura em

⁷⁴ MANUSCRITO localizado em caderno de anotações de Lúcia Machado de Almeida no Acervo LMA, AEM/UFMG.

2010. Com relação ao manuscrito, ele não está datado, mas, como, em meio a anotações diversas, há registros de livros publicados na década de 1990, como *Atíria na Amazônia* (1992) e *O asteroide* (1995), estima-se que a anotação seja da mesma década.

Figura 10 — Recorte ampliado de trecho de manuscrito de Lúcia Machado de Almeida em que fala de “happy end”



Fonte: Acervo LMA, AEM/UFMG.

A respeito da moralidade na história, a escritora manteve, na trilogia, o que defendia em entrevistas, palestras e artigos, ao longo da trajetória literária que percorreu: de que não deve ser direta, mas, sim, discreta, aparecendo ao longo da narrativa e sem tirar o foco do objetivo do livro, que, de acordo com ela, deve ser em primeiro lugar a recreação. Em entrevista datada de 1957, Lúcia Machado afirma: “Convém que a moralidade do livro infantil seja absolutamente espontânea, natural, e decorra mais do desenrolar das circunstâncias do que de conceitos forçados. A literatura infantil deve atender antes de tudo a sua finalidade imediata, que é divertir as crianças” (ALMEIDA, 1957)⁷⁵.

Na trilogia marinha de Lúcia Machado de Almeida, a apresentação da moralidade da história ou de ensinamentos não ocorre de forma instrutiva, mas, sim, como parte do enredo, maneira como a autora defendia que deveria ser. Ao tratar da destruição do ambiente devido às ações de guerra (explosões, minas, afundamento de navios, vazamento de substâncias etc.), a escritora desperta o olhar do leitor, mesmo que pertencente ao público infantojuvenil, para um problema e cabe ele refletir ou não sobre o que foi apresentado, sem que isso seja imposto na leitura.

Em entrevista concedida em 1951, ao jornal *Diário de Notícias*, Lúcia Machado de Almeida rejeita que objetive, por meio das histórias infantis, ensinar algo às crianças: “[...] nunca pretendi ministrar ensinamentos às crianças através de minhas histórias. Se isso acontece, é involuntário; prefiro distraí-las e comovê-las, a realidade da natureza é tão sugestiva e tão

⁷⁵ Entrevista a “Respondem à enquete”. O recorte com a matéria está sem o cabeçalho, o que não permitiu a identificação do jornal. Data registrada a caneta no próprio recorte. Acervo LMA, AEM/UFMG.

linda que pode e deve ser o melhor ponto de partida para a fantasia dos escritores” (ALMEIDA, 1951, P. 2).

Ao mesmo tempo em que, em meio a fantasias envolvendo a Piabinha detetive, trata do tema guerra, Lúcia Machado de Almeida o faz de forma alegórica, pois não cita expressamente qualquer guerra do “mundo real”, não envolve personagens humanos, países, locais reais, nem mesmo datas, períodos. Deixa em aberto para que o leitor faça essa construção externa ao texto. Como trata do assunto por meio dos impactos no meio animal, dentre a fauna aquática, e não em meio a indivíduos da espécie humana, o movimento de associar a história à realidade ou a determinada época deverá ser feito ou não pelo leitor.

Essa compreensão acerca do leitor e do papel ativo que exerce na leitura acompanha a ideia defendida por Umberto Eco em 1962, ao tratar da fruição das obras de arte, no clássico *A obra aberta*:

[...] o leitor do texto sabe que cada frase, cada figura se abre para uma multiforiedade de significados e ele deverá descobrir; inclusive, conforme seu estado de ânimo, ele escolherá a chave de leitura que julgar exemplar, e *usará* a obra na significação desejada (fazendo-a reviver, de certo modo, diversa de como possivelmente se lhe apresentara numa leitura anterior). (ECO, 1976, P. 43, grifo do autor)

O teórico, no entanto, logo adverte que o fato de a obra ser aberta à interpretação não significa que existam indefinidas e infinitas possibilidades e total liberdade de fruição: “[...] há somente um feixe de resultados frutivos rigidamente prefixados e condicionados, de maneira que a reação interpretativa do leitor não escape jamais ao controle do autor” (ECO, 1976, P. 43).

Esse relativo “controle” exercido por parte do autor surge a partir do momento em que este faz escolhas para a própria obra: de público, gênero, formato, distribuição, estilo, paratextos, imagens, divulgação e toda a cadeia que envolve um texto ou um livro. “[...] é propondo a seu leitor um certo número de convenções que o texto programa sua recepção. É o famoso ‘pacto de leitura’. [...] a obra define seu modelo de leitura pela sua inscrição num gênero e seu lugar na instituição literária” (JOUVE, 2002, P. 67).

Em *Sobre literatura e história: como a ficção constrói a experiência*, Júlio Pimentel Pinto reitera o entendimento de Eco de cinco décadas atrás, acerca da participação do leitor na construção da obra literária:

[...] o leitor prossegue o texto, o recria, reorienta seus elementos; lê a dor que bem entende, sempre distinta da sentida ou escrita pelo poeta. O leitor tampouco é estático: a cada momento, lemos de uma forma e a partir de uma posição diferente. Jamais lemos só um texto: ao lê-lo, percorremos, na expressão feliz de Reinhart Koselleck [historiador alemão que viveu entre 1923 e 2006], “múltiplos estratos do tempo”, estabelecemos contínuas relações, diretas ou indiretas, do texto que estamos lendo com outros textos que já lemos, de que ouvimos falar, ou com situações e experiências que vivemos, num processo que inclui partes conscientes e inconscientes. (PINTO, 2024, P. 22-23)

Escrevendo para crianças e adolescentes da década de 1940 até década de 1990, Lúcia Machado de Almeida expressava ter noção acerca da diversidade do público e do papel do leitor na construção da obra literária. Em entrevistas, ela manifestava visões de um leitor criança ou adolescente participativo, que não aceitava passivamente o texto. “Eu acho também que o autor infantil deve respeitar a criança como um ser inteligente, capaz de pensar e mesmo criticar o criador das histórias que lê” (ALMEIDA, 1970, P. 4). Em outra entrevista, a autora fala da heterogeneidade do público infantil: “Tudo depende da criança. Cada uma é diferente da outra. Uma criança é mais sensível, outra é mais imaginosa, outra é mais pé na terra, e assim por diante” (ALMEIDA, 197-?)⁷⁶.

A relação de respeito que a autora procurou construir com o público se baseava também em uma relação de aproximação, por meio da troca de cartas com os leitores e do encontro com grupos de crianças e adolescentes em casa quando a escritora ainda residia em Belo Horizonte, recebendo-os periodicamente.

E, para satisfação sua, a repercussão dos títulos que publicou, ao invés de isolá-la e intimidar o público, leva a seu aconchegante apartamento no 12º andar do edifício Niemeyer na Praça da Liberdade de 3 a 4 crianças todas as semanas, fiéis leitores que invariavelmente ali chegam dispostos a investigar palmo a palmo as ideias da “mãe” daqueles personagens. (JORNAL DE CASA, 1981, P. 4)

⁷⁶ Recorte sem o cabeçalho, o que não permitiu a identificação do jornal. Como o “entrevistador” é “DDDicas”, acredita-se que seja publicação de empresa de telefonia. Como cita que a escritora já possuía 15 obras publicadas, é possível que seja do final da década de 1970. A partir dos anos 1980, já estava com 18 obras publicadas. Acervo LMA, AEM/UFGM. Série Produção Intelectual de Terceiros.

Já em São Paulo, Lúcia Machado de Almeida manteve vivo o hábito de corresponder-se com os leitores. Em carta à escritora Laís Corrêa de Araújo, de 3 de outubro de 1988, a criadora de Xisto relatou: “Recebo de uma a duas cartas por semana de pequenos leitores de várias partes do Brasil. Respondo a todas religiosamente, apesar do tempo que isso me toma”⁷⁷. Esse contato próximo motivava a escritora a investir no próprio conhecimento antes de levar as histórias que inventava para o papel.

Observo e leio muito antes de inventar uma história. Às vezes, penso num livro durante um ano antes de escrevê-lo. E quando começo a fazê-lo, mergulho no mundo dos meus bichos. Raciocino como eles poderiam raciocinar. “Se seus hábitos são estes”, vou pensando, “deveriam logicamente ter reagido desta maneira”. Vivi durante meses debaixo d’água! (ALMEIDA, 1947, P. 37).

Foi assim que, ao decidir transformar as histórias que contava para os filhos em livro, Lúcia Machado de Almeida buscou o que foi possível a respeito do mundo aquático, trazendo livros e outras publicações de fora do país para auxiliar nas pesquisas.

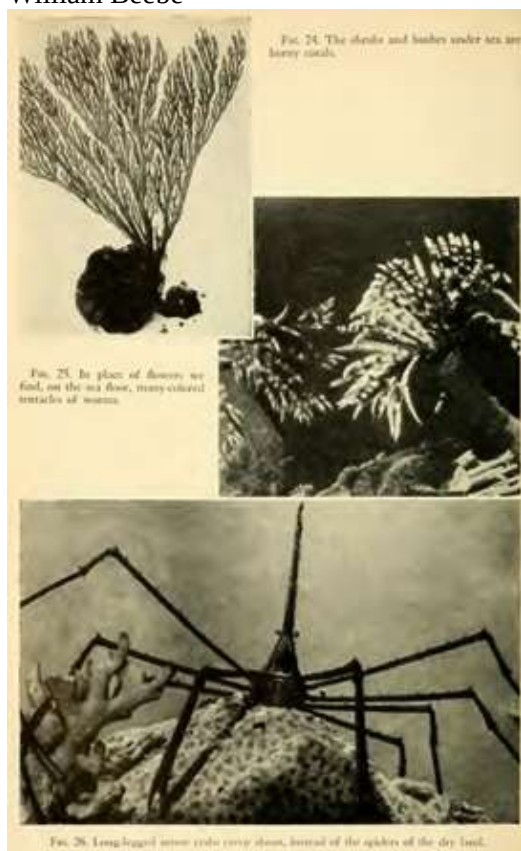
Comecei a ler sofregamente tudo o que dissesse respeito aos peixes e ao mar. Mandeí buscar livros científicos na Europa e nos Estados Unidos. Um livro chamado “Half mile down”, de um sábio que desceu a mil metros no fundo do mar, impressionou-me profundamente. (ALMEIDA, 1952, P. 4)

Essa obra, do biólogo, naturalista e explorador norte-americano William Beebe (1877-1962), consta da bibliografia da trilogia marinha de Lúcia Machado de Almeida. Trata-se de livro publicado em 1934, com 456 páginas, em que o autor traça a evolução dos equipamentos produzidos pelo homem para tentar explorar o fundo do mar. São vários tipos de capacetes, roupas, cápsulas, tentativas de dar condições de sobrevivência ao humano quando submerso.

O livro também contém descrições do fundo do mar feitas por William Beebe, a partir das viagens às profundezas que ele fazia dentro de um veículo chamado de “batisfera” (FOTO 3). Os textos são acompanhados de ilustrações e fotos (FOTO 4) tiradas durante a expedição do biólogo (BEEBE, 1934).

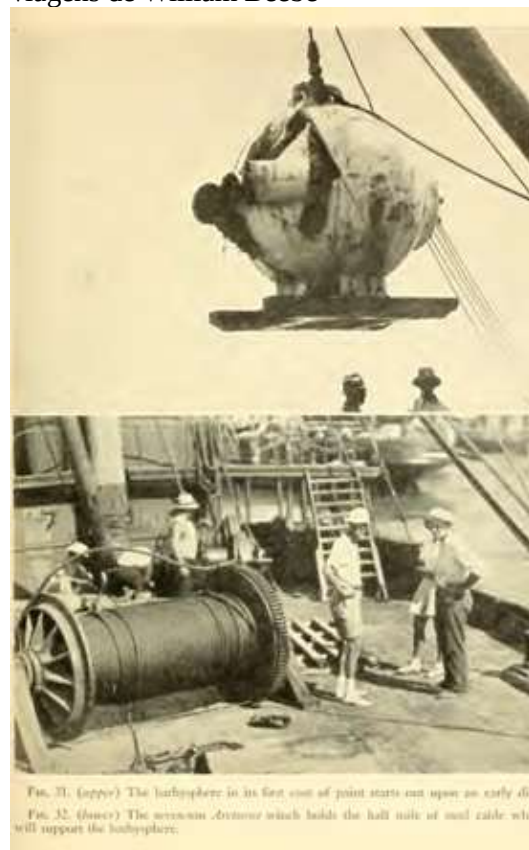
⁷⁷ Acervo LMA, AEM/UFMG. Série Correspondência Pessoal.

Fotografia 30 — Imagens de espécies marinhas do fundo do mar tiradas nas expedições de William Beebe



Fonte: reprodução de imagem do livro *Half mile down* (1934), de William Beebe, p. 114.

Fotografia 21 — A batisfera usada nas viagens de William Beebe



Fonte: reprodução de imagem do livro *Half mile down* (1934), de William Beebe, p. 143.

A pesquisa precedendo a escrita se constituiu uma característica de escritora que Lúcia Machado de Almeida levou por toda a trajetória literária. Além do mergulho profundo nos oceanos, a autora direcionou esforços para construir narrativas ficcionais que atravessassem as nuvens para atingir o espaço, tópico que será discutido no próximo capítulo.

3. DO CÉU: FICÇÃO CIENTÍFICA LADO A LADO COM A CORRIDA ESPACIAL

*Queremos saber
 O que vão fazer
 Com as novas invenções
 Queremos notícia mais séria
 Sobre a descoberta da antimatéria
 E suas implicações
 Na emancipação do homem
 Das grandes populações
 Homens pobres das cidades
 Das estepes, dos sertões
 Gilberto Gil*

O primeiro homem a pisar a Lua, Neil Armstrong (1930-2012), conseguiu o feito em 1969, porém, no início da década de 1960, o garoto Xisto, que ficou conhecido pelo público infantojuvenil brasileiro a partir de 1957, com o lançamento de *As aventuras de Xisto*, já havia realizado extenso percurso no espaço sideral, em missão para salvar a Terra do vilão Rutus, “O que não tem sangue”, governante de Minos, planeta onde a maldade reinava e que ficava “longe, tão longe que seria impossível calcular a distância” (ALMEIDA, 1967, P. 67). Essa história se passa em *Xisto no espaço*, nono livro infantojuvenil de Lúcia Machado de Almeida, que chegou às livrarias em 1967. Porém, antes, saiu em formato de folhetim nas edições da revista mensal *Alterosa*, de Belo Horizonte, a partir da edição 363, de abril de 1963, com um capítulo publicado a cada mês.

A obra dá sequência à trama anterior do adolescente, na qual ele aceitou outra missão heroica, de eliminar os últimos bruxos do planeta. Inteligente, corajoso e bondoso, Xisto usa da perspicácia e dos conhecimentos científicos para combater os vilões. Só que na nova missão que assumiu, sairia da segurança da Terra para embarcar para o espaço sideral, tendo ao lado o inseparável Bruzo.

Pensando que a obra foi publicada primeiramente em 1963, as referências presentes nela estão mais próximas de outro feito humano com relação ao espaço sideral, o ineditismo de orbitar a Terra pela primeira vez, e não à chegada à Lua, que ocorre somente no final da década de 1960. Nesse aspecto, a motivação não vem dos norte-americanos, segundos a conquistarem a proeza, mas, sim, dos russos, que alcançaram o espaço com aeronave tripulada em 1961, como será detalhado mais adiante neste capítulo.

Toda a jornada espacial de Xisto começa depois que recebe, pelo “gigantesco radiotelescópio”, um aviso do vilão Rutus, ameaçando destruir a Terra se o jovem não fosse encontrá-lo em Minos. O recado chegou como um silvo agudo e prolongado, “distante, não no espaço apenas, mas no tempo, como se houvesse sido emitido há milhões de anos!” (ALMEIDA, 1967, P. 11). O adolescente, então com 17 anos, decide partir ao encontro do vilão, para evitar uma catástrofe no planeta. Ao ser comunicada da iniciativa do jovem, a equipe de cientistas que o acompanhava, os “astrossábios” Protônus e Professor Van-Van, tentou fazê-lo desistir da viagem, apontando os riscos que existiam lá em cima:

[...] antes de tudo, haveria o perigo do próprio Espaço em si: as mortíferas faixas da radiação, o desequilíbrio fisiológico dos astronautas, a barreira do calor, a falta de gravidade. [...] o Mistério: a incerteza de chegar até Minos, o encontro com planetas de atmosfera irrespirável, habitados por seres primários que beberiam metais liquefeitos, e em cujas veias circularia o ácido cianídrico! E havia Rutus! (ALMEIDA, 1967, P. 14)

Xisto não deu ouvidos aos alarmes feitos pelos “astrossábios”, iniciou a distribuição de tarefas entre o grupo e pediu a Van-Van “que planejasse e executasse os trajes pressurizados e o foguete que poria em órbita a nave espacial destinada a viajar no Cosmos” (ALMEIDA, 1967, P. 14). O cientista também ficaria responsável por dotar o interior da nave de condições semelhantes às da Terra, para que os tripulantes pudessem se manter vivos na longa jornada. Em uma semana, tudo pronto. O traje dos dois amigos parecia um escafandro e tinha bolsos infláveis para conter o fluxo sanguíneo sobre as pernas, permitindo que os “astronautas” suportassem os efeitos da radiação (ALMEIDA, 1967).

Protônus, por seu turno, foi o gênio por trás da criação da caixinha em miniatura entregue a Xisto. Ela continha aparelhos de que o adolescente necessitaria na viagem:

[...] um “ouvido eletrônico”, que captava e amplificava toda radiação por qualquer objeto do Universo; um contador Geiger⁷⁸, para medir radioatividade; um radioemissor para enviar informações à Terra, com sistema de televisão para captar imagens e retransmiti-las ao observatório terrestre, um espectômetro para a análise química da matéria encontrada nos planetas, e, finalmente, um fabuloso “olho” eletrônico que permitiria a Xisto ver e examinar o Espaço Cósmico a vários quilômetros de distância, bastando para isso apertar um dos botões, o que faria imediatamente surgir, ampliada, a imagem de paisagem espacial captada numa espécie de telinha de televisão. (ALMEIDA, 1967, P. 15)

⁷⁸ “Um contador de Geiger-Müller, por vezes referido como contador de Geiger, é um aparelho utilizado para detectar diferentes tipos de radiações ionizantes” (RIBEIRO, 2014, p. 1).

O ar na nave se tornaria respirável devido a um recipiente com soda cáustica, clorato, peróxido de potássio e outros produtos que atuam na absorção do gás carbônico eliminado pela expiração, transformando-o em oxigênio para a respiração humana (ALMEIDA, 1967). Algas unicelulares também foram colocadas no interior da astronave, para ajudar na purificação da atmosfera. Para alimentar Xisto e Bruzo, foram produzidos biscoitos de alga e pastilhas feitas com pastéis de queijo — comida predileta do adolescente (ALMEIDA, 1967).

A descrição detalhada dos preparativos feitos para a viagem espacial de Xisto e Bruzo é de grande relevância para que melhor se compreenda a construção da narrativa de Lúcia Machado de Almeida nesse segundo livro da série com o personagem Xisto. Os trechos transcritos ou parafraseados revelam um aspecto definidor da obra: a presença de informações de cunho científico, de diferentes áreas, como a física, a astronomia, a química, a biologia, a tecnologia da informação, a telecomunicação etc., para dar suporte ao enredo que se sustenta em uma história ficcional, fantástica, na qual dois adolescentes viajam sozinhos para o espaço, a fim de combater um ser que não tem sangue correndo pelo corpo e que mora em um planeta tão longínquo que é impossível calcular a que distância está da humanidade. Apesar disso, essa criatura consegue enviar mensagens para a Terra, as quais são captadas por um equipamento avançadíssimo, inventado por dois cientistas atrapalhados, Protônus, “um homem alto e magro, de óculos com aro de tartaruga e cabelos semicompridos, sempre revoltos”, que “tinha fama de doido (mas não era)”, e Professor Van-Van, o “sábio dos sábios”, que desmaiava e caía “duro no chão” quando ficava nervoso e que tinha o vício de falar de forma rebuscada, além de ter uma barba branca e comprida, que “chegava até o chão” (ALMEIDA, 1967, P. 11).

Ao trazer um enredo de fantasia misturada com ficção científica envolvendo o espaço sideral e a possibilidade de o homem viajar através dele, Lúcia Machado de Almeida produz uma literatura que dialoga com os acontecimentos da época. Ao comentar o lançamento de *Xisto no espaço*, como sequência de *Aventuras de Xisto*, mas com mudança de época e ambiente, a pesquisadora Nelly Novaes Coelho confirma a interferência da realidade na obra da escritora: “A essa primeira aventura do herói, ambientada nos tempos medievais, com seus reis, rainhas e castelos, seguiu-se *Xisto no espaço* [...], no qual a autora segue a trilha das primeiras conquistas espaciais em que se empenhavam Estados Unidos e União Soviética” (COELHO *apud* GONÇALVES, 2020, P. 199).

A partir da publicação de *Xisto*, a escritora passa a se dedicar a investigar o que a ciência já havia descoberto a respeito do espaço sideral, dos astros, planetas, satélites, estrelas, gravidade, radiação solar, projetos de viagens espaciais etc., para iniciar um novo ciclo na sua literatura, nesse envolvendo os mistérios para além do céu, além das potencialidades do átomo e da energia nuclear. Dando sequência a *Xisto no espaço*, a autora publica *Xisto e o Saca-Rolha* (1972), *Spharion* (1979), *Xisto e o pássaro cósmico* (1982) — republicação da história de *Xisto e o Saca-Rolha* com título alterado —, *O falcão de penas salpicadas* (1986) e *O asteroide* (1995)⁷⁹, obras nas quais, de forma mais ou menos intensa, as novidades contemporâneas à escritora aparecem no enredo.

O lançamento de *Xisto no espaço* na década de 1960 não ocorre aleatoriamente, quando se analisa a obra frente ao momento histórico em que se dá. O mundo vivia o pós-guerra, situação em que os fatos relacionados à Segunda Guerra Mundial, em especial a destruição causada, ainda estão muito próximos e presentes na memória das pessoas. Ao mesmo tempo, uma nova tensão se espalha, é o temor de que os países entrem novamente em conflito, dado o volume de ameaças veladas feitas entre as duas maiores potências que despontaram naquele contexto, Estados Unidos e União Soviética (URSS). O primeiro país representava o bloco capitalista, o outro lado era formado pela união entre Rússia e países soviéticos e representava o bloco socialista.

Os 45 anos que vão do lançamento das bombas atômicas até o fim da União Soviética não formam um período homogêneo único na história do mundo. [...] Apesar disso, a história desse período foi reunida sob um padrão único pela situação internacional peculiar que o dominou até a queda da URSS: o constante confronto das duas superpotências que emergiram da Segunda Guerra Mundial na chamada “Guerra Fria”. (HOBSBAWM, 1995, P. 223)

A Guerra Fria, que, segundo o historiador Eric Hobsbawm (1995), pode ser encarada “razoavelmente” como “Terceira Guerra Mundial”, constituía-se de um conflito peculiar, uma vez que não chegou a eclodir e “em termos objetivos, não existia perigo iminente de guerra

⁷⁹ Foram incluídas apenas obras que abordam de forma mais direta as inovações tecnológicas do século 20 e que foram publicadas entre *Xisto no espaço* (1957) e *O asteroide* (1995). No entanto, nesse intervalo, Lúcia Machado de Almeida lançou outros livros, como *Passeio a Diamantina* (1961), *Passeio a Ouro Preto* (1970), *Passeio ao Alto Minho* (1971), *Estórias do fundo do mar* (1972) — reunião em volume único das histórias da trilogia marinha da década de 1940, abordadas no Capítulo 2 desta dissertação —, *O caso da borboleta Atíria* (1975) — relançamento de *Atíria, a borboleta* (1951), com outro título —, *A vida é fantástica* (1977), *Roteiro das cidades históricas de Minas Gerais* (1977), *Meninos do corredor cultural* (1981), *Menina, Menina* (1985), *O mistério da Douradinha* (1989) e *Atíria na Amazônia* (1992).

mundial”, porque, “apesar do discurso apocalíptico de ambos os lados [...], os governos das duas superpotências aceitaram a distribuição global de forças no fim da Segunda Guerra Mundial” (HOBSBAWM, 1995, P. 224). Com isso, instalou-se um sentimento de medo mútuo entre os dois blocos, que sabiam que, caso um dos lados decidisse ir às últimas consequências, a destruição em massa seria inevitável. Essa sensação, o temor predominante, não se limitava aos gabinetes de quem estava determinando os rumos das nações, pairava também sobre as cabeças da população civil. “Gerações inteiras se criaram à sombra de batalhas nucleares globais, que [...] podiam estourar a qualquer momento e destruir a humanidade” (HOBSBAWM, 1995, P. 224).

A explicação para tamanho medo se reside no conhecimento que o mundo, tanto os líderes políticos quanto a população civil, tomou do potencial destrutivo das armas nucleares após os acontecimentos de Hiroshima e Nagasaki, como abordado no Capítulo 2 desta dissertação. Ao fim da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos mostraram ao mundo inteiro que eram detentores da tecnologia nuclear e que estavam dispostos a colocá-la em uso — inclusive a colocaram contra um país que já estava derrotado no conflito. Quando a bomba atômica foi atirada sobre o Japão, a União Soviética ainda não possuía esse tipo de arma, só foi adquiri-la em 1949, ou seja, quatro anos depois (HOBSBAWM, 1995). No caso de outra arma nuclear, a bomba de hidrogênio, os EUA, em 1952, estavam com a deles pronta. A URSS, nove meses depois (HOBSBAWM, 1995). Cientes que ambos possuíam tamanha capacidade destrutiva, o medo era mútuo, com isso, as ameaças nunca se consolidaram, apesar do assombro que impuseram em nível mundial.

Em trecho do livro *Spharion* (1977), Lúcia Machado de Almeida, por meio do personagem Almirante, em diálogo com o personagem Pedro, faz uma explanação sobre a situação de medo imposta ao mundo, pelas duas superpotências da Guerra Fria: “Revolta-me, entretanto, essa necessidade de haver guerras, entende? A verdade é que até agora só temos tido paz pelo medo: duas bombas atômicas, uma frente a outra, a se ameaçarem...” (ALMEIDA, 1977, P. 91). A fala do Almirante, apesar de não citar nomes, países e locais, expressa o contexto da Guerra Fria, porém em uma narrativa ficcional construída no período. Menciona o tipo de armas, as ameaças mútuas e a situação de “paz” só garantida pelo sentimento de medo, ou seja, tudo o que caracteriza a Guerra Fria, mas sem nomeá-la.

O clima de medo e tensão provocado pela disputa das duas superpotências instituiu no imaginário das pessoas duas posturas centrais, a de atribuir a culpa pela Guerra Fria à União Soviética, que queria expandir o comunismo pelo mundo; e a de que a Guerra Fria foi uma construção norte-americana, para os Estados Unidos terem justificativa em ações interventoras nas nações que estivessem fora do espectro soviético (BIAGI, 2007). A partir dessas posições principais, surgiu um imaginário povoado de significações secundárias para o período, as quais não surgiam apenas separadamente, podiam também estar no mesmo contexto e até confundidas entre si, conforme enumera o historiador Orivaldo Leme Biagi, 2007:

1 - a Divisão Bipolar do Mundo; 2 - o Medo da Expansão Comunista; 3 - o Maniqueísmo das Opções Políticas (que pode ser resumida na fórmula “Democracia x Comunismo”); 4 - a Revolução Socialista; 5 - o Medo da Terceira Guerra Mundial (referente ao risco da destruição do planeta devido às armas nucleares); 6 - a Contracultura (surgida como crítica aos rigores políticos e sociais produzidos pela Guerra Fria). (BIAGI, 2007, P. 70-71)

A Guerra Fria teve influência também nas políticas externa e interna de outras nações. No caso do Brasil, que, no início do conflito ideológico, estava sob o governo de Eurico Gaspar Dutra (1883-1974), em alinhamento com os Estados Unidos, a “ameaça comunista” fez vítimas:

[...] os comunistas brasileiros e as suas atividades sofreram todo tipo de perseguições e restrições, sobretudo, em função do início da Guerra Fria. A primeira medida concreta do governo Dutra foi expurgar, em maio de 1946, todos os funcionários públicos que eram reconhecidamente membros do Partido Comunista do Brasil (PCB). (SOTANA, 2014, P. 329)

Em seguida, houve cassação de direitos políticos de parlamentares considerados comunistas, cerceamento de jornais, suspensão das atividades da União da Juventude Comunista (UJC), cancelamento do registro eleitoral do PCB etc. Tudo isso culminou no rompimento diplomático entre Brasil e URSS, em outubro de 1947 (SOTANA, 2014). A relação entre os dois países só foi retomada em 1961, no governo de João Goulart (1919-1976), apesar de as trocas comerciais terem sido reiniciadas pouco antes, em 1959, com Juscelino Kubitschek (1902-1976) (MEMORIAL DA DEMOCRACIA, 2015-2017)⁸⁰.

⁸⁰ Matéria não assinada e sem a data de publicação. Foi usada a data do *copyright* do site.

3.1 A ERA DE OURO E A CORRIDA ESPACIAL

Como em toda guerra, na Guerra Fria, mesmo com as especificidades citadas, o desenvolvimento tecnológico também foi intenso, com o objetivo de dotar as nações com as melhores condições de saírem vencedoras do embate. Na seção anterior, foi mencionada a empresa da URSS para se equiparar aos Estados Unidos na posse de arma nuclear, primeiro a bomba atômica, depois a bomba de hidrogênio. Essa “competição” foi nomeada “corrida armamentista”, assim como, em outras esferas, a disputa para demonstrar poder e representar perigo ocorria de maneiras diferentes. Por exemplo, as duas potências oponentes usavam países menores em conflito para tomar parte de um lado e, assim, mostrar para o adversário a capacidade bélica que possuía. Estados Unidos e URSS, no período da Guerra Fria envolveram-se em disputas em conflitos em regiões fora das américas e da Europa, como a Guerra do Vietnã (1959-1975), dividido entre Vietnã do Sul, apoiado pelos EUA, e Vietnã do Norte, apoiado pelos soviéticos; a Guerra das Coreias (1950-1953), em que os norte-americanos apoiaram a Coreia do Sul contra a comunista Coreia do Norte; Guerra do Afeganistão (1979-1988), em que os Estados Unidos apoiaram os afegãos contra a invasão soviética. Antes desses conflitos, entretanto, as duas potências já haviam atuado na divisão da Alemanha, “de 1947 até a construção do Muro de Berlim, em 1961” (HOBSBAWM, 1955).

A disputa por demonstrar poder também levou à ocorrência de fenômenos que receberam nomes para esse contexto de Guerra Fria. Um deles é o “complexo industrial-militar”, expressão cunhada pelo ex-presidente norte-americano Dwight D. Eisenhower (1890-1969), para se referir ao “crescimento cada vez maior de homens e recursos que viviam da preparação da guerra” (HOBSBAWM, 1995, P. 233), e “corrida espacial”, que diz respeito ao investimento que as superpotências fizeram a partir da Guerra Fria, para conquistar o espaço sideral, tema que se relaciona diretamente com as questões deste capítulo. “Se os aparatos bélicos desenvolvidos ameaçaram a integridade do planeta, as pesquisas desenvolvidas também levaram os contendores a ultrapassar os limites planetários, num passo considerado grandioso pela humanidade” (SANTOS JÚNIOR, 2021, P. 13). A meta era ver quem ia se impor primeiro no espaço sideral.

Para melhor contextualizar esse desenvolvimento, discute-se, antes, o período de prosperidade que a Guerra Fria levou às potências envolvidas no confronto, irradiando para parte dos aliados nessa polaridade mundial. Tal período foi chamado de “Era de Ouro” ou “Anos

Dourados” (HOBSBAWM, 1995, P. 223) e resultou das ações e resultados originários da Segunda Guerra Mundial. De acordo com o historiador Eric Hobsbawm, o que ocorreu é que, ao fim da guerra, os Estados Unidos, que não haviam sido afetados no próprio território pela destruição provocada pelo conflito mundial, “continuaram a expansão dos anos de guerra, que [...] singularmente foram extremamente bondosos com aquele país. Não sofreram danos, aumentaram seu PNB [Produto Nacional Bruto] em dois terços e acabaram a guerra com quase dois terços da produção industrial do mundo” (HOBSBAWM, 1995, P. 254). Por outro lado, os países que sofreram grandes impactos dentro de suas fronteiras se movimentaram para tentar reaver o que haviam perdido: “Recuperar-se da guerra era a prioridade esmagadora dos países europeus e do Japão, e nos primeiros anos depois de 1945 eles mediram seu sucesso tomando como base o quanto se haviam aproximado de um objetivo estabelecido em referência ao passado, não ao futuro” (HOBSBAWM, 1995, P. 254).

Esse anseio por recuperar a condição anterior à guerra direcionou investimentos dos países neles mesmos, fomentando as economias e o desenvolvimento interno. Tal prosperidade começou a ser sentida na década de 1950 e durou até o início da década de 1970, conforme o historiador Eric Hobsbawm, que afirma: “[...] o que mais nos impressiona nesse período é a extensão em que o surto econômico parecia movido pela revolução tecnológica” (HOBSBAWM, 1995, P. 259). É exatamente nesse período que o mundo presencia os maiores avanços até aquele momento realizados rumo ao espaço sideral.

Importa saber que, se no processo de desenvolvimento das armas nucleares, os Estados Unidos saíram na frente, na corrida espacial ocorreu o contrário. O pioneirismo ficou a cargo da URSS, com o envio do Sputnik, o primeiro satélite artificial que orbitou a Terra, em 6 de outubro de 1957. A relevância desse feito aos olhos humanos era tão impressionante que vale reproduzir aqui o comentário que a filósofa alemã Hannah Arendt (1906-1976) faz a respeito da conquista:

Em 1957, um objeto terrestre, feito pela mão do homem, foi lançado ao universo, onde durante algumas semanas girou em torno da Terra segundo as mesmas leis de gravitação que governam o movimento dos corpos celestes [...] não era um corpo celeste que pudesse prosseguir em sua órbita circular por um período de tempo que para nós, mortais limitados ao tempo da Terra, durasse uma eternidade. Ainda assim, pôde permanecer nos céus durante algum tempo; e lá ficou, movendo-se no convívio dos astros como se estes o houvessem provisoriamente admitido em sua sublime companhia. (ARENDR, 2007, P. 9)

Depois do representativo passo que a União Soviética deu rumo ao espaço, a pressão sobre os Estados Unidos cresceu, e foi preciso acelerar as tecnologias na área espacial para alcançar (e ultrapassar) a potência adversária. “O lançamento do Sputnik, não somente obrigou os americanos a olharem com mais atenção o setor espacial, como levou diversos países a darem os seus primeiros passos, ainda nessa época, para a consolidação de seus programas espaciais” (SANTOS JÚNIOR, 2021, P. 13-14).

O pioneirismo da URSS não se limitou ao envio do primeiro satélite artificial para o espaço sideral. Quatro anos depois, o soviético Yuri Gagarin (1934-1968) foi o primeiro ser humano a chegar ao espaço, em 12 de abril de 1961. “A bordo da espaçonave Vostok 1, Gagarin observou o planeta a uma altitude aproximada de 315 km e exclamou a frase: ‘A Terra é azul!’” (SANTOS JÚNIOR, 2021, P. 13). Oito anos depois, foi a vez de os Estados Unidos passarem a URSS na corrida, enviando Neil Armstrong à Lua, na Apollo 11. “Nas décadas seguintes, as missões espaciais colecionaram novas conquistas, com o envio de sondas não tripuladas para outros planetas e a construção de estações espaciais” (SANTOS JÚNIOR, 2021, P. 13).

A realização de Yuri Gagarin, como não podia ser diferente, foi amplamente noticiada pela imprensa brasileira (COLAGEM 3), com destaque para o pioneirismo do feito.

Colagem 3 — Capas de jornais de 1961 noticiando a viagem de Yuri Gagarin para o espaço sideral



Legenda: de cima para baixo, Diário de Notícias (RJ);
Correio Paulistano (SP), 13 abr. 1961; Última Hora, 12
abr. 1961; e Correio da Manhã, 13 abr. 1961.
Fonte: elaborado pela autora da dissertação a partir de
jornais do acervo da Hemeroteca BNDigital.

A reprodução das capas dos jornais de 1961 com as manchetes destacando a ida de Gagarin atesta a importância dada ao feito por parte dos veículos de comunicação impressa no país. Isso se confirma pela observação das capas, todas trazem a chamada (manchete) sobre o acontecimento na primeira página da edição (capa), no alto da página (parte de mais visibilidade) e com escrita que se destaca dos demais textos da página — com corpo maior, em negrito ou com fontes em maiúscula. Entende-se que essa valorização do feito nas páginas dos jornais atendia a uma demanda social por informações a respeito de algo que, naquele contexto, era de interesse público, por ser um fato inédito e por estar dentro de uma situação de disputa entre as duas maiores potências mundiais. Ao discutir a atuação da imprensa brasileira na cobertura da Guerra Fria nos anos 1970, a historiadora Pricila Niches Müller observa que “os periódicos representavam e ainda representam na sociedade, mesmo que os meios de acesso às notícias tenham se modificado com o passar dos anos, um grande meio de comunicação do que acontece no estado e na sociedade” (MÜLLER, 2020, P. 91).

3.2 O ESPAÇO SIDERAL NA PRODUÇÃO INTELECTUAL

Intensificada nos anos 1960, a corrida espacial serviu de provocação para a produção ficcional em diversas partes do mundo ainda enquanto o conflito acontecia. Talvez o exemplo mais famoso de criação artística ocorrida nesse momento seja *2001: uma odisseia no espaço* (FIG. 11), filme dirigido pelo norte-americano Stanley Kubrick (1928-1999), com enredo escrito pelo britânico Arthur C. Clarke (1917-2008), com o auxílio do próprio Kubrick. Clássico da ficção científica, o filme estreou nos cinemas em 1968, um ano antes da chegada de Armstrong à Lua, mas sete anos depois que Gagarin orbitou a Terra.

O enredo do filme mostra, no ano futuro de 2001, a jornada de seres humanos pelo espaço sideral, em busca da origem de um misterioso monólito encontrado na superfície lunar. Reportagem do *site* G1 pelos 50 anos de lançamento do filme relembra que, à época, o longa dividiu os críticos de cinema, sendo definido como “chato”, “monumentalmente sem imaginação”, “um desastre”, “um fiasco” por veículos de comunicação como The New York Times, Variety e The New Republic; e como “inesquecível” (The New Yorker), “épico

brilantemente dirigido” (Time) e “filme mais extraordinário do mundo” (Boston Globe) (G1, 2018)⁸¹. Apesar de não ter sido unanimidade entre os críticos, *2001: uma odisseia no espaço* acabou recebendo indicação para o Oscar do ano seguinte em quatro categorias, tendo vencido em uma, a de “Melhores efeitos visuais” (G1, 2018).

Figura 11 — Cena de *2001: uma odisseia no espaço* (1968), filme de Stanley Kubrick



Legenda: cena retirada do filme. Autor: domínio público.

Fonte: Wikimedia Commons.⁸²

Na literatura, além do próprio *2001: uma odisseia no espaço*, que virou livro ainda em 1968, pelas mãos de Arthur C. Clarke, outra obra ganhou importância ao abordar a questão das viagens espaciais. Trata-se de *Os eleitos* (*The right Stuff*), de 1979, escrito pelo norte-americano Tom Wolfe (1930-2018). Diferentemente de *2001*, essa obra não tem cunho ficcional, está entre o jornalismo e a literatura, por ser um romance que aborda a história real dos sete homens que foram escolhidos para participar do início do projeto espacial dos Estados Unidos. Esses astronautas ficaram conhecidos como “Mercury Seven”, por participarem do Projeto Mercury, que previa o lançamento, pela primeira vez, de aeronaves tripuladas ao espaço sideral.

O livro de Tom Wolfe também alcançou sucesso e se tornou *best-seller*. Em 1983, virou filme, dirigido por Philip Kaufman, com bons resultados de recepção, obtendo indicações para o Oscar do ano seguinte em oito categorias, saindo vencedor em quatro — “Melhor montagem”, “Melhor trilha sonora”, “Melhor som” e “Melhores efeitos sonoros”⁸³. A história dos sete estadunidenses desbravadores do espaço sideral ainda desperta interesse, haja vista a estreia,

⁸¹ Matéria não assinada.

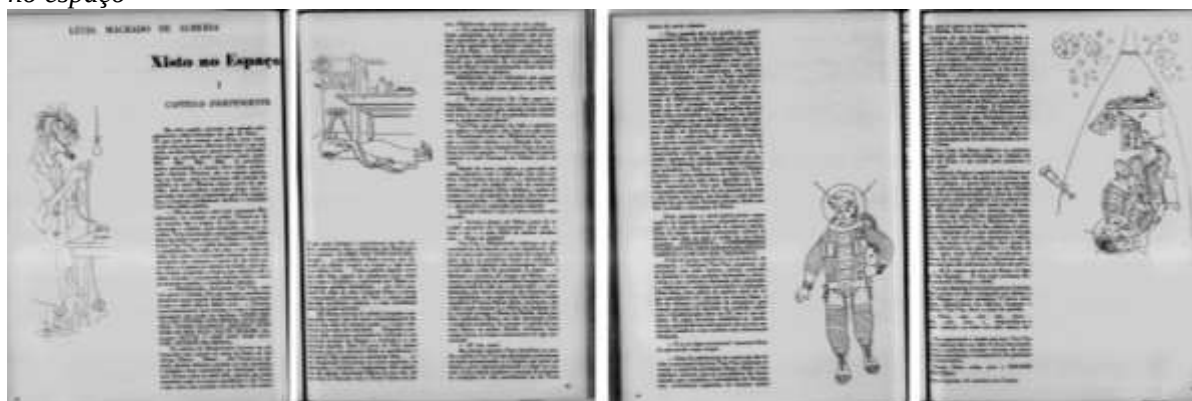
⁸² Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:2001_A_Space_Odyssey_title.jpg. Acesso em: 2 jan. 2025.

⁸³ Matéria não assinada. Informações do site Adorocinema. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-26163/curiosidades/>. Acesso em: 3 jan. 2025.

em 2021, da série homônima, com produção assinada pelo ator *hollywoodiano* Leonardo di Caprio, em parceria com a National Geographic, e exibição por *streaming* pela Disney+ (MILAN, 2021). Disso, deduz-se que o tema se mantém atualizado, ainda que as viagens exploradas nessas obras tenham ocorrido há cerca de sessenta anos.

Não à toa, depois que publicou *Xisto no espaço*, Lúcia Machado de Almeida voltou ao tema espacial em mais três obras voltadas ao público juvenil. Os textos de *Xisto no espaço* saíram primeiro em formato de folhetim, na revista *Alterosa* (MG), com a publicação do primeiro capítulo na edição 364. O texto saiu em quatro páginas inteiras, em preto e branco e com ilustração em cada uma delas (MONTAGEM 3), caracterizando os personagens Xisto, Malukowsky — como se chamava o cientista Protônus no folhetim; a mudança de Malukowsky para Protônus ocorre na versão em livro e aparece na primeira edição, de 1967 —, Professor Van-Van e Bruzo, apresentados ao público no início da história. Aparecem também equipamentos e instrumentos relacionados à ciência e à navegação espacial, como a roupa estilo “escafandro” que Xisto usou para embarcar na astronave. Infelizmente, nessa primeira publicação da história, não foi localizado o nome de quem fez os desenhos. Não consta do expediente da revista, nem do sumário, nem das páginas onde o texto saiu.

Montagem 3 — Páginas da revista *Alterosa* n. 364, de abril de 1963, com o primeiro capítulo de *Xisto no espaço*

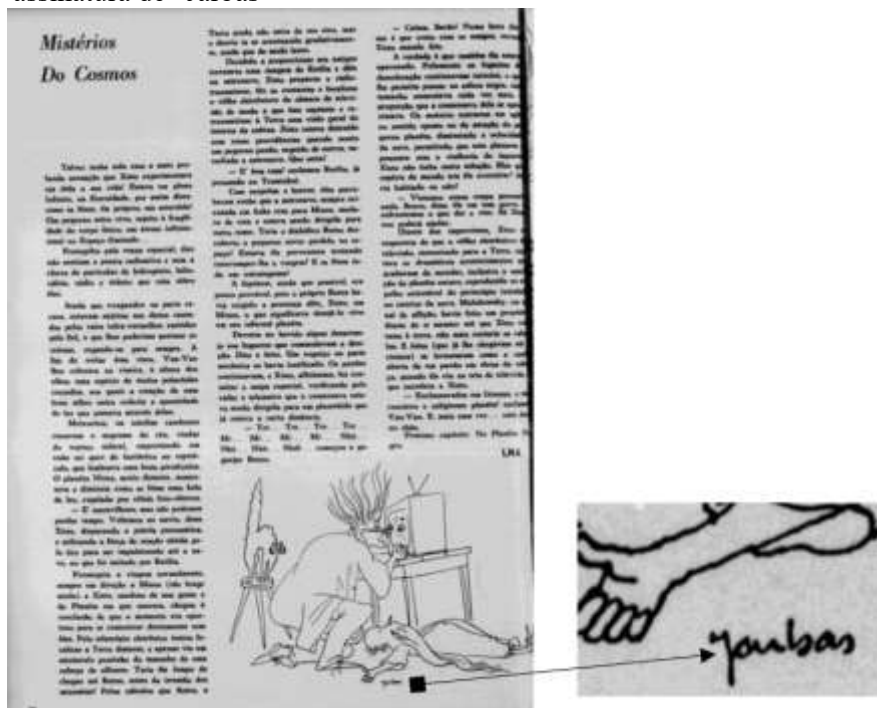


Fonte: elaborada pela autora da dissertação a partir de reprodução das páginas da revista disponível no acervo da Hemeroteca BNDigita⁸⁴.

⁸⁴ Revista *Alterosa*, n. 364, abr. 1963, p. 80 a 83. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=060135&Pesq=%22xisto%20no%20espaco%22&pagfis=23586>. Acesso em: 21 out. 2024.

No entanto, o capítulo seguinte, na edição 365, vem com uma pequena assinatura de “Jarbas”, na página 84, logo embaixo da ilustração, o que leva à dedução de que é o mesmo ilustrador, pelo fato de o traço do desenho ser semelhante ao da edição anterior (MONTAGEM 4).

Montagem 4 — Ilustração do segundo capítulo de Xisto no espaço com assinatura de “Jarbas”



Fonte: elaborada pela autora da dissertação a partir de reprodução da página 84 da edição 365 da revista *Alterosa*, disponível no acervo da Hemeroteca BNDigital⁸⁵.

É interessante notar que, no sumário da edição 364 da *Alterosa*, a chamada para o início da publicação de *Xisto no espaço* associa a nova história de Lúcia Machado de Almeida ao astronauta russo Yuri Gagarin (FIG. 12). O texto do sumário diz: “Xisto no espaço: novo herói de Lúcia Machado de Almeida inicia suas aventuras no mundo de Gagarin” (ALTEROSA, 1963a, P. 7). Pela forma “íntima” como o cosmonauta russo é tratado, apenas “Gagarin”, sem mais explicações — quem é ele, o que ele fez, quando fez, nome completo, local, nacionalidade etc. —, é de se deduzir que os editores da revista estimavam que o leitor da publicação soubesse exatamente de que e de quem se fala quando se fala em Gagarin. O restante da frase, “no mundo de Gagarin”, também denota que o corpo editorial tinha como certo que o público da revista não precisava de mais informações sobre esse mundo, o

⁸⁵ Revista *Alterosa*, n. 365, maio-jun. 1963, p. 82-84. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=060135&Pesq=%22xisto%20no%20espaco%22&pagfis=23684>. Acesso em: 21 out. 2024.

“mundo de Gagarin”, ou seja, dominado por Gagarin, colocando lá na frente da corrida espacial a União Soviética, como se, naquele momento, ninguém pudesse superar a realização do astronauta russo em 12 de abril de 1961.

Figura 12 — Sumário da revista Alterosa n. 364, de abril de 1963, com referência a Yuri Gagarin

	73 e 78	A Cisterna E O Riso Amargo De Henfil
	74	Doença Infantil Ataca Gente Grande: Futebol De Botão, Sua Arte, Sua Mania
	85	O Riso Em Traço
	79	A Poesia Das Coisas De Bueno De Rivera
Para Rir E Distrair	80	Xisto No Espaço: Nôvo Herói De Lúcia Machado De Almeida Inicia Suas Aventuras No Mundo De Gagarin
	84	Novelinha Policial, Nem Séria, Nem Autêntica
	86	Geografia Do Humor: Como Os Grandes Desenhistas Despertam Risos Pelo Mundo
	88	A Necessidade Da Rosa, Crônica De Ivan Angelo

Fonte: reprodução tirada do acervo da Hemeroteca da BNDigital⁸⁶.

O primeiro norte-americano a orbitar a Terra foi John Glenn (1921-2016), em 20 de fevereiro de 1962, na décima tentativa e quase um ano depois de Gagarin (TERRA⁸⁷, 2012). Porém, não coube a Glenn o feito de ser o primeiro e, possivelmente por isso, o nome dele não ecoava no imaginário das pessoas como o de Gagarin, a ponto de uma revista “dar” a posse do mundo espacial a ele. Era preciso que os Estados Unidos fizessem, pioneiramente, algo tão grandioso como fez a URSS, para que também escrevesse o nome na história espacial, o que foi feito em 1969, com Neil Armstrong, primeiro a pisar a superfície lunar.

No segundo capítulo publicado pela revista, na edição 365 (p. 82 a 84), Xisto e Bruzo embarcam no foguete rumo ao espaço sideral. A narrativa faz a descrição do lançamento do foguete conforme os estágios de desprendimento de partes da estrutura, à medida que avança no espaço sideral, e dos efeitos do lançamento sobre os tripulantes “A rápida e crescente aceleração provocou em Bruzo uma terrível sensação de esmagamento. O peso de ambos tivera um aumento aparente de... trezentos quilos cada um!” (ALMEIDA, 1963b, p. 82). No segundo estágio de desprendimento de partes do foguete, mais impactos sobre os dois amigos.

⁸⁶ Revista Alterosa, n. 364, abr. 1963, p. 7. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=060135&Pesq=%22xisto%20no%20espaco%22&pagfis=23513>. Acesso em: 21 out. 2024.

⁸⁷ Matéria não assinada.

“O pulso de Xisto acelerou-se e, todo crispado, ele sentiu que a vista se lhe escurecia. Estava prestes a ter uma síncope! Seu peso agora aumentara... setecentos quilos...” (ALMEIDA, 1963b, P. 82). Após os impactos iniciais, os tripulantes conseguiram, enfim, olhar, pelo “periscópio com espelho orientável” (ALMEIDA, 1963b, P. 82), o que estavam deixando para trás:

Xisto, mesmo desorientado como estava, via do leito o seu Planeta se distanciando, redondo e solto no espaço, rodeado por uma cinta alaranjada, depois azul pálido e, em seguida, azul forte. [...] Um minuto após, surgiu a face escura do céu feericamente constelado de estrelas que, devido à falta de atmosfera, ainda mais claras se tornavam. (ALMEIDA, 1963b, P. 82).

A descrição que a narradora faz do que Xisto e Bruxo estavam vendo lá do espaço coincide com a que Yuri Gagarin oferece da Terra, de cor azul, como visto antes neste capítulo: “Céu escuro, Terra azul claro” (CORREIO PAULISTANO, 1961, P. 1). Isso faz pensar que a referência da escritora para escrever essa descrição partiu do que Gagarin disse aos repórteres e foi amplamente noticiado pelos jornais mundo afora, somada a outras referências e à imaginação da autora.

No folhetim, assim como no livro, depois que a aeronave abandona o segundo estágio da viagem, “fez-se um silêncio total, e tudo ficou leve... leve...” (ALMEIDA, 1963b, P. 82). Isso significava que os dois amigos haviam vencido duas importantes barreiras, a do calor e a da gravidade (ALMEIDA, 1963b). Era a hora de eles finalmente sentirem a sensação de flutuar no espaço, “em posições inteiramente ridículas!” (ALMEIDA, 1963b, P. 82).

Esse foi o primeiro texto de Lúcia Machado de Almeida que abordou a conquista do espaço sideral pelo homem, tendo sido publicado na exata década em que os maiores avanços rumo ao céu estavam ocorrendo, e de forma acelerada. Isso explica o espaço maior dado à publicação nesta seção, para que se possa ter contato com o material e entender como os acontecimentos contemporâneos à escritora exerceram interferência na escrita dela. No entanto, frisa-se que, depois de *Xisto no espaço*, Lúcia Machado de Almeida publicou quatro outros livros para o público infantojuvenil em que aparece o tema espaço sideral.

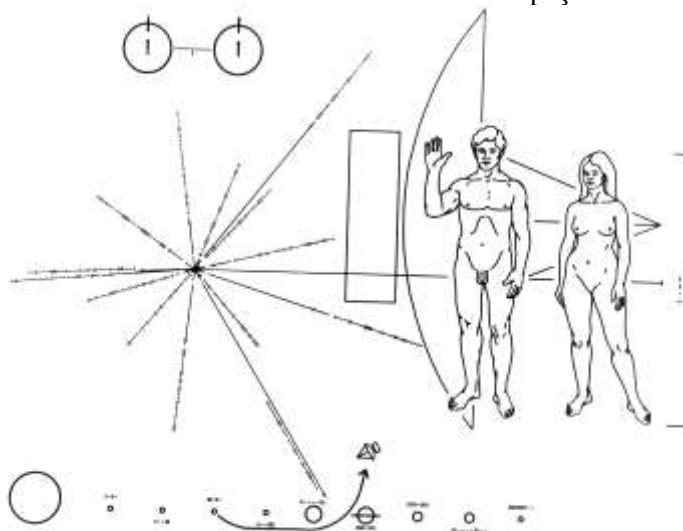
Em *O falcão de penas salpicadas*, de 1986, por exemplo, a história começa em uma fazenda datada do período colonial de Minas Gerais, mas transita de espaço, com momentos de viagens dos personagens para a Índia, a fim de solucionar um mistério. A escritora, por meio

dos próprios personagens, trazia à cena a questão espacial, muitas vezes, com paratextos amarrados à realidade, como no trecho a seguir:

Enquanto ele, Dico, numa fazenda chamada Sossego, se envolvia com situações estranhas, possivelmente provocadas por mentes enfermas, lá longe... muito longe... em distantes galáxias, deslizava uma nave terrestre, sem astronautas, lançada ao Espaço, repetindo — só Deus sabe até quando — a gravação de um Concerto de João Sebastião Bach, e tendo em sua couraça uma placa de ouro, na qual estavam indicados sua órbita, um diagrama do sistema solar, o símbolo de um átomo de hidrogênio, o desenho de dois corpos nus; o de um homem e o de uma mulher, ambos com a mão estendida em sinal de Paz. (ALMEIDA, 1986, P. 34-35)

Nesse trecho, ao mencionar a nave terrestre lançada ao espaço, Lúcia Machado de Almeida insere uma nota de rodapé com a informação: “A Pioneer, lançada em 1973” (ALMEIDA, 1986, P. 34). Foram lançadas duas sondas espaciais com essa placa de alumínio revestido de ouro (FIG. 13), a Pioneer 10, em 1972, e a Pioneer 11, em 1973 (O GLOBO, 2013). Eram chamadas de sondas “gêmeas”. A primeira tinha como destino Júpiter e a segunda iria para Saturno. As baterias da Pioneer 11 se esgotaram, e, com isso, o último contato com ela foi em 1995 (COSTA, 2021). A Pioneer 10 continua a trajetória pelo espaço sideral, o último sinal dela foi obtido em 2003, em trajetória rumo à constelação de Touro (COSTA, 2021).

Figura 13 — Desenho de casal nu gravado na placa dourada enviada com as sondas Pioneer ao espaço sideral



Legenda: junto ao desenho do casal, estão diagramas com a localização do Sol e da Terra, para que, se alguma vida inteligente encontrar as sondas, possa fazer contato (THE PLANETARY SOCIETY, tradução nossa).

Fonte: The Planetary Society⁸⁸.

⁸⁸ Disponível em: <https://www.planetary.org/space-missions/pioneer>. Acesso em 12 jan. 2025.

A investigação histórica a partir das fontes literárias oferece amplas possibilidades de se identificarem questões que talvez não sejam tão explícitas em fontes e documentos não ficcionais. A literatura ficcional não traz à pesquisa um retrato do período investigado, mas pode ampliar as interpretações. A respeito da relação ficção, literatura e história, o professor Júlio Pimentel Pinto assinala

O texto dialoga (e o leitor incorpora-se a esse diálogo e o desenvolve) com o passado e o representa conforme suas convenções, enquanto o real continua sendo apenas um retrato na parede. E as dores vividas, expressas e lidas prosseguem paralelas.

O trabalho de ficção, por seu lado, é singular, pois por princípio se dedica a estetizar o real. (PINTO, 2024, P. 25)

Acompanhando o entendimento de Júlio Pimentel Pinto, é possível enxergar os textos de Lúcia Machado de Almeida que fazem referências a situações de guerra ou quase guerra, destruição, avanços tecnológicos, descobertas espaciais e disputas entre potências como uma estetização de acontecimentos que a afetavam no momento da escrita e que diziam respeito ao período em que ela viveu. Porém, o texto ficcional da escritora não pode ser lido como “espelhamento” do real, uma vez que partiu da imaginação da autora e apresenta histórias criadas por ela, invenções, representações. Esse discernimento não deve, no entanto, limitar as possibilidades entre literatura e história, como observa Júlio Pimentel Pinto:

A aproximação entre ficção e história reafirma, inclusive com a percepção das distintas fundações e o diverso compromisso das duas narrativas, mais um caminho possível e instigante para a historiografia, daí a necessidade de entender a relação e o diálogo entre ficção e história de uma forma mais mediada, mais marcada por limites, tensões e possibilidades. (PINTO, 2024, P. 27)

Conforme o pesquisador, “a literatura pode ser, sim, um sismógrafo acurado, inclusive para a história: graças à sua liberdade criativa e ao amplo aparato de recursos estéticos e de linguagem, ela pode perceber com agilidade o que outras narrativas demoram mais a notar” (PINTO, 2024, P. 30). Nessa investigação a partir da literatura, não se deve perder de vista a dimensão estética da ficção, isso significa que o olhar deve estar mais atento a “elementos discretos ou associados ao trabalho em si de construção de texto, ao contexto cognitivo que o permitiu” que a uma possível “revelação imediata” a respeito de algum ponto ou a informações históricas dentro do texto literário (PINTO, 2024, P. 30).

Ao discorrer sobre a relação entre história e literatura, Clóvis Gruner reforça a ideia das múltiplas possibilidades que a literatura abre para o entendimento histórico. Ele observa que o

passado chega até o presente por meio de discurso e representação. Sejam quais forem as fontes e documentos — escritos, orais, visuais —, elas não são retrato fiel de sociedades de tempos passados, mas, sim, “artefatos históricos e culturais, portanto, *representações* do passado, construídas a partir de um olhar, de determinados códigos e valores” (GRUNER, 2008, P. 10-11, grifo do autor). De acordo com o pesquisador, “a apropriação e a leitura dos textos literários pelo historiador [...] levam em conta principalmente o caráter de *representação* daquelas narrativas” (GRUNER, 2008, P. 11, grifo do autor). Esse conceito, diz, é fundamental porque “permite ao historiador fazer uma *leitura cultural do social* e reconhecer como determinados atores sociais, localizados em um tempo e espaço, investem de sentido suas práticas e discursos” (GRUNER, 2008, P. 11).

3.3 CIÊNCIA PRESENTE EM SUCESSOS EDITORIAIS

Xisto no espaço foi um dos livros de maior sucesso de Lúcia Machado de Almeida, e não somente junto ao público juvenil, mas também à crítica. Em 1968, a obra venceu, na categoria “Melhor livro infantojuvenil”, a 10ª edição do Prêmio Jabuti, realizado anualmente pela Câmara Brasileira do Livro (CBL). Lúcia Machado de Almeida conquistou diferentes premiações ao longo da carreira, como o Prêmio Othon Bezerra de Melo, da Academia Mineira de Letras, o Prêmio da Fundação Cultural de Brasília (por *Estórias do fundo do mar* e *Spharion*) e o Prêmio Brasília de Literatura, na categoria Literatura Infantil ou Juvenil, por *Spharion* (1979), em 1980, dentre outros, mas o único Jabuti que recebeu foi com *Xisto no espaço*. Outra conquista da escritora com essa obra foi a solicitação de envio do livro para a Biblioteca Internacional da Juventude, em Munique (Alemanha), “para participar de sua lista como um dos melhores livros do Brasil” (ARAÚJO, 1984, p. 2). Na ocasião desse convite da Biblioteca de Munique, o título já constava da Sala de Leitura dos Jogos Olímpicos em Estocolmo (Suécia) (ARAÚJO, 1984).

Xisto no espaço foi motivo para que leitores de 10 a 13 anos criassem o “Clube de Astronomia Pioneiros do Espaço”, em 1967, para discutir assuntos relacionados ao espaço sideral. Em 1969, o clube realizou, na Associação Mineira de Imprensa, em Belo Horizonte, uma exposição dos trabalhos feitos até ali. Havia desenhos e miniaturas de naves espaciais, robôs, reprodução da Lua, jornais e revistas sobre as realizações dos cosmonautas norte-americanos e russos (JORNAL DO BRASIL, 1969). Em 1972, cinco anos após o lançamento da obra, ela ainda constava dentre as mais vendidas no país, conforme *ranking* publicado pelo

Suplemento Literário de São Paulo em 19 de novembro, em que *Xisto no espaço* aparece em quinto lugar, à frente de clássicos como *Vinte mil léguas submarinas*, de Júlio Verne, *As aventuras de Tom Sawyer*, de Mark Twain, *Os três mosqueteiros*, de Alexandre Dumas, e *O homem que calculava*, de Malba Tahan (SUPLEMENTO LITERÁRIO DE SÃO PAULO, 1972, P. 2).

Além do sucesso com o público infantojuvenil, *Xisto no espaço* recebeu extensa cobertura na imprensa (FIG. 14), como em geral ocorria quando a escritora lançava títulos novos. “Tive críticas excelentes e sucesso no meio dos escritores e críticos literários. Inclusive, tenho guardadas, até hoje, críticas feitas por Mário de Andrade, também o Carlos Drummond sempre me prestigiou muito” (ALMEIDA, 1981, P. 4), contou a escritora certa vez em entrevista ao Jornal de Casa (MG), ao comentar da recepção da sua obra junto à crítica desde que começou a publicar.

Figura 14 — Nota da revista O Cruzeiro sobre o lançamento do livro *Xisto no espaço*



Fonte: revista O Cruzeiro, 5 ago. 1967. Acervo da Hemeroteca BNDigital. 2024.

Na coluna “Roda Gigante”, no SLMG, a escritora Laís Corrêa de Araújo dedicou uma página, na edição de 3 de junho de 1967, a *Xisto no espaço*, sob o título “Ficção científica para jovens”. Após discorrer sobre o gênero ficção científica, que, segundo ela, “é novidade apenas por utilizar os mais recentes dados do conhecimento científico, projetando-os num futuro que é o mesmo maravilhoso em outras perspectivas” (ARAÚJO, 1967, P. 3), a colunista observa que, sendo as crianças ávidas pelo maravilhoso, era “natural que a ficção infantil de Lúcia Machado de Almeida sofresse também essa evolução ampliadora dos horizontes do

maravilhoso” (ARAÚJO, 1967, P. 3), ou seja, incorporasse a ficção científica na obra para o público infantojuvenil. Finaliza a crítica ao livro dizendo que:

[...] a estória utiliza os ingredientes do suspense, da informação científica básica, o vilão e o mocinho, noções de astrofísica e gotas de humorismo, para armar-se num todo harmonioso, agradável e bem-sucedido, com a prevalência de um sentido positivo: mesmo situado no contexto de um futuro cosmológico, o homem poderá e deverá reconstituir-se sempre homem, ser pensante, capaz de conduzir a si mesmo na direção do bem e da paz. (ARAÚJO, 1967, P. 3)

A resenha de Laís Corrêa de Araújo, localizada em uma seção do jornal que não era exatamente destinada ao público infantojuvenil, apresenta uma análise mais aprofundada e crítica acerca da obra de Lúcia Machado de Almeida, o que não era comum, considerando-se que as informações — notas, reportagens ou colunas opinativas — sobre os livros da escritora mineira costumavam ser positivas e em tom de celebração pela chegada de mais um título da autora. O texto de Laís Corrêa de Araújo, antes de abordar a obra em si, apresenta Lúcia Machado de Almeida e observa que é na literatura infantojuvenil que a escritora possui “realizações realmente válidas e felizes” e que, na literatura não infantil, Lúcia Machado de Almeida possui obras de “menor valor literário” (ARAÚJO, 1967, P. 3). Em seguida, Laís Corrêa de Araújo parte para a resenha de *Xisto no espaço*, com retomadas históricas, menções à psicanálise, ao escritor inglês Aldous Huxley, autor da ficção científica *Admirável mundo novo* (1932), e Júlio Verne, dentre outros, diminuindo de certa forma o caráter de novidade que, segundo a escritora, esse gênero expressa:

Já antes da Idade Média se fazia ficção científica [...], e é de 1634 o livro do astrônomo Johannes Kepler, um romance intitulado “Sonium”. Tivemos Júlio Verne, em 1865, e mais recentemente [George] Wells e Huxley, entre outros autores que tentaram descortinar o “admirável mundo novo”, previsível de certo modo, mas sempre sob o signo do desconhecido. O cinema e a televisão também têm explorado essa curiosidade humana e gulodice pelo desconhecido. (ARAÚJO, 1967, P. 3)

Em tom mais leve e coloquial, foi publicada a matéria “Lúcia lança Xisto no espaço”, no Correio da Manhã de 20 de agosto de 1967, na página 9 do 5º Caderno, espaço que estabelece aproximação com o público infantojuvenil por meio de jogos (dois caça-palavras), foto de um garoto fantasiado de Xisto, com roupa que remete ao uniforme de “astronauta” do protagonista da história, e informações sobre um campeonato de xadrez recém-iniciado no Rio de Janeiro. A página não é assinada por jornalista em nenhum dos textos e colunas (CORREIO DA MANHÃ, 1967). Acerca do livro de Lúcia Machado de Almeida, a matéria do jornal discorre:

A ficção científica pode também ser o domínio dos jovens, ou melhor, dos meninos e meninas a partir dos doze anos, sem que isto represente um sério pesadelo, à noite, e, conseqüentemente, um susto e um aborrecimento para os papás.

Parece que foi isto o que teve em mente a escritora Lúcia Machado de Almeida, ao dar-nos [...] **Xisto no espaço** [...].

Com um jeito muito natural e atraente de contar histórias, puxando o leitor-mirim para dentro do livro, e fazendo com que ele participe vivamente da aventura, Lúcia Machado de Almeida, exímia narradora, manterá bem desperta a atenção dos leitores juvenis [...] (CORREIO DA MANHÃ, 1967, P. 9, grifo do autor)

Antes de seguir à sinopse da história, o texto destaca que o livro, uma “novelinha”, “instrui e diverte”, por ter os momentos de suspense alternados com outros, “divertidíssimos” (CORREIO DA MANHÃ, 1967, P. 9). A matéria se encerra com a recomendação da leitura do livro, desejo de “boa viagem” e alerta de “cuidado” aos “meninos e meninas”, traçando interlocução direta com o público e explicitando a quem se destina (CORREIO DA MANHÃ, 1967, P. 9).

As duas resenhas, muito distintas em formato, profundidade de análise e público-alvo, apresentam, entretanto, um ponto em comum, tratam a obra *Xisto no espaço*, como “ficção científica”, o que não é exclusividade desses dois textos. De modo geral, a imprensa caracterizava a obra dentro desse gênero, o que se comprova por meio de trechos como: “Lúcia Machado de Almeida (vinte anos de deliciosa literatura infantil) está escrevendo em ‘Alterosa’ uma estória para crianças no gênero de ficção científica’ — ‘Xisto No Espaço’. A escritora espera publicá-la em livro até o fim do ano” (LEITE, 1963-?)⁸⁹. O recorte da nota saiu sem o cabeçalho e suprimiu pela metade o nome do colunista do espaço (“Livros & Fatos”), aparecendo somente (“Octávio DI”). As pesquisas conduzidas para esta dissertação levaram à conclusão de que se trata do escritor belo-horizontino Octávio Dias Leite (1914-1970), que manteve, nos anos 1960, a coluna “Livros & Fatos” no extinto jornal Diário de Minas. “Octávio escreveu, entre outros veículos, no Diário de Minas, em Belo Horizonte” (ALMÉRI, 2014). Diante desses elementos e da informação da própria nota, de que autora está completando vinte anos de literatura infantil, somada à informação de que as histórias de Xisto estavam sendo publicadas na revista Alterosa, sem que o livro já tivesse sido lançado, deduz-se que o texto foi publicado no ano de 1963, a partir do mês de abril, quando Lúcia Machado de Almeida inicia o folhetim na revista. Hoje o acervo Octávio Dias Leite também pertence ao AEM.

⁸⁹ Acervo LMA, AEM/UFMG. Série Produção Intelectual de Terceiros.

A revista *Alterosa*, ao fazer a chamada para o início das publicações de *Xisto no espaço*, registra:

As aventuras no espaço de um Dom Quixote adolescente e do Barão de Rutília [Bruzo], seu escudeiro, num livro de “science-fiction” escrito exclusivamente para *Alterosa*, servirão para, ao mesmo tempo, fazer a delícias das crianças dos 8 aos 80 anos e marcar a estreia em nossas páginas, mês a mês, de mais um grande nome da literatura nacional: a escritora mineira Lúcia Machado de Almeida, considerada a sucessora de Monteiro Lobato. (ALTEROSA, 1963a, grifo do autor)⁹⁰

Na versão em folhetim da revista *Alterosa*, Bruzo era chamado também de “Barão de Rutília”, “título que fora conferido a Bruzo, seu fiel, barrigudo, forte e simplório escudeiro” (ALMEIDA, 1963a, P. 81). Na primeira edição de *Xisto no espaço* (1967), pela editora Brasiliense, Bruzo ainda é chamado de “Barão de Rutília” em algumas passagens. No entanto, nas edições que saem a partir de 1974, pela série Vaga-Lume, após a cessão dos direitos da obra para a editora Ática, o título “nobre” do companheiro de Xisto é abandonado, restando apenas Bruzo.

Na matéria “Lúcia Machado de Almeida lança *Xisto no espaço*”, o SLMG de 24 de junho de 1967 registrou que o protagonista Xisto tem “lugar especial entre os ídolos da moderna ficção para os jovens” e, em seguida, que:

A nova história de Lúcia Machado de Almeida é um dos melhores modelos de ficção científica para adolescentes; pois contém os ingredientes necessários para reter a atenção e interesse dos leitores: Personagens de grande força e bem-desenhados vivem aventuras que deixam o leitor em suspense durante todo desenrolar da história. (SUPLEMENTO LITERÁRIO DE MINAS GERAIS, 1967, P. 6)⁹¹

Sete anos depois de *Xisto no espaço*, Lúcia Machado de Almeida lança o terceiro volume da série com Xisto, dessa vez *Xisto e o Saca-Rolha*, pela editora Brasiliense. Depois que a escritora assina com a Ática, em 1974, este último volume passou a ser *Xisto e o pássaro cósmico*, lançado em 1982 dentro da bem-sucedida série Vaga-Lume. As mudanças mais significativas entre a edição da Brasiliense e da Ática ocorreram no projeto gráfico, com mudança na capa, que, antes assinada por Alcy, ficou sob responsabilidade de Mário Cafiero, e a inserção de ilustrações em preto e branco, também de Mário Cafiero, no miolo do livro. O enredo e o desenrolar da narrativa não sofreram alterações significativas, apesar de terem

⁹⁰ Matéria não assinada, página não numerada. Revista *Alterosa* n. 363. Acervo da Hemeroteca BNDigital.

⁹¹ Matéria não assinada. Acervo SLMG, Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais.

existido mudanças na forma de narrar, por exemplo, com supressão de partes, redução do tamanho dos diálogos, alteração de tempos verbais, mudança em títulos de capítulos e ausência de “Xistolândia”, que, em *Xisto e o Saca-Rolha*, era o nome do “país” de Xisto, que passara a ser governado por ele.

Xisto e o Saca-Rolha encerra a trilogia com o personagem Xisto (MONTAGEM 5) e segue a linha do segundo livro, com temas espaciais no enredo. O protagonista está em terra após as aventuras vividas em Minos, mas recebe misteriosas visitas em Xistolândia.

Montagem 5 — Livros de Lúcia Machado de Almeida que compõem a série com o garoto Xisto



Legenda: 1. *Aventuras de Xisto* (1957); 2. *Xisto no espaço* (1967); 3. *Xisto e o Saca-Rolha* (1974); 4. *Xisto e o pássaro cósmico* (1982), obra que tem a mesma história de *Xisto e o Saca-Rolha*, com outro título, outra capa e outra editora. As capas de 1 a 3 referem-se às primeiras edições das obras. No caso da capa 4 (*Xisto e o pássaro cósmico*), trata-se da 3ª edição.

Fonte: elaborada pela autora da dissertação a partir de fotos de livros do próprio acervo. 2024.

A trama de *Xisto e o Saca-Rolha* se passa em Xistolândia e se desenvolve em torno do surgimento de fenômenos estranhos, em que alguma coisa ainda não identificada surgia misteriosamente e, sem que ninguém a visse, provocava destruição por onde passava. Em meio aos esforços de Xisto e sua equipe para descobrir o que seria esse agente destruidor e como derrotá-lo, o livro descreve passagens com referências à “ocupação” do espaço sideral pelo homem e às inovações criadas por ele. Já no primeiro capítulo, a narradora registra:

[...] dezenas de formas estranhas e luminosas [...] vagavam pelo céu, perscrutando o espaço. E eram observatórios circulando ao redor do planeta, com instrumentos de navegação automáticos, câmaras de televisão e equipamentos para telemetria... Satélites com receptores hipersensíveis, captando ruídos cósmicos, e até mesmo, de vez em quando, na distância, algum foguete interplanetário impulsionado por partículas de luz — resultante da fusão nuclear do hidrogênio — a navegar em alta velocidade, rumo a mundos ignotos. (ALMEIDA, 1974, P. 8-9)

Após descrever a cena vista pelo protagonista, a narradora reproduz, entre aspas, o pensamento do jovem: “Como é grande a ânsia do universo inteiro em se comunicar, descobrir, saber! Como tudo isso é maravilhoso!” (ALMEIDA, 1974, P. 9). Nesse pensamento reproduzido, é possível perceber uma visão otimista acerca da corrida espacial, associada à sede humana por conhecimento.

Ao analisarem a trilogia de Xisto, as pesquisadoras Marisa Lajolo e Regina Zilberman, em *Literatura infantil brasileira: histórias & histórias* (2022), defendem que o “retorno do herói” deveu-se ao grande sucesso editorial alcançado por *Aventuras de Xisto*, que ultrapassou fronteiras e chegou a ser incluído na lista “Best of the Best”, da Biblioteca Internacional da Juventude de Munique (ESTADO DE MINAS, 1982). No entanto, as autoras criticam a mudança temporal adotada pela escritora — que sai de uma história com o Xisto adolescente, inspirado nos cavaleiros andantes, saindo “pelo mundo endireitando coisas erradas” (ALMEIDA, 1957, P. 20), para outra história com o mesmo Xisto adolescente, mas sem ser cavaleiro andante, e sim um astronauta iniciante, que parte para o espaço sideral a fim de evitar a destruição da Terra.

A mudança temporal talvez reflita o esgotamento do veio escolhido pela escritora. O primeiro livro parte de uma situação original, ao explorar, às vezes, com humor, o estado anacrônico do herói (cavaleiro andante) [...] nos livros seguintes, obriga-se a levar a sério a personagem como preço da continuidade das aventuras. Torna então paradoxal o anacronismo do primeiro texto, pois, sem qualquer mediação, Xisto salta dos tempos medievais para o futuro. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2022, P. 193)

Em defesa da mudança de foco de Lúcia Machado de Almeida, a pesquisadora Cátia Toledo Mendonça (2014) observa: “Deve-se assinalar aí a necessidade da autora de mudar os caminhos de suas narrativas, experimentar novos gêneros, acompanhar os novos tempos, assim como acontece com a linguagem, que continua com a tendência à coloquialidade e contém uma crítica ao uso de construções eruditas” (MENDONÇA, 2014, P. 106). Nesse ponto, a pesquisadora se refere às críticas dentro da própria história ao linguajar rebuscado do Professor Van-Van. Quando ele iniciava as falas, sempre surgia um personagem que não o entendia ou que comentava que era chata a maneira com que ele se expressava, como se comprova no trecho em que Bruzo (Rutília) tenta esclarecer uma dúvida com Van-Van:

— E se as algas encruarem? Comentou Rutília apavorado como sempre.
— Alijai do substractum de vosso ego tão lúridas conjeturas! Retrucou Van-Van, tentando levantar o moral do gordíssimo Bruzo. Saiba, ó formidolosa criatura, que

tal providência foi determinada após consultas a incunábulo de fotossíntese, verdadeiros ergástulos do humano saber! (Bruzo [...] ficou na mesma...)

Lajolo e Zilberman creditam à série de Xisto uma característica que elas atribuem a parte das obras brasileiras no gênero aventura, a de não pensar a realidade nacional (LAJOLO; ZILBERMAN, 2022, p. 19). De acordo com as autoras, a tendência escapista nas obras de Lúcia Machado de Almeida apresenta-se por meio do exílio “em épocas distantes para anular a temporalidade e imergir num indeterminado cronológico” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2022, P. 193). As pesquisadoras ainda observam que os autores de aventura que optam pelo escapismo acabam por recuperar “processos narrativos e temáticos já superados pelos escritores do período modernista” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2022, P. 193).

Sempre que era questionada sobre o porquê de não construir uma literatura realista ou sobre o que pensava sobre a presença desse viés na literatura infantojuvenil, Lúcia Machado de Almeida evitava a polêmica, preferindo defender a existência de espaço para os dois tipos de abordagem, a realista e a fantasiosa:

Respeito a obra de colegas meus que escolheram o enfoque realista e o trabalham com dignidade, mas sou contra a ideia de que esse gênero é o único válido. Detesto radicalismos. E, por falar em realidade... todo mundo sabe que a fantasia faz parte da realidade da criança. Se não fosse assim, melhor seria atirar todos os seus brinquedos pela janela... (ALMEIDA, 1981, P. 4)

Analisando por outra vertente, a da ficção, o pesquisador Leonardo Arroyo, quando lançou a primeira edição de *Literatura infantil brasileira*, na década de 1960, definiu a obra de Lúcia Machado de Almeida, dos anos 1940 até *Aventuras de Xisto* (1957) — por ainda não terem sido publicadas as que surgem após 1960 —, como “ficção pura”, fazendo contraponto àquelas que têm conteúdo histórico. Leonardo Arroyo assinala a qualidade da escritora no segmento de ficção, intitulando-a como “criadora de histórias de alto valor” (ARROYO, 2011, P. 325). “[...] a autora fixa a vida real em seus valores positivos, tornando-os íntimos da criança, com o mágico elemento da graça no escrever e compor suas estórias” (ARROYO, 2011, P. 325).

Quando fez o comentário sobre a obra de ficção de Lúcia Machado de Almeida, Leonardo Arroyo só podia se referir à trilogia marinha — *No fundo do mar*, *O mistério do Polo* e *Na região dos peixes fosforescentes* —, a *Viagens maravilhosas de Marco Polo*, *Lendas da terra do ouro*, *Atíria*, *a borboleta*, *O escaravelho do diabo* e *Aventuras de Xisto*. Como o livro de

Leonardo Arroyo sai em 1968 e o livro *Xisto no espaço*, em 1967, é possível que não tenha existido tempo hábil para que esta obra de Lúcia Machado de Almeida entrasse na análise do estudioso. Essa é uma explicação possível para o fato de o autor ter se limitado ao termo “ficção” para os trabalhos de Lúcia Machado de Almeida. Embora nos textos infantis e juvenis lançados por ela até aquele momento houvesse presença da ciência — descrição de animais, espécies vegetais, ambientes, menção às tecnologias destrutivas da guerra etc. —, a ficção da escritora não se constituía em mundos ficcionais nem se sustentava em equipamentos altamente sofisticados, que ainda não foram inventados, ou em teorias para o emprego de novas fontes energéticas, como ocorre em livros como *Xisto no espaço*, *Xisto e o Saca-Rolha* (*Xisto e o pássaro cósmico*), *Spharion*, *O falcão de penas salpicadas* e *O asteroide*. A partir destas últimas é que a expressão “ficção científica” começa a aparecer associada às obras da autora.

3.4 CRÉDITOS À CIÊNCIA

Antes de se passar à discussão sobre ficção científica, será apresentada outra marca da presença da ciência na obra literária de Lúcia Machado de Almeida. Trata-se da fidedignidade da escritora às informações para construir as narrativas. Em livros como os da trilogia marinha, de *Atíria*, do *Escaravelho*, a escritora deixa o leitor a par de detalhes provenientes da ciência natural, como nomes científicos das espécies, referências, com fontes bibliográficas de onde as informações foram tiradas, notas de rodapé com explicações sobre seres, fenômenos, experiências etc. As obras da trilogia marinha e a primeira versão de *Atíria* (*Atíria, a borboleta*) traziam, ao final, a bibliografia utilizada por Lúcia Machado de Almeida para compor as histórias.

No *Manual de normalização para publicações técnico-científicas*, as autoras Júnia Lessa França e Ana Cristina de Vasconcellos observam que “referência é um conjunto de elementos que permite a identificação de publicações, no todo ou em parte. Esses elementos podem ser essenciais ou complementares e são extraídos do documento que estiver sendo referenciado” (LESSA; VANCONCELOS, 2019, P. 146). O uso de referências e de bibliografia em publicações é um mecanismo que exerce diferentes funções, dentre as quais: atestar a veracidade do que está sendo publicado, informar que aquilo que está sendo veiculado não é uma construção daquele autor, mas, sim, de outro, resguardar o autor em questões de direitos

autorais, dotar a obra de credibilidade e mostrar ao leitor onde ele pode buscar aquelas informações citadas.

Lúcia Machado de Almeida também deixava “avisos” no início dos livros, para o leitor saber que a fantasia presente no texto estava de braços dados com elementos da realidade. Na página de abertura de *Estórias do fundo do mar*, a autora informa: “Todos os peixes e animais que participam destas estórias foram apresentados com seus verdadeiros nomes, formas, hábitos e ‘habitats’” (ALMEIDA, 1980, P. 50). Ao final da obra, está presente a lista dos títulos consultados pela autora, em português, inglês, francês e espanhol, para coletar informações e escrever as histórias.

Em *Atíria, a borboleta* e *O caso da borboleta Atíria*, o texto é permeado de informações científicas a respeito das espécies animais, essas observações vêm em notas de rodapé, como um texto paralelo à narrativa fabulesca. A respeito dessa característica da obra — que também aparece, mas com menos intensidade, em algumas histórias da trilogia marinha —, a pesquisadora Cátia Toledo Mendonça pontua:

[...] parece singular o fato de associar a essas falas [dos personagens animais] notas de cunho científico, que deslocam o leitor do universo mágico infantil para o sisudo mundo da ciência. Essa junção confere à narrativa um caráter ambíguo, que a mantém entre o didático e o maravilhoso, e a torna ímpar, pois nem mesmo a obra lobatiana conserva o leitor nesse trânsito entre a fantasia e o científico, uma vez que as informações científicas, na obra de Lobato, são dadas pelos próprios personagens, dentro do contexto da fantasia, enquanto na obra de Lúcia Machado de Almeida há uma voz impessoal, destituída de magia, à margem do texto — um paratexto — e do contexto maravilhoso, que informa os dados científicos, mantendo, deste modo, bem marcadas as linhas que separam os dois universos. (MENDONÇA, 2007, P. 101)

Cátia Toledo Mendonça completa a análise sobre os paratextos científicos da obra de Lúcia Machado de Almeida com o comentário: “o uso do paratexto, com a função de dar veracidade à obra, foi muito utilizado na literatura adulta por diversos autores consagrados, como Machado de Assis e José de Alencar, mas, na literatura escrita para jovens e crianças, esse não é um procedimento comum” (MENDONÇA, 2007, P. 101). Outro ponto destacado pela pesquisadora é que, a partir da década de 1970, os autores que visavam ao público infantojuvenil pensavam em dois perfis de leitores-modelo: “o jovem leitor, que encontrará na obra o aspecto maravilhoso necessário para desenvolver a imaginação, e o professor, que busca na obra elementos didáticos aproveitáveis na situação escolar, aspecto desejável na produção literária daquela década” (MENDONÇA, 2007, P. 101). Nas pesquisas conduzidas

para esta dissertação, não se encontrou uma justificativa de Lúcia Machado de Almeida para inserir os paratextos de cunho científico nas obras. Ela mencionava com frequência a busca que fazia por materiais que lhe fornecessem conteúdo para escrever as histórias, como já citado. Nos manuscritos da escritora, é possível encontrar registros de fontes bibliográficas pesquisadas por ela, para uso em alguma publicação em andamento ou no futuro.

A análise de Cátia Toledo Mendonça, considerando a comunidade escolar também como alvo das publicações, é pertinente, principalmente levando-se em conta que a escritora começou a publicar no início do século 20, em um contexto em que as taxas de escolarização e de alfabetização ainda eram baixas, como foi discutido no primeiro capítulo, e em que a educação, assim como a literatura infantojuvenil, estava sendo discutida. Reformas educacionais ao longo do século 20 fizeram com que se ampliasse o público nos segmentos fundamental e médio. Uma delas foi a de 1932 (Decreto n.º 21.241/1932), considerada marco na modernização da educação nacional. “[...] esse foi o primeiro momento em que se pensou uma educação para a população em geral e um sistema nacional de ensino. [...] inaugurou a pretensa ideia de educação pública sendo fornecida, planejada, executada pelo estado” (SILVA; SANTOS, 2018, P. 3). Em 1971, veio outra reforma, com a Lei n.º 5.692/1971, que fixou as diretrizes e bases para a educação de primeiro e segundo graus, atuais ensinos Fundamental e Médio.

A série Vaga-Lume teve alcance expressivo nas instituições de ensino, o que explica a alta vendagem das obras que a integravam e a permanência da série ao longo dos anos. “A série Vaga-Lume habita as escolas e o imaginário de nossos jovens há mais de trinta anos”, observa a pesquisadora Cátia Toledo Mendonça (2015, P. 81). A criação dessa série, em 1972, foi exatamente para suprir a demanda por livros paradidáticos voltados para o Ensino Fundamental (BORELLI, 1996, *apud* MENDONÇA, 2015).

Em *Spharion*, os conhecimentos científicos da escritora também estão presentes e são explicitados em paratextos, como os da abertura do livro, em que há a seguinte “Nota da autora”:

Ao escrever esta novela de ficção científica, a autora baseou a sua fantasia em realidades que vão sendo descobertas, estudadas e confirmadas nessa espantosa era que estamos vivendo: era do átomo, da energia nuclear, dos voos interplanetários e dos fenômenos parapsicológicos. Assim sendo, ela recorreu a especialistas em

diversas áreas, sem a colaboração dos quais lhe teria sido impossível dar asas à imaginação. (ALMEIDA, 1979, P. 6)

Ao lado dessa nota, a escritora traz epígrafe com citação do físico Isaac Newton (1643-1727): “... ‘escreve acerca das forças naturais, e não das operadas pela mão do homem. Considero, sobretudo, as coisas que se relacionam com a gravidade, a levitação, a força elástica, a resistência dos fluidos e forças semelhantes de atração ou repulsão’...”. Abaixo, a autora informa a fonte de onde a citação foi retirada: “De ‘Philosophie Natureallis Principia Mathematica’, traduzido do prefácio da 1ª edição (1686) diretamente do latim pelo professor Sylvio Barbosa” (ALMEIDA, 1979, P. 7).

Com isso, Lúcia Machado de Almeida confere credibilidade à nota que publicou ao leitor, uma vez que cita, na epígrafe, um dos maiores físicos da história, responsável pela demonstração da Lei da Gravitação Universal, pela qual “a força com que se atraem dois corpos deve ser proporcional ao produto de suas massas dividido pela distância entre eles ao quadrado” (NATIONAL GEOGRAPHIC, 2023). Ao final, a escritora apresenta a bibliografia consultada, que transita entre obras sobre grutas de Minas Gerais, mineralogia, parapsicologia, sobrenatural, percepção extrassensorial e “vida secreta” das plantas, para citar alguns temas. Como nas demais bibliografias apresentadas nos livros de Lúcia Machado de Almeida, como *Atíria, a borboleta* e os livros da trilogia marinha, os textos consultados nessa obra são de diferentes idiomas: português, inglês e francês.

Em *O mistério da Douradinha* (1989), a escritora faz a seguinte dedicatória “a uma pequena maravilha da natureza chamada *Gold admirabilis*, vista anos atrás em uma exposição de passarinhos em Belo Horizonte” (ALMEIDA, 1989, P. 3). Além de dedicar a obra a um pássaro, o que é incomum e revela postura de indistinção entre as espécies e de não hierarquização tendo o homem como principal ser vivo, como o antropocentrismo estabeleceu, a escritora deixa registrado o nome científico da espécie protagonista da história, ou seja, acrescenta informação científica à dedicatória. Em *Atíria na Amazônia* (1992), Lúcia Machado de Almeida apresenta mais um recado ao leitor nos elementos pré-textuais da obra: “Todos os bichos, árvores e plantas que participam desta fantasia inspirada na Amazônia são característicos dessa região e foram apresentados com seus verdadeiros nomes, formas e habitats” (ALMEIDA, 1992, P. 7) — texto semelhante ao que foi redigido para *Estórias do fundo do mar*. A bibliografia consultada pela autora vem ao lado desse aviso, e não ao final do livro.

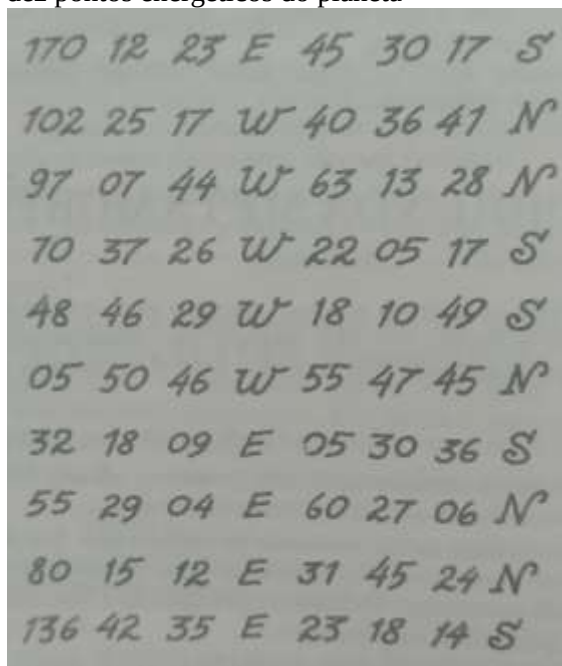
No livro *O falcão de penas salpicadas*, que se passa no Brasil e na Índia, Lúcia Machado de Almeida dedica duas páginas para as referências bibliográficas, que se constituem de obras em português, inglês, francês e espanhol, como ocorre em outros livros da autora. Além disso, ela faz uso, com menos frequência, das notas de rodapé, mas uma delas chama a atenção, fica localizada no painel com as coordenadas de onde estariam os dez pontos energéticos do planeta (FIG. 15). No rodapé, a seguinte informação:

Ainda que imaginários, esses números representam as coordenadas (latitude e longitude) de 10 pontos hipotéticos do globo terrestre, cujo alinhamento em relação aos campos magnéticos propiciaria uma extraordinária potencialização da energia solar, sob certas circunstâncias peculiares de posição sol — terra. Esse painel foi desenhado pelo engenheiro Fernando Almeida. (ALMEIDA, 1986, P. 118)

A trama se desenrola em torno da ambição de um indivíduo, ainda misterioso para os demais personagens, que busca o mapa que mostra onde estão esses pontos. Isso porque esses locais

[...] em certos momentos, receberiam carga máxima, transmitindo aos que lá se achassem e que as absorvessem naqueles instantes, dons espantosos. Entre outras maravilhas, as de entrarem em contato com seres de outros sistemas solares, de conhecerem os mais íntimos segredos do universo, de levitar, e de viajar num estado de invisibilidade atravessando a barreira do tempo. (ALMEIDA, 1986, P. 79)

Figura 15 — Painel com as coordenadas dos dez pontos energéticos do planeta



170	12	23	E	45	30	17	S
102	25	17	W	40	36	41	N
97	07	44	W	63	13	28	N
70	37	26	W	22	05	17	S
48	46	29	W	18	10	49	S
05	50	46	W	55	47	45	N
32	18	09	E	05	30	36	S
55	29	04	E	60	27	06	N
80	15	12	E	31	45	24	N
136	42	35	E	23	18	14	S

Fonte: reprodução do painel da página 118 de *O falcão de penas salpicadas* (1986), acervo da autora desta dissertação. 2025.

O referido engenheiro Fernando Almeida (1933-2003), responsável pela elaboração do painel dos pontos energéticos, é o filho primogênito de Lúcia Machado de Almeida e é mencionado em outras obras da autora, em dedicatórias e agradecimentos pela colaboração com informações científicas. Em *Atíria, a borboleta*, a dedicatória do livro é para Fernando Almeida e para o sobrinho Ângelo Machado, médico e entomólogo, que também colaborava com as informações científicas em que Lúcia Machado de Almeida se inspirava para escrever. Diz o texto: “A meu filho Fernando e a meu sobrinho Ângelo, que me ensinaram a gostar dos insetos” (ALMEIDA, 1951, P. 1). Em *Xisto no espaço*, Fernando Almeida também apareceu na dedicatória: “A meu filho Fernando, que me ajudou a escrever este texto” (ALMEIDA, 1967, P. 5). O primogênito da escritora era engenheiro aeronáutico formado pelo Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), além de apaixonado pela aviação, o que o levava a desenhar e a construir pequenas aeronaves. Foi no voo de uma delas que ele faleceu, em 2003, dois anos antes da mãe. (GONÇALVES, 2020, P. 231)

Ao registrar que o painel foi desenhado por Fernando Almeida, a escritora estende a preocupação em creditar as informações que utiliza no livro para quem é de direito, sejam elas provenientes de livro publicado, sejam de colaboradores não ligados ao mundo da literatura. Com isso, entende-se que Lúcia Machado de Almeida considerava a questão de informar os créditos como um dever para além das questões de direitos autorais, podendo incluir nessas motivações da autora, por exemplo, a lealdade ao leitor e a quem colaborou com a construção da narrativa, não tomando só para si os méritos pelos dados que sustentavam o enredo ficcional.

Por último, menciona-se o livro *O asteroide*, no qual a escritora coloca na epígrafe três nomes que se expressam sobre o real que existe na fantasia — o escritor André Breton, o teólogo Teilhard de Chardin e o diretor de cinema Werner Fassbinder (1945-1982)⁹² — e agradece ao filho Fernando, pelos conhecimentos científicos que a ajudaram na produção do livro. Quando começou a pensar no enredo da obra, Lúcia Machado de Almeida contou a novidade para a amiga Laís Corrêa de Araújo, em carta de agosto de 1994:

No meio de tudo isso, “engravidei” de uma nova história. Não é infantil, e nem sei para que idade vai servir. Trata-se de aventura acontecida no ano 2000 mais ou

⁹² As mesmas citações de Teilhard de Chardin e de Werner Fassbinder foram usadas como epígrafe em *O falcão de penas salpicadas*, anterior a *O asteroide*.

menos. Quem está me ajudando na parte científica é meu filho Fernando, experto nesses assuntos. Não espere grande coisa, Laís. Aliás nem sei se o possível futuro produto da imaginação desenfreada desta sua amiga será aceito, nem editado... Você, como escritora, bem sabe que, quando vai se formando alguma coisa dentro de nós o único jeito é... dar à luz... Em caso contrário, a gente até adoece...⁹³

Na ocasião da carta, Lúcia Machado de Almeida encontrava-se com 84 anos, mantinha-se ativa na correspondência e na produção intelectual. O livro mencionado na correspondência acabou “nascendo”, sim, em 1995, pela Global Editora (FOTO 12), e foi dirigido ao público juvenil, integrando a coleção “Jovens Inteligentes”.

Fotografia 4 — *O asteroide*, último livro juvenil lançado por Lúcia Machado de Almeida, em 1995



Fonte: foto tirada pela autora desta dissertação, capa da primeira edição do livro, acervo próprio.

Nos manuscritos do livro, vê-se a letra de outra pessoa, que, diante das informações da dedicatória do livro e da carta de Lúcia Machado de Almeida a Laís Corrêa de Araújo, acredita-se ser de Fernando Almeida. Essa pessoa fez esboços de desenhos de armas futurísticas que dispararam “neutrinos” (FOTO 13) e que são manipuladas pelos personagens ao longo da narrativa. Também consta dos manuscritos a explicação “científica” para se atingir a “invisibilidade” (DESENHO 1).

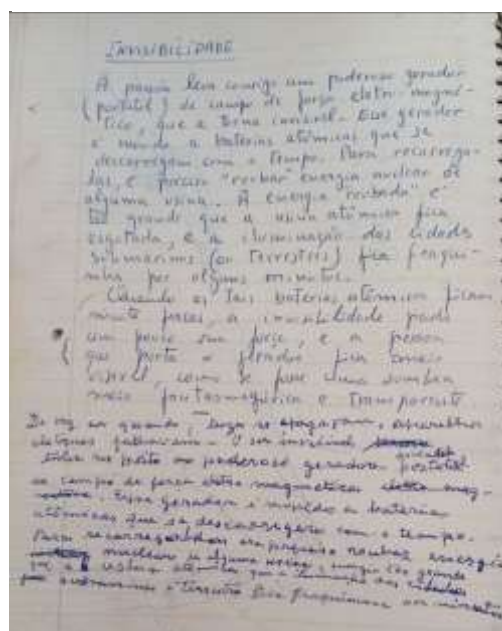
⁹³ Acervo Laís Corrêa de Araújo, AEM/UFGM. Série Correspondência Pessoal.

Desenho 1 — Esboço explicativo sobre arma com disparo de “neutrinos”



Fonte: Acervo LMA, AEM/UFMG.

Fotografia 5 — Manuscrito com explicação para se obter o efeito de invisibilidade



Fonte: Acervo LMA, AEM/UFMG.

Por esses manuscritos, cabe o entendimento de que havia uma espécie de parceria entre Lúcia Machado de Almeida e o filho Fernando Almeida para a criação das obras de ficção científica. Cada um entrava com uma forma de colaboração, a escritora, com a imaginação e a prática da escrita, criava a história e o desenrolar desta; o engenheiro, com os conhecimentos científicos, procurava aplicar as novidades e possibilidades tecnológicas ou as teorias científicas nos acontecimentos desenvolvidos na trama elaborada por Lúcia Machado de Almeida.

Em *O asteroide*, na página seguinte às citações de trechos de André Breton, Teilhard de Chardin e Werner Fassbinder, antes ainda de iniciar a narrativa, Lúcia Machado de Almeida retorna à frase de André Breton, autor do “Manifesto Surrealista” (1929), de que “o admirável no Fantástico é que nele só existe o real” (BRETON *apud* ALMEIDA, 1995, P. 7), e discorre: “Essa opinião está de acordo com que vemos hoje: o homem já foi à Lua e, talvez em breve, visitará outros planetas. E foram descobertos os segredos do átomo, o DNA, a energia nuclear, a cibernética” (ALMEIDA, 1995, P. 7). Lúcia Machado de Almeida prossegue no texto, que opera como apresentação do livro, dizendo que, com curiosidade, ia acompanhando todas as “revelações espantosas neste mundo de espantos”, sem perceber que as informações ficavam armazenadas na imaginação. “E assim foi se formando espontaneamente dentro de mim uma pequena novela de ficção científica endereçada a jovens” (ALMEIDA, 1995, P. 7).

No caso, a novela é *O asteroide*, último livro juvenil publicado pela autora. Junto de *Xisto no espaço*, *O asteroide* é o título que permite à escritora mais se aprofundar nas questões envolvendo o espaço sideral e as mais recentes inovações tecnológicas. Há, inclusive, uma passagem semelhante à de *Xisto no espaço* (ALMEIDA, 1967, P. 11), em que, por meio de um

poderoso radiotelescópio, situado na superfície da Terra, ele [o Líder] viu estranhos sinais e captou gritos que pareciam estar pedindo desesperadamente por socorro. Falavam uma língua que lembrava o urdu, da antiga Índia. Vozes milenares e recuadas, não no Espaço mas no Tempo. (ALMEIDA, 1995, P. 22)

Nas duas passagens, os sinais são captados por radiotelescópios e referem-se a vozes distantes no espaço e no tempo.

3.5 UMA NARRATIVA DISTÓPICA

Em *O asteroide*, a escritora se debruça novamente sobre os mistérios espaciais, com a vantagem de ter no repertório mais realizações humanas nesse campo, as quais a Lúcia Machado de Almeida de 1963, trinta e dois anos antes, quando escreveu *Xisto no espaço*, não havia testemunhado. Por exemplo, a chegada do homem à Lua e o envio de sondas espaciais a outros planetas para coletar amostras do solo.

Porém, na ficção científica *O asteroide*, há uma diferença na narrativa. Lúcia Machado de Almeida cria uma história distópica, que se passa no futuro, quando o mundo está vivendo uma guerra atômica mundial (ALMEIDA, 1995). O cenário descrito pela narradora, que inicia o texto em primeira pessoa do plural (“estamos”), é apocalíptico:

Naves sumiram no Cosmo como fantasmas de ruínas errantes. Novas explosões nucleares aconteceram e a Terra como que misteriosamente saiu de seu eixo. Sucederam-se cataclismos e o mar invadiu os continentes, enquanto a camada atmosférica terrestre se reduzia à metade. Quase ninguém sobreviveu, sobrando apenas dois povos de raças e culturas diversas. Chuvas de meteoros bombardearam a Terra. A geografia do planeta estava totalmente alterada. (ALMEIDA, 1995, P. 9)

As duas raças sobreviventes só conseguiram escapar da destruição porque se abrigaram debaixo da superfície terrestre, “obtendo o oxigênio vital pela dissociação da água” (ALMEIDA, 1995, P. 10). Uma criou uma comunidade debaixo da Terra e dedicou-se ao desenvolvimento de tecnologias genéticas, para garantir a própria sobrevivência. A outra criou cúpulas de quartzo artificial para viver dentro de uma colônia marinha. Nesses termos, ambas

as comunidades conseguiam conduzir a vida em paz e com certa tranquilidade, eram “cordiais e alegres”, gostavam de música e muitas vezes os habitantes se comunicavam por telepatia (ALMEIDA, 1995, P. 10). Os líderes de cada comunidade eram o Sábio Terrestre e o Sábio Marinho. O ponto de tensão da história começa quando um misterioso asteroide surge no céu, que, de agitado, com meteoros e meteoritos caindo de todos os lados, em uma “chuva eletromagnética”, passa a quieto e limpo.

As comunidades sobreviventes tiveram atritos no passado e, por isso, mantiveram-se separadas. No entanto, optaram por não levar os problemas adiante, permitindo uma convivência restrita, apenas em casos de necessidade. Para isso, havia “tubos transparentes, dentro dos quais deslizavam velozmente estranhos veículos cilíndricos, movidos a eletromagnetismo, para o transporte de passageiros e mercadorias” que as comunidades trocavam entre si (ALMEIDA, 1995, P. 16). Diante dos mistérios que começaram a surgir no céu e na comunidade terrestre, os dois povos se unem, agregando um ao outro os conhecimentos científicos que detinham, para cessar os estranhos acontecimentos e descobrir o que era aquele asteroide no céu.

Em *O asteroide*, Lúcia Machado de Almeida parece querer dar nascimento a outro “herói”, o jovem Káu, que, além de ajudar a solucionar o mistério que percorre a trama, engata romance com a mocinha da história. Em certo momento, a associação entre Xisto e Káu fica explícita na narrativa. Ao saírem de uma exposição de minerais montada na colônia terrestre, Káu e Mila, a namorada do jovem, passam por uma praça onde estava instalada uma estátua de Xisto, “herói mítico de muitos séculos atrás” (ALMEIDA, 1995, P. 82). Nesse momento, Mila comenta com o amado: “— Ele se parece com você, Káu...”. Se havia intenção da escritora em dar continuidade às histórias com Káu, essa, no entanto, não se concretizou em publicação. Depois de *O asteroide*, Lúcia Machado de Almeida só publicou um livro em vida, autobiográfico, chamado *Um pouco de mim* (2002).

O historiador francês Gregory Claeys, em *Dystopia: a natural history* (2017), observa que a distopia relaciona-se a um futuro assustador, que pode se apresentar como situações distópicas em três campos: ambiental, político e tecnológico. ‘Distopia’, conforme o historiador, é uma palavra que vem do grego, pela junção de dois termos, *dus* e *topos*, o que produz o sentido de lugar doente, ruim, defeituoso, desfavorável. Ainda segundo ele, a palavra geralmente aparece em oposição a utopia, que, ao contrário, refere-se a um lugar bom. “[...] o lugar ruim versus o

que nós imaginamos ser o lugar bom, a versão secular do paraíso” (CLAEYS, 2017, P. 4, tradução nossa).

A partir das ideias desenvolvidas por Gregory Claeys sobre distopia e associando-as à distopia criada por Lúcia Machado de Almeida, a conclusão é de que o mundo que resta em *O asteroide* representa o “lugar ruim” que passou a existir por fatores ambientais, políticos e tecnológicos. Se o mundo está vivendo uma guerra atômica mundial, como é descrito no primeiro parágrafo do livro, é porque houve falha na condução política, o que levou ao uso da tecnologia de forma leviana, o que acarretou, por fim, a destruição da natureza e, assim, das condições que permitiam a vida no planeta.

O pesquisador Alexandre da Silva Carvalho, autor da tese de doutorado *Literatura distópica juvenil: da tessitura do texto ao tecido social* (2022) refez o percurso das produções literárias distópicas voltadas para o público jovem brasileiro. Segundo ele, essas obras ganharam um impulso no mercado editorial do país nas duas primeiras décadas do século 21, uma vez que, “até esse período, os textos distópicos voltavam-se para o público adulto e, particularmente, tais narrativas eram desprovidas de um ‘final feliz’ ou ‘esperançoso’” (CARVALHO, 2022, P. 13). O pesquisador observa que, quando começam a ser direcionados ao público jovem, esses textos desencadeiam os seguintes resultados: “a consolidação desse tipo de literatura; o grande sucesso editorial junto ao público a que se destina; e a presença de elementos utópicos em meio a uma realidade distópica” (CARVALHO, 2022, P. 13).

Sobre as características das distopias nos textos infantojuvenis, Alexandre da Silva Carvalho assinala a presença de arco temático elástico; protagonista jovem, que nunca está sozinho, que pertence a algum grupo que o ajuda; presença da autoafirmação do protagonista jovem; aspectos misteriosos e/ou fantásticos; linguajar próprio ou adaptado para gerar identificação; narrativa ágil, muitas vezes seriada em mais de um volume de livro (CARVALHO, 2022, P. 12). Das histórias infantojuvenis distópicas com sucesso editorial no mundo todo e que chegaram ao Brasil a partir dos anos 2000, cita-se a série *Jogos vorazes* (2008), de Suzanne Collins. A obra é constituída por quatro livros e alcançou sucesso também nos cinemas.

Lúcia Machado de Almeida já não estava viva quando *Jogos vorazes* foi lançado no Brasil e assistiu apenas a pouco mais de quatro anos do século 21, no entanto, mais de dez anos antes, elaborou a narrativa de *O asteroide*, estando mais próxima, portanto, das obras não

infantojuvenis que continham enredo distópico e que já circulavam há mais tempo. No século 20, surgiram livros de grande repercussão, em nível internacional, que propunham a temática da distopia. Dentre eles, estão *1984* (1949), do escritor inglês George Orwell (1903-1950), e *Admirável mundo novo* (1932), de Aldous Huxley, também inglês.

Na década de 1950, Lúcia Machado de Almeida relatou a jornalistas e amigos o encontro por acaso que teve com Aldous Huxley, no *hall* de um hotel vizinho ao Palácio da Alvorada, em Brasília, às vésperas da inauguração da nova capital. Em ensaio publicado na Revista do Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, número 8, de 1979, ela descreve como se deu o episódio. A escritora estava com o esposo, Antônio Joaquim de Almeida, conversando com o arquiteto Oscar Niemeyer e o artista plástico Athos Bulcão (19018-2008). Aldous Huxley, assim que adentrou o espaço, aproximou-se do grupo, para cumprimentar Oscar Niemeyer, que já conhecia. Então, o arquiteto apresentou-o à escritora e informou que ela escrevia para crianças (ALMEIDA, 1979). Segundo relato de Lúcia Machado de Almeida, o escritor se dirigiu a ela e disse:

O homem não percebeu ainda que só a criança o pode salvar, porque ainda não foi contaminada. O mundo está irremediavelmente podre, intoxicado, e nossa única esperança se acha nas gerações futuras. Nessa missão é importantíssimo o papel da Literatura Infantil, porque a personalidade da criança vai sendo formada sem que ela mesma se dê conta. (HUXLEY *apud* ALMEIDA, 1979, P. 60)

Os dois interlocutores teriam comentado, ainda, sobre como esse pensamento se encontra com o do filósofo francês Jean-Jacques Rousseau, em *Émile*⁹⁴. “E foi assim que teve início uma vertiginosa conversa entre Aldous Huxley e esta escritora, cujo nome ele mal ouviu, e cuja desprestigiada obra ele ignoraria para sempre” (ALMEIDA, 1979, P. 60). A escritora conta que a conversa ainda se direcionou para o sonho de Aldous Huxley de uma “mobilização universal, em todos os sentidos, em favor da criança, na tentativa de um futuro melhor para este pobre mundo” (ALMEIDA, 1979, P. 61). “A conversa foi se aprofundando e atingindo rumos inesperados — o espiritualismo, por exemplo” (ALMEIDA, 1979a, P. 61).

⁹⁴ No original, em francês: “On ne connaît point l'enfance: sur les fausses idées qu'on en a, plus on va, plus on s'égare. Les plus sages s'attachent à ce qu'il importe aux hommes de savoir, sans considérer ce que les enfants son en état d'apprendre. Ils cherchent toujours l'homme dans l'enfance, sans penser à ce qu'il est avant que d'être homme” (ROUSSEAU *apud* ALMEIDA, 1948, P. 8).

Émile ou De L'Éducation (Emílio ou Da Educação) é uma obra escrita em 1762, na qual Jean-Jacques Rousseau afirma:

Nascemos sensíveis e, desde o nascimento, somos afetados de diversas maneiras pelos objetos que nos cercam. Assim que adquirimos, por assim dizer, a consciência de nossas sensações, estamos dispostos a procurar ou a evitar os objetos que as produzem, em primeiro lugar conforme elas sejam agradáveis ou desagradáveis, depois, conforme a conveniência ou inconveniência que encontramos entre nós e esses objetos, e, enfim, conforme os juízos que fazemos sobre a ideia de felicidade ou de perfeição que a razão nos dá. (ROUSSEAU, 1999, P. 10).

Esse pensamento tem afinidades com a discussão que Aldous Huxley apresentou a Lúcia Machado de Almeida, de que a personalidade da criança vai se formando conforme as influências que esta recebe na infância. Lúcia Machado de Almeida se manifestou por algumas vezes com essa linha de pensamento e usou uma frase de *Émile*, dez anos antes do encontro com Aldous Huxley, na abertura do ensaio sobre literatura infantil publicado na revista *Literatura* n. 8, de 1948, o qual foi abordado no primeiro capítulo desta dissertação. O trecho citado pela escritora é este:

Não conhecemos a infância: baseados em falsas ideias que temos dela, quanto mais avançamos, mais nos perdemos. Os mais sábios fixam-se no que é importante que os homens saibam, sem considerar que as crianças estão em aprendizagem. Procuram sempre o homem na infância, sem pensar no que ele é antes de se tornar homem. (ROUSSEAU *apud* ALMEIDA, 1948, P. 8, tradução nossa).

Em carta a Laís Corrêa Araújo, datada de 5 de março de 1986, Lúcia Machado de Almeida revive o encontro ao narrá-lo à amiga, acrescentando outras informações ao episódio:

Não sei se já lhe falei sobre uma inesperada, rápida (mas intensa em profundidade) conversa que tive com Aldous Huxley, anos atrás [...]. Seria longo repetir-lhe como nosso diálogo se armou espontaneamente sobre um tema ultratranscendente. Resumindo: ele disse-me acreditar em “diversos níveis de consciência” e confessou-me que sua filosofia estava “na linha dos vedas” [textos em que se baseia o hinduísmo]. Nossa conversa foi interrompida por pessoas que vieram chamá-lo, ele afastou-se, e nunca mais o vi. Suas palavras, entretanto, abriram um caminho novo para mim.⁹⁵

A conversa com Aldous Huxley ficou guardada na memória de Lúcia Machado de Almeida, até que, ao escrever o artigo “Literatura infantil: uma experiência”, para a Revista do Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, número 8, de 1979, a escritora completou o

⁹⁵ Acervo Laís Corrêa de Araújo, AEM/UFGM. Série Correspondência Pessoal.

título do texto, registrando, logo abaixo: “Onde entra Aldous Huxley”. Nesse artigo, Lúcia Machado de Almeida defende que a criança

[...] foi e será sempre a mesma, tenha ela nascido cem ou mil anos atrás, venha ela a nascer daqui a cem ou mil anos. Ela nasceu, nasce e nascerá inocente, amando espontaneamente a justiça, como diz Chesterton⁹⁶, enquanto nós — os grandes — somos corrompidos e inconscientemente as corrompemos. [...] Nós... ou a vida? (ALMEIDA, 1979a, P. 59)

Apesar da convergência de pensamentos quanto à infância, Aldous Huxley e Lúcia Machado de Almeida seguiram vias distintas para as narrativas distópicas que criaram. A escritora mineira optou por encaminhar a história para a solução dos problemas que se apresentaram, concluindo com final esperançoso, mesmo com a superfície do planeta destruída pela guerra atômica. Oposto de *Admirável mundo novo* (1979), que traz final trágico diante da falta de esperança.

3.6 A FICÇÃO CIENTÍFICA

Em matérias publicadas na imprensa, obras como *Xisto no espaço*, *Xisto e o Saca-Rolha*, *Spharion*, *O falcão de penas salpicadas*, *O asteroide*, de Lúcia Machado de Almeida, eram apresentadas como ficção científica, como foi exemplificado nas seções anteriores. A própria escritora intitulava alguns textos de sua autoria como “science fiction”. Foi assim que ela falou de *O falcão de penas salpicadas* à amiga e escritora Laís Corrêa de Araújo, em correspondência de 5 de março de 1986: “Estou com outro livro pronto: ‘O Falcão de penas salpicadas’. É um ‘science fiction’, cheia de mistérios... como gosto. Mais para adolescentes e adultos, talvez”⁹⁷.

Diante dessa atribuição conceitual que aparece na investigação sobre a escritora, torna-se necessário propor aqui uma discussão sobre o gênero ficção científica, que, no século 20, já era conhecido no Brasil, especialmente por causa dos clássicos de Júlio Verne, que, como abordado no primeiro capítulo desta dissertação, começaram a chegar ao país, traduzidos, ainda no final do século 19. Embora não se possa dizer que foi inventada na modernidade — haja vista o comentário da escritora Laís Corrêa de Araújo, anteriormente reproduzido, de que,

⁹⁶ Gilbert Keith Chesterton ou G. K. Chesterton (1874-1936), jornalista e escritor inglês.

⁹⁷ Acervo Laís Corrêa de Araújo, AEM/UFMG.

na Idade Média, esse tipo de texto já era feito —, a ficção científica encontrou ambiente propício para se desenvolver a partir das inovações proporcionadas pela Revolução Industrial iniciada na segunda metade do século 18, quando as máquinas passaram a fazer parte do cotidiano das pessoas (OLIVEIRA, 2001).

No século 19, criações intelectuais provocadas pela evolução tecnocientífica iniciada com a Revolução Industrial continuaram, porém foi no século 20 que a expressão “ficção científica” apareceu, em junho de 1929, no número 1 da revista *Science Wonder Stories* (OLIVEIRA, 2001). O termo foi cunhado pelo editor da publicação, Hugo Gernsback, na expectativa de definir histórias “fantásticas ou futuristas que fascinavam os jovens da época” (OLIVEIRA, 2001, P. 103). De acordo com a pesquisadora Fátima Régis de Oliveira,

Embora a ficção científica seja encontrada em meios de expressão artística como histórias em quadrinhos, cinema, teatro até em videogames, seu surgimento se deu na literatura e convencionou-se classificá-la como literatura de gênero em contraposição à ficção *mainstream*. Produzidos para a “indústria cultural” em franca expansão no início do século XX os gêneros literários — fantasia, horror, faroeste, policial e ficção científica — foram considerados popularescos: suas narrativas seriam de compreensão imediata e seus temas identificados por ícones e significados predeterminados e repetitivos. (OLIVEIRA, 2001, P. 105, grifo da autora)

Em artigo em que discute a ficção científica, o historiador Ciro Flamarion Cardoso (1942-2013) estabelece seis pontos acerca do gênero, os quais são: 1) a ficção científica começou como gênero literário, mas hoje abarca outros suportes, como citado por Fátima Régis Oliveira (2001), além disso, integra o campo do gênero fantástico; 2) as narrativas desse gênero buscam “apoio em alguma teoria que não pareça descabelada” (CARDOSO, 2006), ou seja, há racionalidade e realismo na ficção científica na medida em que os acontecimentos dentro da história têm fundamento dentro do que é ou poderia ser possível, “eis aí pontos que diferenciam a ficção científica do horror ou do maravilhoso” (CARDOSO, 2006); 3) o futuro é a temporalidade preferencial nas narrativas desse gênero; 4) o futuro como cenário ou os ambientes insólitos ficcionais servem como “instrumentos para explorar aspectos do presente social” (CARDOSO, 2013), essa exploração ocorre, então, como emprego de metáforas; 5) ao tratar do futuro ou de situações e ambientes estranhos, a ficção científica “age como campo de prova para novas ideias”; 6) a partir da segunda metade do século 20, a ficção científica, que se baseava nas disciplinas como Física, Química, Astronomia ou Biologia, passou a incorporar também outras áreas, como as ciências humanas e sociais (CARDOSO, 2006).

A ficção científica, embora seja uma narrativa ficcional que conta com o suporte da ciência para estabelecer os argumentos “sempre esteve eivada de erros científicos”, conforme Ciro Flamarion Cardoso (2006). Muitas vezes esses erros eram cometidos pelos autores conscientemente, por razão argumentativa ou por busca de efeito, e nisso o gênero é livre para errar, por se tratar de ficção, e não de obras científicas, como manuais, tratados, artigos acadêmicos etc.

Outra característica do gênero é possibilidade de antecipar acontecimentos e/ou realizações futuras, como o fez Júlio Verne, que era autor lido por Lúcia Machado de Almeida. Quando proferiu discurso como paraninfa de uma turma de formandos da Aliança Francesa, em 1967, a escritora contou da própria formação, com influência das freiras dominicanas francesas, dos contos de Charles Perrault, “esse íntimo do maravilhoso”, e de Júlio Verne, “o visionário antecipador da realidade” (ALMEIDA, 1964). Apesar de existir a possibilidade de determinado ponto das narrativas coincidirem com evento que ocorra depois que elas foram publicadas, tentar prever futuro não se constitui como fundamento da ficção científica, como observa a pesquisadora Lívia de Pádua Nóbrega (2020). Da mesma forma, conforme a pesquisadora, existe uma “circularidade entre realidade e ficção científica”, mas isso não é “objetivo nem condição da ficção científica” (NÓBREGA, 2020).

Fátima Régis de Oliveira observa que as histórias publicadas na primeira metade do século 20, especialmente antes da década de 1940, comportavam esse aspecto antecipador: “Embora as histórias montassem seus cenários em planetas distantes, os temas referiam-se ao aqui e agora. Mesmo antes de ser lançada a primeira bomba atômica, os enredos de ficção científica tratavam da bomba em si, do impasse nuclear, do uso pacífico e dos riscos da fissão do átomo” (OLIVEIRA, 2001, P. 107).

Esse aspecto da ficção científica foi abordado por Hannah Arendt, em *A condição humana* — que teve a primeira publicação em 1958 —, ao comentar o envio, pela URSS, do primeiro satélite artificial para o espaço sideral, orbitando a Terra:

Neste caso, como em outros, a ciência apenas realizou e afirmou aquilo que os homens haviam antecipado em sonhos — sonhos que não eram loucos nem ociosos. A novidade foi apenas que um dos jornais mais respeitáveis dos Estados Unidos levou finalmente à primeira página aquilo que, até então, estivera relegado ao reino da literatura de ficção científica, tão destituída de respeitabilidade. (ARENDR, 2007, P. 10)

Ao criar narrativas com cenários futurísticos, em que há invenção de equipamentos altamente sofisticados, viagens intergalácticas de personagens, aeronaves movidas por diferentes formas de energia, possibilidades de comunicação por telepatia etc., Lúcia Machado de Almeida estabeleceu condições para que, no futuro da publicação, a esta seja atribuído um caráter antecipador, mesmo que esse não seja o objetivo da narrativa.

Em *O falcão de penas salpicadas*, por meio da imaginação do personagem Dico Saburó, a autora faz um exercício de antecipação de como pode ser o futuro, num fluxo mental do personagem com questionamentos que atravessam a filosofia, a ciência e a poesia:

Dico divagava... Como seria o mundo no ano cinco mil, por exemplo? Íntimo de discos voadores, quem sabe? Talvez seres interplanetários, vindos de distantes galáxias, frequentassem a terra em paz e cordialidade... E como seriam os médicos do quinto milênio? Trabalhariam em conjunto com os sensitivos, certamente, se é que ainda existissem médicos. E os micróbios? Talvez não houvesse mais doenças e tivesse sido descoberto o segredo da saúde perfeita. Nesse caso, será que as pessoas não ficariam cansadas, exaustas de viverem tanto? (ALMEIDA, 1986, p. 56-57)

Depois de conjecturar sobre vários aspectos da vida que poderiam estar modificados no quinto milênio, Dico Saburó interrompe o próprio pensamento, baseado na realidade das ações humanas no contexto do personagem: “Bobagem pensar tantas tolices, pois talvez nem existisse mais mundo, destruído que teria sido por alguma catástrofe atômica...” (ALMEIDA, 1986, p. 57).

Ao comentar sobre os avanços científicos presentes em *Xisto no espaço*, como os voos interplanetários, Cátia Toledo Mendonça observa que, especialmente nos anos 1960, essas possibilidades de conhecer o espaço sideral povoavam o imaginário das pessoas (MENDONÇA, 2014). Logo, a antecipação presente nas obras de ficção científica era muito comum, algumas se consolidavam ou parcialmente se consolidavam, outras, não. A pesquisadora chama a atenção sobre a participação do escritor russo-americano Isaac Asimov (1920-1992) na construção desse gênero.

As narrativas de Asimov já antecipavam muitos dos feitos testemunhados pela humanidade naquele lendário ano [1963] e as pesquisas espaciais tomavam lugar de destaque na imprensa. Desde 1939, quando foi publicada a primeira obra de Asimov, já existia na literatura a ideia de novos mundos que, nesta época de viagens espaciais, cria a chamada “mentalidade espacial”, segundo a qual são feitas previsões [...]. (MENDONÇA, 2014, P. 107)

Dialogando com as ideias de Werner Fassbender, de Teilhard de Chardin e de André Breton transcritas por Lúcia Machado de Almeida nas aberturas de *O asteroide* e de *O falcão de penas salpicadas* (apenas Fassbender e Chardin), está o argumento de Asimov para reforçar a presença do real na fantasia e para defender a importância da ficção científica como referência para o “real”: “O primeiro indício claro de que as pessoas que escreviam e liam ficção científica viviam num mundo real e de que todas as demais viviam nos domínios da fantasia ocorreu no dia 6 de agosto de 1945, quando o mundo ficou sabendo que explodira uma bomba atômica em Hiroshima [Japão]” (ASIMOV, 1984 *apud* OLIVEIRA, 2001, P. 107).

A ficção científica do século 20 passou por duas tendências distintas, uma antes e outra depois da explosão da bomba atômica, destaca Fátima Régis Oliveira. O acontecimento se estabeleceu como marco para que as produções literárias do período se deslocassem de uma visão otimista acerca do uso da ciência para outra, ao contrário, pessimista. As produções que surgiram a partir da década de 1950 expressavam essa mudança após a Segunda Guerra.

A explosão das bombas atômicas foi a última gota no processo de desilusão com a ciências. A humanidade, que já tinha visto seus sonhos de voar e de conhecer o corpo humano transformarem-se em aviões de bombardeio e guerra bacteriológica na I Guerra Mundial, não podia suportar o genocídio de mulheres, crianças e civis. (OLIVEIRA, 2001, P. 109)

Isso desencadeou o surgimento de produções literárias contestadoras no segmento não infantil, como os de contracultura, engajados em questões sociais e políticas, e o experimentalismo estilístico na linguagem e nas narrativas das ficções científicas a partir dos anos 1960 (OLIVEIRA, 2001).

O que diferencia a ficção científica infantojuvenil da adulta, observam Lajolo e Zilberman, são os seguintes elementos: presença de crianças como beneficiárias dos poderes concedidos pela ciência; exclusão de situações de violência generalizada e corrupção; diluição da fundamentação científica e da digressão filosófica no segmento não infantil; instalação do “arremedo do discurso científico”, com o emprego de estereótipos provenientes da indústria cultural, como “o pesquisador maluco” e “os viajantes extraterrestres” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2022, P. 243-244).

No campo da literatura de ficção científica, atuando exclusivamente para o segmento infantojuvenil, Lúcia Machado de Almeida não deixava de trazer nas narrativas reflexões

sobre o uso maléfico das inovações da ciência. A escritora associava essa apropriação indevida do conhecimento ao baixo desenvolvimento espiritual dos povos, como se comprova pelo trecho a seguir, de *O asteroide*, na explicação sobre o povo que havia se infiltrado na Terra, representando perigo para os sobreviventes da guerra nuclear:

Veio de distante planeta, pertencente a outra galáxia, a série de problemas que recaíram sobre nós. Trata-se de um mundo muito avançado em Ciência e Tecnologia, mas muito atrasado espiritualmente e dominado pelo Mal. Desejando se apossar de algum outro mundo com a intenção de colonizá-lo e de escravizar seus habitantes, escolheram nosso planeta depois de investigar do Espaço o nosso modo de vida. (ALMEIDA, 1995, P. 94)

Em *Xisto no espaço*, a escritora distribui o espaço dos personagens entre diferentes planetas, sendo uns mais outros menos desenvolvidos científica e espiritualmente. No entanto, ela se detém em dois, que representam opostos, Nívea, altamente evoluído, e Minos, que representa o atraso, o que gera a leitura possível, baseada na teoria de Gregory Claeys, de lugar bom *versus* lugar ruim, utopia *versus* distopia. Em Nívea, as crianças são tão evoluídas que nascem falando, sendo que as primeiras palavras são: “Obrigado, meus pais. Obrigado, mamãe, por ter me guardado algum tempo dentro de você” (ALMEIDA, 1967, P. 39), como conta a Xisto e Bruzo o menino Kibrusni, que ficou invisível depois de um experimento do pai, “o Sábio Atômico”, com radioatividade, a fim de tornar as pessoas invisíveis. A primeira parte da experiência foi bem-sucedida, mas o Sábio acabou perdendo a pedra radioativa e não conseguiu fazer com que o garoto voltasse a ser visível (ALMEIDA, 1995).

No planeta Nívea, não existe maldade, os habitantes não sabem o que é arma, não comem carne por respeitarem os animais, e as crianças são tão evoluídas que são capazes de ver através do solo e se divertir acompanhando minúsculas raízes tentando romper a crosta da semente germinando (ALMEIDA, 1995). O avançado desenvolvimento dos niveanos se reflete também na capacidade tecnológica que possuem, a ponto de dispor de “cápsulas fototônicas, veículo cósmico movido por foguetes de impulsão a fótons, isto é, a partículas de energia luminosa” (ALMEIDA, 1995, P. 45), para viajar no espaço. Uma das ciências mais desenvolvidas no planeta é a biônica, “o estudo das soluções da Natureza para resolver problemas técnicos de direção, óptica, radar etc.” (ALMEIDA, 1995, P. 45). Com isso, os cientistas niveanos baseiam-se no sistema ocular de visão total dos besouros para construir telescópios, na hipersensibilidade dos morcegos para fabricar os radares que equipam os

veículos, nos movimentos corporais dos botos para desenvolver submarinos altamente velozes (ALMEIDA, 1995).

O antagonismo à bondade e à evolução espiritual de Nívea é exercido por Minos, planeta governado pela maldade e comandado pelo terrível Rutus, “O que não tem sangue”. Um grande morcego sugador de sangue faz o papel de guarda-costas do vilão, sendo controlado por meio de uma arma que dispara um raio luminoso. Apesar de não ser tão desenvolvido tecnologicamente quanto Nívea, Minos também apresenta inovações, como no campo da ciência acústica, o que permite que os habitantes do planeta consigam compreender a língua terrestre. Eles também usam um “camisolão nuclear”, que produz em torno de cada pessoa um “campo magnético protetor”, instrumento de defesa contra tanta maldade lá existente (ALMEIDA, 1967, P. 70). A população do planeta havia sido subjugada por Rutus, que possuía inteligência acima do normal e era auxiliado pelo “Homem Alto”, detentor de conhecimentos que lhe permitiam construir aparatos para servir à maldade do governante. No entanto, em contraposição à altíssima evolução e à capacidade sensorial dos seres vivos de Nívea, em Minos, os vivos não possuíam boa capacidade ocular, enxergavam mal e de forma embaçada.

Os habitantes de Minos compunham-se de gigantes e anões, assim divididos a partir de “testes especiais feitos em crianças”. “Se o menino é bom, submetem-no imediatamente a uma carga de antiprótons que lhes impede o crescimento” (ALMEIDA, 1967, P. 70). A menção aos testes feitos com crianças para modificá-las fisicamente de acordo com o merecimento (criança boa não deve crescer; se não é boa, deve crescer) traz a lembrança das experiências com humanos, inclusive crianças, realizadas nos campos de concentração nazistas. Experiências e assassinatos, já que, mais vulneráveis, eram alvos fáceis. Cerca de 1,5 milhão de crianças foram mortas pelos nazistas (MUSEU DO HOLOCAUSTO):

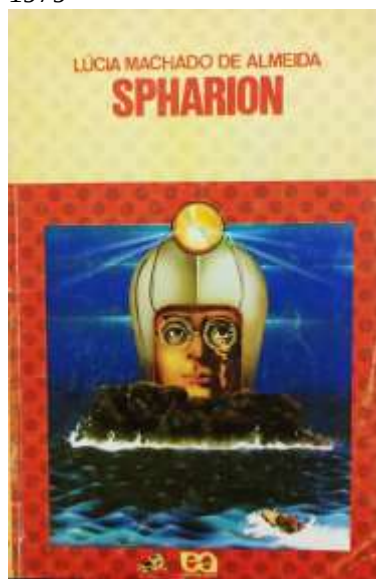
Os nazistas defendiam o assassinato de crianças de grupos “indesejáveis” ou “perigosos”, de acordo com a sua visão ideológica [...]
As autoridades alemãs também encarceraram um grande número de crianças em campos de concentração e nos de trânsito. Médicos e pesquisadores “médicos” das SS as utilizavam, principalmente os gêmeos, para experiências médicas cruéis que resultavam na morte dessas crianças. (MUSEU DO HOLOCAUSTO)

Ao apresentar o conhecimento científico empregado para finalidades opostas, bem e mal, além da posição intermediária, representada pela Terra — o que pode ser lido, ainda pensando

conforme a teoria de Gregory Claeys, como utopia, distopia e o intermediário, ocupando o lugar do “real”, tendo em vista que a Terra é o único dos três planetas que existe fora da ficção —, em que os usos da ciência apresentam variações, Lúcia Machado de Almeida propõe a reflexão a respeito da capacidade humana não somente de criar, mas também de saber como utilizar aquilo que foi criado. E isso depende da formação humana dos indivíduos, como ela defende ao construir personagens que apresentam gradações diferentes de bondade e maldade. Além disso, a escritora insere na discussão a questão espiritual como elemento definidor da evolução dos seres.

A associação entre desenvolvimento científico e evolução espiritual era recorrente nas obras de ficção científica de Lúcia Machado de Almeida, que incluía personagens sensíveis e temas como parapsicologia e levitação em meio a tramas que tratavam das inovações tecnológicas. Dico Saburó, protagonista de *Spharion* (FOTO 14), apresenta características extrassensoriais desde que nasceu, quando levitou, para espanto dos pais. No entanto, com o crescimento e o amadurecimento, o jovem passa a empregar as propriedades para o bem, por exemplo, para auxiliar na solução de mistérios, como quem era *Spharion* e por que ele estava praticando crimes na região de Diamantina, onde se concentra a narrativa.

Fotografia 6 — Capa da 1ª edição de *Spharion*, lançada em 1979



Fonte: foto tirada pela autora desta dissertação; acervo próprio.

O personagem Dico Saburó também é acionado em *O falcão de penas salpicadas* (FOTO 15), ajudando a descobrir o mistério por trás da morte do personagem “Doidão” e o que

significava a mensagem misteriosa que ele tentou transmitir antes de morrer. Para desvendar o mistério, o personagem conta com os dons sensoriais que possui. Em outra narrativa de Lúcia Machado de Almeida, *O asteroide*, sensitivos exercem funções oficiais na comunidade terrestre. A Chefe do Departamento de Astrofísica da comunidade terrestre era uma “poderosa sensitiva que muito os ajudara no caso dos caracóis fosforescentes” (ALMEIDA, 1995, P. 94).

Fotografia 7 — Capa da 1ª edição de *O falcão de penas salpicadas*, lançada em 1986



Fonte: foto tirada pela autora desta dissertação; acervo próprio.

Ao trazer para a ficção científica outros aspectos e áreas do conhecimento além do emprego da tecnologia para o bem ou para o mal, Lúcia Machado de Almeida, que inicia os escritos nesse gênero a partir da década de 1960, escapa da dicotomia entre otimismo e pessimismo encontrada na literatura não infantil no antes e no depois da explosão da bomba atômica, como apresentado na discussão de Fátima Régis de Oliveira. Nesse aspecto, a escritora mineira aproxima-se do chamado *New Wave*, movimento instalado da década de 1960 em diante e que considerava, na ficção científica, além do conhecimento científico, as “interfaces entre ciência e tecnologia e humanos e sociedade, sob a égide das ciências teórico-experimentais, humanas e sociais” (OLIVEIRA, 2001, P. 109).

No Brasil, Marisa Lajolo e Regina Zilberman fixam a obra *Três meses no século 81*, publicada em 1947, como “provavelmente o primeiro livro nacional de ficção científica dedicado ao público juvenil” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2022, P. 191). A obra foi escrita por Jeronymo Monteiro (1908-1970), que teria como referências *A máquina do tempo* (1895), de

H. G. Wells (1866-1946), e *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley (LAJOLO; ZILBERMAN, 2022). Apesar do pioneirismo de Jeronymo Monteiro nos anos 1940, é a partir dos anos 1970 que a ficção científica se expande na literatura infantojuvenil brasileira, por razões econômicas e culturais:

O aumento do mercado jovem, a bem-sucedida importação de produtos da indústria cultural norte-americana, mais o relativo abrandamento da atitude escolar frente a livros não imediatamente formativos nem edificantes, permitiram um considerável fortalecimento tanto da história policial quanto da ficção científica destinada ao público jovem. [...] o florescimento da ficção científica e do mistério policial na literatura brasileira dos anos 1970 não tem similar na literatura infantil [...] (LAJOLO; ZILBERMAN, 2022, P. 245).

Esses fatores levam a literatura infantojuvenil a passar por mudanças a partir dos anos 1960, a chamada “renovação” provocada pela “implantação de uma nova etapa da sociedade brasileira em direção a um modelo capitalista mais avançado” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2022, P. 275). Com mais recursos aplicados na produção cultural, ocorre um esforço renovador na literatura infantojuvenil nos anos 1960 e 1970. “[...] assumiu traços que a aproximavam tanto de uma certa produção literária não infantil coetânea sua, quanto a fizeram recuperar o atraso, incorporando conquistas já presentes na literatura não infantil desde o Modernismo de 1922” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2022, P. 276). Dentre os traços incorporados às obras do segmento para crianças e adolescentes a partir desse período, estão: adesão à temática urbana, abandono do compromisso com a história oficial, com os heróis pátrios e conteúdos escolares, apesar de ter permanecido a preocupação educativa, mas agora engajada com valores menos tradicionais (LAJOLO; ZILBERMAN, 2022, P. 277).

Dentro desse contexto de mudanças, conforme as autoras, a expansão do gênero ficção científica, junto ao policial, indica o caráter urbano dos livros para crianças. “[...] mistérios a serem resolvidos e a manipulação de engenhos e fórmulas são atributos do indivíduo cosmopolita, mesmo quando criança” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2022, P. 277). “É o bulício das metrópoles que engendra tanto a infração e a restauração do equilíbrio social (com o desvelamento do crime e a exposição do culpado), quanto o cotidiano da experiência científica, de onde se originam grandes inventos e superpoderes” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2022, P. 277).

Categorizações comumente provocam debates conforme as linhas teóricas em que cada pesquisador se baseia, portanto é sempre difícil “enquadrar” os textos em determinada

definição, sobretudo quando trafegam por temas plurais e por mais de um gênero. Nelly Novaes Coelho, em *Literatura infantil: teoria, análise didática* (2000), apresenta “tendências da literatura infantil/juvenil brasileira”. Dentro dessas, trata da “Linha do Maravilhoso”, que conta com situações que ocorrem fora do nosso espaço/tempo ou em local vago ou indeterminado na Terra” (COELHO, 2000, P. 159). De acordo com a pesquisadora, essa linha tem subdivisões, dentre as quais, ela destaca os aspectos associados ao texto que se vai definir: metafórico, satírico, científico, popular ou folclórico e fabular.

É dentro do “Maravilhoso científico” que Nelly Novaes Coelho encaixa as obras *Aventuras de Xisto*, *Xisto no espaço* e *Spharion*, de Lúcia Machado de Almeida, por serem “narrativas que se passam fora do nosso espaço/tempo conhecidos, ou seja, onde ocorrem fenômenos não explicáveis pelo conhecimento racional” (COELHO, 2000, P. 159). A pesquisadora não menciona *Xisto e o saca-rolha* (ou *Xisto e o pássaro cósmico*) e *O asteroide*, no entanto, ao se analisarem os enredos de ambas as obras, percebe-se que elas possuem também elementos para que sejam enquadradas no “Maravilhoso científico” definido por Nelly Novaes Coelho, o que demonstra outras possibilidades para a classificação das obras.

Há de se pensar ainda na evolução dos conceitos ao longo das pesquisas e mediante a observação das obras que vão surgindo conforme a demanda e a evolução social. Para tratar das mais contemporâneas obras que misturam ciência e fantasia Marisa Lajolo e Regina Zilberman colocam em discussão a expressão “fantasy fiction”, que, conforme as autoras, “não é um gênero de fácil definição” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2017, P. 118) e não se restringe à literatura, aparecendo também em filmes, novelas gráficas, jogos e *performances*. A expressão nomeia “[...] produções povoadas por seres sobrenaturais, deuses e heróis imortais, detentores de poderes mágicos, capazes de fundar universos e de transitar com relativa facilidade entre o mundos dos vivos e dos mortos” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2017, P. 118).

Apesar do conceito relativamente novo, a existência de narrativas nesses moldes não o é. As autoras lembram que personagens com essas características frequentam “há séculos” a cultura, em mitos, lendas, relatos religiosos, epopeias, contos de fada etc. De toda forma, a expressão passou a ser empregada para categorizar as “produções — literárias e não literárias, verbais e não verbais — que apareceram nas últimas décadas do século XX e primeiras do XXI” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2017, P. 118). Em nível mundial, os exemplos mais notórios na literatura infantojuvenil apontados pelas autoras são os livros da saga de Harry Potter, da

autora J. K. Rowling, com lançamentos no Brasil entre 2000 e 2007. Na produção local, Marisa Lajolo e Regina Zilberman citam os autores Eduardo Spohr, Raphael Draccon, André Vianco e Leonel Caldela, como responsáveis por consolidarem uma vertente da *fantasy fiction*. Obras que se enquadram nesse gênero, conforme as autoras, apresentam um “hibridismo radical”, que talvez seja a marca mais visível nos textos brasileiros, pelo fato de reunirem contribuições das culturas em suas diversidades, como erudita e popular, folclórica, clássica e pop. “Talvez a *fantasy fiction* realize, melhor do que qualquer outro tipo de produção literária, a ambicionada antropofagia dos modernistas” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2017, P. 125).

Um contraponto vem de Richard Dawkins. Defensor do estabelecimento de diálogos entre a ciência e a “poesia”, num conceito amplo, que abarca a criação literária também em prosa, o escritor e pesquisador é crítico à mistura de áreas externas, de naturezas transcendentais, à ficção científica.

A boa ficção científica não tem a ver com sortilégios de contos de fadas e tem como premissa o mundo como um lugar ordenado. Há mistério, mas o universo não é frívolo nem enganador no seu estado de constante mudança. [...] A ficção científica pode brincar com as leis da natureza, mas ela não pode abolir a condição de haver leis e continuar a ser boa ficção científica. (DAWKINS, 2000, P. 52).

A discussão acerca da *fantasy fiction* foi posta no final deste capítulo, último da dissertação, a título de reflexão a respeito do conjunto da obra ficcional que Lúcia Machado de Almeida direcionou ao público infantojuvenil e que dialogava de alguma forma com a ciência. A escritora trabalhou, de 1943 a 1995, em textos que apresentavam elementos da fantasia e da ciência, utilizando-se da fábula, produzindo ficção científica, trazendo dados da realidade mundial, aspectos do passado colonial — nas histórias que exploravam a temática da mineração, como *Spharion* — e até histórias pessoais nos textos voltados a crianças e jovens — é o caso de *O falcão de penas salpicadas*, em que a autora se baseia em uma experiência de amor vivida pela avó, a fim de contar uma história dentro da história.

A fantasia da autora trabalha com mundos diferentes convivendo simultaneamente, mas isso só é possível com o emprego da ciência, que permite o deslocamento físico pelo espaço, não somente o sideral, mas de forma geral, para que um ser vivo viaje de um local para outro. Há também uma questão temporal que contradiz a ciência, entretanto faz parte da fantasia, e que diz respeito à passagem de tempo para Xisto, ou melhor, não passagem de tempo. Desde

Aventuras de Xisto ele é o mesmo garoto de 17 anos. Pode ter amadurecido com as experiências de viajar pelo mundo derrotando bruxos, porém sem envelhecer.

E isso não é apenas um pressuposto ou uma interpretação possível, Lúcia Machado de Almeida deixa esse ponto demarcado no livro seguinte a *Aventuras de Xisto*, que é *Xisto no espaço*, bem no início, quando faz uma breve retomada de quem é o protagonista, sem, no entanto, dizer quanto tempo havia se passado desde o último episódio em que Xisto se envolveu:

Continuava o mesmo Xisto idealista e guloso de sempre, louco por pastéis de queijo. O poder que o povo lhe colocara nas mãos não lhe roubava a maravilhosa e comunicativa simplicidade. Seu rosto extremamente jovem — tinha apenas dezessete anos — adquirira, entretanto, um ar ainda mais sonhador, pois, senhor absoluto do país, só pensava numa coisa: servir cada vez mais o seu povo e sua terra. (ALMEIDA, 1967, P. 13-14)

Em *Aventuras de Xisto*, a idade do jovem é revelada em diálogo dele com a mãe, Oriana. Na primeira edição, ocorre depois que ela o flagra lambendo o prato depois de comer cabrito assado com geleia e lhe chama a atenção: “Xisto, meu filho, não se esqueça de que já fez dezessete anos!” (ALMEIDA, 1963, P. 23). Na edição publicada pela Vaga-Lume, há uma alteração nessa revelação. Acontece depois que Xisto conta para a mãe que decidiu “sair pelo mundo endireitando coisas erradas” (ALMEIDA, 1983, P. 13) e ser cavaleiro andante. Oriana retruca ao filho: “Xisto, você é tão moço ainda! Quase uma criança! Dezessete anos apenas... Não sabe quase nada da vida” (ALMEIDA, 1983, P. 13). Essa parte do diálogo, em que a mãe expressa que o filho ainda é muito novo e inexperiente, também ocorre na primeira edição, antes da passagem da refeição com cabrito assado (ALMEIDA, 1963, P. 12), porém sem mencionar a idade do filho.

Ao mesmo tempo em que finca os pés na ciência, a escritora não deixa de acionar outros campos de conhecimento que não contam com a exatidão da ciência convencional, como levitação, telepatia, extrassensorialidade, técnicas de meditação, cromoterapia e outras. Não se nota, na obra como um todo, a interlocução com o mundo dos mortos, talvez pela preocupação de Lúcia Machado de Almeida em não trabalhar temas “mórbidos” com o público infantojuvenil. A escritora deixa a temática sobrenatural para livros próprios desse segmento, como *A vida é fantástica*, que lançou em 1977. A obra é composta de contos em que se intercalam fantasmas, assombrações e outros mistérios envolvendo o sobrenatural. Em

Lendas da terra do ouro (1949), publicado pela Edições Melhoramentos, registra-se também a ocorrência de histórias sobrenaturais, lendas que envolvem a região atravessada pelo rio das Velhas (MG).

Levando-se em conta todo o universo de referências acionadas por Lúcia Machado de Almeida para escrever histórias de ficção científica e as capacidades dos personagens que vão muito além do que simples humanos podem fazer ou sentir, é possível dizer que essas narrativas apresentam a marca do hibridismo que caracteriza as *fantasy fiction* brasileiras, como apontaram Lajolo e Zilberman. Isso, no entanto, não coloca a produção de Lúcia Machado de Almeida nesse segmento, que eclodiu mais recentemente, apenas estabelece uma aproximação a ser considerada em análises posteriores sobre a obra da escritora.

CONCLUSÃO

Na trajetória literária direcionada para o público infantojuvenil, a qual se inicia nos anos 1940 e termina nos anos 1990, Lúcia Machado de Almeida fez a opção de contar com a colaboração da ciência para criar as narrativas ficcionais e, por meio dessas, aproximar o leitor de fatos retirados da realidade e que eram contemporâneos à escrita dos livros, na maioria dos gêneros fábula e ficção científica. Essa preferência da escritora foi mostrada ao longo desta dissertação, em que exemplos de obras literárias que continham tais aspectos foram selecionados, para ilustrar a argumentação, sempre com suporte teórico conforme o assunto tratado. Algumas vezes também se recorreu ao suporte imagético para favorecer a compreensão do tema.

Além dos argumentos, dos trechos dos livros, das imagens e da teoria, a dissertação contou com documentos de arquivo que comprovavam o interesse de Lúcia Machado de Almeida por trabalhar lado a lado com a ciência. Foram citados e reproduzidos trechos de jornais, com matérias, notas, entrevistas, resenhas e outros, e correspondências de Lúcia Machado de Almeida para a escritora Laís Corrêa de Araújo e da poeta Cecília Meireles para Lúcia Machado de Almeida. Esses documentos também revelavam o modo como a escritora mineira pensava a literatura infantojuvenil, a infância, a produção literária, a relação entre realidade e fantasia e outros assuntos.

Dentre as motivações encontradas para essa presença da ciência na literatura que Lúcia Machado de Almeida produzia para crianças e adolescentes, destacam-se: estima à inteligência da criança; memórias de infância; contato com a natureza; influência de pessoas próximas também apaixonadas pela ciência, como o filho Fernando Almeida e o sobrinho Ângelo Machado; paixão pessoal da autora pelo mar; contexto histórico de alto desenvolvimento técnico-científico; resultados editoriais; outras obras com apelo científico e futurístico; aumento da divulgação jornalística acerca de feitos científicos; interesse pessoal; profissão de jornalista; característica de pessoa que buscava atualização permanente.

Além de tudo isso, há um fator que atravessa toda a produção, que é a contribuição estética da ciência, tópico que muitas vezes não recebe atenção. Nesse aspecto, recorre-se aqui ao entendimento colocado à luz por Richard Dawkins em *Desvendando o arco-íris: ciência, ilusão e encantamento* (2000), sendo o próprio título do livro uma demonstração da aliança

entre a ciência e a estética, ao trazer um fato científico em uma forma que remete à criação metafórica.

Nessa obra, Richard Dawkins defende a ciência de “acusações” lançadas contra ela, de ser fria, pessimista, portadora de más notícias. Opondo-se a esse pensamento, anuncia, no prefácio, o objetivo da publicação:

[...] neste livro tento buscar uma resposta mais positiva, apelando para o senso de encantamento da ciência, porque é muito triste imaginar o que esses negativistas queixosos estão perdendo. [...] O sentimento de admiração reverente que a ciência pode nos proporcionar é uma das experiências mais elevadas de que a psique humana é capaz. É uma profunda paixão estética que se equipara às mais belas que a música e a poesia podem despertar. É na verdade uma das coisas que tornam a vida digna de ser vivida, função que cumpre, se é que se pode fazer essa distinção, com mais eficácia ainda, quando nos convence de que o tempo que temos para viver é finito. [...] A ciência é, ou deve ser, inspiração para a grande poesia. (DAWKINS, 2000, P. 10)

O título do livro de Richard Dawkins faz referência à decomposição do arco-íris feita por Isaac Newton (1643-1727), a partir da incidência da luz branca sobre prismas, provando que, dali, saíam fachos coloridos. Tempos depois, o poeta inglês John Keats (1795-1821) “reclamou que Newton destruía a poesia do arco-íris explicando-o” (DAWKINS, 2000, P. 49). Em resposta à afirmação de John Keats, Richard Dawkins lembra que o poeta teve como inspiração para a poesia os mitos arcádicos, “mas poderia ter sido um poeta melhor, se tivesse recorrido à ciência em busca de inspiração” (DAWKINS, 2000, P. 49).

A proposta do autor é, então, que existam mais colaborações entre poesia e ciência. “A minha tese é que os poetas poderiam fazer melhor uso da inspiração fornecida pela ciência e que, ao mesmo tempo, os cientistas deveriam procurar se comunicar com o grupo que, na falta de uma palavra melhor, chamo de poetas” (DAWKINS, 2000, P. 37).

As questões levantadas por Richard Dawkins levam a pensar no papel estético que a ciência pode ter exercido na obra ficcional de Lúcia Machado de Almeida. E, quando se fala de estética, não é somente aquela mais visível, em ilustrações marinhas, de peixes coloridos ou com nomes surpreendentes. Trata-se de uma estética capaz de tirar do estado de “anestesia” em que qualquer indivíduo está sujeito a estar quando se acomoda às experiências. “Há um anestésico da familiaridade, um sedativo do comum, que entorpece os sentidos e oculta a maravilha da existência” (DAWKINS, 2000, P. 24). De acordo com o autor, os poetas

possuem a capacidade de romper a anestesia da familiaridade, mas muitos, “por muito tempo, negligenciaram a mina de ouro da inspiração oferecida pela ciência” (DAWKINS, 2000, P. 24).

No caso de Lúcia Machado de Almeida, não. Desde a primeira publicação em livro, a escritora recorreu à ciência, basta observar as bibliografias dos livros da trilogia marinha para se conhecerem as fontes consultadas, sendo a principal delas o livro de cunho científico *Half mile down*, como tratado no segundo capítulo. O deslumbramento com as informações e imagens do fundo do mar, constantes do livro, serviu como provocação para a imaginação criativa da escritora, que povoou o mar dos textos infantis do início da carreira literária de Lúcia Machado de Almeida com espécies que fazem desse lugar desconhecido o habitat. A autora, no entanto, não deixou para trás a Piabinha, inspiração que veio da infância vivida na fazenda da família, em São José da Lapa (MG), onde ela ficava brincando e conversando com esses minipexinhos, para se distrair. Da mesma forma como assimilou as descobertas científicas que ocorreram durante a guerra e no pós-guerra, transformando-as em arte literária voltada para o público infantil e juvenil.

O distanciamento, no tempo, de acontecimentos passados permite que se realize um exercício revelador e que muitas vezes oferece à espectadora a possibilidade de tomar consciência acerca de processos que tiveram contribuição expressiva no momento em que se realizavam e que, no presente, podem ter sido esquecidos. Analisar uma produção literária levando-se em consideração o momento em que ela é produzida é um desses exercícios. Por meio desse esforço, a pesquisadora tem a oportunidade de entender ou tentar entender de que maneira o entorno afetava a autora ao longo da criação intelectual e, por outro lado, como esse produto chegava ao público.

Ao longo dos mais de dois anos de pesquisa e escrita desta dissertação, o que se buscou fazer foi isso, direcionar o olhar para a obra de Lúcia Machado de Almeida e buscar entender o que a levou a se constituir em uma produção que marcou gerações, alcançou mais de 5 milhões de corações, como estimou Pedro Nava, demandou sucessivas edições de livros, preencheu linhas e mais linhas de jornais e revistas, motivou correspondências, levou o nome da autora para vários lugares do país — e de outros países —, motivou o registro do nome Lúcia Machado de Almeida em locais voltados à leitura, como a biblioteca infantojuvenil da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais, na Praça da Liberdade, e outros reconhecimentos à autora mineira. O que havia nessa obra que a fazia se destacar das outras?

Do ponto de vista da produção literária, campo investigado nesta pesquisa, apontam-se como diferenciais a presença da ciência como ponte para a comunicação com a realidade e para se fazer a construção das fantasias e a maneira como as narrativas se apresentavam. Ao longo da dissertação, houve menção de autores, jornalistas e intelectuais que celebravam a capacidade imaginativa de Lúcia Machado de Almeida. Além disso, havia uma forma de escrever que, ao mesmo tempo em que trazia ciência e fatos da realidade, era permeada por leveza e humor, com personagens destoantes, caricatos, e cenas cômicas. Os textos de Lúcia Machado de Almeida permitiam que a criança e o adolescente se conectassem com o “mundo adulto” sem deixarem o próprio mundo, da infância, da ingenuidade e da fantasia.

Perscrutar o passado demanda a busca por elementos que sobreviveram ao tempo, muitas vezes, em partes desintegradas, omitidas, com lacunas, situações que exigem um esforço maior da pesquisadora nessa tentativa de interpretação do que aconteceu, o que nem sempre é alcançado de forma satisfatória. Ao longo da pesquisa, houve pontos que ficaram sem resposta, mas não deixaram de comunicar algo, como que é preciso proteger os arquivos literários; que as dificuldades de acesso a determinados acervos impedem a produção de conhecimento; que é importante se consolidar uma crítica literária para a literatura infantojuvenil; que há escassez de fortuna crítica para determinados autores enquanto para outros não faltam análises, dentre outras questões.

O historiador Eric Hobsbawm, no livro *Sobre história* (1998), comenta, sobre o ofício de estudar os fatos através do tempo, que “a postura que adotamos com respeito ao passado, quais as relações entre passado, presente e futuro não são apenas questões de interesse vital para todos: são indispensáveis” (HOBSBAWM, 1998, P. 36). De acordo com o historiador, essa é uma forma de as pessoas se situarem no “*continuum*” das próprias experiências, assim como das famílias e dos grupos às quais pertencem. A investigação do passado dá a possibilidade de se aprender, mesmo que se aprendam coisas erradas “e, positivamente, é o que fazemos com frequência” (HOBSBAWM, 1998, P. 36). O problema surge quando não se aprende por não querer ou por falta de oportunidade, então, se ocorre, é porque algo está errado.

Com este trabalho, que envolveu literatura, ciência, história, jornalismo e arquivos, procurou-se favorecer o processo pelo qual as pessoas podem aprender algo. Contribuir para o

enriquecimento da fortuna crítica de Lúcia Machado de Almeida é uma forma de valorizar a produção intelectual da escritora, de reconhecer o trabalho do Acervo dos Escritores Mineiros da UFMG, de mostrar a importância das pesquisas realizadas dentro da universidade, em especial a universidade pública, de oferecer mais possibilidades de compreensão sobre o período em que essa autora atuou na literatura, de chamar a atenção dos estudos literários para a literatura infantojuvenil, de adotar uma postura de respeito diante de uma escritora que teve atuação relevante para a juventude durante décadas do século 20, de atuar para que o nome de Lúcia Machado de Almeida não seja esquecido.

Lúcia Machado de Almeida dedicou à escrita cerca de oitenta anos dos noventa e cinco que viveu. Mais de cinquenta anos desse período foram de produção para crianças e adolescentes. Adepta de uma literatura infantojuvenil que priorizava a forma para elevar a qualidade das obras para esse público, ao longo de cinco décadas do século 20, ela tentou romper o “anestésico da familiaridade” (DAWKINS, 2000) por meio da aliança entre ciência e poesia.

REFERÊNCIAS

1. CARTAS E OUTROS DOCUMENTOS

ACERVO DOS ESCRITORES MINEIROS. AEM. Registro do Acervo de Lúcia Machado de Almeida. Acervo de Lúcia Machado de Almeida AEM/UFMG. Belo Horizonte, 2009.

ACERVO DOS ESCRITORES MINEIROS. AEM. [Carta] Pedro Nava a Lúcia Machado de Almeida e Antônio Joaquim. Rio de Janeiro, 18 jun. 1983. Acervo de Lúcia Machado de Almeida no AEM/UFMG. Série Correspondência Pessoal. Belo Horizonte, 1 f.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. [Carta]. Destinatária: Laís Corrêa de Araújo. São Paulo, ago. 1994. Carta manuscrita. Acervo de Laís Corrêa de Araújo no Acervo dos Escritores Mineiros da UFMG. 2024.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. [Carta]. Destinatária: Laís Corrêa de Araújo. São Paulo, 3 out. 1988. Carta manuscrita. Acervo de Laís Corrêa de Araújo no Acervo dos Escritores Mineiros da UFMG. 2024.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. [Carta]. Destinatária: Laís Corrêa de Araújo. São Paulo, 27 out. 1986. Carta manuscrita. Acervo de Laís Corrêa de Araújo no Acervo dos Escritores Mineiros da UFMG. 2024.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. [Carta]. Destinatária: Laís Corrêa de Araújo. São Paulo, 5 mar. 1986. Carta manuscrita. Acervo de Laís Corrêa de Araújo no Acervo dos Escritores Mineiros da UFMG. 2024.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. [Carta]. Destinatária: Laís Corrêa de Araújo. São Paulo, 18 jul. 1985. Carta manuscrita. Acervo de Laís Corrêa de Araújo no Acervo dos Escritores Mineiros da UFMG. 2024.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. [Cartão]. Destinatária: Laís Corrêa de Araújo. São Paulo, Natal de 1969. Cartão manuscrito. Acervo de Laís Corrêa de Araújo no Acervo dos Escritores Mineiros da UFMG. 2024.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. [Carta] Destinatário: Candido Portinari. Belo Horizonte, 12 de setembro de 1944. Carta manuscrita. 2 p. Acervo do Projeto Portinari. Disponível em: <https://www.portinari.org.br/acervo/bibliografico/25031/n-a>. Acesso em: 3 jan. 2025.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. [Carta] Destinatário: Candido Portinari. Belo Horizonte, 11 de setembro de 1943. Carta manuscrita. 2 p. Acervo do Projeto Portinari. Disponível em: <https://www.portinari.org.br/acervo/bibliografico/25025/n-a>. Acesso em: 3 jan. 2025.

ARAÚJO, Laís Corrêa. Poema “Etimologia”, dedicado a Lúcia Machado de Almeida. 1 f. Datilografado. Acervo de Lúcia Machado de Almeida AEM/UFMG. Belo Horizonte, [19 - -].

MEIRELES, Cecília. [Carta]. Destinatária: Lúcia Machado de Almeida. Rio de Janeiro, 24 out. 1950. Carta datilografada. Acervo de Lúcia Machado de Almeida. Acervo de Escritores Mineiros (AEM), Biblioteca Universitária da UFMG.

MEIRELES, Cecília. [Carta]. Destinatária: Lúcia Machado de Almeida. Rio de Janeiro, 23 nov. 1948. Carta manuscrita. Acervo de Lúcia Machado de Almeida. Acervo de Escritores Mineiros (AEM), Biblioteca Universitária da UFMG.

MEIRELES, Cecília. [Carta]. Destinatária: Lúcia Machado de Almeida. Rio de Janeiro, 3 out. 1947. Carta datilografada. Acervo de Lúcia Machado de Almeida. Acervo de Escritores Mineiros (AEM), Biblioteca Universitária da UFMG.

MEIRELES, Cecília. [Carta]. Destinatária: Lúcia Machado de Almeida. Rio de Janeiro, 25 ago. 1947. Carta datilografada. Acervo de Lúcia Machado de Almeida. Acervo de Escritores Mineiros (AEM), Biblioteca Universitária da UFMG.

MEIRELES, Cecília. [Carta]. Destinatária: Lúcia Machado de Almeida. Rio de Janeiro, 29 jun. 1947. Carta datilografada. Acervo de Lúcia Machado de Almeida. Acervo de Escritores Mineiros (AEM), Biblioteca Universitária da UFMG.

MEIRELES, Cecília. [Carta]. Destinatária: Lúcia Machado de Almeida. Rio de Janeiro, 1º mar. 1946. Carta manuscrita. Acervo de Lúcia Machado de Almeida. Acervo de Escritores Mineiros (AEM), Biblioteca Universitária da UFMG.

MEIRELES, Cecília. [Carta]. Destinatária: Lúcia Machado de Almeida. Rio de Janeiro, 1º out. 1945. Carta datilografada. Acervo de Lúcia Machado de Almeida (ALMA). Acervo de Escritores Mineiros (AEM), Biblioteca Universitária da UFMG.

MEIRELES, Cecília. [Carta]. Destinatária: Lúcia Machado de Almeida. Rio de Janeiro, 30 mar. 1945. Carta manuscrita. Acervo de Lúcia Machado de Almeida (ALMA). Acervo de Escritores Mineiros (AEM), Biblioteca Universitária da UFMG.

MEIRELES, Cecília. [Carta]. Destinatária: Lúcia Machado de Almeida. Rio de Janeiro, 27 jan. 1945. Carta manuscrita. Acervo de Lúcia Machado de Almeida. Acervo de Escritores Mineiros (AEM), Biblioteca Universitária da UFMG.

MEIRELES, Cecília. [Carta]. Destinatária: Lúcia Machado de Almeida. Rio de Janeiro, 11 dez.. 1944. Carta datilografada. Acervo de Lúcia Machado de Almeida. Acervo de Escritores Mineiros (AEM), Biblioteca Universitária da UFMG.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO. *Recenseamento de 1920* – 4º censo geral da população e 1º da agricultura e das indústrias. Rio de Janeiro: Typ. Da Estatística, 1926. Vol. 4, 1ª parte. Disponível em: <http://memoria.org.br/pub/meb000000360/recenseamento1920pop1/recenseamento1920pop1.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2025.

NAVA, Pedro. [Carta]. Destinatária: Lúcia Machado de Almeida e Antônio Joaquim de Andrade Almeida. Rio de Janeiro, 18 jun. 1983. Acervo de Lúcia Machado de Almeida (ALMA). Acervo de Escritores Mineiros (AEM), Biblioteca Universitária da UFMG.

2. FILMES E DOCUMENTÁRIOS

LÚCIA azul. Direção: Bettina Turner e André de Campos Mello. São Paulo, 2000. Filme. Color. 15 min. Documentário sobre o perfil e a obra da escritora Lúcia Machado de Almeida, realizado por ocasião de seu 90º aniversário. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lEz1Xe2Zjrs>>. Acesso em 8 out. 2022.

O ESCARAVELHO do diabo. Direção: Carlo Milani. Rio de Janeiro: Globo Filmes, Dezenove Som e Imagem, Telecine (coprodução); Paris Filmes (distribuição), 2016. 90 min., colorido.

3. JORNAIS E REVISTAS IMPRESSOS E ON-LINE

ALMEIDA, Lúcia Machado de. Literatura infantil: uma experiência. *Revista do Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais*, n. 8, p. 59-65, set. 1979a. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1979a. Acervo de Lúcia Machado de Almeida. Acervo de Escritores Mineiros (AEM), Biblioteca Universitária da UFMG.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. O mundo mágico dos livros. Entrevista à Luciana Garcia. *A Gazetinha*. São Paulo, p. 3, 29 ago. 1999.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. Um milhão de livros, crianças. *Revista Manchete*, Rio de Janeiro, 2 jul. 1983b. Literatura, ed. 1628, p. 136. Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. Ninguém pode limitar a realidade. Entrevista. *Jornal de Casa*, 11 a 17 jan. 1981b. Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. Minha experiência com a literatura infantil. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, p. 6-7, n. 471, 27 set. 1975. Acervo digital do Suplemento Literário de Minas Gerais da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais. Disponível em: <https://www.bibliotecapublica.mg.gov.br/suplemento/#/>. Acesso em: 8 out. 2024.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. ‘Esse instante emprestado’. *Estado de São Paulo*, São Paulo. Suplemento Literário, 20 fev. 1965, p. 2.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. ‘O ar da França’. *Estado de Minas*. Suplemento de Domingo, 17 maio 1964b. Acervo da Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. A mãe. *Estado de Minas*. Suplemento especial de Dia das Mães, 10 maio 1964a. Acervo da Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. Xisto no espaço – O mistério do cosmos. *Revista Alterosa*, n. 365, maio-jun. 1963b, p. 82-84. Acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=060135&Pesq=%22xisto%20no%20espaco%22&pagfis=23684>. Acesso em: 21 out. 2024.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. Xisto no espaço – I Capítulo Independente. *Revista Alterosa*, n. 364, abr. 1963a, p. 80 a 83. Acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital.

Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=060135&Pesq=%22xisto%20no%20espaco%22&pagfis=23586>. Acesso em: 21 out. 2024.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. Respondem à enquete. *Jornal sem identificação*, 1957. Acervo Lúcia Machado de Almeida no Acervo de Escritores Mineiros da UFMG.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. Não faz planos. *Jornal sem identificação*, 1956. Acervo Lúcia Machado de Almeida no Acervo de Escritores Mineiros da UFMG.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. No mundo maravilhoso das crianças. Entrevista concedida a Eneida. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 30 jan. 1952. Segunda Seção, 4ª página.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. Entrevista a Maria Antônia. A educação infantil através da literatura. *A Gazeta de São Paulo*. São Paulo, 1951. Acervo Lúcia Machado de Almeida no Acervo de Escritores Mineiros da UFMG.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. Era uma vez uma borboleta... Entrevista concedida a Eneida. *Diário de Notícias*, 14 out. 1951b. Suplemento Literário, 2ª página. Acervo digital do Suplemento Literário de Minas Gerais da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais. Disponível em: <https://www.bibliotecapublica.mg.gov.br/suplemento/#/>. Acesso em: 10 out. 2024.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. Literatura para crianças. *Revista Literatura*, Rio de Janeiro, n. 8, p. 8-19, mar. 1948. Acervo Centro de Documentação e Memória (Cedem) da Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” (Unesp).

ALMEIDA, Lúcia Machado de. Lúcia Machado de Almeida. Entrevista concedida a Yvonne Jean. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 1º nov. 1947. *Personalidade da Semana*, p. 39. Acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital. 2024.

ALMÉRI, Nairo. O centenário do jornalista e escritor [Octávio Dias Leite]. *Observatório da Imprensa*. Memória, 16 dez. 2014. Disponível em: https://www.observatoriodaimprensa.com.br/memoria/_ed829_o_centenario_do_jornalista_e_escritor/. Acesso em: 27 dez. 2024.

ANDRADE, Carlos Drummond. Os peixes fosforescentes. *Tribuna Popular*, Rio de Janeiro, 24 jun. 1945. Acervo Lúcia Machado de Almeida no Acervo de Escritores Mineiros da UFMG.

ANTÔNIA, Maria. A educação infantil através da literatura. *A Gazeta de São Paulo*. São Paulo, 1951. Acervo Lúcia Machado de Almeida no Acervo de Escritores Mineiros da UFMG.

ARAÚJO, Laís Corrêa. Ficção científica para jovens. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, 3 jun. 1967, v. 2, n. 40. *Roda Gigante*, p. 3. Acervo digital do Suplemento

Literário de Minas Gerais da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais. Disponível em: <https://www.bibliotecapublica.mg.gov.br/suplemento/#/>. Acesso em: 10 out. 2024.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE MINAS GERAIS. ALMG. Amigas da Cultura recebem homenagem por seus 50 anos. Portal “ALMG”. Notícias, Arquivos, 23 set. 2003. Disponível em: <https://www.almg.gov.br/acompanhe/noticias/arquivos/2003/09/Not415761.html>. Acesso em: 3 jan. 2025.

AZEVEDO, Mônica Velloso. Literatura – A condessa de Ségur. Plataforma “Biblioteca Nacional Digital Brasil”. Artigos, 1º ago. 2021. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/literatura-condessa-de-segur/>. Acesso em: 12 dez. 2024.

BROWN, Rachel. Imagens fortes dos horrores de Hiroshima e Nagasaki são alerta sobre importância da paz. *National Geographic Brasil*, História, 5 nov. 2020. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2017/08/galeria-hiroshima-nagasaki-arma-nuclear-bomba-atmica-segunda-guerra-japao-estados-unidos>. Acesso em: 15 dez. 2024.

CHRISTINA. A embaixatriz do Estado das Gerais. *Diário de São Paulo*, São Paulo. Momento Feminino, 1952.

CORREIO DA MANHÃ. Lúcia lança Xisto no espaço. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro. Quinto Caderno, 20 ago. 1967, p. 9. Acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital.

CORREIO DA MANHÃ. “O céu é muito escuro e a Terra azulada”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro. Capa, 13 abr. 1961, p. 1. Acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital.

CORREIO PAULISTANO. “Céu escuro, Terra azul-claro”. *Correio Paulistano*, São Paulo. Capa, 13 de abril de 1961, p. 1. Acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital.

DIÁRIO DA TARDE. Um enigma e uma grande aventura na Índia. *Diário da Tarde*, 3 nov. 1986. Acervo de Lúcia Machado de Almeida no Acervo dos Escritores Mineiros da UFMG.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. URSS prepara agora a conquista da Lua. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro. Capa, 13 abr. 1961, p. 1. Acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Faleceu na cidade do Vaticano o sr. Cristiano Machado. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro. Primeira Seção, 27 dez. 1953, p. 3. Acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Valorização econômica da Amazônia. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro. Primeira Seção, 29 abr. 1948, p. 3. Acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital.

DIÁRIO MERCANTIL. O nosso dia chegará. *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, 17 jun. 1947. Acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital.

DRUMMOND, Roberto. Quando o mundo também é criança. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte. Edição especial, n. 914, 7 abr. 1984, p. 9. Acervo da Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais.

ENEIDA. Encontros dos Paris. *Diário Carioca*, 4 mar. 1951. Acervo LMA, AEM/UFMG.

ESTADO DE MINAS. Notas do Dia. *Estado de Minas*, 28 maio de 1983. Acervo de Lúcia Machado de Almeida. Acervo de Escritores Mineiros (AEM), Biblioteca Universitária da UFMG. 2023.

ESTADO DE MINAS. O livro de Lúcia. *Estado de Minas*, 21 maio de 1982. Acervo de Lúcia Machado de Almeida (Alma). Acervo de Escritores Mineiros (AEM), Biblioteca Universitária da UFMG. 2023.

FOLHA DE MINAS. Literatura infantil. *Folha de Minas*. Belo Horizonte, 25 maio 1948. Acervo de Lúcia Machado de Almeida. Acervo de Escritores Mineiros (AEM), Biblioteca Universitária da UFMG.

FOLHA DE MINAS. “Impressiona-me particularmente a seriedade com que crianças e adolescentes discutem e defendem seus pontos de vista”. *Folha de Minas*, Belo Horizonte, jul. 1947. Acervo de Lúcia Machado de Almeida (Alma). Acervo de Escritores Mineiros (AEM), Biblioteca Universitária da UFMG. 2024.

G1. 2001: uma odisseia no espaço, de Stanley Kubrick, completa 50 anos. *G1. Cinema*, 2 abr. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2001-uma-odisseia-no-espaco-de-stanley-kubrick-completa-50-anos.ghtml>. Acesso em: 2 jan. 2025

GLOBO FILMES. O escaravelho do diabo. *Globo Filmes*, 14 abr. 2016. Disponível em: <https://globofilmes.globo.com/filmografia/suspense/filme/o-escaravelho-do-diabo.ghtml>. Acesso em: 13 jan. 2025.

GUIMARÃES, Vicente. A literatura infantil e a crítica. *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, p. 15, fev. 1950. Acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. Estudo revela 60 anos de transformações sociais no país. *Agência de Notícias*, 25 maio 2007. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/13300-asi-estudo-revela-60-anos-de-transformacoes-sociais-no-pais>. Acesso em: 20 dez. 2024.

JORNAL DE LETRAS. Lúcia Machado de Almeida, autora mineira [...]. *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro. Segundo Caderno, Agenda, 1ª página, set. 1983. Acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital. 2024.

JORNAL DO BRASIL. As crianças de 10 a 13 anos... *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro. Capa, Minas Gerais, 20 dez. 1969, p. 1.

JORNAL HOJE. Morte de Milan Kundera: escritor checo se exilou em Paris em 1975 após perseguição soviética. *G1, Jornal Hoje*. Notícias, 12 jul. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2023/07/12/morre-escritor-milan-kundera-aos-94-anos-em-paris.ghtml>. Acesso em: 30 out. 2024.

LEITE, Alciene Ribeiro. A mágica Lúcia Machado de Almeida. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, p. 10, v. 19, n. 911, 17 mar. 1984. Acervo da Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais.

LITERATURA. Tema para debate, *Literatura*, Rio de Janeiro, n. 8, p. 1-3, mar. 1948. Acervo Centro de Documentação e Memória (Cedem) da Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” (Unesp).

MACHADO, Angelo (org.). Lúcia Machado de Almeida, estrela guia. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Edição especial, 7 abr. 1984. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1984&c=19091404198401>>. Acesso em: 29 set. 2022.

MACHADO FILHO, Aires da Mata. Milhão de livros. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte. Edição especial, n. 914, 7 abr. 1984, p. 5. Acervo da da Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais.

MANCHETE. Um milhão de livros, crianças... revista *Manchete*, Rio de Janeiro, p. 145, 2 jul. 1945. Acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital. 2024.

MAURÍCIO, José. Lúcia, a escritora preferida dos jovens. Revista *Cláudia*, São Paulo. p. 44, 1983. Acervo Lúcia Machado de Almeida do Acervo dos Escritores Mineiros (AEM) da UFMG. 2024.

MEIRELES, Cecília. À margem da literatura infantil, *A Manhã*, Rio de Janeiro, p. 4 e 6, 18 jan. 1945. Acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital.

MEIRELES, Cecília. Cheguei a Belo Horizonte, *A Manhã*, Rio de Janeiro, p. 4 e 6, 30 nov. 1944. Acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital.

MEMORIAL DA DEMOCRACIA. Brasil reata com a União Soviética. *Memorial da democracia*, Card (notícia relativa ao dia 23 nov. 1961). Copyright 2015-2017. Disponível em: <https://www.memorialdademocracia.com.br/card/brasil-reata-com-uniao-sovietica>. Acesso em: 2 jan. 2025.

MILAN, Camilla. Os *Eleitos* acompanha bastidores da corrida espacial norte-americana enquanto amarra nacionalismo à trilha sonora certa [REVIEW]. *Rolling Stones*. Notícia, 6 fev. 2021. Disponível em: <https://rollingstone.com.br/noticia/os-eleitos-acompanha-bastidores-da-corrida-espacial-norte-americana-enquanto-amarra-nacionalismo-trilha-sonora-certeira-review/>. Acesso em: 2 jan. 2025.

MOTOYAMA, Shozo. *Para Shozo Motoyama, sociedade deve discutir o desenvolvimento de armas*. Entrevista concedida à *ComCiência* – Revista Eletrônica de Jornalismo Científico, Campinas, SBPC/Labjor, 10 jun. 2022. Disponível em: <https://www.comciencia.br/dossies-1-72/entrevistas/guerra/motoyama.htm>. Acesso em: 23 dez. 2024.

MOURA, Emílio. Literatura infantil. *Folha de Minas*, Belo Horizonte, 12 dez. 1943. Livros e Ideias. Acervo de Lúcia Machado de Almeida (ALMA). Acervo de Escritores Mineiros (AEM), Biblioteca Universitária da UFMG.

NATIONAL GEOGRAPHIC. Quais as teorias de Isaac Newton que mudaram os fundamentos da física. *National Geographic*. História, 4 jan. 2023. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2023/01/quais-as-teorias-de-isaac-newton-que-mudaram-os-fundamentos-da-fisica>. Acesso em: 2 jan. 2025.

O GLOBO. Pioneer 10 parte rumo a Júpiter em 1972, e Pioneer 11 é lançada no ano seguinte. *O Globo*. Ciência, Arquivo, 26 jul. 2013. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/pioneer-10-parte-rumo-jupiter-em-1972-pioneer-11-lancada-no-ano-seguinte-9200447>. Acesso em: 12 jan. 2025.

O TEMPO. Escritor Ângelo Machado fala sobre sua carreira em Betim. *O Tempo Betim*. Betim. Últimas, 31 jan. 2008. Disponível em: <https://www.otempobetim.com.br/ultimas/escritor-angelo-machado-fala-sobre-sua-carreira-em-betim-1.21552>. Acesso em 10 jan. 2025.

OSWALDO, Angelo. Lúcia Machado de Almeida, estrela guia. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte. Edição especial, n. 914, 7 abr. 1984, p. 1. Acervo da Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais.

QUEIROZ, Rachel. Literatura infantil. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 21 set. 1947, p. 2. Acervo da Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718_02&PagFis=35067&Pesq=%22historias%20em%20quadrinhos%22. Acesso em: 20 dez. 2024.

QUEIROZ, Rachel. *Revista Vitrine*, Rio de Janeiro, 1945. Acervo de Lúcia Machado de Almeida. Acervo de Escritores Mineiros (AEM), Biblioteca Universitária da UFMG.

REZENDE, Maria do Carmo. Quadrinhos contra a doença de chagas. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Caderno B, 1º out. 1981, p. 2. Acervo de Lúcia Machado de Almeida. Acervo de Escritores Mineiros (AEM), Biblioteca Universitária da UFMG, 2024; acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital, 2025.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA. SECULT. Museu do Ouro presta homenagem ao fundador. *Secretaria de Estado da Cultura*. Notícias, Antigas, 5 abr. 2018. Disponível em: <https://www.secult.mg.gov.br/noticias-artigos/131-antigas/5182-museu-do-ouro-presta-homenagem-ao-fundador>. Acesso em: 30 dez. 2024.

SOU BH. 'Como sobreviver em festas e recepções com buffet escasso' volta ao cartaz em BH. *Sou BH*. Notícias, Cultura, 30 jul. 2024. Disponível em: <https://soubh.uai.com.br/noticias/cultura/como-sobreviver-em-festas-e-recepcoes-com-buffet-escasso-volta-ao-cartaz-em-bh/>. Acesso em: 6 jan. 2025.

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE MINAS GERAIS. Lúcia Machado de Almeida, estrela guia. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte. Edição especial organizada por Angelo Oswaldo, n. 914, 7 abr. 1984. 12 p. Acervo da Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais.

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE MINAS GERAIS. Lúcia Machado de Almeida lança Xisto no espaço. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte. V. 2, n. 43, 24 jun. 1967. Acervo da Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais.

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE SÃO PAULO. Mais vendidos. *Suplemento Literário de São Paulo*, São Paulo, p. 2, 19 nov. 1982. Acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital. 2024.

TERRA. EUA comemoram cinquenta anos de seu primeiro voo em órbita. *Terra*. Ciência. 18 fev. 2018. Disponível em: <https://www.terra.com.br/byte/ciencia/eua-comemoram-cinquenta-anos-de-seu-primeiro-voo-em-orbita,81198116492da310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>. Acesso em: 27 dez. 2024.

TORRES, João Camilo de Oliveira. *Revista da Semana*, 18 abr. 1948. Acervo de Lúcia Machado de Almeida. Acervo de Escritores Mineiros (AEM), Biblioteca Universitária da UFMG.

TORRES, Maurílio. De edição em edição Lúcia chega ao milhão. *Jornal do Brasil*. Caderno B, 19 jun. 1983, p. 12. Acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. UFMG. Acervo de Escritores Mineiros ganhará sede própria na Faculdade de Letras. Portal da “Universidade Federal de Minas Gerais”. Notícias, 30 jan. 2024. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/acervo-de-escritores-mineiros-ganhara-sede-propria-na-faculdade-de-letras>. Acesso em: 11 jan. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. UFMG. Isaac Asimov: Universo Literário celebra o centenário do mestre da ficção. Portal da “Universidade Federal de Minas Gerais”. Notícias, 14 jan. 2020. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/isaac-asimov-universo-literario-celebra-o-centenario-do-mestre-da-ficcao>. Acesso em: 28 dez. 2024.

ÚLTIMA HORA. Moscou acaba de confirmar: piloto regressou à Terra. *Última Hora*, Rio de Janeiro. Capa, 12 abr. 1961, p. 1. Acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital.

4. LEGISLAÇÃO

BRASIL. Presidência da República. Lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 5 abr. 2025.

BRASIL. Presidência da República. Lei n.º 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm. Acesso em: 11 jan. 2025.

BRASIL. Presidência da República. Decreto n.º 42.121, de 21 de agosto de 1957. Promulga as Convenções concluídas em Genebra, a 12 de agosto de 1949, destinadas a proteger as vítimas da guerra. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1950-1969/d42121.htm. Acesso em: 11 jan. 2025.

BRASIL. Presidência da República. Decreto n.º 21.241 de 4 de abril de 1932. Consolida as disposições sobre a organização do ensino secundário. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/d21241.htm. Acesso em: 11 jan. 2025.

5. LIVROS, TRABALHOS ACADÊMICOS E ARTIGOS

AGÊNCIA DA ONU PARA REFUGIADOS. ACNUR. Dados: refugiados no Brasil e no mundo. *Acnur Brasil*. Sobre a Acnur. Copyright 2001-2025. Disponível em: <https://www.acnur.org/br/sobre-o-acnur/dados-refugiados-no-brasil-e-no-mundo>. Acesso em: 6 jan. 2025.

ALMEIDA, Christobaldo Motta de. Lucas Monteiro Machado. Portal “Academia Mineira de Medicina”. *Copyright*: 2017. Disponível em: <http://www.acadmedmg.org.br/ocupante/lucas-monteiro-machado/>. Acesso em: 7 jan. 2025.

ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. 3. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

BARBOSA, Rodrigo Miranda. McLuhan visto pelos livros de teoria da comunicação. In: 42º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 2 a 7 set. 2019, Belém. *Anais*. São Paulo: Intercom, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0784-1.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2025.

BARI, Valéria Aparecida. *O potencial das histórias em quadrinhos na formação de leitores: busca de um contraponto entre os panoramas culturais brasileiro e europeu*. 2008. 418 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) — Escola de Comunicação e Artes, USP, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-27042009-121512/publico/1937466.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2024.

BEEBE, William. *Half mile down*. New York (EUA): Harcourt Brace and Company, 1934. Disponível em: <https://dn720501.ca.archive.org/0/items/halfmiledown00beeb/halfmiledown00beeb.pdf>. Acesso em 4 jan. 2025.

BENTO, Carlos Noberto Stumpf. As campanhas submarinas alemã e norte-americana na Segunda Guerra Mundial. *Revista de Villegagnon*, Rio de Janeiro, n. 10, p. 42-49, jan. 2015. Disponível em: <http://www.redebim.dphdm.mar.mil.br/vinculos/00000f/00000f8e.pdf>. Acesso em: 3 jan. 2025.

BIAGI, Orivaldo Leme. O imaginário da Guerra Fria. *Revista de História Regional*, [S. l.], v. 6, n. 1, 2007. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2119>. Acesso em: 5 jan. 2025.

BLACK, Edwin. *A IBM e o holocausto: a aliança estratégica entre a Alemanha nazista e a mais poderosa empresa americana*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2021.

BUENO, Luís. *Uma história do Romance de 30*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

BURTON, Kristen D. The Scientific and Technological Advances of World War II. Site “The National WWII Museum”, Nova Orleans, Article, [20 - -]. Disponível em:

<https://www.nationalww2museum.org/war/articles/scientific-and-technological-advances-world-war-ii>. Acesso em: 15 dez. 2024.

CADEMARTORI, Lígia. *O que é literatura infantil?*. São Paulo: Brasiliense, 2010. (Coleção Primeiros Passos).

CARDOSO, Ciro Flamarion. Ficção científica, percepção e ontologia: e o mundo não passasse de algo simulado?. *História, Ciências, Saúde*, Manguinhos (RJ), v. 13, out. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/99pjByM3yyNNLZw9qDWt79b/>. Acesso em: 23 dez. 2024.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Arquivos-relicário: múltiplas narrativas para a construção da história e da memória. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo (org.). *Crítica e coleção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. (Humanitas)

CARVALHO, Alexandre da Silva. *Literatura distópica juvenil: da tessitura do texto ao tecido social*. 2022. 243 f. Tese (Doutorado em Letras) — Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://adelpha-api.mackenzie.br/server/api/core/bitstreams/9d6b4805-f7cd-4faa-bd16-2a907678ef26/content>. Acesso em: 29 dez. 2024.

CASA GUILHERME DE ALMEIDA. Biografia. *Casa Guilherme de Almeida*. Disponível em: <https://www.casaguilhermedealmeida.org.br/casa-guilherme-de-almeida/>. Acesso em: 10 jan. 2025.

CLAEYS, Gregory. *Dystopia: a natural history*. 2017. Oxford (Inglaterra): Oxford University Press, 2017.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

COSTA, José Roberto V. O programa Pioneer. *Astronomia no Zênite*, nov. 2019. Disponível em: <https://zenite.nu/o-programa-pioneer>. Acesso em: 12 jan. 2025.

DANTAS, Audálio (org.). *Repórteres*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 1998.

DARÓZ, Carlos Roberto Carvalho. A voz das profundezas: guerra submarina no Pacífico durante a Segunda Guerra Mundial. *Revista Marítima Brasileira*, v. 141, n. 01/03 (2021), 20 jun. 2023. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/revistamaritima/article/view/4106>. Acesso em: 3 jan. 2025.

DAWKINS, Richard. *Desvendando o arco-íris*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DEZOTTI, Maria Celeste Consolin. A fábula. In: DEZOTTI, Maria Celeste Consolin (org.). *A tradição da fábula: de Esopo a La Fontaine*. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

DÍDO, Juan Carlos. Teoría de la fábula. *Espéculo. Revista de estudios literarios*, Universidad Complutense de Madrid (Espanha), n. 41, 2009. Disponível em: <https://www.ensayistas.org/critica/retorica/varios/dido2.htm>. Acesso em 15 nov. 2024.

DINIZ, Debora. *Carta de uma orientadora: sobre pesquisa e escrita acadêmicas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

DISNEY BRASIL. A incrível história por trás de *Branca de Neve e os Sete Anões*, o primeiro filme de animação da Disney. *Disney Brasil*. Novidades Disney+, 21 set. 2022. Disponível em: <https://www.disney.com.br/novidades/a-incrivel-historia-por-tras-de-branca-de-neve-e-os-sete-anoes-o-primeiro-filme-de-animacao-da-disney>. Acesso em: 11 jan. 2025.

DUARTE, Constância Lima. Os anos de 1930 e a literatura de autoria feminina. In: WERKEMA, Andréia Sirihal; MIRANDA, José Américo; BOECHAT, Maria Cecília; OLIVEIRA, Silvana Maria Pessôa de (org.). *Literatura brasileira: 1930*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. (Invenção)

ECO, Umberto. *A obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FARIAS, Fabíola Ribeiro; FERNANDES, Cleide Aparecida. Apontamentos sobre livros para crianças no Brasil: criação, edição e circulação. In: PINEIRO, Marta Passos; TOLENTIDO, Jéssica M. Andrade (org.). *Literatura infantil e juvenil: campo, materialidade e produção*. Belo Horizonte: Moinhos; Contafios, 2019. (Pensar Edição; v. 2)

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 10.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

GARRAMUÑO, Florencia. Da memória à presença. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo (org.). *Crítica e coleção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. (Humanitas)

GIMENEZ, Erwin Torralbo. Tempo de insônia: alguns papéis avulsos de Graciliano Ramos. . In: WERKEMA, Andréia Sirihal; MIRANDA, José Américo; BOECHAT, Maria Cecília; OLIVEIRA, Silvana Maria Pessôa de (org.). *Literatura brasileira: 1930*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. (Invenção)

GONÇALVES, Regis. *Lúcia Machado de Almeida: uma vida quase perfeita*. Belo Horizonte: Conceito, 2020. 140 p. (beagáPERFIS; 5)

GRUNER, Clóvis. Introdução. In: GRUNER, Clóvis; DENIPOTI, Cláudio (org.). *Nas tramas da ficção: história, literatura e leitura*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

HENN, Leonardo Guedes. Os correspondentes de guerra e a cobertura jornalística da Segunda Guerra Mundial. *Sociais e Humanas*, Santa Maria. v. 26, n. 3, set./dez. 2013, p. 670-686. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/6022/pdf_1. Acesso em: 22 dez. 2024.

HOBBSAWM, Eric. *Sobre história*. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX – 1914-1991*. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLLOWOOD, Bernard. *The history of Morro Velho*. Londres (Inglaterra): editora Samsom & Clark, 1955.

HUXLEY, Aldous. *Admirável mundo novo*. Digital Source.

JOVE, Vincent. *A leitura*. Tradução de Brigitte Hervor. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

JÚNIOR, Gonçalo. Quem disse que os quadrinhos são inimigos dos livros?. *Revista Pesquisa Fapesp*, São Paulo, ed. 161, jul. 2009. Literatura. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/quem-disse-que-os-quadrinhos-sao-inimigos-dos-livros/>. Acesso em: 10 dez. 2024.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: uma nova outra história*. Curitiba: PUCPRESS, 2017.

MACIEL, Maria Esther. *Animalidades: zooliteratura e os limites do humano*. São Paulo: editora Instante, 2023.

MARQUES, Reinaldo. O que resta nos arquivos literários. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo (org.). *Crítica e coleção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. (Humanitas)

MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. Coord. André Seffrin. 4. ed. São Paulo: Global, 2016.

MELO, Ana Amélia de Moura Cavalcante de. A revista Literatura: entre autonomia e engajamento intelectual (1946-1948). *ArtCultura*, Uberlândia, v. 17, n. 31, p. 137-149, jul.-dez. 2015. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/36647/19320>. Acesso em: 23 dez. 2024.

MENDONÇA, Cátia Toledo. *À sombra da Vaga-Lume: análise e recepção da Série Vaga-Lume*. 2007. 305 f. Tese (Doutorado em Letras) — Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2007.

MIRANDA, Wander Melo. Silviano Santiago e a geração Complemento. *Scripta*, v. 1, n. 2, p. 23-27, 27 mar. 1998. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/10176>. Acesso em: 9 jan. 2025.

MÜLLER, Pricila Niche. A Guerra Fria e a grande imprensa brasileira. *Revista Latino-Americana de História*, v. 11, n. 28, ago. - dez. 2022: Novos olhares sobre a Guerra Fria a partir da África, Ásia e América Latina. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/view/1232/386716>. Acesso em: 5 jan. 2025.

MUNHOZ, Patrícia. *A influência da Segunda Guerra Mundial na produção literária de Saint-Exupéry*. 2014. 197 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2014. Disponível em:

<https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/1c845a50-f15f-4e01-8122-bbd37ff266d8/content>. Acesso em: 10 dez. 2024.

NAVA, Pedro. *Beira-mar*. 6.ed. São Paulo: Ateliê Editorial; Giordano, 2003. (Memórias, 4).

NÓBREGA, Livia de Pádua. O lugar da ficção científica. In: V SIMPÓSIO DE DISCURSIVIDADES MIDIÁTICAS, Frutal (MG), 23 a 26 nov. 2020. Disponível em: file:///C:/Users/claude/OneDrive/Documents/Mestrado/Artigos/Fic%C3%A7%C3%A3o/O_lugar_da_ficcao_cientifica.pdf. Acesso em: 27 dez. 2024.

OLIVEIRA, Fátima Régis. Como a ficção científica conquistou a realidade: tecnologias de informação e mudanças na subjetividade. *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. 28, n. 2, 2006. DOI: 10.1590/rbcc.v28i2.385. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/385>. Acesso em: 20 nov. 2024.

OSWALDO, Angelo. Presença de Lúcia. Prefácio. In: ALMEIDA, Lúcia Machado de. *Passeio a Ouro Preto*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

PINTO, Júlio Pimentel. *Sobre literatura e história: como a ficção constrói a experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

PEREIRA, Eudes de Almeida. Os primeiros submarinos. *Revista de Villegagnon*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 128-131, jan./ dez. 2008. Disponível em: <http://www.redebim.dphdm.mar.mil.br/vinculos/000004/000004bd.pdf>. Acesso em: 3 jan. 2025.

QUEIROZ, Rachel de. *O quinze*. 88.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 118.ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

REGAL, Débora Kfuri. O período entrevidas e a campanha presidencial de 1950. In: REGAL, Débora Kfuri. *Getúlio Vargas volta ao Catete: A estratégia de propaganda varguista nas eleições de 1950*. 2007. 115 f. Dissertação (Mestrado em História) — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC Rio), Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura, Departamento de História. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10756/10756_4.PDF. Acesso em: 8 jan. 2025.

REIS, Ana Amélia Neubern Batista. Sonorosa dona Lúcia: cartas de Cecília Meireles a Lúcia Machado de Almeida. In: CABRAL, Cleber Araújo; SILVA, Marcelino Rodrigues. *Escavações e impressões: escritos sobre acervos literários e memória cultural*. Belo Horizonte: Viva Voz; Labed; Fale/UFMG, 2018.

RIBEIRO, Ana Elisa. *O ar de uma teimosia: trilhas da publicação em Clarice Lispector*, Lúcia Machado de Almeida e Henriqueta Lisboa. Rio de Janeiro: Macabéa, 2020. 150 p.

RIBEIRO, Daniel. Contador de Geiger-Müller. *Revista de Ciência Elementar*, v. 2, n. 4, 2014, p. 1. Disponível em: https://www.fc.up.pt/pessoas/jfgomes/pdf/vol_2_num_4_113_art_contadorGeigerMuller.pdf. Acesso em: 2 jan. 2025.

RIGONI, Carmem Lúcia. A imprensa brasileira durante a 2ª Guerra Mundial (1944-1945). *ARS Histórica, Revista de História do Corpo Discente do Programa de Pós-graduação em História Social da UFRJ*, v. 3, 21 jul. 2021. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ars/article/view/45205>. Acesso em: 30 dez. 2025.

RODRIGUES, Leandro Garcia. *Cartas que falam: ensaios sobre epistolografia*. Belo Horizonte: Relicário, 2023.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou Da Educação*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SAMPAIO, Helena. *Evolução do ensino superior brasileiro, 1808-1990*. São Paulo: Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior da Universidade de São Paulo (Nupes/USP), 1991. Disponível em: <https://sites.usp.br/nupps/wp-content/uploads/sites/762/2020/12/dt9108.pdf>. Acesso em: 9 jan. 2025.

SANTIAGO, Silviano. Prefácio. In: ALMEIDA, Lúcia Machado de. *Passeio a Sabará*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SANTOS JÚNIOR, Raimundo Rodrigues dos. *Da Guerra Fria à corrida espacial: um recorte interdisciplinar para a educação básica*. 2021. 48 f. Dissertação (Mestrado em Astronomia). Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Astronomia. Feira de Santana (Bahia). Disponível em: http://tede2.uefs.br:8080/bitstream/tede/1409/2/DA_GUERRA_FRIA_A_CORRIDA_ESPACIAL___DISSERTACAO.pdf. Acesso em: 18 dez. 2024.

SILVA, Hugo Emmanuel da; SANTOS, Guilherme Antônio. Uma reflexão sobre reformas educacionais do sec. XX e XXI e o ensino da história. O reviver de antigas propostas na reforma (contrarreforma) do ensino médio. *Anais V Conedu...* Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/49249>. Acesso em: 9 jan. 2025.

SILVEIRA, Joel. Conversa de dromedário. In: DANTAS, Audálio (org.). *Repórteres*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 1998. p. 87-103.

SOARES, Cláudia Campos. Dois meninos, seus mundos. In: WERKEMA, Andréia Sirihal; MIRANDA, José Américo; BOECHAT, Maria Cecília; OLIVEIRA, Silvana Maria Pessoa de (org.). *Literatura brasileira: 1930*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. (Invenção)

SOTANA, Edvaldo Correa. O início da Guerra Fria nas páginas da imprensa escrita brasileira (1946-1949). *Diálogos*, v. 18, n. 1, jan.-abr. de 2014, p. 325-359. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/35956>. Acesso em: 3 jan. 2025.

THE PLANETARY SOCIETY. Pioneer 10 and 11, outer solar system explorers. *The Planetary Society*. Space Missions. Copyright: 2025. Disponível em: <https://www.planetary.org/space-missions/pioneer>. Acesso em: 12 jan. 2025.

TONUS, José Leonardo. Migrantes e refugiados: à (a) espera de uma narrativa?. *Letras de Hoje*, v. 53, n. 4, p. 476-483, out.-dez. 2018. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/lh/a/zZ77LBgJnZ6DPjgXCqP8hmv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 dez. 2024.

6. LIVROS DE LÚCIA MACHADO DE ALMEIDA

ALMEIDA, Lúcia Machado de. *O caso da borboleta Atíria*. 23.ed. São Paulo: Ática, 2016. 128 p. (Vaga-Lume).

ALMEIDA, Lúcia Machado de. *Passeio a Ouro Preto*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. *Passeio a Sabará*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. *Amarcord & outras lembranças*. São Paulo: Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2005. 96 p.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. *Um pouco de mim*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002. (Plaquetas da Oficina; 7)

ALMEIDA, Lúcia Machado de. *O asteroide*. São Paulo: Global, 1995. (Coleção Jovens Inteligentes)

ALMEIDA, Lúcia Machado de. *Menina, menina*. Ed. especial. São Paulo: Cultrix Juvenil, 1988. (Projeto Viagem da Leitura)

ALMEIDA, Lúcia Machado de. *O falcão de penas salpicadas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1986

ALMEIDA, Lúcia Machado de. *O escaravelho do diabo*. 12.ed. São Paulo: Ática, 1985. (Vaga-Lume).

ALMEIDA, Lúcia Machado de. *O mistério da Douradinha*. Rio de Janeiro: editora Salamandra, 1989.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. *Xisto e o pássaro cósmico*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1983c. (Vaga-Lume)

ALMEIDA, Lúcia Machado de. *Aventuras de Xisto*. 16. ed. São Paulo: Ática, 1983a. (Vaga-Lume)

ALMEIDA, Lúcia Machado de. *Xisto no espaço*. 17. ed. São Paulo: Ática, 1982. (Vaga-Lume)

ALMEIDA, Lúcia Machado de. *Spharion*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1981a. (Vaga-Lume).

ALMEIDA, Lúcia Machado de. *Spharion*. São Paulo: Ática, 1979b. (Vaga-Lume).

ALMEIDA, Lúcia Machado de (coord.). *Roteiro das cidades históricas de Minas Gerais: roteiro do ouro*. Rio de Janeiro: AGGS; Embratur, 1978.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. *A vida é fantástica*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1977. (Coleção Elefante)

ALMEIDA, Lúcia Machado de. *Xisto e o saca-rolha*. São Paulo: Brasiliense, 1974b.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. *O escaravelho do diabo*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1974a. (Série Vaga-Lume).

ALMEIDA, Lúcia Machado de. *Xisto no espaço*. São Paulo: Brasiliense, 1967. (Coleção Jovens do Mundo Todo)

ALMEIDA, Lúcia Machado de. *Na região dos peixes fosforescentes*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1960. Acervo de Lúcia Machado de Almeida do Acervo dos Escritores Mineiros (AEM) da UFMG. 2024.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. *Aventuras de Xisto*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. *Passeio a Sabará*. 2.ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1956. 187 p.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. *Atíria, a borboleta*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1951a. Acervo de Henriqueta Lisboa do Acervo dos Escritores Mineiros (AEM) da UFMG. 2024.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. *Atíria, a borboleta*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 195?. (Coleção Tesouro Infantil, vol. 5)

ALMEIDA, Lúcia Machado de. *Na região dos peixes fosforescentes*. São Paulo: Melhoramentos, 1945.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. *O mistério do polo*. Rio de Janeiro: Editora Criança, 1943b.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. *No fundo do mar*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1943a.